

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANDRESSA GARCIA CASTILHO

**Trabalho docente na rede pública de Uberlândia na conjuntura da Indústria 4.0 e
Educação 4.0, no período de 2020 a 2023.**

Uberlândia
2024

ANDRESSA GARCIA CASTILHO

Trabalho docente na rede pública de Uberlândia na conjuntura da Indústria 4.0 e Educação 4.0 no período de 2020 a 2023.

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED-FACED-UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Trabalho, Sociedade e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Uberlândia
2024

ANDRESSA GARCIA CASTILHO

Trabalho docente na rede pública de Uberlândia na conjuntura da Indústria 4.0 e Educação 4.0.

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED-FACED-UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Trabalho, Sociedade e Educação.

Uberlândia, 12/04/2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cílon César Fagiani (PPGPE-UNIUBE)

Profa. Dra. Elizabeth Gottschalg Raimann (PPGE-UFJ)

Profa. Dra. Fabiane Santana Previtali – Doutora (PPGED-UFU)

Prof. Dr. Robson Luiz de França – Doutor (PPGED-UFU)

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais – Doutor (UFU) – Orientador

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C352
2024

Castilho, Andressa Garcia, 1991-
Trabalho docente na rede pública de Uberlândia na
conjuntura da Indústria 4.0 e Educação 4.0, no período
de 2020 a 2023. [recurso eletrônico] / Andressa Garcia
Castilho. - 2024.

Orientador: Sérgio Paulo Morais .
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.330>

Inclui bibliografia.

1. Educação. I. , Sérgio Paulo Morais, 1972-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br

**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 16/2024/404, PPGED				
Data:	Doze de abril de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:15
Matrícula do Discente:	12013EDU008				
Nome do Discente:	ANDRESSA GARCIA CASTILHO				
Título do Trabalho:	"Trabalho docente na rede pública de Uberlândia na conjuntura da Indústria 4.0 e Educação 4.0, no período de 2020 a 2023"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Trabalho, Sociedade e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"HISTÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA ORAL: pesquisas sobre trabalho e trabalhadores no Triângulo Mineiro (2000-2016)"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Cílon César Fagiani - UNIUBE; Elizabeth Gottschalg Raimann - UFJ; Fabiane Santana Previtali - UFU; Robson Luiz de França - UFU e Sérgio Paulo Morais - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Sérgio Paulo Morais, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[A]provado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Paulo Morais, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/04/2024, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5331819** e o código CRC **93D125BD**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Vilmar Garcia Vieira da Silva (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Em especial, agradeço ao tempo dedicado e incentivo do meu orientador Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais. Obrigada por sua paciência, dedicação, orientação, bem como todo carinho que teve durante estes quatro anos. Agradeço também por toda a aprendizagem e progresso intelectual.

Agradeço à minha família Ivanilda, Danielle, Halline, Maria Luiza, Maitê, Marcos e Everaldo.

A Gabriela Borges Ponciano da Silva pela solidariedade, amor e dedicação neste processo.

Aos professores que passaram em minha vida, desde a Educação Infantil até o Doutorado.

Agradeço à Banca Examinadora, Dra. Fabiane Santana Previtalli, Dr. Robson Luiz de França, Dra. Elizabeth Gottschalg Raimann e Dr. Cílon César Fagiani. Obrigada pela paciência, contribuição e ao tempo dedicado à leitura desta tese.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Experiências e Processos Sociais – (GPEPS), pelas discussões e referências, imprescindíveis no aprimoramento deste trabalho.

A Esp. Juliana de Araújo e Silva que me ajudou no ingresso e com a trajetória de publicações e indicações de referências.

Aos professores entrevistados, pelo tempo concedido e suas contribuições.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação na FACED que me propiciaram um ensino consistente sobre Educação.

Dedico aos técnicos administrativos da FACED, pelo trabalho e informações prestadas.

À turma 66º do período noturno de pedagogia da UFU, dedico meu carinho pela amizade e solidariedade em todos os momentos.

A minha primeira orientadora de monografia, Dra. Adriana Pastorello Buim Arena, que me incentivou a ser uma pesquisadora, ensinou-me como trilhar o árduo caminho da academia. Obrigada por todo o carinho, cuidado, aprendizagem, diálogo e escuta. Possa ter certeza, se não fosse por seu auxílio eu não teria trilhado esse percurso.

Fica registrada minha gratidão.

INFORME

Será possível que precisemos escrever
 Para que nossos compatriotas
 [entendam
 Que aqui não é a China,
 Mas pode ser pior?

Será preciso contar, ainda que
 [pareça natural,
 Que se trabalha seis dias por
 [semana,
 Alguns trabalham seis noites
 E outros trabalham uma semana
 de dia e outra de noite?

Será preciso dizer, mesmo que doa,
 Que o material corta a luva e os [dedos
 Mas é preciso aguentar,
 Pois uma luva mais forte
 sai muito cara pra empresa?

Precisaremos falar, ainda que
 [incomode,
 Que os salários aqui são de mil reais por mês,
 Os aluguéis de quinhentos
 E as pessoas têm de um a três filhos?

Terá que ser dito, ainda que não se
 [entenda,
 Que operamos nove máquinas
 Ao mesmo tempo
 E uma tela de 52 polegadas pisca em vermelho
 à vista de todo o prédio
 Quando alguma delas não produziu o suficiente?

Teremos que repetir, ainda que dê
 [raiva,
 Que nossos bebês com três meses tenham que desmamar,
 Porque com quatro meses
 Voltaremos a trabalhar?

Haveremos de relatar, ainda que
 [canse,
 Que as luzes são muito fortes
 para não dormirmos,
 Que é proibido conversar
 Assim como comer, olhar o celular
 Ou sair do seu posto de trabalho?

Ainda faltará dizer
 Que passamos oito horas olhando
 pecinhas minúsculas fazendo
 o mesmo movimento com as mãos,
 Dentro de um cubículo de lata de um metro quadrado
 Para evitar distrações?

RESUMO

Esta pesquisa de doutorado é autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e está inserida na linha de pesquisa: *Trabalho, Sociedade e Educação*, do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). O objetivo desta tese é investigar como os processos de reestruturação produtiva do capital no contexto da indústria 4.0 e educação 4.0, impactou o trabalho docente na rede pública municipal e estadual de Uberlândia. A partir disto, recortamos o período sobre as influências da indústria 4.0 e educação 4.0, no período de 2018 até 2022 no Brasil, para análise sobre as condições do trabalho docente. No que concerne aos objetivos secundários, eles consistem em: a) descrever as especificidades e a natureza do trabalho docente; b) caracterizar a Indústria 4.0 e a Educação 4.0, e c) Analisar o trabalho docente da rede pública de Uberlândia, na conjuntura da Revolução Industrial e a Educação 4.0. Nesta conjectura as proposições teórico-metodológicas são pautadas nos pressupostos do materialismo histórico dialético. No ano de 2022, houve a coleta de dez entrevistas, por meio das narrativas da História Oral, com professores em instituições públicas de Uberlândia, região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais. Para análise das fontes obtidas utilizamos as categorias: trabalho docente, lutas de classe, contradição e hegemonia. Com isso, por meio dos estudos do Grupo de Pesquisa Experiências e Processos Sociais (GPEPS), e posse dos relatos mais o aporte teórico de: Antunes (2020-2023); Braverman (1977); Curry (1985); Freitas (2019), Fagiani (2022); Frigotto (2003); Hypolito (2023), Lombardi (2011); Mézarós (2008); Pistrak (2000); Previtali (2022); Raimann (2015); Sanfelice (2007); Saviani (2008-2013); Shiroma (2020) e Edward Thompson (1992); realizamos as análises. Em relação aos resultados obtidos pode se destacar é possível depreender como a indústria 4.0 surge com novos elementos que são introduzidos nos modelos educacionais 4.0. Recaiu sobre os docentes a promoção do ensino baseado em novas tecnologias e metodologias ativas. De tal forma as condições dadas para esta implementação, dificilmente, coadunam com a realidade escolar. Logo, educação 4.0 e a indústria. 4.0 estão dentro de determinações históricas, mas não estão consolidadas nas práticas e escolas investigadas, elas apresentam-se mais voltadas para a exploração por extensão do trabalho e por baixos salários. Em síntese, todo esse processo afetou abruptamente a saúde mental e física dos professores.

Palavras-chave: trabalho docente; indústria 4.0; educação 4.0, escola pública e covid-19.

ABSTRACT

This doctoral thesis is authorized by Ethics and Research Committee in University of Uberlândia (UFU), and is included in the research line: Work, Society and Education, of the Postgraduate Program in Education of the University of Uberlândia (PPGED/UFU). The thesis aims to investigate how the processes of productive restructuring of capital in the context of Industry 4.0 and Education 4.0, impacted the teaching work in the municipal and state public schools of Uberlândia. From this, we cut the period from 2018 to 2022 in Brazil, for analysis on the conditions of teaching work. Regarding secondary objectives, they consist of: (a) describing the specificities and nature of the teaching work; (b) characterizing Industry 4.0 and Education 4.0; and (c) analyzing the teacher work of the public schools of Uberlândia, in the context of the Industrial Revolution and the Education 4.0. In this conjecture the theoretical-methodological propositions are set in the assumptions of dialectical historical materialism. In the year 2022, ten interviews were done, through the narratives of Oral History, with teachers in public institutions of Uberlândia, region of the Mineiro Triangle, in Minas Gerais State. For analysis of the sources obtained we use the categories: teaching work, class struggles, contradiction and hegemony. With this, through the studies of the Grupo de Pesquisa Experiências e Processos Sociais (GPEPS), and supported by the reports plus the theoretical contribution of: Antunes (2020-2023); Braverman (1977); Curry (1985); Freitas (2019), Fagiani (2022); Frigotto (2003); Hypolito (2023), Lombardi (2011); Mézarós (2008); Pistrak (2000); Previtali (202); Raimann (2015); Sanfelice (2007); Saviani (2008-2013); Shiroma (2020) and Edward Thompson (1992); analyses were performed. By obtaining results we can highlight it is possible to understand how Industry 4.0 emerges with new elements that were introduced in the educational models 4.0. It was up to the teachers to promote teaching based on new technologies and active methodologies. However, the conditions for this implementation hardly match the school reality. So education 4.0 and industry. 4.0 are within historical determinations, but are not consolidated in the practices and schools investigated, they present themselves more oriented to exploitation by extension of work and by low wages.

Keywords: teaching work; industry 4.0; education 4.0, public school and covid-19.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABdC** – Associação Brasileira de Currículo
- ABDI** - Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
- ANDES** - Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
- ANFOPE** - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação
- ANPED** – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação
- ASB** - Auxiliar de Serviços Básicos
- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- BM** – Banco Mundial
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEE**- Conselho Estadual de Educação
- CEP** – Comitê de Ética e Pesquisa
- CEMEPE** – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz
- CIEB** – Centro de Inovação para a Educação Brasileira
- CLT** – Consolidação das Leis de Trabalho
- CPI** - Comissões Parlamentares de Inquérito
- CONASS** – Conselho Nacional de Secretários da Saúde
- CNC** - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
- CNCT** - Catálogo Nacional de Cursos Técnicos
- CNE**- Conselho Nacional de Educação
- CNI** - Confederação Nacional da Indústria
- DOM** - Diário Oficial do Município
- DOMG** - Diário Oficial de Minas Gerais
- DOU** - Diário Oficial Da União
- EF** – Ensino Fundamental

EBEP - Programa de Educação Básica articulada com a Educação Profissional

EFTP - Educação e Formação Profissional Técnica

EM – Ensino Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ERE - Ensino Remoto Emergencial

FC- Flipped Classroom, termo em língua inglesa.

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GPEPS – Grupo de Pesquisa Experiências e Processos Sociais

IA - Inteligência Artificial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IPREMU – Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Uberlândia

ISE- Índice Socioeconômico

NOVO – Partido Novo

MEC - Ministério da Educação

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MP – Ministério Público

MTPS - Ministério do Trabalho e Previdência

OCDE – Organização para a cooperação e desenvolvimento econômico

OSC – Organizações da Sociedade Civil

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PEC- Proposta de Emenda Parlamentar

PBL – Aprender fazendo termo em língua inglesa.

PL- Partido Liberal

PP- Partido Progressistas

PT - Partido dos trabalhadores

PET – Plano de estudos tutorados

PPGED – Programa de Pós Graduação em Educação

PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PMEs- Pequenas e médias empresas

PMU- Prefeitura Municipal de Uberlândia

PROALFA - Programa de Avaliação da Alfabetização

PROEB - Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica

PROINFO - Programa Nacional de Tecnologia Educacional

REANP- Regime Especial de Atividades Não-Presenciais

SAEB – Sistema de Avaliação da Escola Básica

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SEE - Secretaria de Estado de Educação

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI - Serviço Social da Indústria

SER – Superintendência Regional de Ensino

SINDUTE – Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais

SINTRASP – Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Uberlândia

SIMAD – Sistema Mineiro de Administração Escolar

SME – Secretária Municipal de Educação

STEAM – Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, termo em língua inglesa.

STF – Supremo Tribunal Federal

SUS - Sistema Único de Saúde

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

TCE – Tribunal de Contas do Estado

TICs – Tecnologia da informação e comunicação

TIDCs – Tecnologia digital da informação e comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos participantes. Fonte: a autora.	46
Quadro 2- Tempo de atuação e Carga Horária de trabalho. Fonte: a autora.	61
Quadro 3- Tempo de atuação e carga horária de trabalho. Fonte: A autor.....	65
Quadro 4 - Docentes entrevistados e o conceito de Indústria 4.0 e Educação 4.0.	120

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Ana Carolinaine Campagnolo incentiva alunos a filmarem professores.....	22
Figura 2 -Mapa de Minas Gerais, indicando a cidade de Uberlândia.....	50
Figura 3- Escola Municipal de Educação Infantil 1.....	52
Figura 4- Escola Municipal de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (EF) 1.....	53
Figura 5- Escola Municipal de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental 2.....	54
Figura 6- Escola Municipal de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental 3.....	55
Figura 7- Escola Estadual 1.....	56
Figura 8- Escola Estadual 2.....	57
Figura 9- Escola Estadual 3.....	57
Figura 10 – As revoluções industriais ao longo da história.....	93
Figura 11- Dados dos servidores vazados na internet.....	96
Figura 12- Participação de institutos privados na implementação da reforma nos Estado....	105
Figura 13- Conhecimentos exigidos na BNCC.....	117
Figura 14- Interface do site da Escola formação.....	119
Figura 15– Capa do Plano de Estudos Tutorado.....	130
Figura 16 – Apresentação do Programa Escola em Casa PMU.....	131
Figura 17– Programação da Escola em Casa na TV.....	132
Figura 18– A programação do Se liga Educação.....	133
Figura 19– Resposta da busca ativa.....	147
Figura 20– Resposta da busca ativa 2.....	148
Figura 21– Resposta da busca ativa 3.....	149
Figura 22– Resposta da busca ativa 4.....	150
Figura 23– Resposta da busca ativa 5.....	151
Figura 24 – Resposta da prova de avaliação externa do governo na pandemia.....	153
Figura 25– Planilha de devolutiva.....	155
Figura 26– Planilha de devolutiva.....	157
Figura 27– Sistema da busca ativa 1.....	158
Figura 28– Sistema da busca ativa 2.....	159
Figura 29– Sistema da busca ativa 3.....	159
Figura 30– Sistema da busca ativa 4.....	160
Figura 31– Sistema da busca ativa 5.....	161

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	7
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE IMAGENS	12
1 INTRODUÇÃO	15
2 ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DOCENTE	32
2.1 Os caminhos metodológicos adotados na pesquisa	33
2.2 Contextualização da pesquisa diante dos fatos sociais brasileiros ocorridos de 2017 até 2023.	40
2.3 Docentes entrevistados	44
2.3.1 As escolas em que atuam os professores da Rede Municipal e Estadual	49
2.4 A vida funcional dos trabalhadores da Educação na rede municipal e estadual	59
2.5 A influência do liberalismo na gestão educacional brasileira.....	79
3 A INDÚSTRIA 4.0 E A EDUCAÇÃO 4.0	86
3.1- Revisão da pesquisa em bases de dados.....	87
3.2 - Panoramas das revoluções industriais até a Indústria 4.0 no Brasil.	90
3.4 - Educação 4.0 e a pandemia no Brasil: reflexos para o trabalho docente.	112
4 O TRABALHO DOCENTE DA REDE PÚBLICA DE UBERLÂNDIA, NA CONJUNTURA DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A EDUCAÇÃO 4.0.	125
4.1- Breve panorama histórico dos caminhos da profissão docente.....	125
4.2- Pandemia e à docência: a intensificação do trabalho no ensino remoto	129
4.3- Ensino remoto aumento da precarização, desvalorização dos trabalhadores docentes. .	136
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170
APÊNDICE A – MEMORIAL DESCRITIVO TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL	181
APÊNDICE C - RESOLUÇÃO SME/SMA SOBRE PROFESSOR ITINERANTE	191
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	193
APÊNDICE E - TERMO DE COMPROMISTO E CONFIDENCIALIDADE DA EQUIPE EXECUTORA	195
APÊNDICE F - SCRIPT UTILIZADO DURANTE AS ENTREVISTAS	196

APÊNDICE G - GUIA PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL E ESTADUAL DE UBERLÂNDIA.....	197
APÊNDICE H - CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS E COMUNIDADE DA PESQUISA	200
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM A PROFESSORA BRUNA	201
APÊNDICE J – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARINA	210
APÊNDICE K – ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOÃO	219
APÊNDICE L – ENTREVISTA COM A PROFESSORA DANIELA	234
APÊNDICE M – ENTREVISTA COM O PROFESSOR EDUARDO	240
APÊNDICE N – ENTREVISTA COM A PROFESSORA CAROLINA	246
APÊNDICE O – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROBERTA.....	257
APÊNDICE P – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LAURA	262
APÊNDICE Q – ENTREVISTA COM A PROFESSORA TERESA	267
APÊNDICE R – ENTREVISTA COM A PROFESSORA JANE	274
ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO CEP.....	283
ANEXO B – DOCUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE PMU	295
ANEXO C – DOCUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE ESTADO DE MINAS GERAIS	300

1 INTRODUÇÃO

Quinze de julho de 1955: Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (Jesus, 2007, p. 11)².

Com este trecho, inicio³ a escrita desta tese para destacar a minha solidariedade aos milhares de brasileiros que passam por dificuldades para ter acesso aos seus direitos fundamentais e sociais⁴. Em 2022, o país vivenciou um árduo processo de transição da pandemia de covid-19, enfrentando a miséria, queda no poder de compra⁵, o desemprego e a fome que assolaram grande parte da população, aspectos ainda persistentes nos próximos tempos. No entanto, por acreditar que é possível transformar o mundo em que vivemos e lutar por uma sociedade mais justa e democrática, espero que esta pesquisa possa contribuir com a discussão de questões circundantes ao trabalho docente, à sociedade e à Educação.

A partir do exposto, esclareço que esta investigação é resultado do meu interesse por projetos que envolvam o trabalho docente e a Educação. Isto ocorre devido às perspectivas

² Optei por extrair trechos de algumas obras literárias na apresentação de cada momento de estudo presente nesta tese. Diante disso, ao longo da introdução e de todos os capítulos trarei um poema, música ou fragmento de textos que, a meu ver, retratam o nosso cotidiano. Esse primeiro relato, apesar de escrito por Carolina Maria de Jesus em 1955, ainda é uma realidade vivenciada por muitos brasileiros. Extraído do Livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2007), trechos dessa natureza retratam a situação de miséria vivida pela escritora, situação persistente no Brasil. Sobre isso, de acordo com Pedro Dallari da Universidade de São Paulo (USP), “Em fins de 2020, 19 milhões de pessoas conviviam com a fome no país. No final de 2021, já eram 33 milhões de pessoas sem ter o que comer. No prazo de um ano, 14 milhões a mais de brasileiros e brasileiras passaram a ter fome e a não ter o que comer. É como se a cidade de São Paulo, em um ano, deixasse de ter alimentação”, afirma o professor “[...] é uma crise social que vai se acumulando e que aponta para um quadro de instabilidade econômica e política muito séria. Viveremos, sem dúvida nenhuma, nos próximos meses – se as lideranças políticas, sociais, econômicas e inclusive acadêmicas não se mobilizarem – um quadro de muita turbulência no país”.

³ Entendendo o homem e sua história baseados na dialética e, nesta pesquisa, considero importante utilizar a terceira pessoa do singular quando relato uma história e o trabalho realizado com meu orientador. Contudo, quando estou em campo, escolhi descrever as observações e os espaços físicos em primeira pessoa do singular, afinal a pesquisa teve sua realização por minhas observações.

⁴ De acordo com a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar Rede Pennsan (Rede PENSSAN) no Brasil, em 2022, existem 33 milhões de pessoas que não têm comida, ou seja, vivem em Estado de insegurança alimentar.

⁵ Atualmente, de acordo com Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). “Segundo a pesquisa, 91% das profissões no país tiveram reajuste menor que a inflação e, conseqüentemente, uma queda na remuneração média mensal. Na prática, a pesquisa indica que 128 das 140 principais profissões brasileiras registraram uma queda salarial no último ano. O estudo da CNC usou como base os dados oficiais do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho. E, em cima dos números obtidos, descontou a inflação dos últimos 12 meses, que atinge os 11,9%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística”. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/business/mais-de-90-das-profissoes-registram-menor-poder-de-compra-em-2022-aponta-cnc/#:~:text=A%20seguir-,Mais%20de%2090%25%20das%20profiss%C3%B5es%20registram%20menor%20poder,compra%20em%202022%2C%20aponta%20CNC&text=Em%20virtude%20da%20alta%20nos,%2C%20Servi%C3%A7os%20e%20Turismo%20\(CNC\)](https://www.cnnbrasil.com.br/business/mais-de-90-das-profissoes-registram-menor-poder-de-compra-em-2022-aponta-cnc/#:~:text=A%20seguir-,Mais%20de%2090%25%20das%20profiss%C3%B5es%20registram%20menor%20poder,compra%20em%202022%2C%20aponta%20CNC&text=Em%20virtude%20da%20alta%20nos,%2C%20Servi%C3%A7os%20e%20Turismo%20(CNC).). Acesso 21 ago.2022.

trilhadas em minha trajetória pessoal e profissional⁶. Dentre estes elementos, o principal é meu desejo em defender uma educação pública de qualidade. Por certo, existem inúmeras possibilidades, tal qual caminhos para isto, e, aqui, não conseguiria abranger todos. Destaco, porém, que meu posicionamento enquanto pesquisadora é a defesa do ato de investigar como uma maneira de dialogar, refletir, denunciar e analisar a realidade. Com isto viabilizar direcionamentos para a melhoria de condições educacionais em nosso país. Por este motivo, desde a graduação, permaneci envolvida com ensino, a pesquisa e a extensão.

Após meu egresso da faculdade em 2013, devido às minhas convicções ideológicas, optei pela minha atuação docente em escolas públicas, perpassando desde a educação básica até o nível superior. Ressalto que isto é uma escolha pessoal, mas destaco meu respeito e compreensão por todos os profissionais atuantes em redes privadas. Minha escolha pelo magistério público está atrelada a um ensejo de “retornar” à sociedade a formação que me foi ofertada ao longo dos meus quatro anos de faculdade, mestrado e formações públicas as quais tive acesso.

Atualmente, sou docente no município de Uberlândia-MG⁷ e vice-diretora da Rede Estadual de Minas Gerais. Estou vinculada à linha de Pesquisa *Trabalho, Sociedade e Educação*, presente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), desde meu processo de Mestrado. Nesta perspectiva relembro que:

O homem não nasce homem: isto o sabe hoje tanto a fisiologia quanto a psicologia. Grande parte do que transforma o homem em homem forma-se durante sua vida, ou melhor, durante o seu longo treinamento por torna-se ele mesmo, em que se acumulam sensações, experiências e noções, formam-se habilidades, constroem-se estruturas biológicas – nervosas e musculares – não dadas a priori pela natureza, mas fruto do exercício que se desenvolve nas relações sociais, graças às quais o homem chega a executar atos, tanto “humanos” quanto “não-naturais”, como o falar e o trabalhar segundo um plano e um objetivo (Manacorda, 2007, p. 22).

A partir do reconhecimento que as experiências vivenciadas constituem nossa história, sempre tive gosto por pesquisar sobre o meu trabalho docente. De tal modo, vivemos um contexto de transformações no mundo. A globalização, o avanço das tecnologias computacionais, a robótica, a automação, e a inteligência artificial (IA) afetam milhares de trabalhadores. Em todas as esferas econômicas, políticas e sociais, acompanhamos a precarização da atividade docente, haja vista diversos professores encontrarem, no emprego, o

⁶ O Memorial Descritivo sobre minha trajetória pessoal e profissional até essa qualificação no Doutorado estão no Apêndice A.

⁷ Situada no centro-sul do país, é a segunda maior cidade do estado de Minas Gerais, com aproximadamente 700 mil habitantes. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/turismo-acessivel/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

adoecimento, a desqualificação, a baixa remuneração, a informalidade, bem como a terceirização nos tempos atuais.

Ricardo Antunes (2018) já preconizava em sua obra o “Privilégio da Servidão” o novo perfil da classe trabalhadora — cada dia mais informal, flexibilizada, pejorada, heterogênea e precarizada. Para o autor, isto é reflexo daquilo que podemos comparar como a “quarta revolução tecnológica” ou definida como Indústria 4.0⁸.

Neste cenário de amplas transformações, a Educação 4.0 corresponde a um dos temas mais recentes no campo de pesquisa. Afinal, ela surgiu com o advento da Indústria 4.0 e chega com os recursos automatizados mais sofisticados da robótica e automatização. Algo muito idealizado que será discutida ao longo dos capítulos.

Para Sanchez Gamboa (2007), as pesquisas de boa qualidade têm em comum a abordagem dos problemas prementes da realidade, a clareza na formulação das perguntas e o rigor na construção das respostas, permitindo a elaboração de um diagnóstico sobre a realidade.

Deste modo, em 2019, em consulta sobre a situação dos professores de Uberlândia no site da Secretária da Educação da cidade, existem quarenta e uma Organizações da Sociedade Civil (OSC) subvencionadas pela Prefeitura da cidade em questão, ressaltando que todas estas instituições são terceirizadas.

Todas estas empresas que administram as escolas são obrigadas a efetuar edital de contratação. Com isto, estas gestoras publicam a previsão dos valores e carga horária de trabalho. Em uma primeira observação a respeito desta questão, nota-se a prática de uma carga horária extenuante frente a salários não condizentes ao tempo de jornada do trabalho realizada pelos docentes. Com isto, os salários corresponderiam a, aproximadamente, R\$ 1300,00 reais para jornadas de 25 horas semanais, conforme os dados da Fundação⁹ Filadélfia, no edital publicado no ano de 2017. Cabe considerar que, em tais editais, este

⁸ De acordo com Ricardo Antunes (2018), o termo surgiu na Alemanha em 2011. Essa denominação referenda um profundo salto tecnológico no mundo produtivo, estruturado a partir das novas TICs. O rápido desenvolvimento e as transformações propiciados pela logística empresarial permitem intensificar os processos automatizados, com o auxílio da robótica. Com isso, é possível, por exemplo, controlar todas as etapas de produção digitalmente.

⁹ A Fundação Filadélfia é uma entidade privada de natureza beneficente, sem fins lucrativos tendo como finalidades principais e permanentes à consecução de objetivos morais, culturais, sociais e religiosos podendo atuar isolada ou cumulativamente nas áreas de assistência social, educação e cultura, saúde e outras áreas de proteção social básica ou especial e garantias de direitos realizando os seus serviços, programas ou projetos, sem qualquer discriminação, garantindo inclusão e universalidade de atendimento ao público alvo destas políticas. Uma das grandes preocupações da Igreja Assembleia de Deus Missão aos Povos, em Uberlândia, além da vida espiritual de seus membros, é oferecer a sociedade em que está inserida, atendimento e ações sociais que transformem vidas. Com esse intuito, janeiro de 1995, foi fundada a Fundação Cultura e Assistencial Filadélfia. Disponível em: <https://aduberlandia.com.br/fundacao-filadelfia/>. Acesso em 05 jan. 2018.

tempo diz respeito à dedicação do professor nas atividades em sala. Logo, não se explicita na chamada pública o horário de planejamento, seja ele dentro, seja fora da Instituição. Além disto, estes locais estão em regiões periféricas, geograficamente distante do centro da cidade, com um raio de 20 km.

A situação de remuneração em algumas publicações é alarmante, haja vista o piso salarial ser abaixo do estabelecido na Lei 11.738/08¹⁰. Como observamos em todos estes locais, o trabalho docente é terceirizado. A batalha dos professores por melhores condições de trabalho e remuneração também foi debatido e apontado por Previtali, Lucena e Fagiani (2019), os quais destacaram que:

[...] Merecem destaques as greves de seis estados do país (Amapá, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Santa Catarina) [uma vez que] pararam em defesa da educação básica pública, reivindicando melhorias salariais e condições de trabalho. No Estado do Mato Grosso, os professores e professoras alegaram que mais de 50% dos docentes da rede tinham contrato temporário de trabalho, uma modalidade de trabalho flexível precarizado (Previtali; Lucena; Fagiani, 2019, p.174).

Portanto, nas escolas públicas, sejam elas municipais ou estaduais, a situação do trabalho docente é semelhante concernente à educação 4.0¹¹. A rede Uberlandense tem a maior parte dos servidores em situação de contrato temporário. Diante de tal problemática, esta situação foi recentemente denunciada ao Ministério Público¹². Conseqüentemente, o Poder Executivo Municipal se viu obrigado a executar um concurso público em 2019. Na rede Estadual, houve a mesma obrigatoriedade, motivo pelo qual no ano de 2023, saiu edital para provimento de cargo efetivo.

¹⁰ O piso salarial é estabelecido pela Lei nº 11.738, valor de R\$ 2.557,74, a partir de 1º de jan de 2019.

¹¹ A primeira pessoa a utilizar o termo Educação 4.0 foi Klaus Martin Schwab na Alemanha. Presidente do o Fórum Econômico Mundial (WEF). Nesse encontro vários líderes empresariais, políticos de todo o mundo, acadêmicos e jornalistas discutem as questões mais urgentes do mundo. Durante a transmissão em 2011, ele citou a historicidade das Revoluções Industriais e como elas reorganizam instituições, governos, educação, pesquisas, entre outros. Seguindo a Linha da "Quarta Revolução Industrial" na feira de Hanôver ele propôs que todos esses setores permeiam por inovações origem da denominação de Educação 4.0. Para Fisk (2017) a Educação 4.0 é caracterizada pela personalização do aprender fazendo. "Learning by Doing". O autor explica que a nova visão da aprendizagem promove aos alunos aprender não apenas as habilidades e conhecimentos necessários, mas também a identificar a fonte para aprender essas habilidades e conhecimentos. Nessa tendência, os professores assumem o papel de facilitadores na sua aprendizagem, que pode ser realizado a qualquer momento e em qualquer lugar. Para ele, as ferramentas de e-Learning ofereceriam grandes oportunidades para aprendizado remoto e individualizado.

¹² Inquérito civil, instaurado pelo promotor de Justiça de Defesa do Patrimônio Público Luiz Henrique. As contratações temporárias foram contestadas, especialmente nas áreas da Saúde e Educação. A Promotoria de Justiça considerou irregulares as contratações e defendeu a realização do concurso como regra moralizadora e de garantia da isonomia e da impessoalidade no recrutamento de servidores.

A contratação temporária de pessoal se deve, em termos legais, ao fato de ela possuir menor ônus ao Município e Estado, porque não permite vínculo empregatício ao trabalhador. Com isto além de executar os dez meses de trabalho e receber os pagamentos proporcionais, ou seja, nenhum servidor consegue gozar de férias remuneradas porque o término do contrato sempre ocorre antes do prazo previsto por lei, não gera ônus aos fundos municipais. Outro fator problemático que divide a atenção da categoria são atrasos e parcelamento de salários.

Diante da conjuntura supracitada destaco que, em 2022, o Governo de Minas Gerais, sob gestão do Governador Romeu Zema, foi orientado a dar continuidade no contrato de funcionários do administrativo e setor de manutenção escolar por até dois anos. Isto possibilitou aos servidores ter direito a férias e acesso ao plano de saúde sem interrupção. Para alguns, isto foi visto como um avanço, contudo, tal fato obrigou o servidor, que ficou durante vinte e quatro meses ininterruptos, não ter uma possibilidade de renovar o vínculo. Pelo aspecto legal e a depende da lei vigente, o servidor deverá afastar-se das atividades laborais por, no mínimo, três meses, chegando a um desligamento de igual período ao que esteve vinculado para renovar a contratação. Como se pode notar, em um primeiro momento, ele é agraciado com tais demandas, mas as questões adjacentes ao término deste período são problemáticas.

Dentro deste contexto, os servidores estaduais da educação, a contar de janeiro de 2022, tiveram as remunerações parceladas nos últimos cinco anos. Isto também ocorreu com o décimo terceiro que foi depositado em parcela única depois de seis anos. Isto corresponde a um total desrespeito com a categoria docente, porque, bem antes da pandemia, os salários já eram parcelados em até três vezes. Com efeito, isto também é reflexo de um trabalhado cada dia mais precarizado e flexível na contemporaneidade, conforme apontado por Antunes (2019) em sua obra *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV*.

Outro debate que ganhou força no Brasil foi a defesa da queda da obrigatoriedade educacional, bem como da educação domiciliar. As ideias liberais ganham mais adeptos como símbolo de políticos e representantes liberais no Brasil. O *homeschooling*¹³ é o símbolo da educação liberal no Brasil e já foram elaborados vários projetos de lei (PL) para implementar esta modalidade. Em um recorte de dez anos encontramos a PL nº3179/2012, proposta por Lincon Portela; nº 3261/2015, encunhada por Eduardo Bolsonaro e a nº3262/2019, por Cris

¹³ Educação domiciliar ou *homeschooling* é a substituição integral da frequência à escola pela educação doméstica, quando a responsabilidade pela educação formal dos filhos é atribuída aos próprios pais e/ou responsáveis. Nesse contexto, a criança ou o adolescente não frequenta uma instituição de ensino, seja ela pública, seja particular.

Thonietto, Bia Kicis, Carolinaine de Toni e Dr. Jaziel — todos representantes de partidos liberais e conservadores. Destas propostas, duas estão arquivadas e apenas a mais recente aguarda agenda para votação em plenário. O fato de esta teoria aspirar uma escolarização sobre a responsabilidade dos pais em detrimento da escola pública trouxe o embate sobre qual seria o modelo educacional mais adequado de ensino.

Rothbard (2013) defendeu a possibilidade do *homeschooling* e criticou a escola pública tal qual o ensino simultâneo, apresentando apreensão a respeito destes dois últimos modelos educacionais mencionados e praticados durante a década de 1970, no contexto estadunidense. Assim, tal abordagem lança aos pais a responsabilização pelo processo de escolarização dos seus pupilos. Na mesma direção posta por Rothbard (2013) encontramos o pensamento de Mises (2010), quando afirma que “[...] o estado, o governo e as leis não devem, de modo algum, preocupar-se com a escola e a educação. A criação e a instrução dos jovens devem ser inteiramente deixadas a cargo dos pais e de instituições e associações privadas” (MISES, 2010, p.134). Isto é uma questão interessante, mas dificilmente aplicada à realidade brasileira na qual a função da escola pública, em muitas situações, é cuidar, educar, socializar, alimentar e promover os processos de escolarização da criança. Para Demerval Saviani,

[...] a função social da escola é a de propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola devem organizar-se a partir dessa questão. (Saviani, 2013, p.14).

Neste sentido, é preciso entender que a função social da escola é uma rede de saberes científico. Por isso, a resolução não é pregar o fim da escola pública para todos como solução ou projetar o ensino na modalidade *homeschooling* direcionado ao atendimento das individualidades de alunos brilhantes. Talvez a alternativa seja pensar uma escola pública com qualidade social, capaz de oferecer condições para atender às necessidades individuais e coletivas de aprendizagem como função social.

É importante destacar que o acesso à escola pública, obrigatória e gratuita, nem sempre é realidade em nosso país. No Brasil, o acesso a esta forma de educação ocorreu apenas em 1996, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Isto representa uma conquista para os cidadãos, porque a legislação educacional anterior dizia que a

educação era fornecida apenas pela família que tivesse condição de manter as crianças e não era responsabilidade do Estado.

A despeito do papel social das instituições escolares no Brasil, esta questão ganhou centralidade nos últimos anos após o debate da educação domiciliar. Em maio de 2022, o projeto que previa esta nova modalidade foi aprovado, mas esta prática não está em vigência porque foi proibida pelo Supremo Tribunal de Justiça (STF). Isto promove a centralidade de questões educacionais que são secundárias e não conduzem a educação a discutir de fato questões primordiais. Um exemplo banal é o fato de ser gratuita a escolarização dos zero aos dezessete anos e não haver vagas suficientes para crianças de creche porque esta faixa etária não é obrigatória. O que percebemos é o avanço e desvio de assuntos e fatos mais relevantes a população, sendo colocados em patamares menores. Outro absurdo é a realidade defendida por liberais conservadores como a Escola Sem Partido. No site *Escola sem partido*¹⁴, Miguel Nagib, fundador destas ideias no Brasil, escreveu:

Numa sociedade livre, as escolas deveriam funcionar como centros de produção e difusão do conhecimento, abertos às mais diversas perspectivas de investigação e capazes, por isto, de refletir, com neutralidade e equilíbrio, os infinitos matizes da realidade. No Brasil, entretanto, a despeito da mais ampla liberdade, boa parte das escolas, tanto públicas, como particulares, lamentavelmente já não cumpre este papel. Vítimas do assédio de grupos e correntes políticas e ideológicas com pretensões claramente hegemônicas, estas escolas se transformaram em meras caixas de ressonância das doutrinas e das agendas destes grupos e destas correntes (Nagib, 2022).

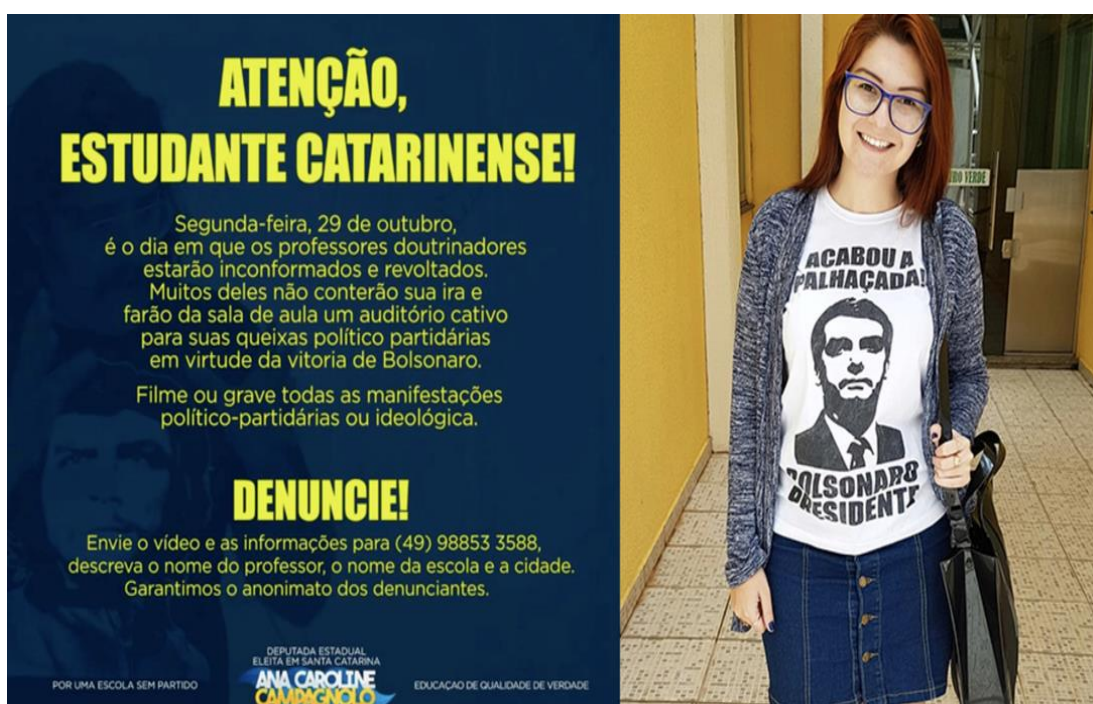
Esta bandeira foi levantada por Nagib em (2004), mas teve reconhecimento nacional, em 2015, após sua reunião com a família de Jair Bolsonaro. Tais ideias coadunam com o Brasil na perspectiva de um grupo de governantes conservadores e evangélicos que replicam a ideia do Programa de Escola Sem Partido. No fragmento supracitado perpassam

¹⁴ No site sublinhamos que ele retrata que “A imensa maioria dos educadores e das autoridades, quando não promove ou apoia a doutrinação, ignora culposamente o problema ou se recusa a admiti-lo, por cumplicidade, conveniência ou covardia. A Escola sem Partido foi criada para mostrar que esse problema não apenas existe, como está presente, de algum modo, em praticamente todas as instituições de ensino do país. Com esse objetivo, colocamos à disposição da sociedade um acervo permanente de informações sobre o tema, e um espaço no qual estudantes, ex-estudantes e pais poderão expressar suas opiniões sobre professores, livros e programas curriculares que ignoram a radical diferença entre educação e doutrinação. Se você sente que seus professores ou os professores dos seus filhos estão comprometidos com uma visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma atmosfera de intimidação incompatível com a busca do conhecimento; se observa que estão engajados na execução de um projeto de engenharia social, que supõe a implementação de uma nova escala de valores, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência (acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la). Ajude-nos a promover a liberdade de pensamento e o pluralismo de ideias nas escolas brasileiras”. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org>. Acesso em: 12 dez. 2022.

entendimentos sobre a obrigatoriedade de o ensino ser, por sua vez, uma espécie de doutrinação do Estado como defendido por Mises (2010). De acordo com ele, esta obrigatoriedade seria uma forma de promover a “doutrinação ideológica” dos professores sobre o alunado.

Na realidade brasileira, este movimento também chamou a atenção uma situação inusitada ocorrida com a professora Ana Carolinaine Campagnolo¹⁵, deputada estadual de Santa Catarina do Partido Liberal (PT). Tal “excentricidade” se deve ao fato dela pedir para os alunos filmarem os próprios professores e divulgarem o conteúdo que possua, hipoteticamente, alguma doutrinação. À época, a imagem 1 da propaganda que segue ficou conhecida nas redes sociais:

Figura 1- Ana Carolinaine Campagnolo incentiva alunos a filmarem professores.



Fonte: <https://jornalistaslivres.org/deputada-eleita-do-psl-faz-campanha-pela-perseguiacao-politica-de-professores-em-sala-de-aula/>.

Com o cargo ocupado por Jair Messias Bolsonaro, um gestor de extrema direita, era recorrente a difusão de pensamentos de desvalorização e desprestígio da educação. Esta é uma questão absurda porque decidiria quais assuntos poderiam ser tratados pelos professores em

¹⁵ Deputada estadual mais bem votada de Santa Catarina.

sala de aula, mas o Ministério Público (MP) acabou vedando esta situação. Isto demonstra o quanto este grupo é articulado para defender seus interesses ideológicos e doutrinários, afinal,

É nesse sentido que a hegemonia não é só uma aliança entre grupos de classe dominante, mas funciona a nível das relações entre dirigentes e dirigidos, o que permite a classe subalterna reivindicar seus objetivos mediante mecanismos estabelecidos pela burguesia. Isso se faz possível porque a ideologia dominante articula, inclusive satisfaz, certos interesses de classes subalternas. Através desse mecanismo, a classe dominante desarticula o projeto dominado e o rearticula em torno do seu. Contudo, esse mecanismo é contraditório, porque na defesa do seu interesse as classes subalternas se permitem reelaborar o discurso dominante, rearticulando-o em face de suas necessidades. (Cury, 1986, p; 48).

A expressão de um grupo liberalista dominante na área educacional tornou recorrente com este viés ideológico na política brasileira. Além disto, isto demonstrou a dominação ideológica política da educação por pessoas que desprestigiam e desvalorizam a educação,

Enfim, as relações sociais são relações ideológicas porque, a dizer o mundo, representá-lo e conceituá-lo, os discursos o fazem de acordo com os interesses de classe. Por isto, as relações políticas são entendidas de modo global, quando também referidas às representações e conceituações. (Cury, 1985. p. 46)

Vejamos os ocupantes e gestores do MEC: nos últimos quatro anos, este Ministério esteve entregue a pessoas que acumularam inúmeros escândalos. Ao longo deste período, somaram-se cinco ministros que ocuparam o cargo da maior pasta na área educacional. O primeiro titular do cargo, Ricardo Vélez Rodríguez, propôs a filmagem de crianças cantando o hino do Brasil na escola, além da alteração dos livros didáticos sobre as informações à respeito da ditadura militar e o modo pelo qual ela era ensinada no país.

Abraham Weintraub deixou o cargo depois de crises advindas de críticas ao STF, além de ter discursos racistas e xenofóbicos sobre a China. Já o terceiro ministro ficou apenas cinco dias no cargo: Carlos Decotelli e pediu demissão, após vir à tona denúncias de irregularidades no Currículo *Lattes* e acusação de plágios.

Seguindo a lista, o quarto ministro a sair da pasta, Milton Ribeiro, pediu exoneração após denúncias de prática de tráfico de influência e de corrupção na liberação de verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), do qual liberava verbas para pastores ligados a religião evangélica com maior agilidade. Além disto, tal qual proferia discursos polêmicos, homofóbicos e excludentes. O último ministro até dezembro de 2022 foi Victor Godoy, único que chegou ao final da gestão. Certamente, pode-se afirmar que:

A opção por uma mudança radical no foco da agenda educacional brasileiro dada pelo governo Bolsonaro não só nos afasta do debate internacional, como também nos atrasa a necessidade de atacar os verdadeiros males que assolam a nossa educação e contribuem para perpetuar as desigualdades sociais do país. E o que é pior, colocam em suspeição os professores, agentes fundamentais de transformação, sem os quais nenhum país conseguiu implementar políticas educacionais de maneira exitosa (Louzano; Moriconi, 2019, p. 254).

Já as Universidades Federais enfrentaram mais um desmonte educacional com cortes orçamentários em setores como o ensino, pesquisa e a extensão, além da tentativa de implementação o programa Future-se¹⁶. Este último afetaria a Autonomia das Universidades e obrigaria tais Instituições de Ensino a seguirem as diretrizes empresariais. Consequentemente, quem vive do trabalho neste setor enfrenta condições hostis em suas práticas docentes.

Tal intento de desmonte arrasta consigo uma série de cortes no Ensino Superior. De acordo com o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES), somariam entorno de R\$ 22,2 bilhões de reais. Tal desfalque recai sobre um recurso discricionário. Este orçamento poderia utilizar estas verbas com obras, assistência estudantil e contratos de serviços. Ademais, observamos a discussão de proposta de Emenda Parlamentar (PEC) 206, a qual propõe a cobrança de Universidade pública deveria haver mensalidade para os discentes.

Já as redes particulares anunciavam um novo *slogan* para atrair clientes mediante propagandas as quais afirmam que “*os professores destas instituições estão preparados para lidar com a educação 4.0*”.¹⁷ Outrossim, muitas destas instituições atribuem a robotização como justificativa e elemento essencial à educação das crianças e adolescentes. Isto é transmutado para um discurso no qual a rede pública não consegue fornecer esse tipo de infraestruturas.

Neste interim a questão socioeconômica, somam-se os impactos da quarta Revolução Industrial, pois observamos que a educação é um dos setores mais prejudicados devido aos elevados cortes de verbas. Com efeito, segundo Sánches Gamboa (2007):

[...] Para a dialética materialista todo fenômeno deve ser entendido como parte de um processo histórico maior. No caso da educação, suas transformações estão relacionadas com as transformações culturais e sociais. Sua dinâmica depende das mudanças sociais. Estas mudanças são quantitativas e qualitativas, na medida em

¹⁶ No site do Governo Federal, o Future-se é apresentado como um programa que “busca o fortalecimento da autonomia administrativa, financeira e da gestão das universidades e institutos federais”. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/78351-perguntas-e-respostas-do-future-se-programa-de-autonomia-financeira-do-ensino-superior>>. Acesso em: 01 de out. de 2019.

¹⁷ Slogan exposto em outdoors na cidade de Uberlândia, como intuito de divulgar matrículas abertas no colégio.

que acumulam forças e tensões que produzem radicais e estruturais (metamorfoses) (Sánchez Gamboa, 2007, p.116).

Posto isto era preciso refletir de que modo e quais as condições ofertadas aos professores, tanto em escolas públicas para a formação e implementação destes recursos em seus processos de trabalho docente no contexto da Indústria 4.0. Ademais, após a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ficou determinado que as tecnologias fossem competências do ensino.

Todas estas questões elencadas sobre as tendências da educação revelam as mudanças no mundo do trabalho que vamos destacar ao longo de todos os capítulos. A radicalização do neoliberalismo no campo ideológico ocasionou o aparecimento de grandes grupos privados atuando no gerenciamento dos modelos educacionais. Isto ficou destacado em tais movimentos como a escola sem partido, *homeschooling*, movimento todos pela educação, conservadorismo evangélico, implementação da BNCC, recursos da área privada de fundações como Bradesco e Unibanco nos ditames no ensino.

Assim, apresento a pesquisa intitulada *Trabalho docente na rede pública de Uberlândia na conjuntura da Indústria 4.0 e Educação 4.0.*, investigou como os processos de reestruturação produtiva do capital no contexto da indústria 4.0 e educação 4.0, impactou o trabalho docente na rede pública municipal e estadual de Uberlândia-MG, região do Triângulo Mineiro. Esta pesquisa centralizou suas investigações em acontecimentos de 2018 a 2022. Este recorte ocorreu devido ao fato que esta temática apresentou variáveis neste período das quais são apresentadas ao longo do texto, e o espaço de tempo e análise no Doutorado.

Diante disto deste contexto se fez mister o levantamento dos seguintes objetivos específicos: a) descrever as especificidades e a natureza do trabalho docente; b) caracterizar a Indústria 4.0 e a Educação 4.0, c) Analisar o trabalho docente da rede pública de Uberlândia, na conjuntura da Revolução Industrial e a Educação 4.0.

A partir disto, consideramos que as transformações ocorridas mundialmente e no Brasil, em meados de 2018 até 2022, foram relevantes para analisar o impacto sobre o trabalho docente. As circunstâncias abordadas na pesquisa, principalmente em função da Covid-19, criaram espaços históricos específicos para a implementação de uma educação 4.0, mediadas pelas interações com a indústria 4.0, no trabalho docente. Porém, não se trata da educação 4.0, interligadas a uma indústria 4.0, porque não existe nenhuma proposta dos governos estadual e municipal que determinem nominalmente algum tipo de implantação

oficial dos conceitos de educação. 4.0 e Indústria. 4.0 como apresentaremos ao longo dos capítulos.

As hipóteses desta pesquisa são: I) A Indústria 4.0 e a Educação 4.0 reconfiguraram as práticas escolares na rede pública; II) Os professores que atuaram na pandemia relacionam a precariedade do trabalho docente com a implementação de aplicativos e ferramentas da Educação 4.0, III) a resistência dos docentes ao uso de novas tecnologias pode ser interpretada como insegurança na utilização destas ferramentas, fomentadas pelo desconhecimento e despreparo no uso de novos recursos tecnológicos.

Ao decidir sobre quais seriam os elementos e etapas de pesquisa, houve a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) em 11 de março de 2022, contudo, apenas em 01 de outubro de 2022, obtivemos parecer favorável do CEP. Ressaltamos que os procedimentos e etapas de documentação inicial foram efetuados adequadamente, mas as análises realizadas pelo Comitê, a cada novo esclarecimento de nossa parte mediante a inclusão de documentos outros solicitados pela CEP, levam até 60 dias para outro parecer. Com isto, tivemos um atraso de sete meses na execução da pesquisa.

Nesta conjectura as proposições teórico-metodológicas são pautadas nos pressupostos do materialismo histórico dialético. Logo, esta tendência considera a matéria aspecto essencial, pois, por meio dela, a consciência conhece o mundo. De tal modo para Lowy, “[...] foi a primeira corrente a colocar o problema do condicionamento histórico e social do pensamento e a destrinchar as ideologias de classe por detrás do discurso pretensamente neutro e objetivo dos economistas e outros cientistas sociais” (LÖWY, 2010, p.99). Considerando isto, podemos dizer que a realidade “dialética” sempre existiu, independentemente, da consciência. Assim, apropriamos do método de análise, baseado no:

Marxismo [que] nos dá não apenas a análise das relações sociais, não somente o método de análise para compreender a essência dos fenômenos sociais em suas relações recíprocas, mas também o método de ação eficaz para transformar a ordem existente (Pistrak, 2000, p. 38).

A partir deste pressuposto e na busca de atingir os objetivos elencados nesta tese, a investigação estava orientada pela História Oral (HO). De acordo com Thompson (1992) ela foi criada em 1948, como uma técnica moderna de documentação histórica. Allan Nevins iniciou a gravação de memórias de pessoas importantes nos EUA. Apesar de sua origem factual ter circunscrição com pessoas importantes, ela é contemporânea e se destaca com os mais diferentes tipos de contextos e pessoas para levantamento de suas fontes de estudos. Por

tal motivo é considerada muito importante porque costumam “dar voz”, aquelas pessoas que, provavelmente, não seriam entrevistadas ou noticiadas.

Para o pesquisador Paul Thompson “primeiramente, ela é um método que sempre foi essencialmente interdisciplinar, um caminho cruzado entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura, e assim por diante.” (Thompson, 2002, p.10). Algo muito rico porque permite um olhar múltiplo mediante as histórias e culturas.

Adotamos esta prática social para efetuar os registros e levantamento dos acontecimentos históricos com a narração dos participantes. Para (Meihy e Holanda, 2015, p.18) a “História Oral é uma prática da apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato”. É comum encontrar entendimentos dela apenas como uma fonte de relato oral, mas seus conceitos e definições são bem mais abrangentes. Diversas são as críticas por confundir entrevista e relato oral apenas uma ferramenta para extração de dados sem considerar os contextos dos relatos extraídos.

A partir disto podemos entender que a História Oral ela possui diferentes dimensões a partir das características da oralidade. De acordo com Meihy e Holanda (2015), a História Oral pode ser caracterizada como uma ferramenta, técnica, método, forma de saber e disciplina.

Como técnica ela seria um instrumento apenas e uma opção pautada pelo registro e neutralidade. No segundo, seguiria um conjunto de procedimentos para validação de resultados já calculados, serviria de aferição e por este motivo ganhou um caráter de cientificidade na academia. O terceiro seria considerado como um método rígido de verificação na busca de resultados válidos dentro de um projeto. O quarto é considerado a forma de saber, segue uma racionalidade por meio da experiência e do conhecimento advindo da humanidade. Por fim, como disciplina ocorria dentro dos moldes acadêmicos das universidades e poderíamos ponderar como uma abordagem radical dentro de contornos políticos e culturais. A nossa pesquisa adota o conceito abordado por Thompson (1992), no qual:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isto alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula a professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ela ajuda os menos favorecidos, especialmente os idosos, a conquistarem dignidade e autoconfiança. Propicia o contato — e a com apreensão — entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas

intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (Thompson, 1992, p.44).

Este autor utiliza da dimensão discursiva e da consciência de classe para reforçar a importância da História Oral como prática social. A opção pelo uso dela dá-se, porque se permite compreender tanto o contexto social quanto a realidade vivenciada. Diante disto e ao analisar seus fundamentos, a História Oral é marcada pelo pacto de ampliar as vozes dos sujeitos historicamente excluídos ou silenciados por outras fontes oficiais. Para Alberti (2005), poderíamos considerar que:

[...] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimento, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (Alberti, 2005, p. 18).

Algo também destacado por Rosenthal (2014), a narração nos permite compreender o contexto histórico sobre os fatos, ao viabilizar a extração de importantes dados de investigação mediante os depoimentos advindos de entrevistas. Posto isto, a fim de produzir estas análises situadas por um contexto da experiência do participante, estruturamos as entrevistas com o aporte teórico do historiador inglês E. P. Thompson (1981) para analisar e compreender o ser social a partir da análise da lógica histórica (Thompson, 1981).

Ademais, a pesquisa que utiliza a História Oral permite que o sujeito expresse sua vivência, aspecto de relevância social para o coletivo, além de apresentar benefícios para o avanço do conhecimento científico. De acordo com Alberti (2004) podem ser destacadas vantagens, tais como: a) o entendimento dos fatos históricos por meio do indivíduo que vivenciou a situação; b) a comparação os dados reais com as narrativas diferentes; c) o entendimento de como os grupos interpreta o passado; d) o resgate de dados os quais não podem ser encontrados em documentos ou afins; e) apresentação de versões e de experiências diferentes; f) recuperação de dados ainda não apresentados, entre outros.

No ano de 2022, houve a coleta de dez entrevistas, por meio das narrativas da História Oral. Logo, foram ao todo dez entrevistas com professores da rede municipal e estadual de

ensino em Uberlândia-MG, região do Triângulo Mineiro. Para que elas se dessem, a inclusão dos professores entrevistados ocorreu por meio do contato com a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia (SME) e Superintendência Regional de Ensino (SRE). Após coletar estas autorizações, procuramos as escolas de cada rede e realizamos um convite para os professores que desejassem responder à entrevista.

Desta maneira, após efetuar o contato, agendamos as entrevistas em dias e horários marcados pelos entrevistados. Os locais de trabalho destes docentes são quatro escolas da Rede Municipal de Uberlândia e três Estaduais do município. Para realizar o procedimento, colocamos à disposição dos entrevistados as salas da linha do Programa de Pós Graduação da UFU, não ocorreu nenhuma entrevista nestes locais, por opção dos professores. Respectivamente, tais espaços serão apresentados ao longo da pesquisa.

Durante a coleta de dados e seguindo os aspectos éticos da pesquisa, apresentamos o termo de Consentimento Livre Esclarecido. Após ler e conhecer a investigação com seus objetivos e métodos, riscos e benefícios o participante decidiu se iria contribuir com o trabalho. Por fim, cada entrevista resultou, em média, de uma hora, chegando a duas horas e trinta minutos.

Vale ressaltarmos que como técnica de entrevista a História Oral não se orienta por dados quantitativos: a escolha pelo número de pessoas entrevistadas de dez pessoas foi estipulada a partir dos encontros de pesquisa do Grupo de Pesquisa Experiências e Processos Sociais (GPEPS) em conjunto com a leitura de Alberti (2004); Amado (2002); Ferreira (2002) e Rosenthal (2014). Além disto, um número elevado de entrevistas tornaria o prazo do doutorado inadequado. Para (Meihy e Holanda, 2015, p.29) “calibrar o número de entrevistados com o alcance de projeto é quase uma arte. Outra questão saliente para o entendimento da História Oral é o treino para eventual análise conjunta das entrevistas”.

Por este motivo, a transcrição e o tratamento destes dados prolongaram-se. Com isto, o volume obtido foi longo como indicamos nos apêndices deste trabalho. Após coletado o material, ele foi transcrito e não houve nenhuma identificação dos entrevistados, ou seja, utilizamos nomes diferentes dos dados originais. Com esta atitude conseguimos garantir o anonimato e sigilo dos dados dos participantes.

Existem três tipos de coleta de visões de mundo que basicamente podem ser utilizadas pela investigação: questionários, entrevista estruturada e semiestruturada. Utilizamos a última por considerarmos o número de sujeitos que pretendíamos investigar, pela dinâmica deste modo de entrevista que permite efetuar perguntas às quais não estavam no roteiro, adequando

ao contexto de enunciação do entrevistado as hipóteses e abordagens propostas pelas pesquisas. Porém, a relação estabelecida tende a transformar perspectivas e projeções iniciais do trabalho acadêmico, visto que novas perspectivas, informações e experiências sociais são apresentadas ao contexto da investigação.

Neste sentido, sublinhamos que “as questões derivam de um plano prévio, um *guião* onde se define e registra, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado” (Amado, 2009, p. 182). De fato, esta metodologia orientou a condução de investigação para direcionar o trabalho.

Havia uma escolha para participação na pesquisa que considerávamos importante: a docência durante a pandemia da covid-19. Tendo em vista que também abordamos este momento histórico frente à educação, um dos critérios de inclusão dos entrevistados era a atuação como profissional neste período em suas redes de ensino. Esta foi à única situação de possível exclusão de um entrevistado na pesquisa.

Diante do exposto, no capítulo intitulado especificidades do trabalho docente; no início dele abordamos os caminhos teóricos metodológicos de nossa pesquisa. Em sequencia situamos qual era o contexto desta pesquisa e quem eram os professores colaboradores da investigação. A partir disto, apresentamos os locais de atuação dos sujeitos na rede municipal e estadual. Por fim, apresentamos o trabalho docente e suas especificidades mediante as influências do liberalismo na gestão educacional brasileira.

Quanto ao capítulo denominado “Indústria 4.0 e Educação 4.0”. A partir da conceituação destes dois fenômenos realizamos um recorte histórico de 2018 a 2022, sobre a implementação destes fatos no Brasil, e sua relação com a educação e o trabalho docente. Para isto, houve uma análise sobre como a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) de como eles regulamentam essas questões no país. A partir disto nos deparamos com a pandemia que intensificou a precarização e, em alguns casos levou ao adoecimento do professor.

No último capítulo nomeado “o trabalho docente da rede pública de Uberlândia, na conjuntura da Revolução Industrial e a Educação 4.0.”, é um breve panorama histórico dos caminhos da profissão docente. Houve o debate sobre a desvalorização da carreira docente, a perda da autonomia, a desregulamentação do trabalho *homeoffice*, os programas escola em casa e os Programas de Educação Tutorial (PETs); o adoecimento no trabalho e a

precarização de ferramentas de trabalho. Além disso, analisamos a pandemia e à docência e a intensificação do trabalho no ensino remoto.

E, finalmente ressalto as conclusões finais as análises ao longo dos três capítulos. Nesse espaço são retomadas as hipóteses desse trabalho e aparecem suas possíveis evidências. Retomo que a educação 4.0 e a indústria 4.0 não estão consolidadas nas práticas e escolas investigadas. Ela é uma possibilidade dentro de determinações históricas próprias, voltadas à exploração por extensão do trabalho, burocracia, precarização e por baixos salários.

2 ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DOCENTE

Perguntas de um trabalhador que lê

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?
 Nos livros estão nomes de reis;
 Os reis carregaram as pedras?
 E Babilônia, tantas vezes destruída,
 Quem a reconstruía sempre?
 Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a construíram?
 No dia em que a Muralha da China ficou pronta,
 Para onde foram os pedreiros?
 A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo:
 Quem os erigiu? Quem eram aqueles que foram vencidos pelos césares?
 Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores?
 Na legendária Atlântida, quando o mar a engoliu, os afogados continuaram a dar ordens a seus escravos.
 O jovem Alexandre conquistou a Índia.
 Sozinho?
 César ocupou a Gália.
 Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro?
 Felipe da Espanha chorou quando sua armada naufragou. Foi o único a chorar?
 Frederico 2º venceu a Guerra dos Sete Anos.
 Quem partilhou da vitória?
 A cada página uma vitória.
 Quem preparava os banquetes?
 A cada dez anos um grande homem.
 Quem pagava as despesas?
 Tantas histórias,
 Tantas questões

*Berthold Brecht*¹⁸

¹⁸ O dramaturgo e poeta alemão Berthold Brecht (1898-1956) foi um socialista que, em sua época, lutou contra o nazismo que assolava a Europa, usando a arte e a literatura como armas. Ao defender a necessidade dos trabalhadores entenderem o processo histórico que determina sua condição de vida, o poeta se tornou uma referência para os movimentos sociais. Disponível: <https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/bertolt-brecht-e-os-80-anos-do-poema-%C2%93perguntas-de-um-trabalhador-que-le%C2%94/>. Acesso 01 de mar. 2022.

A introdução deste capítulo apresenta uma contestação sobre como a história retrata os trabalhadores, pois é possível dizer que nem sempre eles são elencados nos grandes fatos da história. A partir deste princípio procurei direcionar nos profissionais docentes que permitiram a tessitura destas análises. A ideia era entender como o “chão da escola” vem acompanhando os interpassos da reestruturação produtiva nos modelos educacionais vigentes.

Para isto, na primeira parte do capítulo abordamos os caminhos teóricos metodológico de nossos estudos. A partir disto situamos qual o contexto desta pesquisa. Em sequência apresentamos os sujeitos e seus locais de atuação. Neste momento descrevemos o perfil sócio econômico dos alunos e das regiões investigadas em Uberlândia.

Em seguida como ocorreu a coleta de dados da rede estadual e municipal. Logo apresentamos a categoria do trabalho docente e suas especificidades mediante as influências do liberalismo na gestão educacional brasileira.

2.1 Os caminhos metodológicos adotados na pesquisa

Esta pesquisa de cunho qualitativo está baseada nos princípios das Ciências Humanas e Sociais, ou seja, fundamentada na realidade social. Diante disto, para tratamentos dos dados obtidos na investigação, seguimos a perspectiva pautada pelo método teórico do materialismo histórico dialético, afinal,

Analisar o processo educacional a partir de reflexões empírico-teóricas para compreendê-lo em sua concretude, significa refletir sobre as contradições da organização do trabalho em nossa sociedade, sobre as possibilidades de superação de suas condições adversas e empreender, no interior do processo educativo, ações que contribuam para a humanização plena do conjunto dos homens em sociedade (Pires, 1991, p. 91).

Para entender estas relações e o motivo das nossas escolhas metodológicas, faz-se necessário revisitar a teoria elencado por Karl Marx (1818-1883), estudioso que revolucionou o pensamento filosófico e considerado o fundador da doutrina marxista na década de 1840. Vale informar que os principais discípulos destes pensamentos são Friedrich Engels (1820-1895) e Vladimir Ilitch Lênin (1870-1924) e, na presente tese, tomamos como recorte os estudos realizados entre o primeiro estudioso e o fundador do marxismo. Assim, sublinhamos que nossas análises partem de uma perspectiva marxista, contudo estes autores não tinham o intuito de escrever sobre educação ou mesmo o ensino dos trabalhadores.

Desta maneira, pesquisadores como Saviani (2007), Manacorda (2007), Lombardi (2011), Netto (2020), entre outros, refletiram sobre estas questões e a relação entre trabalho, educação e divisão de classe frente ao ensino. Tais pensadores contribuíram com nossas análises adotadas ao longo desta investigação.

De modo geral, o materialismo histórico-dialético é a base filosófica do marxismo que tenta buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento. Nas palavras de Triviños (1987, p. 51), “[...] o materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade”.

A partir disto, o marxismo compreende três aspectos principais: o materialismo dialético, o materialismo histórico e a economia política. Ele se baseia numa interpretação na natureza contraditória dos pensamentos sobre o mundo originados pelas contradições sociais e constitui uma concepção científica da realidade, enriquecida com a prática social da humanidade. Para Frigotto (2010, p. 84), “romper com o modo de pensar dominante ou com a ideologia dominante é, pois, condição necessária para instaurar-se um método dialético de investigação”. Assim, apropriamo-nos do método de análise pautado no marxismo, haja vista compreender que:

O marxismo nos dá não apenas a análise das relações sociais, não somente o método de análise para compreender a essência dos fenômenos sociais em suas relações recíprocas, mas também o método de ação eficaz para transformar a ordem existente no sentido de determinado pela análise (Pistrak, 2000, p. 38).

Neste contexto, entendemos que a sociedade capitalista é marcada pela divisão de classes. O próprio desenvolvimento da sociedade e da tecnologia são produtos que podem configurar a propriedade privada de capital, a qual exige cotidianamente uma melhor qualificação do trabalhador para desempenho de suas funções. Em contrapartida, tal processo lança sobre a educação a responsabilidade por formar trabalhadores capazes de manipular estas ferramentas sobre o risco de não conseguirem ocupação no mercado de trabalho.

Neste sentido, Saviani (2007, p.155) alertou que “[...] esta divisão dos homens em classes irá provocar uma divisão também na educação. Introduz-se, assim, uma cisão na unidade da educação, antes identificada plenamente com o próprio processo de trabalho”. Com efeito, a relação entre o detentor dos meios de produção e o explorado, e sua relação aplicada ao trabalho fez surgir uma divisão educacional. Como se pode notar, estamos mais distantes de uma educação *Omnilateral*.

Para Saviani (2007), esta questão acompanhou o percurso histórico que separou a concepção de trabalho entre manual e intelectual, visto que surgiu uma nova forma de produção da existência humana ao materializar as funções intelectuais com o surgimento da indústria/máquina na Revolução Industrial (1760-1840). Para o estudioso, “[...] o que antes o homem aprendia por si mesmo ou por gerações no próprio ato de produzir, agora ele aprende com a condução de outros (SAVIANI, 2007, p. 154)”. De acordo com ele, naquela época, a escola era o lugar do ócio, destinada aos possuidores de tempo e de riqueza. Em contrapartida, a educação destinada aos explorados acontecia tão somente sob uma perspectiva manual e informal, no intento de continuar os preceitos de exploração. Esta mão de obra era considerada um trabalho inferior e braçal, porque era exercida apenas por camadas trabalhadoras mais pobres e sem instrução.

Este autor relacionou as fases da Revolução Industrial às da Educacional, a qual formaria indivíduos instruídos para o mercado de trabalho, qualificando os trabalhadores de modo geral para funções específicas. Desta forma, ela não é uma educação igual à da classe dominante, haja vista funcionar de maneira desigual aos moldes do processo capitalista de detenção/exploração do mundo produtivo.

A divisão do trabalho segmentou a educação de modo que esta relação ocorreu entre o desprezo do trabalho manual e exacerbação do trabalho intelectual, o que permaneceu desde os tempos primordiais até o estabelecimento do Estado moderno. Neste processo, para Saviani (2007, p.155), estas sociedades comunais eram primitivas e, nelas, os homens coletivamente conseguiam elaborar instrumentos de trabalho da mesma maneira que começavam a dominar a natureza com suas ferramentas de pesca e caça. Segundo o autor, “[...] a diferença fundamental entre os homens e os outros animais está na força de trabalho” (SAVIANI, 2007, p. XX). Portanto, ao conseguir organizar e planejar suas tarefas,

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (Marx, 2007, p. 87).

Para Engels (1984), o trabalho passou a fazer parte da vida - enquanto elemento de formação humana. De acordo com o autor, o homem criou uma postura cada dia mais ereta, o que possibilitou que sua mão ficasse livre para outros fins. Assim, a liberdade da mão permitiu ao homem o domínio da natureza, viabilizando uma relação em sociedade. Naquela

época, todos se educavam de um mesmo modo na produção comunal, mas, com o fim destas sociedades, a divisão de classes apareceu.

Em termos gerais, percebemos que a relação homem/natureza/trabalho era baseada na sobrevivência, mediante a divisão de tarefas não hierarquizadas, no objetivo de manter as condições de vida. Na esteira do tempo, o sujeito ganhou independência, migrando para outras terras e regiões do planeta. Progressivamente, ele se fortaleceu por conseguir uma alimentação baseada na carne (proteína) que auxiliava os músculos e o cérebro.

Estes sujeitos sempre migravam de uma região para outra e, aos poucos, houve uma decadência de terras comunitárias, o que fez surgir os detentores do meio de produção e de terra, bem como ocasionou no aparecimento dos sem terras e dos explorados. Sobre isto, Saviani (2007, p.155) afirma que existiria, naqueles tempos, “[...] duas classes sociais fundamentais: a classe dos proprietários e a dos não proprietários”. Este conhecimento é de suma importância na história da humanidade, tendo claros efeitos na própria compreensão ontológica do homem.

De uma forma simplificada, existiam duas classes de homens: os que possuíam terras, portanto, os meios de produção e sobrevivência e aqueles que não tinham garantido sua sobrevivência e se subordinavam a estes modos de produção, iniciando uma relação de dominação. Com efeito, o trabalho não é associado apenas à sobrevivência, mas aos modos de produção que almejam o lucro.

Esta discussão também é apresentada por Tumolo (2005) no artigo “O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?”. Nele, o autor discute como o capitalismo reformula a questão essencial do trabalho e acaba por alterar sua função na formação do ser. Este estudioso propõe que a atividade laboral seja uma questão político-educativa para criação de uma perspectiva emancipadora. Tal leitura coaduna com as palavras de Sánchez Gamboa (2007), quando afirma que:

[...] Segundo o método da economia política, a anatomia do macaco é a chave da anatomia do homem e a economia escravista é a chave da economia capitalista e vice versa, numa relação histórica entre o presente (supostamente a fase mais desenvolvida) e o passado (fase menos desenvolvida) (Sánchez Gamboa, 2007, p. 138).

Se, anteriormente, o homem trabalhava para garantir seu sustento, na Idade Moderna, a lógica do capitalismo constituiu-se mediante a exploração, lucro, mais-valia, acumulação de bens quando um homem trabalha para o outro. Na configuração entre dominação e lucro, quem possui os meios de produção leva o homem a ficar subjugado a uma condição não

natural, desigual, opressora, singular, meritocrática e alienante. Segundo Marx e Engels (2004):

A divisão do trabalho oferece-nos logo o primeiro exemplo de como, enquanto homens se encontram na sociedade natural, ou seja, enquanto existir a cisão entre o interesse particular e o comum, enquanto, por conseguinte, a atividade não é dividida voluntariamente, mas sim naturalmente, a própria ação do homem se torna para este um poder alheio e oposto que o subjuga, em vez de ser ele a dominá-lo (Marx; Engels, 2004, p. 42).

Com isto, vivenciamos um intenso processo de exploração, alienação e precarização do trabalho. Assim, o labor não é somente algo formativo, mas, agora, é utilizado para produzir riqueza e mais-valia. Neste ponto, cabe refletir sobre como são estas relações dentro do campo educacional, estabelecer um debate sobre qual o impacto disto no trabalho docente contextualizado na 4ª Revolução Tecnológica. Mediante a isto adotamos o método do materialismo histórico dialético, assim realizamos as interpretações científicas da realidade educacional. Afinal,

O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história. Este instrumento de reflexão teórico-prática pode estar colocado para que a realidade educacional aparente seja, pelos educadores, superada, buscando-se então a realidade educacional concreta, pensada, compreendida em seus mais diversos e contraditórios aspectos. (Pires, 1991, p. 83).

Uma vez que entendemos que o arranjo da história tem uma dinamicidade conduzida por um movimento dialético. Esta relação está imbricada na sociedade dentro de uma dinâmica social da luta de classes, o motor da história dos homens.

De acordo com Cury (1985), as categorias representam relações intrínsecas ao fluxo da existência, permitindo assim a revelação do fenômeno em sua plena realidade. A dialética é percebida como um processo dinâmico de reflexão do próprio mundo concreto. Mais do que meramente compreender e interpretar a realidade, seu cerne reside na transformação, especialmente no contexto da história marcada pela luta de classes.

Para tentar responder as indagações, nosso estudo utilizou-se da História Oral. Por ora, realizamos dez entrevistas com os professores que atuam em escolas públicas e municipais de Uberlândia-MG. Com isto, elaboramos um roteiro e, a fim de evitarmos questões desnecessárias, ou, talvez, modificar ou providenciar novas adaptações, realizou-se um pré-

teste. Esta metodologia “[...] permite também a obtenção de uma estimativa sobre os futuros resultados, podendo, inclusive, alterar hipóteses, modificar variáveis e a relação entre elas. Desta forma, haverá maior segurança e precisão para a execução da pesquisa.” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p.130). Assim, no decurso de sua aplicação, observei o que necessitava de modificações, inseri e retirei perguntas ao perceber as que não estavam adequadas aos entrevistados.

Durante a investigação, segui um guião estruturado de questões. Após a visita em campo e de posse dos relatos, efetuei a transcrição de todas as entrevistas¹⁹. Elas possuíam uma duração mínima de uma hora e vinte minutos, enquanto, a mais longa no período de duas horas e trinta minutos. Desta forma, efetuei as transcrições para inserção das análises que serão apresentadas ao longo de todos os capítulos. Sublinhamos que, somente no processo de transcrição, foram ao todo seis meses, haja vista esta ser uma etapa meticulosa. Por fim, para análise dos dados coletados utilizamos o Materialismo histórico Dialético e as categorias do trabalho docente, luta de classes, contradição e hegemonia.

Com isso compreendemos que os professores da rede pública de ensino são trabalhadores do Estado, estão inseridos em uma complexa dinâmica social e econômica. O Estado, por sua vez, submetido ao sistema capitalista, assume a função social de assegurar a dominação de uma classe sobre a outra, mesmo diante da constante luta dos trabalhadores contra essa ordem.

Neste contexto, os professores se configuram como assalariados que vendem sua força de trabalho e oferecem um serviço público essencial: a educação. Através do salário, garantem condições básicas de subsistência para si e suas famílias.

Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletário industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. (Antunes, 2004, p, 103).

Por tal motivo analisarmos essa classe docente contemporânea, por reconhecer que os professores da rede pública de ensino integra a essa categoria de diversas maneiras. O que move um grupo de trabalhadores à ação são questões objetivas e concretas, sentidas no cotidiano mais imediato. Se as condições de trabalho dos professores estão precarizadas, se eles sofrem e sentem no corpo e na subjetividade essa exploração, se buscam melhores condições de vida, espera-se que busquem formas de ajuda mútua para que possam se

¹⁹ A partir do Apêndice nove até os dezoito estão todas as entrevistas na íntegra.

organizar e reivindicar por melhores condições de trabalhistas. A luta de classe é importante porque,

não se julga o indivíduo pela ideia que faz de si mesmo faz, tampouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. É preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. (Marx, 2008, p.48).

A consciência vai sendo formada a partir da concretude da vida material e das suas respectivas contradições. A partir desse entendimento analisamos as condições trabalhistas e destacamos ao longo dos capítulos a precarização, o adoecimento, a exploração, a luta por melhor qualidade na educação. Em meio a essas questões realizamos uma análise sobre o cotidiano e as contradições materializadas nas instituições públicas investigadas.

Para Cury (1985) a realidade, em sua natureza dialética e contraditória, encontra na categoria da totalidade a base para uma metodologia de análise e transformação. Essa categoria opera como o motor interno do desenvolvimento, impulsionando a mudança através da superação de conflitos e contradições. Toda luta de contrários é relativa e superável. A ação pedagógica, nesse contexto, assume um papel fundamental na emancipação das classes dominadas. Ao apropriar-se de um saber que dialoga com seus interesses, essa ação contribui para a modificação das condições sociais existentes.

Segundo o autor, a educação se torna um terreno de disputa entre a classe dominante e a classe explorada. A escola, por sua vez, assume uma posição complexa: ao mesmo tempo em que reproduz as estruturas de poder através da ideologia oficial e da domesticação, ela também apresenta o potencial de modificar a ordem estabelecida e possibilitar a transformação. Essa possibilidade reside na natureza contraditória da reprodução das relações sociais de produção. Essa reprodução não é mera repetição, mas sim um processo dinâmico e ampliado que carrega em si as contradições inerentes à sociedade.

A contradição é destruidora, mas também criadora, já que se obriga à superação, pois a contradição é intolerável. Os contrários em luta e movimento buscam a superação da contradição, superando-se a si próprios. Na superação, a solução da contradição aparece enriquecida e reconquistada em nova unidade de nível superior. Cada coisa é uma totalidade de movimentos e de momentos e elementos provenientes de suas relações, de sua gênese e de sua abertura. (Cury, 1985, p.30).

As contradições, por sua vez, geram problemas que a ideologia dominante se esforça para ocultar, incapaz de oferecer explicações abrangentes e soluções reais, a ideologia recorre à dissimulação para manter sua hegemonia.

A hegemonia é a capacidade de direção cultural e ideológica que é apropriada por uma classe, exercida sobre o conjunto da sociedade civil, articulando seus interesses particulares com os das demais classes de modo que eles venham a se constituir em interesse geral. Referida aos grupos e facções sociais que agem na totalidade das classes e no interior de uma mesma classe, ela busca também o consenso nas alianças de classe, tentando obter o consentimento ativo de todos, segundo os padrões de sua direção. (Cury, 1985. p. 48).

O próximo tópico começa abordando o um marco situacional da investigação, parte importante para entendimento do contexto no qual ocorreu a pesquisa.

2.2 Contextualização da pesquisa diante dos fatos sociais brasileiros ocorridos de 2017 até 2023.

A partir da definição de como seria organizado a base metodológica da pesquisa é importante compreender qual era o contexto no qual ocorreu este estudo. Logo em 2017, a greve dos caminhoneiros foi um fato que demonstrou como a classe de trabalhadores impactou a economia, com uma média de dez dias de paralisação o país praticamente ficou imobilizado. Nesse ano houve um fato sobre as por reformas trabalhistas com a retirada de direitos dos trabalhadores. A promulgação da lei nº 13.467, consolidação das leis do trabalho (CLT); Lei nº 13.429/2017 - ampliou a terceirização para todas as atividades das empresas, inclusive para a atividade-fim;

Em 2018, o Brasil se depara com um presidente da extrema direita e liberista, algo que gerou protestos por todo o país. Em 2019, na esteira dos projetos neoliberais ocorre Reforma da Previdência; MP da liberdade econômica; e a lei nº 13.846/2019 - alterou as regras de aposentadoria, aumentando o tempo de contribuição e a idade mínima para se aposentar.

Este trabalho começou a ser organizado por volta de outubro de 2019. Inicialmente, não tínhamos condições de imaginar que o mundo seria devastado por uma pandemia. Dando um salto temporal e espacial, encontramos os dados emitidos pelo Conselho Nacional de Secretários da Saúde (CONASS), que indicaram o número de óbitos pela covid-19 no Brasil: 684.000 mil mortos - até setembro de 2022.

É importante destacar que muitas destas mortes poderiam ser evitadas devido ao fato de que inúmeras pessoas aderiram ao discurso do negacionismo científico. Esta questão é ressaltada porque, em plena pandemia, a ciência foi rechaçada por parte da sociedade que não acreditava no potencial de uma vacina para combater o vírus. Somado à atitude da comunidade, o comportamento estatal foi condicional para que esta situação periclitante fosse instaurada, a saber: a demora dos governantes na organização e na gestão de tratamentos a serem ofertados aos pacientes, os desvios de verbas públicas destinadas à área da saúde, além da morosidade na compra de equipamentos e vacinas. De fato, a crise sanitária que se instaurou no país angariou dados capazes de superar o número de óbitos totais obtidos na guerra do Paraguai, gripe espanhola e todos os acidentes de avião no mundo²⁰.

Vale lembrar que, na Amazônia, de acordo com *Jornal El País*²¹, nos primeiros quatorze dias de janeiro de 2021, foram mortas 1.654 pessoas. A população inclusive enfrentou dificuldade para ter acesso a oxigênio, fato que contribuiu para o aumento do índice de mortes, porque, em condição de internação, os pacientes precisam deste elemento para conseguir manter a respiração. Todas estas questões foram denunciadas e apontadas nas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) enquanto eram renegadas pelo então chefe do executivo Federal.

Cabe ainda dizer que, naquele período, o atendimento via Sistema Único de Saúde (SUS) foi importante porque permitiu muitas pessoas de se tratarem de modo digno. Ademais, em nosso país, esta é uma das principais políticas públicas de inclusão, por ser gratuita e universal.

Em outubro de 2022, ocorreram às eleições presidenciais entre o ex-presidente e Luiz Inácio Lula da Silva. O candidato que ocupava a presidência anteriormente obteve 49,17%, o representante do partido dos trabalhadores (PT), com 50,83% dos votos válidos ganhou o pleito.

Todas estas problemáticas culminaram em mudanças de encaminhamento desta tese, porque houve uma urgência em acelerar e em impor o uso de recursos tecnológicos aplicados à Educação. Com a chegada da pandemia no Brasil em março de 2020, os professores precisaram incorporar na docência os recursos tecnológicos.

²⁰ Ver mais dados e comparativos na reportagem da folha de São Paulo: total de 1 milhão de mortos por coronavírus supera óbitos de guerras históricas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/total-de-1-milhao-de-mortos-por-coronavirus-supera-obitos-de-guerras-historicas.shtml>. Acesso em: 06 de jan. de 2023.

²¹ Disponível em : <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-15/morrer-sem-oxigenio-em-uma-maca-em-manaus-a-tragedia-que-escancara-a-negligencia-politica-na-pandemia.html>. Acesso em: 04 de set. de 2022.

Brevemente o percurso brasileiro de incorporação do mundo digital nas escolas surgiu por meio de programas de informatização e hoje isto é materializado nos currículos escolares, principalmente na BNCC. Desde a década de 1990, o processo de inovação tecnológica na educação dentro de um sistema de produção capitalista vem sofrendo mudanças em uma velocidade acelerada. Este fato tem sido debatido pela Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), conforme descrito no relatório geral da instituição:

A competitividade internacional definida pela globalização inclui exigências como a adoção de novas tecnologias, a assunção de atitudes mais flexíveis em relação à refuncionalização do capitalismo e à estrutura do trabalho, o reconhecimento do aumento da produtividade da economia e a aplicação de mecanismos de ajustes financeiros, para torná-lo mais dinâmico (Anfope, 1996, p. 19).

Desde 1997, por exemplo, após diversos relatórios emitidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), recomendando o uso e o ensino de tecnologias/computacionais aos jovens, observamos uma adesão do Ministério da Educação (MEC) em fomentar inúmeros programas de implementação de laboratórios de informática nas escolas.

Dwyer (2007) destaca que, desde os tempos de industrialização, iniciou-se um investimento em informática a fim de criar jovens com “futuro promissor” e capacidade para competir no mercado laboral. Foram criados diversos telecentros no país para atendimento a população.

Assim foram viabilizados programas, como “Um Computador por Aluno” e “Programa Nacional de Tecnologia Educacional”. Mediante estas medidas, o Governo somou esforços na forma de políticas públicas voltadas para a inserção digital nos últimos tempos.

Deste modo, compreende-se que a reestruturação produtiva esteja atrelada ao campo da educação. Nesta direção, tais influências podem ser observadas em toda a América Latina, na busca de fazer do docente esta “correia de transmissão” frente às exigências de uma sociedade capitalista que se quer Industrial.

De modo geral nos anos de 1995 a 2005, a tecnologia/computacional e o trabalho docente se fizeram presentes em programas de informática. Assim, cada país latino-americano criou seu programa de desenvolvimento: a Argentina, pelas RedES (Centro de Enlaces Educativos); Chile, Enlaces; na Colômbia, a incorporação de novas tecnologias apareceu introduzida no currículo de matemáticas; no México, desenvolveu-se o Redescolar; no Peru, o Infoescuela; no Uruguai, o Programa Conectividad Educativa, e, no Brasil, o Proinfo (1997).

Libâneo (2011) argumenta que as tecnologias educativas no ensino estariam subordinadas ao neoliberalismo, pois este sistema econômico pregou o desenvolvimento tecnológico para a lógica de competitividade no mercado. Assim, os programas educacionais latino-americanos supracitados podem ser entendidos mediante o intuito de atender a um dado mercado, objetivando, com isto, possibilitar crescimento social e econômico aos países.

Por sua vez, alguns teóricos são enfáticos ao colocar sobre os docentes o conhecimento das tecnologias como competência necessária, entre eles, sublinhamos o pensamento de Moran *et al* (1998), Tedesco (2004) e Perrenoud (2000). Todos estes pesquisadores criam elementos e características necessárias ao perfil da docência no futuro, associada ao uso destes recursos.

Esta tendência também aparece em relatórios internacionais, que ditaram aos professores a responsabilidade de dominar as novas tecnologias. Um exemplo desta questão corresponde ao relatório da UNESCO (1997), o qual cita o papel do ensino científico e tecnológico nos países pobres como meio de mitigar diferenças e exclusões. Dele, destaco os seguintes dizeres:

É preciso tentar em especial recrutar e formar professores de ciências e de tecnologia e iniciá-los nas novas tecnologias. De fato, por todo o lado, mas sobretudo nos países pobres, o ensino científico deixa a desejar quando todos sabemos quanto é determinante o papel da ciência e da tecnologia na luta contra o subdesenvolvimento e a pobreza (Unesco, 1997, p. 161).

A Tecnologia digital da Informação e Comunicação (TIDCs) chegou para aumentar as possibilidades de ferramentas já utilizadas nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Com a incorporação do digital, o professor aumenta sua jornada de trabalho. Como podemos destacar nas entrevistas coletadas o número de professores que reclamam que o seu trabalho não se reduz a planejamento, diários e execução de aulas. De acordo com eles, agora o registro burocrático e a diversidade de plataformas que precisam acessar diariamente aumenta o serviço cotidianamente. Para Antunes (2018) é importante compreendermos que as transformações advindas da Indústria 4.0 impulsionam todos os trabalhadores a uma maior intensificação dos processos de trabalho.

Atualmente, a incorporação desta demanda está demarcada no currículo escolar, tornando cada vez mais comum o ensino com recurso híbrido e metodologias ativas. Neste sentido, vale ressaltar que a BNCC apresenta, ao longo do texto, a importância das tecnologias no processo de ensino. Sobre isto, sublinho quando esta normativa afirma que,

Esta constante transformação ocasionada pelas tecnologias, bem como sua repercussão na forma como as pessoas se comunicam, impacta diretamente no funcionamento da sociedade e, portanto, no mundo do trabalho. A dinamicidade e a fluidez das relações sociais – seja em nível interpessoal, seja em nível planetário – têm impactos na formação das novas gerações. É preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais (Brasil, 2018, p. 473).

Como este documento é pautado no currículo escolar nacional e sendo o professor o agente responsável por conduzir o processo de ensino, percebemos que é uma exigência a docência ter competência para trabalhar estas dimensões.

Esta questão aponta a responsabilização do docente como operador responsável por esta mudança. Porém, analisamos este discurso como algo perverso, uma vez que projeta aos processos de trabalho docente a responsabilização pelo alinhamento e desenvolvimento da ciência e tecnologia no país.

Autores como Garcia (1980), Balzan (1994), Saviani (1994), Ferretti (1980), Giroux (1997), Freitas (2003), Shiroma (2003), Shiroma e Evangelista (2004), Oliveira (2003), Saviani (2008), Raimann (2015) e Scalcon (2008) apresentam a situação precária do trabalho docente e não colocam as tecnologias como sinônimo de competência ao professor. Certamente, ela é um facilitador em algumas situações, mas é preciso entender o viés da entrada destas ferramentas e as questões adjacentes ao trabalho docente.

Na tentativa de apreender os impactos disto no trabalho docente na rede pública municipal e estadual de Uberlândia-MG, e suas configurações em meio ao contexto da Indústria 4.0, no próximo tópico vamos conhecer quem são os sujeitos entrevistados e o seu local de atuação.

2.3 Docentes entrevistados

Esta pesquisa foi realizada com professores da rede pública estadual e municipal da cidade de Uberlândia-MG, possuindo como corpora de entrevistas um total de dez docentes, sendo oito professoras e dois professores. Em geral, podemos indicar que a formação dos entrevistados, no âmbito da graduação, perpassa áreas como arte, pedagogia, matemática, filosofia, química, sociologia, história e língua inglesa. Com as mais diferentes áreas de conhecimento, questionamos sobre o que realmente eles esperam de seus alunos a partir do resultado do seu trabalho,

Eu não espero que eles tenham uma boa produção plástica. Eu quero que eles consigam olhar para a disciplina de artes e olhar para a arte, entendendo que ela é uma maneira com a qual ele possa crescer culturalmente. E é uma maneira dele se expressar através de uma música, de uma peça teatral, de uma pintura, de um desenho, e saber que aquilo é uma manifestação humana, artística, e que ele consiga criar sentidos através daquilo que ele vê. Se ele consegue chegar ao final do ano fazendo um teatro com formas inanimadas e dando sentido para aquilo, eu já me sinto satisfeita, porque eu vi que ele conseguiu avançar neste processo criativo, neste processo de imaginar potencialidades artísticas, de construção de histórias, de repertório, de fala, oralidade. Eu me preocupo muito em as crianças terem voz na sala de aula, se o aluno conseguiu se expressar. A arte abre a possibilidade do diálogo, do aluno se expressar e ser o autor do seu aprendizado. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Que eles adquiram o conhecimento necessário e alcancem acima dos 60% da nota que eles necessitam. Aquele aluno que consegue chegar ao final do ano com uma média de 70 a 75%, para mim, está ótimo, porque eu acho que 60% está muito em cima do que ele precisa. E que ao final do ensino médio, eles possam competir e conseguirem uma vaga numa instituição federal. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Bom, eu sempre espero que eles encontrem um caminho que dê sentido e significado àquilo que eles adquiriram. Quando eu vejo os meninos finalizando, por exemplo, o Ensino Médio, seja no estadual, ou seja em outras escolas em que eu trabalho, eu sempre espero vê-los e como profissionais atuando por aí e de algum modo, vendo que nós contribuimos com o processo de crescimento deles. Eu pessoalmente vejo com bons olhos e entendo que eles são muito capazes, são capazes de realizar, claro, cada um na sua medida, não é? E, eu sempre espero que eles se sobressaiam. (João, entrevista, 17/10/2022).

Eu espero que eles consigam sobreviver neste mundo da melhor maneira possível. Quando eu olho para eles, eu vejo uma possibilidade infinita de coisas. Eu acredito que eu posso estar dando aula para o futuro presidente do Brasil. Eu posso estar dando aula para um vereador, para uma faxineira, para um trabalhador da fábrica, eu acredito em qualquer possibilidade, porque todo trabalho é digno para mim. Então eu não me preocupo muito com a questão da profissão que eles vão seguir, o que eu desejo mesmo é que eles cresçam longe do mundo do crime e das drogas. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Eu espero que eles consigam fazer a vida deles com trabalho e que sejam bons seres humanos. Este é um pré-requisito básico para todo mundo. Mas é claro que a gente espera que eles consigam atingir os objetivos que são traçados por eles. Eu fico feliz de saber que eles aprenderam algo com a gente e espero que eles consigam entrar no mercado de trabalho, que tenham decência em tomar as decisões na sua vida com moral e com ética e trabalhar dentro da honestidade. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Que eles saiam da escola tendo capacidade de dialogar com qualquer pessoa, não espero uma nota alta, mas que eles saiam preparados para a vida. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

Espero que eles consigam ingressar no ensino superior. Ao longo dos anos eu fui percebendo que para realidade deles, ter um emprego é questão de sobrevivência. Então a gente vê que muitos já estão estudando e já estão trabalhando, também mudam de turno porque precisou trabalhar então você enxerga potencial, um grande potencial naquele aluno, mas a vida o leva para outros caminhos. Espero que ele tenha aquela esperança de que ele pode ser algo a mais. Ele pode fazer algo a mais e que ele tem todo o direito de sonhar e ir em busca deste sonho, e que não é simplesmente esperar que este sonho se realize sem ele ter feito nada. Mas que ele

tenha a capacidade e força de vontade para poder ir atrás daquilo que ele quer e que ele possa acreditar que ele pode. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Os desejos que movem o trabalho destes profissionais são relacionados ao aluno utilizar seu conhecimento no dia a dia, dar continuidade ao estudo, dar sequência em suas capacidades de aprendizagem e ocuparem um espaço no mundo do trabalho. Estas motivações estão relacionadas ao contexto socioeconômico da comunidade que atuam. Ao todo, estes professores fazem parte de sete escolas, quatro municipais e as demais da rede estadual. Neste quadro 1, todos os indivíduos serão apresentados e vamos contextualizar as comunidades nas quais estão inseridos.

QUADRO 1 - Identificação dos participantes.

Identificação (Nome Fictício)	Sexo/ Idade	Data da Entrevista	Estado Civil	Formação	Quantidade de escolas que atuam	Carga Horária de trabalho/ Turnos	Cargo ocupado e situação funcional
Bruna	F/41	03/10/2022	Casada	Graduada em Arte e Pós-graduação em Arte terapia	2	/2 Turnos Matutino e Vespertino	Professora de Arte / Dois cargos e concursada em ambos.
Marina	F/40	10/10/2022	Casada	Graduada em Química e Pós-graduação	1	/2 Turnos Matutino e Noturno	Professor do Ensino Médio de Química e Coordenadora do novo Ensino Médio/ Concursada.
João	M/47	17/10/2022	Casado	Graduado em Filosofia, Especialista em Gestão e Mestre na área Educação Profissional	3	/3 Turnos Matutino. Vespertino E Noturno	Pedagogo da PMU e Professor do Estado na disciplina de Filosofia e Professor da rede privada/ Concursado em ambos.
Daniela	F /43	24/10/2022	Solteira	Graduação em Pedagogia e História	1	/3 Turnos Matutino. Vespertino e Noturno	Professora de História do EF. Anos Finais e EJA /Concursada.
Eduardo	M /47	31/10/2022	Casado	Graduado em História e Mestre em Educação	2	/2 Turnos Matutino e Vespertino	Professor de História do EF. Anos Finais e Ensino Médio / Concursado em

							ambos.
Carolina	F/ 51	07/11/2022	Casada	Licenciatura em Letras: Inglês com Especialização	1	/1 Turno Matutino	Professora de Inglês no Ensino Médio / Concursado em ambos.
Roberta	F/ 31	10/11/2022	Solteira	Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia, Especialista em Tecnologia, Linguagens e Mídias. Mestre em Educação.	2	/2 Turnos Matutino e Vespertino	Supervisora da rede Estadual e professora da PMU / Concursado em ambos.
Laura	F/ 31	14/11/2022	Solteira	Graduada em Ciências Sociais	2	/ 3 Turnos Matutino. Vespertino e Noturno	Professora de Sociologia do Estado e professora da PMU / Contrato temporário em Ambos.
Teresa	F/ 54	21/11/2022	Casada	Graduada em Pedagogia e Doutora em Educação PPGED/UFU.	2	/2 Turnos Matutino e Vespertino	Professora da PMU / Concursada e Contrato Temporário.
Jane	F/42	23/11/2022	Casada	Graduada em Matemática e Especialista	2	/2 Turnos Matutino e Noturno	Professora do Estado no Ensino Médio e EJA / Concursada em ambos.

Fonte: a autora.

As entrevistas, portanto, são constituídas pela participação de oito mulheres e dois homens. Em geral, temos os cargos de docentes e supervisores que atuam em todas as etapas da educação básica e modalidades como educação especial e EJA. As pessoas entrevistadas têm em média 42 anos e 7 meses de idade. Todos possuem graduação, 3 mestrado e 1 doutorado, e no mínimo uma especialização, com exceção da professora Daniela, pois ela está cursando *lato sensu* neste ano.

Em geral, a situação de estado civil dos entrevistados corresponde a 70% casados, frente a 30% solteiros. Em relação à atuação, somente a professora Carolina trabalha em um único turno e, na entrevista, ela informou que foi uma escolha para que pudesse conseguir ter uma qualidade de vida melhor, mas reconheceu todas as dificuldades e intempéries com o objetivo de conseguir sustentar esta opção. No que concerne aos demais profissionais, seis

pessoas perfazem duas jornadas e outros três docentes realizam expedientes entre os turnos matutino, vespertino e noturno.

Os dados obtidos apresentam que 90% dos professores trabalham em dois turnos e com jornada de no mínimo 40 horas semanais. Quanto ao tempo de atuação, a professora que possui menor tempo na docência seria Laura — com 6 anos de sala de aula — e, por sua vez, o maior período trabalhado seria o de Teresa — 35 anos na rede pública. Quando perguntados como se observam e a identidade do seu grupo, eles respondem:

Os professores, apesar das dificuldades, são persistentes e guerreiros para dar conta de tanta demanda, são unidos e se ajudam muito. Isto é fundamental na nossa profissão. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Em sua maioria, um grupo de professores que gostam do que faz. A maioria tem uma carga horária extensa. Um grupo inteiro é difícil de rotular, mas observo que estão todos abertos a receberem novas informações e a trocarem experiências. A maioria dos professores se importa com o outro e se preocupam com seus alunos, mesmo com toda a carga de trabalho e má remuneração. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Geralmente, os professores têm duas jornadas de trabalho para conseguirem suprir financeiramente as suas necessidades. São pessoas, muitas vezes, oriundas de famílias trabalhadoras, de escola pública, que voltam para atuar na escola pública em busca de estabilidade financeira. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Na maioria, eu vejo que são pessoas dedicadas ao trabalho, preocupadas com o aluno e que querem fazer o seu melhor. Eu as enxergo como pessoas detentoras do saber, dedicadas e que podemos contar com elas. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Completamente fragmentada. Eu estudei um pouco sobre a formação estética docente na minha dissertação e entrei um pouco na identidade docente e também percebi que a nossa classe é extremamente fragmentada. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Como um profissional de luta de modo incessante e por um projeto que ele traz consigo de transformação social. (João, entrevista, 17/10/2022).

Todos os profissionais da escola em que eu convivo são excelentes. Eles estão comprometidos com os estudantes, têm ética ao falar do estudante e dos assuntos da escola. A escola X é uma escola que deveria ser referência no sentido do convívio e do profissionalismo. Os professores se preocupam com a escola em geral, com o lanche e com a limpeza da escola. O corpo docente da escola é de excelência para mim. O comprometimento faz a diferença. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Eu observo que têm poucos professores jovens e que, em sua maioria, estão sobrecarregados. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

Eu acho que existe uma quantidade muito grande de professores que estão ali por estar, não têm prazer e nem responsabilidade em estar no lugar em que estão. Mas, ao mesmo tempo, ainda temos aqueles professores que são muito comprometidos com aquilo que fazem com o desenvolvimento da criança. Acho que este segundo grupo é ainda maior. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Na maior parte das respostas, o próprio grupo destacou uma identidade permeada por: uma preocupação com a aprendizagem dos alunos, a classe fragmentada, esperançosa, empenho na transformação social, a extensiva jornada de trabalho e remuneração deficitária. Com isto, após conhecermos todos os entrevistados, iremos apresentar o espaço que ocorreram as entrevistas. Tais locais são os espaços de atuação dos participantes desta pesquisa.

2.3.1 As escolas em que atuam os professores da Rede Municipal e Estadual

Todas as entrevistas foram realizadas em Minas Gerais, na cidade de Uberlândia-MG, mesorregião do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba. Portanto, vimos se necessário apresentar e analisar alguns dados econômicos, demográficos e sociais deste município. Assim como as particularidades locais das Escolas observadas pela pesquisa.

De acordo com o último levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Uberlândia, tem aproximadamente, 706.597 pessoas, atualizado em 2021. No último censo em 2023 a expectativa era de 713.232. A densidade demográfica estimada é de 146,78 habitantes por quilômetro quadrado de acordo com o último levantamento realizado.

Sobre a expectativa de 2020, o salário médio mensal era de 2.6 salários mínimos. A proporção de pessoas com ocupação em relação à população toda era de 35.1%, o que seria em torno de 245 mil pessoas no ano de 2020.

Na comparação com as outras municipalidades do estado, ocupava as posições 28 de 853 e 20 de 853, respectivamente, o que representa um avanço em relação aos indicadores. Já na comparação com cidades de todo o Brasil, ficava na posição 373 de 5570 e 298 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 27.2% da população nestas condições, o que o colocava na posição 835 de 853 dentre as cidades do estado e na posição 5127 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Nesta cidade a taxa de escolarização entre 6 a 14 anos, ultrapassava 98 % em 2010. O IDEB do município nos anos iniciais é 6,1 que é maior se comparado ao Estado de Minas Gerais com 5,9. Já o IDEB do município nos anos finais é 5,4, enquanto o Estado de Minas Gerais com 5.0. Em resumo, a cidade investigada ocupa pelo IDEB, a posição ducentésima.

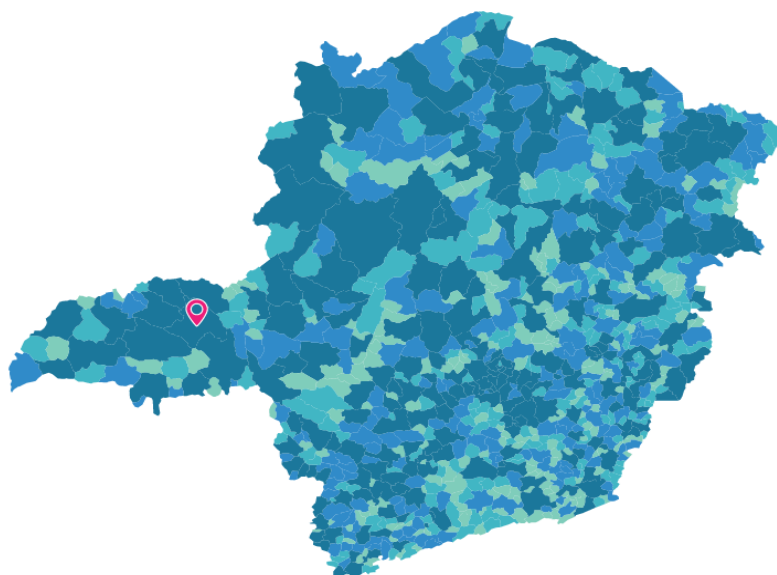
Em nível de dados da economia a renda per capita de 2020 é de 53.828,78 reais. Os percentuais de receita de fontes oriundas externas são de 54,7%. O Índice de

Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em 2010 era 0,789. O total de receitas realizadas foi de R\$2.171,504, 12 e R\$2.038,217, 90 reais.

A saúde apresenta taxa de mortalidade infantil média 8,23 para cada 1000 pessoas nascidos vivos. As internações devido a diarreia em 2016 são de 0.4 para cada 1000 habitantes. Comparando com os municípios do Estado, fica na posição 460 de 853 em 2010, e 421 de 853 em 2021. Conta ao todo com 108 estabelecimentos atendidos pelo SUS.

Aos dados relacionados ao meio ambiente apresenta 98,2% de domicílios com esgotamento sanitário correto, 95,2%, de domicílios urbanos em vias públicas com arborização em 33% das casas em zona urbana em vias públicas com urbanização. Isto inclui bueiro, calçada, pavimentação e meio fio. Quando comparado com o Estado, em 2010 fica na segunda posição de 853 municípios.

Figura 2 -Mapa de Minas Gerais, indicando a cidade de Uberlândia.



Fonte: IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>

Em níveis educacionais uberlandenses, em 2021 temos um total de 82.697 matrículas no ensino fundamental (EF), com 4.303 docentes entre efetivos e contratados, distribuídos em 181 escolas. Em relação ao Ensino Médio (EM) são 21.882 alunos, com 1.470 professores, em 54 escolas. No Brasil, ocupa o Milésimo Ducentésimo Septuagésimo Primeiro lugar. Uberlândia é considerada uma capital regional no território que ocupa, possui boa infraestrutura e serviços essenciais a população.

Nesta cidade realizamos nossa pesquisa. Para conseguir realizar as entrevistas dentro do prazo estipulado no projeto, decidimos por escolher uma área de Uberlândia que contemplasse escolas estaduais e municipais, a região oeste do município. De acordo com a estimativa do site da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU), neste espaço, temos em média 145 mil habitantes e é considerada a região mais populosa da cidade. Este setor conta com diversas indústrias, hospitais, centros comerciais, supermercados, postos de saúde, cemitério, parques, terminais de ônibus coletivo, entre outros.

Ao todo, esta área é composta pelos seguintes bairros: Jaraguá, Planalto, Chácaras Tubalina, Jardim das Palmeiras, Jardim Canaã, Jardim Patrícia, Jardim Holanda, Jardim Europa, Chácaras Panorama, Mansour, Luizote de Freitas, Dona Zulmira, Taiaman, Guarani, Tocantins, Morada Nova, Morada do Sol, Monte Hebron e Residencial Pequis.

O nosso intuito em apresentar os espaços de atuação dos entrevistados ocorre porque consideramos importante demonstrar algumas especificidades destas comunidades. Como já destacado por Paro (1992), é importante sempre tentar criar mecanismos de participação da sociedade no contexto escolar, quando buscarmos uma democratização dos conhecimentos. Para isto, faz-se importante e necessário ir além dos muros da escola. Assim,

Os discursos de nossas autoridades educacionais estão repletos de belas propostas que nunca chegam a se concretizar inteiramente porque, no momento de sua execução, faltam a vontade política e os recursos (tão abundantes para outros misteres) capazes de levá-las efetivamente a bom termo. Por isto, parece haver pouca probabilidade de o Estado empregar esforços significativos no sentido da democratização do saber, sem que a isto seja compelido pela sociedade civil. No âmbito da unidade escolar, esta constatação aponta para a necessidade de a comunidade participar efetivamente da gestão da escola de modo que esta ganhe autonomia em relação aos interesses dominantes representados pelo Estado (Paro, 1992, p. 256).

Neste contexto, o autor aponta a relevância da participação da comunidade escolar na gestão. Ao promover pesquisas é necessário entender as vivências e realidades das pessoas que ocupam aquela região. Segundo o pesquisador, ela deve ser convidada a se envolver significativamente na gestão da escola, bem como encontrar mecanismos para tornar isto realidade e, além disto,

No interior das instituições há um quebra-cabeça a ser decifrado. Uma vez dentro da instituição, trata-se de se fazer o jogo das peças em busca dos seus respectivos lugares. Legislação, padrões disciplinares, conteúdos escolares, relações de poder, ordenamento cotidiano, uso dos espaços, docentes, alunos e infinitas outras coisas ali se cruzam. Pode-se dizer que uma instituição escolar ou educativa é a síntese de múltiplas determinações, de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral, ideológica etc.) que agem e interagem entre si,

“acomodando-se” dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade (Sanfelice, 2007, p.77).

Partindo deste pressuposto, consideramos que seja importante apresentar tais locais e espaços porque é essencial conhecer as reais condições do trabalho docente que podem refletir diretamente na qualidade do ensino público. Desta forma, a pesquisa é um elemento capaz de elucidar tais situações e publicitar questões as quais a sociedade civil não tenha conhecimento. Posto isto, apresentamos a primeira escola:

Figura 3- Escola Municipal de Educação Infantil 1.



Fonte: a autora.

A imagem 3, representa um dos locais de trabalho da professora Roberta, localizado no bairro Luizote de Freitas. Esta comunidade é muito conhecida por abrigar um centro comercial e ter disponíveis diversos serviços que eram ofertados apenas na região central de Uberlândia. Este local é conhecido por sua vasta região e por possuir bancos, supermercados e atacadistas, hospitais, escolas em todos os níveis, espaços dedicados ao varejo e comércio em geral.

Esta instituição atende a crianças de 0 a 5 anos de idade, possuindo um público de, em média, 900 alunos. Em relação ao currículo, ela segue os preceitos da BNCC, e os processos de ensino são elencados por projetos.

A imagem 4 apresenta uma instituição localizada no Bairro Mansour e possui, em média, 1581 alunos matriculados. Ela atende aos anos iniciais e finais do fundamental, tal qual a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Neste bairro temos uma população média de 7.159 (de acordo com o Censo 2010). Nesta escola trabalham os professores Bruna e Eduardo.

Figura 4- Escola Municipal de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (EF) 1.



Fonte: a autora

Esta instituição funciona em três turnos e tem como especialidade o atendimento voltado para as crianças da educação especial. Neste caso, a escola atende a discentes que apresentam algum transtorno global, alguma deficiência e altas habilidades. A terceira escola encontra-se localizada no bairro Taiaman, atendendo, prioritariamente, aos discentes do 1º ao 5º ano dos anos iniciais do Fundamental.

Figura 5- Escola Municipal de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental 2.



Fonte: a autora

Esta escola é o espaço de trabalho de Laura, onde ela ministra o conteúdo de ensino religioso. A instituição possui, atualmente, cerca de 400 alunos matriculados no turno da manhã e vespertino. Possui em média oito salas e, de acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), 12% dos responsáveis tem curso de nível superior. A escola, apesar de pequena, possui laboratório de informática, biblioteca e quadra de esportes.

Já a imagem cinco diz respeito a uma escola com características parecidas com a anterior, localizada em uma região com boa infraestrutura — o Jardim Patrícia —, razão pela qual a destacamos pelo espaço físico que oferece à comunidade. Neste local, o público atendido situa-se entre o 1º e o 5º ano do Ensino Fundamental I, com uma média de 380 alunos matriculados. Este é o espaço de trabalho da professora Teresa.

Figura 6- Escola Municipal de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental 3



Fonte: a autora

A imagem 6, é o local de trabalho do professor Eduardo. Nesta instituição, estima-se que, de acordo com os dados do Sistema de Avaliação da Escola Básica (SAEB), 17% dos pais tenham ensino superior completo.

Neste espaço, o atendimento ocorre em três turnos e recebe as mais diferentes faixas-etárias e modalidades. A escola presta suporte na educação básica em todas as etapas e modalidades, com exceção da educação infantil e modalidades ligadas à educação no campo. No que toca ao número de alunos, ela possui em média 1724 estudantes matriculados de acordo com o Censo escolar.

Figura 7- Escola Estadual 1. Fonte: a autora



Fonte: a autora

A imagem número 7, é também espaço de trabalho da professora Roberta. Atualmente, ela ocupa o cargo de supervisora da instituição, mas, durante a pandemia, o local de trabalho da docente era a escola estadual da imagem nº 7. Na atual escola, a média de alunos atendidos é de 780 alunos, nos três períodos, desde o 1º ano do Ensino Fundamental I até o 3º ano do EM Regular, além das modalidades de EJA e Ensino Técnico. Esta é a única escola do Estadual que atende majoritariamente o público do bairro Tocantins e Guarani.

Figura 8- Escola Estadual 2.



Fonte: a autora

Por fim, a escola da imagem 8 é a última e, nela, atuam os professores João, Marina, Daniela, Carolina, Laura e Jane. Esta instituição atende ao bairro Taiaman, e oferece ensino desde 1º ano do Ensino Fundamental I até EM Regular, como ainda conta com as modalidades da Educação Especial e EJA.

Figura 9- Escola Estadual 3. Fonte: a autora



Fonte: a autora

Atualmente, o número de alunos atendidos da instituição corresponde a uma média de 1.030 alunos. No que concerne ao espaço físico dela, pode-se dizer que ele é amplo, contando com laboratório de informática, quadra e biblioteca, além de funcionar nos três períodos.

Brevemente, analisamos o Projeto Político e pedimos acesso aos dados do Sistema Mineiro de Administração Escolar (SIMADE) de todas estas instituições. Isto é importante para conhecermos sobre a realidade dos estudantes que frequentam estas instituições. De modo geral, as escolas destacam que procuram formar alunos críticos e conscientes, onde eles expressem a criatividade, procurando sempre sua realização pessoal e profissional. São enfáticos ao querer uma escola legal, participativa, vibrante, com desafios constantes, pois o homem só constrói em função de suas finalidades.

Dentre as missões das instituições, desejam que se forme um indivíduo capaz de elaborar interpretações da realidade, e interpretando-a possa nela inserir-se e transformá-la, se preciso. Destacam o desejo por uma escola de qualidade que valorize as experiências dos alunos, incentivando-os ao exercício da cidadania, preparando-os para uma vida feliz. O PPP é importante por que:

É o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação. (Vasconcellos, 2004, p. 169).

Quase todas as escolas estão situadas em região periférica, com exceção da situada no bairro Jardim Patrícia. As outras instituições acolhem alunos de várias comunidades adjacentes, inclusive da zona rural. Por situar em uma área de carência social as unidades destacam em seus projetos de trabalho a dificuldade escola/trabalho e as dificuldades dos discentes frequentar o espaço escolar, o que muitas vezes provoca evasão escolar.

De acordo com o Índice Socioeconômico (ISE) das escolas de 2020 a 2022 são calculados a partir dos questionários contextuais das avaliações do SIMAVE, respondidos pelas escolas anualmente. Em geral, e de acordo com a maior parte das escolas os índices revelam que os alunos possuem um baixo nível sócio econômico, o que cria desafios para o desenvolvimento da aprendizagem significativa, porque a maior parte dos adolescentes e adultos são trabalhadores.

Em relação à porcentagem por sexo: 52,53% são do sexo masculino e 47,47% são do sexo feminino. A distribuição por raça pode ser considerada por brancos: 38%, pretos: 8%,

pardos: 51,24%, amarelos: 0%, indígenas: 0,09% e não declarados: 3,86%. Em relação à distribuição dos estudantes por localização/zona de residência: zona urbana: 97,85% e rural: 2,15%. Para frequentar a escola em geral os estudantes revelam que 2,15% utilizam meio de locomoção de ônibus, enquanto maior 97,85% não utilizam de passe escolar para ir escola.

No próximo tópico, vamos conhecer um pouco sobre a carga horária de trabalho dos docentes de acordo com o regime estatutário e conforme os gestores do executivo local e estadual conduzem as decisões em relação ao aspecto educacional.

2.4 A vida funcional dos trabalhadores da Educação na rede municipal e estadual

A partir dos fundamentos da teoria Marxiana depreende-se que a origem do mundo material é a ideia. Desta maneira, nenhum fenômeno ocorre de modo isolado, se pensar em um artefato ele logo existira. O objeto de estudo de Marx era a própria sociedade na qual o homem é o produtor de sua história. Neste contexto, a relação estabelecida entre o homem e como ele age na natureza por meio do trabalho estabelece as vivências do ser social,

Antes, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio deste movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (Marx, 1983, p. 149-150).

Por um lado, dentro do sistema capitalista o trabalho é a base para atividades econômicas, dele provem o sistema de mais-valia dimensionada em lucros e mercadorias. Por outro, para Marx (1983) é algo que permite atender as necessidades humanas de sobrevivência, promove interação com a natureza e modifica o próprio homem. De acordo com o dicionário trabalho pode ser definido como:

Processo de intercâmbio e mediação entre o ser humano e a natureza, inserido nas relações sociais. Quando é livre, Marx o concebe como uma atividade vital humana orientada a produzir bens segundo as leis da beleza. Porém, na sociedade capitalista, não é livre, é forçado, está alienado e estranhado. Converte-se em uma tortura e numa obrigação imposta pela dominação capitalista. O capitalismo de nossos dias obriga uma parte dos trabalhadores a desgastar sua vida trabalhando o dobro, e condena o restante ao desemprego, em lugar de repartir o trabalho entre todos, o que possibilitaria reduzir o trabalho necessário à reprodução da vida e aumentar o tempo livre para o ócio e o prazer. (Kohan, s.d, p.15)

Para Lukács (1978), o trabalho é elemento ontológico do homem, ou seja, a partir da interação com a natureza, o homem evoluiu e tornou-se um ser consciente e agindo na natureza mediante sua necessidade, idealização e trabalho teleológico. Desta forma, por meio do trabalho o ser social pratica sua ação e torna-se capaz de criar algo quando coloca em processo o pôr teleológico e a causalidade. Além disto,

Enquanto ser biológico, o ser humano é um produto da evolução natural. Com sua autorrealização, que, naturalmente, também nele mesmo pode significar um retrocesso dos limites naturais, mas nunca o desaparecimento, a plena superação destes limites, o ser humano ingressa num novo ser e por ele mesmo fundado: o ser social (Lukács, 2004, p. 102).

A partir disto é possível compreender que o trabalho ele não pode ser realizado sem nenhum tipo de conhecimento na natureza. Para acontecer o seu pleno desenvolvimento é necessário compreender o objeto que será transformado, a partir disto, depreende-se a interligação entre o conhecimento e o trabalho.

A categoria trabalho docente é objeto da análise deste trabalho porque as mudanças ocorridas nas relações de produção social afetam diretamente o campo educacional. Além disto, em tempos atuais caberá à educação via escolarização formal promover por meio dos professores a transmissão deste conhecimento histórico adquirido pela humanidade. Desta maneira, a partir da execução do trabalho docente os alunos poderiam ter acesso aos saberes científicos. “A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos deste saber. As atividades da escola devem organizar-se a partir desta questão (SAVIANI, 2013, p.14)”.

A docência ativa e crítica não aceita modelos educacionais meramente reprodutivos e alienantes. A luta por melhores condições de trabalho e aumento na remuneração são questões históricas enfrentadas pelo magistério. A profissão docente em tempos atuais surgiu em diferentes sociedades com os mais diversos representantes e nem sempre esteve interligada ao poder estatal. Atualmente, é uma realidade a interligação entre docência e o Estado, mas não quer dizer que a classe de trabalhadores da educação deverá abdicar de suas lutas para melhoria das condições gerais da educação, assim:

[...] a prática política apoia-se na verdade do poder; a prática educativa, no poder da verdade. Ora, a verdade (conhecimento), nós sabemos, não é desinteressada. Mas nós sabemos também que, numa sociedade dividida em classes, a classe dominante não tem interesse na manifestação da verdade, já que isto colocaria em evidência a

dominação que exerce sobre as outras classes. Já a classe dominada tem todo interesse em que a verdade se manifeste porque isto só viria a patentear a exploração a que é submetida, instando-a a engajar-se na tal de liberdade (Saviani, 2012, p.87).

Pensando nestas questões decidimos investigar como os professores analisam as condições de tempo e dedicação ao planejamento no trabalho, de que modo percebem o labor pedagógico. Vejamos:

Quadro 2- Tempo de atuação e Carga Horária de trabalho.

Identificação (Nome Fictício)	Tempo de atuação na docência	Carga horária Semanal de trabalho / Planejamento Semanal
Bruna	20 anos	40 horas / 8 horas
Marina	12 anos	32 horas/ 4 horas
João	18 anos	56 horas/ 3 horas
Daniela	18 anos	40 horas / 16 horas
Eduardo	18 anos	52 horas/ 14 horas
Carolina	20 anos	24 horas/ 8 horas
Roberta	10 anos	44 horas/ 8 horas
Laura	6 anos	32 horas/ 8 horas
Teresa	35 anos	40 horas/ 8 horas
Jane	19 anos	32 horas /8 horas

Fonte: a autora.

Os últimos três profissionais têm atuado em duas escolas públicas e instituições particulares de ensino. No quadro 2, dos dez docentes apenas uma atua menos que dez anos. Sete se encontram na faixa entre dez a vinte anos, e apenas uma tem 35 anos de experiência. Isso possibilita demonstrar que são profissionais com grande tempo de atuação no serviço público e suas falas ressaltam todas as perspectivas vivenciadas na docência. A jornada delongada é uma questão importante como vamos destacar que muitos professores adentram sua carga horária de trabalho aos finais de semana para cumprir as obrigações escolares.

Em relação à situação funcional dos professores, apenas a professora Laura vive em situação de contrato via processo seletivo. A jornada mínima destes professores como Carolina, é de 24 horas, destas 16 horas aulas com o aluno, e o oito são cumpridas entre a escola e onde melhor desejar. Os restantes dos profissionais trabalham uma média superior a 40 horas, somente dois entre 52 e 56 horas, e nenhum possui dedicação exclusiva ao cargo. Abaixo, apresentamos a relação entre o tempo de atuação do docente frente à carga horária semana *versus* o tempo destinado para planejamento.

A relação de horário de planejamento e carga horária de trabalho também é diferenciada. O motivo para as horas de planejamento se tornar desigual está interligada na atribuição, carga horária de trabalho, esfera pública ocupada e quantidade de cargo. Para

entender melhor esta questão, analisemos as normativas sobre o fato elaborado pelo Município de Uberlândia e pelo Estado de Minas Gerais.

De acordo com a instrução normativa da Secretaria Municipal de Uberlândia, nº001/2014²², um docente que atua na rede municipal com a carga horária de trabalho de 20 horas semanais, possui 12 horas com o aluno em sala, quatro horas de módulos cumpridos dentro da escola e quatro onde melhor lhe convir como consta na normativa.

Já no Estado de Minas Gerais, um professor que possui 24 horas de trabalho, precisa cumprir 16 horas de aula direcionadas em sala com o aluno, quatro horas onde melhor lhe convir e quatro horas na escola. Se desejar efetuar acréscimo de aula ele poderá fazer até 32 horas semanais, mas, neste caso, ele precisa cumprir dentro da escola um horário de módulo de planejamento de seis horas. Desta forma, o professor, a cada hora aula de 50 minutos, precisa fazer o cumprimento de quinze minutos a mais de planejamento na escola. Além disto, a direção escolar tem direito a convocar o funcionário para reunião extra por no mínimo quatro horas mensais. Isto pode ser realizado de segunda a sábado com exceção do domingo.

Vale ressaltar que os entrevistados João e Roberta têm uma situação mais precária, porque, como atuam como supervisores da prefeitura e do Estado de Minas Gerais, não possuem nenhum tipo de redução da carga horária para organização do trabalho de gestão escolar. Caso precisem realizar algum serviço adicional, isto deverá ser feito além da jornada de trabalho. Em nenhuma situação é previsto horas-extras, mas pode ocorrer banco de horas caso o chefe imediato tenha interesse. Este processo gera uma precarização desta mão de obra porque o professor não é remunerado em tempo suficiente do desempenho do seu trabalho

Durante as entrevistas, alguns professores foram enfáticos ao dizer que o horário de planejamento não é suficiente para execução das atividades laborais e, para executá-las, eles adentram aos finais de semana. Sobre este problema, destacamos os dizeres de João, Eduardo e Carolina:

Eu acho que a carga horária é muito extensa. E, conseqüentemente, ela impacta na questão do planejamento, porque quando você tem várias turmas diferentes, você perde. Eu acho que o período de planejamento não é suficiente, porque eu não consigo realizar tudo dentro da semana. Então, todas às vezes eu me pego no final de semana, fazendo planejamento de aulas e atividades para a próxima semana (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Sim, porque o trabalho do professor não para nunca. Levamos o trabalho para casa. Hoje, quando eu fiz a devolutiva dos trabalhos do bimestre, os alunos perguntaram como eu consigo avaliar cada trabalho. Eu respondi que a gente trabalha no final de semana, porque eu tenho que ler. É um trabalho que eles vão produzir, elaborar frases em inglês com a respectiva tradução, e se eu não ler aquilo, eu não consigo.

²² Instrução Normativa. Disponível em

< http://servicos.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/12716.pdf>. Acesso em: 06 de jan. de 2023.

Então, é complexo, requer da minha pessoa, mas creio eu que se eu dobrasse turno, eu teria que me adequar à realidade. Como isto ainda é possível? Porque eu trabalho só um turno, eu só sei fazer assim (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Para João e Eduardo existe a normalidade de realizarem atividade no final de semana porque lecionam em várias turmas. O que não é algo natural, mas revela uma precarização de tempo de jornada de trabalho. João, além de ser supervisor, ministra aula de filosofia, e geralmente uma ou duas aulas em cada turma. Eduardo também sublinha a mesma situação. Os professores cumprem sua jornada de trabalho, mas não conseguem realizar as atividades extraclases em apenas um turno. Por sua vez, Carolina — docente de língua inglesa com treze turmas — ministra aulas em apenas um turno para tentar evitar sobrecarga de trabalho. Com isto, ela acaba levando uma quantidade grande de trabalhos para correção na própria residência. Tais questões demonstram um indício de precarização da jornada laboral, evidenciando como a expediente docente tem continuidade mesmo após o cumprimento das horas contratuais.

Quando perguntados se na opinião deles existiriam certos requisitos para ser um bom professor, eles disseram:

Sim, eu acho que a pessoa tem que ter responsabilidade em entender que trabalhar qualquer conteúdo contribuindo na formação de outra pessoa é de extrema responsabilidade, tem que pesquisar, tem que estudar. Tem que ter o mínimo de amor pelo ser humano, se não, você não consegue. Tem que gostar de abraço e beijo babado. Então você tem que ter aceitação, responsabilidade com o outro, estudo constante, tolerância e maturidade. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Sim, com certeza. Acho que o primeiro ponto é ter um perfil de professor, aberto a mudanças que acontecem na profissão, ter domínio de sala, domínio de conteúdo, assiduidade, pontualidade. (Marina, entrevista, 10/10/2022)

Eu pessoalmente acho que as habilidades e as competências, elas são extremamente necessárias para você desenvolver a função que você foi desenvolver socialmente. Para o professor em especial, o conhecimento adquirido, o conhecimento enquanto conteúdo específico, ele é básico e fundamental, mas alguns requisitos, algumas competências, habilidades que o profissional também tenha desenvolvido durante a sua vida antes da docência. Então eu, por exemplo, eu fiz muito laboratório, eu venho de uma realidade religiosa, então eu vivia em comunidade, estava muito com esta coisa dos jovens, participava de movimento de grupo de jovens, participava de retiro, participava deste mundo da comunicação com viés religioso. Então, por exemplo, uma disciplina de comunicação e expressão que deveria ser uma disciplina do curso, porque você tem que se comunicar, você tem que se expressar bem para que o conhecimento seja efetuado no processo ensino aprendizagem, eu não tenho. No currículo, não tem estas disciplinas (João, entrevista, 17/10/2022).

Sim. Um professor precisa ter autoridade, que é diferente de autoritarismo e precisa saber lidar com seu público, que não é lidar com alguém de igual para igual. Então, por exemplo, você não pode bater boca com aluno, porque você tem que estar num patamar diferenciado. Eu acho que o professor precisa ser amante do conhecimento, ter interesse no estudo e na formação continuada. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Eu acho que é preciso ter domínio e o mínimo de empatia, porque você lida com o ser humano. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

É essencial você ter a formação básica da graduação, gostar de crianças e adolescentes que é o público que você vai trabalhar. Se você for olhar só pelo lado financeiro, você não consegue ficar, então você tem que gostar daquilo que você está fazendo, porque a remuneração não é boa. Um professor tem que ser profissional para ser respeitado por seus alunos e pelos pais dos alunos. Sobretudo, você precisa ser humano, pensar no outro, se colocar na situação do outro. Estar dentro de sala de aula é lidar com pessoas de realidades diferentes, pensamentos diferentes e você tem que deixar de fazer pré-julgamentos, tentar compreender o que está acontecendo e ter empatia. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Tem que ter o seu preparo, a sua formação, tem que ser uma pessoa consciente, crítica e também formadora de opinião, pois aquilo que a gente fala é muito importante para os alunos. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Sim. Eu acho que você precisa estar disposto a encarar aquela ambiente, ficar em pé durante um período relevante, falar de forma articulada. Você tem que estar disposto a continuar estudando e continuar aprendendo porque as coisas vão mudando. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Você tem que ter certa afinidade. Eu acredito que a pessoa tem que ter conhecimento da área. Então, se você é uma alfabetizadora, você tem que conhecer os métodos de alfabetização. Mas acredito que com o tempo você vai adquirindo esta experiência, porque quando a gente inicia, não temos determinadas competências, somente o desejo. E este desejo faz com que a gente, ao longo do tempo, perceba se é naquele lugar que realmente queremos estar. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Os pontos mais destacados são: a responsabilidade, gostar de estudar, envolvimento com pesquisa, amor pelo ser humano, aceitação da diversidade, abertura a mudanças, ter domínio de sala, assiduidade, domínio de conteúdo, pontualidade, conhecimento específico, comunicação fluída, autoridade sem autoritarismo, ter empatia, não ter preconceito, ser crítico, ter desejo em mudar a realidade.

O relato de Eduardo tem também o aspecto que o fator financeiro dificilmente atrairia um professor para esta profissão. Quando o assunto envolve condições e valorização do trabalho docente, é recorrente a manifestação sobre a carga horária das jornadas e a remuneração defasada. Em todos os âmbitos da administração pública há a reivindicação por reajuste ou por aumento de salários, mas como podemos mensurar quantitativamente um trabalho que produz conhecimento e o produto seja abstrato a olho nu? Para Saviani (2022),

Compreendida a natureza da educação, nós podemos avançar em direção à compreensão de sua especificidade. Com efeito, se a educação, pertencendo ao âmbito do trabalho não material, tem a ver com as ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, tais elementos, entretanto, não lhe interessam em si mesmos, como algo exterior ao homem (Saviani, 2002, p. 12).

Isto é parte da discussão já apontada por ele sobre o trabalho docente ser considerado imaterial. Por não produzir um valor ou produto em si, muitas vezes, o professor não tem reconhecimento de seu labor. Até o momento, já analisamos a carga horária de trabalho e as horas dedicadas por estes profissionais para seus planejamentos e podemos apontar que a maioria dos professores não são remunerados quando ultrapassam a própria jornada de trabalho. Considerando todas estas situações constrangedoras e com as informações colocadas no quadro 1 e 2, refizemos a pergunta crucial aos professores, afinal o que acham sobre o seu salário?

Quadro 3- Tempo de atuação e carga horária de trabalho.

Identificação	Remuneração
Bruna	Eu sou uma professora pesquisadora, eu não paro. Estou sempre pesquisando, montando um PowerPoint, imprimindo uma imagem, buscando uma referência, então minha remuneração é péssima em relação a isto. Se eu fosse fazer um trabalho medíocre, igual a meu salário, ia ser um trabalho de somente entregar folha de xerox para colorir, mas a minha consciência não me permite isto. Então eu estou com dezesseis turmas e tenho que pensar em um conteúdo para a semana que me dê potencial para dezesseis turmas e isto inclui o material que eu tenho que planejar. Se eu vou trabalhar com origami, eu tenho que pensar em papéis para 16 turmas, porque nem sempre a escola vai ter. Então eu tenho que arrumar aqui da minha casa, seja folha de revista, seja pedir doação ou algo assim. Então eu sempre estou trabalhando a mais. (Jornada de 40h/semanais). Ganho médio de 3 a 5 salários.
Marina	Este foi um ponto que pesou muito quando eu fiz a minha escolha, pois eu tinha consciência que estando na rede estadual, a minha remuneração seria bem menor que na indústria. Antes de me efetivar na rede pública, eu estive um tempo na indústria, onde eu ganhava bem mais do que comparando com o estado naquele mesmo período. O salário é muito pouco, dá para apenas pagar as contas e, quase sempre, não sobra nada. O salário não é nem de longe o que a gente merecia ganhar. (Jornada de 25h/semanais). Ganho médio de 1 a 3 salários mínimos.
João	Eu avalio como é, como mediano. Pelo, pelo tempo, trabalho. Pelo esforço entregue e até de certo modo, pelo contexto daquilo que a gente entrega, porque todos os empregos, todos os trabalhos, mesmo eu desenvolvendo, digamos assim, conteúdos distintos, esforços de certo modo que exigem como, por exemplo: professor, não posso entrar na sala de aula sem preparação em casa. Então estas 56 horas é de segunda à sexta, mas eu trabalho sábado e domingo em casa, preparando aula, preparando trabalho, corrigindo prova, então estas 56 horas em loco, sem contar o trabalho em casa. Se eu for contar com um trabalho em casa, a minha média de trabalho semanal é de 70 horas. Eu sou mal pago por 70 horas. 70 horas, então a proporção do que recebo, ela é uma proporção muito menor do que realmente aquilo que eu executo. (Jornada de 56h/semanais). Ganho médio de 5 a 7 salários mínimos.
Daniela	Insuficiente. (Jornada de 40 horas semanais). Ganho médio de 1 a 3 salários mínimos.
Eduardo	A gente não recebe nem perto daquilo que a gente precisa trabalhar. (Jornada de 40h/ semanais). Ganho médio de 3 a 5 salários mínimos.
Carolina	Com relação a minha remuneração, quando eu estou na escola, quando eu estou preparando as minhas coisas, em momento algum eu penso nisto, porque eu amo que eu faço. Então, ali eu começo um texto, eu passo para outro material, e sinto muita alegria quando um aluno meu, pega o material e diz que conseguiu aprender alguma coisa com o que eu lhe transmiti. Ou então quando o aluno fala que não gostava de inglês, e não entendia nada, e a partir das minhas aulas está conseguindo aprender alguma coisa. Então eu fico feliz por isto. Nesta hora eu não percebo isto, eu não foco nisto. É suficiente? Não. A gente sabe que não. Mas eu não consigo fazer diferente. Eu até falo muito isto com a minha filha. Eu queria conseguir fazer um pouco menos, mas isto não faz parte da minha pessoa, pois se eu “desci pro play”, eu quero brincar e fazer bem feito. Eu entrego meu melhor, pode ser até que não seja o melhor trabalho, mas o meu melhor para mim, na minha concepção, é o que deixa a minha consciência em paz, independente de salário. Eu posso colocar aqui que a grande maioria está ali para fazer o seu papel da melhor forma. (Jornada de 24h/ semanais). Ganho médio de 1 a 3 salários mínimos.
Roberta	A minha remuneração é insuficiente para a quantidade de horas trabalhadas. A minha jornada total é de 48 horas semanais. Ganho médio de 3 a 5 salários mínimos.

Laura	Se eu observar a realidade das pessoas e amigos que têm graduação, eu vejo que ganho bem mais que eles para ter um trabalho um pouco mais flexível, mas se eu for pensar do ponto de vista da valorização do meu trabalho, do meu estudo e da minha formação, acho que eu ganho muito menos do que eu deveria. (Jornada de 40h/ semanais). Ganho médio de 3 a 5 salários mínimos.
Teresa	Péssima e vergonhosa porque eu cheguei ao topo em relação ao nível de formação em uma carreira do magistério e estou encerrando carreira com 35 anos de atuação, com um doutorado e uma remuneração de salário base de 5.800 reais. O salário da educação básica é muito baixo. (Jornada de 40h/ semanais). Ganho médio de 5 a 7 salários mínimos.
Jane	Não tem como falar que é satisfatória. É uma briga constante esta questão do salário. Eu não gosto de fazer um comparativo com outra profissão, porque acredito que toda profissão tem que ser bem remunerada. Mas de acordo com o grau de instrução do trabalho que é entregue aos alunos, eu acho que é baixo. Deveria ter mais incentivo ao estudo, mesmo que às vezes a gente se sente desmotivado porque não tem um reconhecimento financeiro e o reconhecimento profissional de quando a gente estuda um pouco mais para se qualificar , mas não temos esta valorização no lado profissional e financeiro. (Jornada de 40h/ semanais). Ganho médio de 3 a 5 salários mínimos.

Fonte: A autora

As questões elencadas neste quadro 3, coadunam com Hypolito (2020) pesquisador das questões de gênero no mundo do trabalho. Para ele o fato da carreira de magistério ter sofrido uma feminização levou ao processo de desvalorização.

O maior desafio na minha profissão atualmente é a questão da jornada que eu não posso diminuir, porque eu preciso do dinheiro. **Mas a redução da minha jornada de trabalho seria muito boa para mim, porque eu iria melhorar fisicamente e mentalmente** e, principalmente, melhoraria o meu próprio trabalho, pois eu teria mais tempo para estudar para dar minhas aulas. Eu não gosto de levar só o que está no livro, eu gosto de levar uma aula interativa, com projetos para os meus alunos. (Daniela, entrevista, grifo nosso, 24/10/2022).

E cada vez mais comum o adoecimento dos docentes devido à excessiva jornada de trabalho. Os professores para alcançar uma remuneração melhor acabam por atingir jornadas de trabalho de quase 60 horas. Bruna ministra uma disciplina que possui um horário em cada classe. Ela precisa atender dezesseis turmas e organizar aulas diferenciadas e atrativas para todos os alunos. Durante a pesquisa acompanhei algumas de suas produções pela escola, ela costuma fazer amostras, painéis por todos os espaços da escola. Ela acha que a remuneração é medíocre porque além de ter mestrado e ser pesquisadora o tempo de planejamento não é suficiente e pago.

A Marina tem um cargo efetivo e outro designado, ela reclama que na área de química o salário é muito superior ao de professor. Ela disse que escolheu a docência por identificação, se fosse por remuneração ela estaria hoje na indústria. De acordo com a opinião de Marina, muitos profissionais desta área quando se deparam com o salário de um professor licenciado desistem da carreira docente. Sou muito satisfeita com a minha profissão e eu estou nela por opção, por escolha, claro que existem dificuldades, mas de um modo geral, estou muito satisfeita com a minha profissão neste momento. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Para João o salário é mediano e não é capaz de cobrir a maioria das vezes as horas extras trabalhadas em casa. Se eu não tiver prazer no que realizo, eu estou sendo robotizado na minha ação. Então, este é a perspectiva, o sentido de fazer. Eu pessoalmente sou muito feliz, reconheço as mazelas da profissão, mas sou feliz. (João, entrevista, 17/10/2022). Ele recebe - em média 56 horas, porém costuma ultrapassar às 70 horas semanais, com preparação de outras atividades.

Eu acho que a carga horária é muito extensa. E, conseqüentemente, ela impacta na questão do planejamento, porque quando você tem várias turmas diferentes, você perde. **Eu acho que o período de planejamento não é suficiente**, porque eu não consigo realizar tudo dentro da semana. **Então, todas as vezes eu me pego no final de semana, fazendo planejamento de aulas e atividades para a próxima semana.** (Eduardo, entrevista, grifo nosso 31/10/2022).

A situação de Daniela é ainda pior, porque trabalha quase 40 horas semanais e o ganho fica entre 1 e 3 salários mínimos. Ela é uma das únicas professoras que atuam na sua escola que desenvolvem projetos com os alunos na escola. Durante a pesquisa em campo pude observar o trabalho desenvolvido com os alunos como sarau, visitas técnicas, projetos sobre leitura e escrita com alunos da EJA, entre outros. Eduardo com a mesma formação também ressalta que ele não recebe nem perto daquilo que executam nas escolas.

Carolina a única professora que atua em um cargo e com 24 horas semanais. Ela relata que não é suficiente o valor recebido e já teve dificuldades econômicas. Afirma que não consegue efetuar o trabalho docente de outra maneira mesmo reconhecendo as dificuldades da sua escola.

Roberta destaca que a quantidade de horas trabalhadas dentro e fora da instituição não é suficiente. Laura já faz a comparação de ter um trabalho mais flexível em relação a outras carreiras. Contudo, pela quantidade de horas também acha que ganha um valor bem abaixo do esperado e argumenta sobre a desvalorização da carreira para formação:

Conhecimento, reconhecimento financeiro, e o reconhecimento profissional? Que adianta estudar um pouco mais, se qualificar, se gente não tem esta valorização no lado profissional e financeiro. Muita gente não vê isto, não tem uma dispensa de trabalho também para poder fazer isto. Simples, né? A gente não consegue tão facilmente a dispensa para poder fazer um curso, que vai ajudar aí no nosso dia a dia de sala de aula. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

Para Laura atua na área da educação há seis anos, ela percebe o quanto a formação continuada e licenças para qualificação são difíceis de serem aprovadas pelo governo estadual.

O caso da professora Teresa teve situação parecida, mas ela conseguiu liberação de um dia de trabalho, em torno de 5 horas semanais para realização do Doutorado. Segunda ela sua remuneração de em quase seis mil reais é algo péssimo e vergonhoso. Ela aponta isto porque chegou ao teto da sua carreira, trabalha a trinta e cinco anos no magistério, possui Doutorado e o valor na opinião dela é longe do valor estimado ao pesquisador atuante na área da educação. Por fim, Jane não faz comparação com outras profissões, mas reconhece que deveria haver mais incentivos para qualificação profissional e o reconhecimento financeiro, para ela estes aspectos não são contemplados.

Em contrapartida se o salário não acompanha o ritmo de trabalho, o tempo livre foi reduzido e houve uma intensificação do trabalho com o advento da pandemia. Os relatos abaixo demonstram que o tempo dedicado ao trabalho em casa foi bem superior ao mesmo tempo dedicado ao trabalho na escola

Foi dez vezes maior, eu não parava. Tinha dias que eu ligava o meu computador às seis horas da manhã, e já programava para enviar o link para não ter atraso, caso a internet caísse. E eu desligava o meu computador às nove horas da noite. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Não, o tempo foi muito maior. Na escola eu consigo organizar minhas atividades, receber os trabalhos dos alunos ali mesmo naquele momento que eu estou com eles na sala. No ensino remoto a gente lançava a atividade para eles e cada aluno tinha seu tempo, mesmo que a gente estabelecesse uma data para que ele entregasse aquela atividade, um aluno mandava no primeiro dia, outro no segundo. Então, como o recebimento destas atividades foi por e-mail ou no aplicativo Conexão Escola, todos os dias a gente abria a nossa caixa de entrada e tinha muitas atividades destes alunos, o tempo todo eu recebia estas atividades, passava para a minha planilha e depois passava para as planilhas das especialistas e da gestão. Então o tempo dedicado ao trabalho no período remoto foi muito maior. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Não, não mesmo, e este dinheiro nunca vou receber, porque este trabalho que desenvolvi extra, não só porque eu tive que desenvolver novas ferramentas e novas habilidades, elas acabaram exigindo de mim, muito mais tempo, para ler trabalhos ler Pets, ler atividades, do que aquele que eu gastaria efetivamente para entrar na sala de aula. Fora o aspecto da disponibilidade. Por quê? Quando eu estou presencialmente na escola, eu estou naquele horário, aquele período lá. Quando eu não estou, eu estou em casa por conta de atividades, além daquele horário que eu tenho para fazer as atividades, eu tenho que estar disponível para as outras atividades que foram sendo exigidas. Eu falo isto pela rede pública e pela particular. Como eu na época estava em muitas escolas da rede particular isto foi extremamente estressante e eu quase morri de estresse, foi uma loucura. (João, entrevista, 17/10/2022).

Outra questão vivenciada pelos professores que fragmenta a classe é a mudança de nomenclatura dentro da mesma carreira. É cada vez mais comum encontrar termos como tutores, apoios pedagógicos, professores conteudistas, mediadores, educadores para designar e

fragmentar a categoria docente. Isto é uma problemática dividir a categoria dos trabalhadores. Sem contar que parece ocorrer uma divisão bem acentuada entre os efetivos e os contratos temporários que pertencem à mesma classe, mas por ora não se mobilizam em conjunto.

Em Uberlândia temos exemplos de como isto ocorre na rede municipal. Os profissionais formados em licenciatura plena e pedagogia são nomeados por analistas pedagógicos. Há cinco anos eram denominados pedagogos, antes de 2014, eram chamados de supervisores. Isto atrapalha a luta de classe, de tal forma uma vez que não reconhecem suas categorias não possuem identidade e representatividade na defesa por melhores condições de trabalho.

Consequente nesta fragmentação, quando perguntando para todos os profissionais sobre a filiação aos sindicatos, todos respondem que conhecem o sindicato, mas não tinha filiação direta com a associação. A questão salarial e as condições de trabalho são sempre debatidas nas paralisações e em movimentos grevistas. Dentre as últimas greves convocadas e deflagrada pelo Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (SINDUTE), terminou dia vinte e três de abril de dois mil e vinte e dois, quando a Justiça não reconheceu o direito à greve, solicitando o retorno imediato dos professores às atividades laborais. Ao todo, foram quarenta dias de protesto em luta pelo pagamento do piso salarial e outras reivindicações.

Na sociedade capitalista, o movimento se dá em consequência do desenvolvimento das contradições que existem em seu seio. Tais contradições se revelam no papel motor da luta de classes na transformação social. É através deste jogo pugnativo que a sociedade avança. (Cury, 1985, p. 33).

São movimentos contraditórios nos quais ambas as classes negociam demonstram o movimento contraditório da luta classes. Por este motivo, após a greve, o piso pago em 2022, para professores que trabalham vinte e quatro horas aumentou e gira em torno de R\$ 2.300,00 reais. Entretanto, o solicitado com as correções atualizadas seria uma monta de 3.845,00 reais. Valores de ingresso em nível I e Grau I. Estes números seguem o que consta na lei estadual 21.710²³ de 2015, a qual designa:

²³ Ela “dispõe sobre a política remuneratória das carreiras do grupo de atividades de educação básica do poder executivo, altera a estrutura da carreira de professor de educação básica e dá outras providências”. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-21710-2015-minas-gerais-dispoe-sobre-a-politica-remuneratoria-das-carreiras-do-grupo-de-atividades-de-educacao-basica-do-poder-executivo-altera-a-estrutura-da-carreira-de-professor-de-educacao-basica-e-da-outras-providencias>>. Acesso 01 dez.2022.

Art. 2º Para a fixação do vencimento inicial das carreiras de Professor de Educação Básica, Especialista em Educação Básica e Analista Educacional na função de inspetor escolar [...] Parágrafo único O piso salarial profissional nacional previsto na lei federal a que se refere o caput será assegurado integralmente ao servidor ocupante do cargo de Professor de Educação Básica com carga horária de 24 horas semanais.

Art. 3º Os valores do vencimento das carreiras do Grupo de Atividades de Educação Básica do Poder Executivo, de que trata a Lei nº 15.293, de 2004, e do Abono Incorporável de que trata o art. 8º serão reajustados por lei específica, em decorrência de atualizações do valor do piso salarial profissional nacional dos profissionais do magistério público da educação básica de que trata a Lei Federal nº 11.738, de 2008 (Minas Gerais, 2015, p. 2).

Contudo, o Governador Romeu Zema Neto não concordou com o aumento e assinalou que o Estado de Minas Gerais estaria dentro do Regime de Recuperação Fiscal. Desta forma, não seria possível conceder aumentos naquele instante, porque, de acordo com ele, feriria a lei de responsabilidade fiscal. No entanto, conforme o Tribunal de Contas do Estado (TCE), isto não interferiria a ponto de promover uma infração legal.

Todas estas questões e reivindicações foram encaminhadas à Justiça e, por meio de votação, os desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado deu parecer favorável à ação movida pelo Zema, suspendendo a legislação citada acima. Logo, além desta derrota sofrida pelos servidores do Estado de Minas Gerais, o Governador conseguiu a suspensão do piso salarial em nível estadual, ou seja, decaiu, inclusive, um direito anteriormente adquirido pelos servidores. “A Lei do Piso ainda não é respeitada em muitos estados e na maioria dos municípios, não somente no que se refere ao valor do salário inicial, mas quanto ao 1/3 (um terço) do tempo da carga horária que deve ser destinado ao preparo, planejamento e estudo (HYPOLITO, 2015, p.530)”.

A situação também é problemática em relação ao reconhecimento e à progressão funcional dos funcionários. Existem bonificações de carreira no Estado, a progressão por titulação somente é paga depois de cinco anos, no entanto, mesmo após protocolar os documentos exigidos para este fim, existem casos de não atendimento à solicitação.

Caso relatado na pesquisa da tese de Doutorado de Mariane Gomes Pereira, na linha: Trabalho, Sociedade e Educação do PPGED-FACED em 2022. O trabalho “as políticas de bonificação em Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo: a carreira docente e a contradição com as recomendações do Banco Mundial” ressaltou a problemática sobre a desvalorização da carreira de magistério. Um exemplo desta questão corresponde ao ocorrido com um professor que atua em uma das escolas investigadas. Embora ele tenha preferido não colaborar com a pesquisa, o docente, em uma conversa, ressaltou sua profunda indignação

com tal situação. Isto se deve ao fato de já ter concluído as formações solicitadas para a progressão salarial e ter protocolado todos os documentos, mas ele ainda segue aguardando a publicação de sua promoção no Diário Oficial do Estado. Ao todo, ele aguarda há quase dez anos para este reconhecimento e, à época do citado diálogo, ele estava no último ano de carreira para solicitar a aposentadoria.

[...] eu acredito que ainda seja o não reconhecimento por parte do Estado da figura do profissional da educação. Uma remuneração e estrutura que seja digna se refletem muito sobre o aspecto do incentivo ao professor. Então quando o professor tem que se mobilizar para receber aquilo que é do seu direito, ele tem que receber a restituição das suas perdas salariais. Isso é um tapa na cara do profissional. Ou seja, o não reconhecimento do Estado por parte daquilo que é o esforço do profissional que está a serviço da comunidade, que está a serviço da sociedade. É um servidor que não está sendo remunerado adequadamente. Eu acho que isto é um segundo ponto que eu acredito que seja uma grande dificuldade e que acaba indo também contra a motivação para a realização com excelência. Aí você vai até a escola e desenvolve aquilo que dá, dentro das condições que se tem. (João, entrevista, 17/10/2022).

Isto é agravado dentro dos processos de reestruturação produtiva do capital, que, a cada dia, avança no sentido de retirar dos trabalhadores os direitos já adquiridos. Como se pôde constatar pelos fragmentos de entrevista até agora analisados, a educação e a valorização dos profissionais do magistério continuam enfrentando desafios em 2022. Em pesquisa divulgada por Raimann (2015) em tese defendida no PPGED/UFU, a pesquisadora propôs a analisar quais as concepções de trabalho e profissionalizações do professor estariam em documentos oficiais de 2003 até 2010. A autora utilizou do materialismo histórico-dialético para analisar as categorias de trabalho e de profissionalização docente e empreendedorismo. Como recurso, ela analisou documentação sobre a UNESCO, Governo Federal, Confederação Nacional dos Trabalhadores na Educação, Conselho Nacional de Educação (CNE), entre outros. Na pesquisa, ela destacou,

Como resultado, embora os documentos apontem para a valorização e profissionalização docente, a pesquisa evidenciou conflitos entre aquilo que os profissionais da educação defendem e o que Governo Federal interpreta como sendo trabalho e profissionalização docente; as condições objetivas e subjetivas do trabalho docente apontam para a desprofissionalização docente. O princípio de gerência por resultados, no qual o Estado se orienta, afeta o trabalho docente levando o profissional da educação básica a buscar, individualmente, sua boa performance, levando-o a ser “empresário de si”. Desta forma, o perfil docente, para os desafios do século XXI, consiste no desenvolvimento de habilidades e competências morais e éticas aliadas ao espírito empreendedor/inovador/criativo, ressignificando práticas no cotidiano escolar (Raimann, 2015, p. 6).

O professor, quando deseja melhorar sua carreira funcional, acaba por se tornar um financiador das próprias conquistas. Durante a entrevista, o professor Eduardo apontou as dificuldades em conseguir uma licença de seus dois cargos para conseguir efetuar o mestrado.

Vejamos:

Foi mais tranquilo no estado, pois marquei a perícia e o doutor só fez algumas perguntas de como eu estava me sentindo e, no final da tarde, minha licença foi deferida. Na prefeitura foi complicado no médico e a primeira pergunta foi: Porque que eu não queria trabalhar. E olhei para ele, eu respondi não é que eu não quero trabalhar, eu tenho três dias de afastamento desde 2013 na prefeitura se muito, eu justifiquei o motivo, falei se ele estava tomando remédio e pediu para tomar o comprimido inteiro, foi mal educado. A minha licença na prefeitura foi mais complicada, depois desta consulta médica, no final da tarde, recebi um e-mail falando que eu teria que passar por uma junta médica e somente depois de uma semana passar por esta perícia. **Na junta médica eu me senti até importante porque tinham cinco médicos, e uma médica com uma prancheta, e fez algumas perguntas sobre o cotidiano. Totalmente intimidador é como se a gente tivesse fazendo algo errado, e falei na perícia que me sentia muito constrangido** e depois passei na perícia chegou um e-mail falando que foi aprovado. Isto é feito de proposito para as pessoas não pegar atestado, acho que só foi deferido porque eu não tinha histórico de afastamento. Se não tivesse dado certo eu iria faltar direto do serviço até onde dava, eu não sabia o que fazer. (Eduardo, entrevista, grifo nosso, 31/10/2022).

Tal situação é ainda mais alarmante quando Eduardo, com um elevado nível de estresse e sua saúde mental comprometida, tentou retirar uma licença de saúde. Apesar de nunca ter entrado com pedido de afastamento, o docente acabou por retirar 60 dias de licença médica de suas funções devido à sobrecarga entre trabalho e a qualificação no mestrado, e passou por uma situação constrangedora como se a doença psiquiátrica não tivesse o mesmo grau de importância de outras situações limites.

Na dissertação elaborada por Cabral, denominada “A precarização do trabalho dos profissionais da educação municipal em Uberlândia” (2020), do PPGED/UFU, analisou os atestados protocolados na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Observemos:

Os atestados coletados somaram 98.335, sendo de todos as CIDs, como o foco são as condições de trabalho, concentramos naqueles que tem relação com o desgaste laboral, estes totalizaram 27.580, número expressivo, que comparado à quantidade de profissionais por ano, em 2016 seria como se 92,72% de professores tivessem emitido ao menos um atestado, nestes números estão atestados relacionados a doenças psicológicas como depressão, ansiedade e síndrome de Burnout, doenças motoras ligadas a estruturas ósseas e dos nervos, como LER/Dort. Concluímos que a degradação do trabalho docente é real e pode ser vista e comprovada de forma empírica e teórica, os professores estão cada dia mais doentes [...] e que em contrapartida não é executada nenhuma política de prevenção, tão quanto de acompanhamento destes profissionais (Cabral, 2021, p. 6).

Esta degradação do trabalho docente demonstra o adoecimento da classe docente e, para os autores, evidencia como a escola tem sido gerenciada como uma empresa baseada na política de qualidade total. Isto viabiliza a precarização e descaracterização da função social da escola, evidenciando, nos últimos tempos, o crescimento de afastamentos relacionados à saúde mental. Neste contexto socioeconômico de enxugar recursos observa-se o trabalhador cada dia mais exaurido.

Além dos profissionais, as instituições educacionais também sofrem com os cortes advindos deste modelo de produção: o fato é que ocorre um desmantelamento das instituições de ensino com as inúmeras contenções de recursos destinadas à educação. A última semana do mês de outubro dos anos 2020 e 2021, por exemplo, houve a possibilidade de uma redução na casa dos 328 milhões de reais, das Universidades e Institutos Federais. Após pressão de setores da sociedade, a notícia repassada pelo então Ministro da Educação, Vitor Godoy Veiga, foi a de que até o mês de outubro seria novamente liberado este valor retido para a rede federal de Educação.

Notícias de natureza semelhante a estas — o corte orçamentário e a alta desvalorização do trabalho docente — são reflexos de como os chefes do executivo desde os municípios ao ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, abordavam este tema. Bolsonaro, por exemplo, é filiado ao PL, partido que conduziu a educação nacional nos últimos quatro anos. No entanto, ao analisar a criação do PL em 1985, as propostas sociais do partido sobre a educação aparecem apenas uma vez e, nela, cita-se a necessidade de uma possível reforma radical da Educação²⁴. Ademais, nas propostas sobre as projeções para o futuro não existe nenhuma menção de sugestão, tampouco projeto educacional como podemos encontrar no site oficial do partido²⁵.

Com diversas reformas trabalhistas em andamento e a gestão de enxugamento dos gastos da máquina pública adotada por representantes dos partidos ligados ao posicionamento político de direita, estamos acompanhando os desmontes da educação pública no país. Para sinalizar mais um exemplo desse tempo a terceirização aos poucos são implementadas na educação. No fluxo da terceirização, em Uberlândia, o representante do poder executivo municipal Odelmo Leão Carneiro Sobrinho, implementou e revogou diversos direitos trabalhistas, bem como encontra-se em andamento o processo de terceirização da rede

²⁴ “A Reforma radical dos sistemas de Educação e de Saúde, possibilitando, de um lado, não apenas acesso à escola, mas ao saber e ao conhecimento tecnológico moderno; de outro lado, assegurando ao povo padrões mínimos de higiene, saneamento e saúde pública, preventiva, ambulatorial e hospitalar”. Disponível em: <<https://partidoliberal.org.br/historia-do-pl/#>>. Acesso em: 10 de out. de 2022.

²⁵ Disponível em: <<https://partidoliberal.org.br/historia-do-pl/#>>. Acesso em: 10 de out. de 2022.

municipal no setor de limpeza. Além disto, ao longo do seu mandato, já foram retirados os supervisores de Atendimento Educacional Especializado, os professores laboratoristas e bibliotecários, bem como não houve não inauguração novas escolas, repassando as verbas para subvencionar quarenta e oito Organizações da Sociedade Civil (OSCs). O prefeito demandou a retirada do bibliotecário e os laboratórios de informática, esses espaços estão montados, mas não possuem nenhum profissional para gerenciar este local. Estas zonas estão desorganizadas há mais de três anos nas escolas municipais.

Nas instâncias municipais, estaduais e federais, tínhamos, em agosto de 2022, todos os atuais representantes do governo oriundos de partidos associados ao viés de pensamentos liberais, respectivamente: o prefeito Odelmo Leão, do Partido Progressistas (PP), em Uberlândia; o governador Romeu Zema do Partido Novo (NOVO), no Estado de Minas Gerais; e o presidente do executivo; Jair Messias Bolsonaro, do PL.

A educação pública passa por ataques de todos estes representantes. Por exemplo, o atual governador de Minas Gerais, Romeu Zema, inúmeras vezes já pronunciou que pretende acabar com o atual modelo educacional e privatizá-lo. Em recente entrevista durante a campanha para reeleição de governador, ele disse:

Ele tem de dar ao cidadão como acontece no bolsa família, um cartão e o cidadão faz a opção onde é melhor para ele comprar, ao invés de ter escolas públicas o cidadão teria que dar o cartão educação e ele escolhe onde vai ter de estudar. Em longo prazo seria uma receita, que tem funcionado muito bem, não seria privatizar, vamos passar para cada escola que cada grupo de professores monte uma cooperativa e forneça serviço ao Estado. E vai ficar muito mais eficiente, porque começa haver concorrência, começa haver cobrança entre as próprias professoras, a concorrência tira o melhor de nós, tem que mexer na legislação é coisa de longo prazo (Neto, Romeu Zema, Programa Política Cruzada, entrevista dos pré-candidatos a Governador do Estado, bloco 02, 07 de set de 2022).

A livre concorrência é tida como solução dos liberais para redução dos gastos, além de melhoria dos serviços oferecidos e, no campo educacional, estes impactos aparecem de diversas maneiras. Neste contexto, os trabalhadores, para manter o emprego, acabam aceitando jornadas intermitentes e flexibilizadas. Na rede municipal uberlandense, já temos estes indícios, por meio do surgimento de uma modalidade de docência denominada como itinerante. Esta nomenclatura é dada ao profissional que tem como atribuição substituir atestados dos docentes afastados. Tal função em geral era ocupada por um professor de carreira conhecido por “eventual”, que cobria eventualmente os atestados ou falta de outros docentes na escola.

Curiosamente, o ideal seria que estes professores fossem um servidor público de carreira com todas as suas garantias e direitos. No entanto, este projeto foi denominado docência itinerante e implantado num período crucial — durante o recesso dos servidores públicos —, o que não permitiu mobilização adequada. O processo ocorreu em 28 de julho de 2022, publicado no Diário Oficial nº 6417, de 02 de agosto do citado ano. Naquele momento, a Prefeitura de Uberlândia publicou na resolução conjunta SME/SMA nº001/2022²⁶ e “institui o projeto de docência itinerante para contratação temporária de professores para substituição de professores afastados”. Assim,

Considerando o alto índice quantitativo de professores com afastamento médico de curto e de longo período, que no mês de maio do corrente ano, chegou ao total de 2.750 (dois mil setecentos e cinquenta servidores) servidores afastados, com 12.348(doze mil, trezentos e quarenta e oito) dias de afastamentos; considera a imediata necessidade de suprir a ausência destes professores nas unidades escolares [...] (Dom, 2022, p. 55).

A saúde do servidor e os motivos deste afastamento do trabalho não foram apontados no diário do município. É importante destacar que a possibilidade deste servidor ser um professor eventual e executar esta mesma função seria possível, visto que existe concurso vigente na cidade. Contudo, é menos oneroso para o poder municipal ocupar esta função com profissionais aprovados em processo seletivo que empossar efetivos. A redução dos gastos envolve desde o não pagamento pela titulação do servidor, não contempla as progressões de nível e grau, perda contratual a cada dez meses ao servidor, o que impossibilita geração de vínculo, pois a PMU encerra o contrato com a finalização do ano letivo, inviabilizando, por exemplo, o direito e o acesso ao plano de saúde, entre outros.

A grande flexibilidade ofertada ao capital é sinônimo de precarização para a classe trabalhadora que vivencia a perda de direitos sociais historicamente conquistados em meio a reformas trabalhistas que promovem contratos de trabalho precários e até mesmo nenhum contrato, sob a mediação das plataformas digitais, como no caso dos trabalhadores uberizados. (Previtali e Fagiani, 2022, p 158).

Além das questões indicadas, o profissional faz seu trabalho em qualquer escola da cidade. Com isto, ele fica lotado na assessoria pedagógica do município Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE), responsável por direcionar onde o funcionário deverá atuar e o período das atividades. Desta maneira, independentemente da localização de sua moradia é sua função deslocar para qualquer região de Uberlândia. O

²⁶ Documento completo em Anexo 1.

trabalhador recebe apenas o transporte de ônibus, devendo executar sua função sem nenhum tipo de benefício adicional por estar em região diferente da que vive. Para facilitar o deslocamento, no mínimo, a prefeitura poderia fornecer transporte para este funcionário, o que não ocorre se ele trabalhar em zona urbana. A partir disto, é importante destacar que não existem ações práticas que demonstrem este tipo de preocupação com a qualidade de vida e as condições de trabalho do docente. Essa questão é colocada por João,

Eu vejo como muito prejudicial, infelizmente, porque não há uma visão do estado, principalmente dos gestores com esta visão de direita, como se apresentam no momento. Não há uma visão destes administradores de que o Estado deve cumprir o seu papel social e deve cumprir de certo modo, aquilo para o qual nós pagamos os nossos impostos. Então, a política de enxugar a máquina administrativa é uma política que não leva em consideração o movimento do próprio trabalhador, que ele está inserido, com seus direitos. Não leva em consideração aquilo que são os nossos impostos pagos. (João, entrevista, 17/10/2022)

Este desmonte continua, porque, na visão da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Uberlândia (SINTRASP), a reforma trabalhista aprovada em três de janeiro de 2023 também aniquilou mais direitos dos profissionais. Com isto, docentes serão obrigados a colaborar com o Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Uberlândia (IPREMU) por mais sete anos, passando o professor a precisar trabalhar até 40 anos na sala para ter direito à aposentadoria integral. Quanto à idade mínima para aposentar como docente, ela passou de 55 para 60 anos, para homens, e aumentou de 50 para 57 anos a aposentadoria para as mulheres. Além disto, seria votada uma lei complementar municipal nº131, na qual o servidor teria o direito ao afastamento para tratamento de saúde, mas, para fins de contagem de tempo, esta licença se limita a 24 meses de toda vida funcional. Contudo, os vereadores representantes de partidos de esquerda conseguiram retirar esta cláusula. Segundo Roberta, “Os maiores desafios estão na falta de valorização da educação básica pública e do docente, uma má remuneração e condições ruins de trabalho. (Roberta, entrevista, 10/11/2022)”.

Estas mudanças prejudiciais aos trabalhadores são implementadas aos poucos. Recentemente, a PMU terceirizou o processo de limpeza das escolas. Para isto, repassou às empresas terceirizadas a responsabilidade e execução destes serviços. Assim, o funcionário contratado para prestação destes serviços na PMU foi dispensado e os concursados, conforme avança o tempo de serviço, aposentar-se-ão extinguindo esta classe do serviço público. Os concursados foram realocados para trabalhar com serviço de cozinha com a manipulação dos alimentos e preparar os lanches. Neste, não houve dispensa porque são funcionários de

carreira efetiva e, segundo a normativa, quem trabalha com alimentação não pode atuar também na faxina. Isto demonstra que a administração municipal não tem interesse em manter a carreira de auxiliar de serviços básicos (ASB) como funcionários da prefeitura.

O estado a cada dia estaria se eximindo de suas competências, caminhando para o desejo dos governantes: uma política do Estado Mínimo. Durante nossas entrevistas quando perguntamos sobre o movimento de implementação de setores da limpeza para empresas terceirizadas que ocorreu nas redes públicas municipais e avança para rede estadual, o que achavam, destacamos,

São coisas que parecem ser sutis. Eu acho uma perda muito grande, porque pode levar que a educação no Brasil volte a ser uma educação paga. E a gente já viveu esta realidade no Brasil, onde quem não tinha dinheiro, não podia estudar e, ainda hoje existem pessoas fora da escola. Mas eu acho que tanto o SUS quanto a educação pública são um avanço social, e eu acho que a terceirização vai comprometer este avanço. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Ou seja, terceirizar é desonerar o Estado daquilo que é o seu papel, então, é literalmente lavar as mãos diante daquilo que é sua responsabilidade. Se o Estado não atuar para aquilo que é público, quem é que vai atuar? Principalmente quando a gente pensa naqueles profissionais, por exemplo, os profissionais que fazem a manutenção da escola, que serve um alimento, enfim, estas pessoas, onde que está o garantido delas? Onde está o trabalho com fundo de participação social, onde o Estado efetivamente entra? Quando o Estado faz este movimento, e eu entendo que é um movimento global, o Estado não quer se comprometer com aquilo que é da sua responsabilidade e é muito triste. Infelizmente, um indicador muito negativo daquilo que é papel do Estado, ou seja, o Estado não tem interesse em cumprir definitivamente a sua função. Ele quer desonerar a folha, ele quer lavar as mãos dele, que é um Estado mínimo, para aquilo que se entende como operacionalização da máquina pública. É bom para o administrador, porque ele pode usar os seus bens, não é, digamos assim, um recurso que ele capta para outros fins, mas para cumprir o seu papel social, ele, infelizmente, negligencia e muito aquilo que é o seu papel. Eu penso que alguns setores vão ter que lutar mais, alguns setores vão ter que se manifestar mais, se posicionar mais. Os professores terão uma força maior pelo contingente, em relação aos demais profissionais que estão na escola. Eu sinto que os professores pelo aspecto da coletividade, pela quantidade de profissionais eles têm meios de lutar. (João, entrevista, 17/10/2022).

Daniela aborda um processo histórico vivenciado no Brasil, porque até a edição da LDB de 1996, não tínhamos ensino obrigatório da educação básica. Com isto, muitas famílias não conseguiam progredir nos estudos por falta de condições econômicas. Para João a forma que este modelo atua, é prejudicial para todos. Visto que o estado que se eximir do seu papel social.

Adiante outra questão interligada aos salários estava em reivindicação nos grupos de professores. Eles solicitam o recebimento do rateio do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

(FUNDEB), durante a pandemia. Contudo, a justificativa para que isto não se efetue é que não existe saldo remanescente para este pagamento. Isto é parte de uma política que nega o direito do servidor em conseguir melhores patamares de remuneração,

O padrão de gerencialismo neoliberal instaurado primeiramente no Chile, em 1973, durante o Governo de General Pinochet, posteriormente na Inglaterra em 1979, no governo de Margareth Thatcher, nos EUA em 1981, no governo de Ronald Reagan, na Alemanha em 1983 com Helmut Kohl; tornou-se hegemônico no mundo a partir dos anos de 1990. Este padrão que foi denominado por neoliberalismo teve como principal elemento constitutivo uma concepção cultural para ocasionar um domínio econômico. No Brasil, em particular foi-se constituindo uma cultura no qual os serviços públicos oneravam a coisa pública, pois além de ineficientes eram muito mais caros, devido, principalmente, ao enorme número de paquidermes e vagabundos que se constituíam na grande massa de servidores do Estado. (Lima, 2022, p. 52)

Todas estas questões abordadas deixam transparecer como estes gestores compreendem a educação como ônus estatal. Sob a visada de tais agentes, as políticas educacionais sofrem todos os tipos de retaliações. Isto são resquícios de pessoas que administram a gestão da educação brasileira com pensamentos liberais, e retiram direitos dos trabalhadores e almejam privatizar a educação. Para Anderson (1995), os agravos deste modelo liberal já são perceptíveis:

Neste sentido, qualquer balanço atual do neoliberalismo só pode ser provisório. Este é um movimento ainda inacabado. Por enquanto, porém, é possível dar um veredicto acerca de sua atuação durante quase 15 anos nos países mais ricos do mundo, a única área onde seus frutos parecem, podemos dizer assim, maduros. Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonham, disseminando a simples ideia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se a suas normas. Provavelmente nenhuma sabedoria convencional conseguiu um predomínio tão abrangente desde o início do século como o neoliberal hoje. Este fenômeno chama-se hegemonia, ainda que, naturalmente, milhões de pessoas não acreditem em suas receitas e resistam a seus regimes. A tarefa de seus opositores é a de oferecer outras receitas e preparar outros regimes. Apenas não há como prever quando ou onde vão surgir. Historicamente, o momento de virada de uma onda é uma surpresa. (Anderson, 1995, p.8)

Para compreender como esta questão transparece na política e afeta o trabalho docente no Brasil revisitamos o conceito do liberalismo, as origens e alguns danos deste modelo na organização da educação nacional.

2.5 A influência do liberalismo na gestão educacional brasileira

O modo como entendemos a dinâmica das relações sociais, implicam no conceito de duas palavras: Ideologia e Utopia. Elas transmitem de que modo organizamos nossos pensamentos e ações e qual a perspectiva temos para a apreensão da realidade. De um lado, o verbete Ideologia surge em um contexto muito diferente do qual estamos acostumados a utilizar. De acordo com Löwy (2010), num primeiro momento, um enciclopedista Destutt de Tracy, na França, valeu-se do termo para se referir à zoologia, e Napoleão aproveitou a ocasião para criticar Traccy, dizendo que os “ideólogos” são metafísicos e fazem abstrações da realidade. Assim, a história do uso da palavra deu a ela um novo significado:

Ideologia é o conjunto das concepções, ideias, representações, teorias, que se orientam para estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida. São todas aquelas doutrinas que têm um caráter conservador no sentido amplo da palavra, Isto é, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, servem a manutenção da ordem estabelecida. (Mannheim apud Löwy, 2010, p.12-13).

Por outro lado, “as utopias, ao contrário, são aquelas ideias, representações e teorias que aspiram uma outra realidade, uma realidade ainda inexistente. Têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para sua ruptura” (Lowy, 2010, p.13). Dentro desta complexidade, nossa pesquisa foi posicionada no contexto das Ciências Humanas e Sociais, haja vista estes saberes possuírem raízes dialéticas enquanto elemento de transformação da realidade econômica e social que vivenciamos. Neste sentido, esta tendência dialética na educação brasileira corresponde a uma:

[...] necessidade de uma teoria histórico social na formação de indivíduo, por considerar que tal teoria pode se constituir no centro deste corpo teórico mediador (e, portanto, histórica), não nos parece possível analisar crítica e historicamente o processo pedagógico sem a mediação de uma teoria na qual a formação do indivíduo seja concebida enquanto um processo essencialmente histórico e social (Duarte, 2001, p. 20).

Nesta pesquisa, ao investigarmos o trabalho docente, também acreditamos que ele é um agente de transformação da realidade vigente. Logo, acredito e defendo que as questões sociais, a atuação do estado nos serviços públicos e o pensamento democrático são imprescindíveis em nossa nação. Por isto, os cuidados com a população na prestação de serviços, principalmente educacionais, são fundamentais. Deste modo, destacamos e

salvaguardamos que o Estado precisa atuar e criar condições sociais para que todos tenham acesso aos serviços e garantias fundamentais.

Contudo, diversos governantes possuem visões divergentes de tais perspectivas. Nos últimos anos, eles ocupam cada vez mais espaços de governabilidade. Isto demonstra o crescimento da perspectiva neoliberal na educação.

O grande erro cometido por aqueles que anunciam a “morte do liberalismo” é confundir a representação ideológica que acompanha a implantação das políticas neoliberais com a normatividade prática que caracteriza propriamente o neoliberalismo. Por isto, o relativo descrédito que atinge hoje a ideologia do *laissez-faire* não impede de forma alguma que o neoliberalismo predomine mais do que nunca enquanto sistema normativo dotado de certa eficiência, isto é, capaz de orientar internamente a prática efetiva dos governos, das empresas e, para além deles, de milhões de pessoas que não têm necessariamente consciência disto. Este é o ponto principal da questão: como é que, apesar das consequências catastróficas a que nos conduziram as políticas neoliberais, estas políticas são cada vez mais ativas, a ponto de afundar os Estados e as sociedades em crises políticas e retrocessos sociais cada vez mais graves? (Dardot e Laval, 2023, p.15, grifo do autor).

Por este motivo faz-se mister destacamos historicamente o surgimento desta influência e deste tipo de pensamento. Sob esta visada, podemos encontrar como os principais expoentes liberais autores, como Hayek (2011)²⁷, Mises (2010)²⁸ e Rothbard (2013)²⁹, entre outros.

²⁷ Friedrich August von Hayek nasceu em Viena em oito de maio de 1899, numa família de intelectuais: o pai, August, era médico e apaixonado por botânica e a mãe, Felicitas, filha de um economista estatístico. Nobel em Economia em 1974, devido seu trabalho sobre os “booms” e colapsos econômicos; obteve doutorados da Universidade de Viena entre 1921 e 1923, em Leis e Política Econômica. Casou-se com Helen Berta Maria von Fritsch em 1926, com quem teve dois filhos: Christina Maria Felicitas e Lorenz Josef Heinrich von Hayek. Eles se divorciaram em 1950, semanas depois Hayek se casou com Helene Bitterlich. Morreu pouco antes de completar 93 anos, em 23 de março de 1992 na Alemanha. Os trabalhos contributivos de Hayek para a Economia e o Liberalismo se construíram à luz do programa de cooperação social desenvolvido por Mises, algo particularmente evidente em sua exposição dos problemas do Socialismo. Hayek e Mises trabalharam diretamente juntos por cinco anos num escritório do governo e desde 1927 no Instituto Austríaco de Pesquisa de Ciclo de Negócios que eles desenvolveram. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/friedrich-august-von-hayek/>>. Acesso em: 10 de out. de 2022.

²⁸ Ludwig von Mises foi um dos mais notáveis economistas e filósofos liberais da história e o principal teórico da Escola Austríaca de Economia do século XX. Doutor em Leis e Ciências Sociais, ele desenvolveu a Praxeologia, método dedutivo para se entender a Economia, além de ser considerado o pai da Escola Neo-austríaca de Economia. De origem judaica, o estudioso nasceu em 29 de setembro de 1881 em Lemberg, na época, uma cidade considerada do Império Austro-húngaro. Ludwig Heinrich Edler von Mises era o primogênito de 3 filhos. Seu pai era um engenheiro ferroviário, Arthur Edler von Mises, e sua mãe, Adele Landau, fazia trabalho de caridade num orfanato judeu. Disponível em: <https://www.mises.org.br/article/33/ludwig-von-mises-1881-1973>. Acesso em: 10 de out. de 2022

²⁹ Murray N. Rothbard nasceu em 2 de março de 1926, filho de David e de Rae Rothbard, vindo a falecer em Nova Iorque, em 7 de janeiro de 1995. Ele foi um economista heterodoxo norte-americano da Escola Austríaca, historiador, filósofo político que ajudou a definir o conceito moderno de libertarianismo. Ele fundou e foi principal teórico de uma vertente de anarquismo baseada no livre mercado, denominada "anarcocapitalismo", um firme defensor do revisionismo histórico e uma figura central no movimento libertário americano do século XX. Ele escreveu mais de vinte livros sobre teoria política, revisionismo histórico, economia e outros assunto. Ele já era um aluno brilhante quando ainda era criança; e seu histórico acadêmico na Columbia University, onde ele se formou em matemática e economia, era notável. Murray N. Rothbard, um intelectual de variedade extraordinária, fez grandes contribuições no campo da economia, da história, da filosofia política, e do direito.

Existem diversos pensadores liberais que multiplicaram seus pensamentos e defendem uma ação mínima ou restrição do Estado. Por este motivo, dificilmente conseguiremos delimitar toda complexidade que envolve o tema, mas vamos pontuar brevemente algumas questões elencadas pelos autores supracitados.

Inicialmente, é importante questionar o que seria o Liberalismo. Tal pergunta é complexa porque temos o surgimento desta corrente no século XVII, a fim de romper com governos absolutistas. Contudo, ao longo da história, fica notório que ele foi reformulado para atender às demandas econômicas sociais vigentes. Por tais motivos e com vários representantes em diferentes momentos da sociedade, entender o liberalismo por uma única definição é difícil. Assim, sublinhamos que:

Nietzsche disse que apenas seres a-históricos permitem uma definição no verdadeiro sentido da palavra. Assim, o liberalismo, um fenômeno histórico com muitos aspectos, dificilmente pode ser definido. Tendo ele próprio moldado grande parte do nosso mundo moderno, o liberalismo reflete a diversidade da história moderna, a mais antiga e a recente. O alcance de ideias liberais compreende pensadores tão diversos em formação e motivação quanto Tocqueville e Mill, Dewey e Keynes, e, em nossos dias, Hayek e Rawls, para não falar em seus “antepassados de eleição”, tais como Locke, Montesquieu e Adam Smith. É muito mais fácil – e muito mais sensato – descrever o liberalismo do que tentar defini-lo de maneira curta. Para sugerir uma teoria do liberalismo, antigo e moderno, deve-se proceder a uma descrição comparativa de suas manifestações históricas (Merquior, 2014, p.15).

Desta forma, podemos destacar as influências de Maquiavel, Rousseau, Durkheim, John Lock e Dewey no fomento deste pensamento e, tendo em vista tantas vozes a traspasar este conceito podemos dizer que ele é multifacetado. Estes primeiros autores pregam o liberalismo cívico na defesa da escola para todos, de igualdade de oportunidades, de empenho no processo de melhoria da qualidade de vida coletiva na sociedade. Em linhas gerais, estes teóricos abordam a importância da educação e do bom cidadão como um bem público. Na visada deles, o Estado deve garantir e prestar serviços com qualidade que permitam estar alinhados ao bem comum.

Já Stuart Mill (2000), Hebert Spencer e Murray Rothbard (2013) apresentam suas teorias de não subordinação do sujeito ao Estado, afinal o progresso da sociedade não poderia ficar aprisionado nesta sujeição ao governo. Todo este movimento ficou conhecido como

Ele desenvolveu e estendeu a economia austríaca de Ludwig von Mises, em cujos seminários ele foi um participante assíduo por muitos anos. Ele se estabeleceu como o principal teórico austríaco na metade final do século XX, e aplicou a análise austríaca a tópicos históricos, como a Grande Depressão de 1929 e a história do sistema bancário americano. Disponível em: < <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=37>>. Acesso em: 10 out. 2022.

Liberalismo³⁰ ou, nas definições de Melquior (2014), Neoliberalismo. Esta teoria seria baseada na defesa da liberdade do indivíduo em todos os campos — econômico, político, religioso e intelectual — contra a submissão ao poder estatal.

Para além do campo educacional, Hayek (2011) defendia a liberdade econômica do mercado. Segundo ele, a economia é mecanismo complexo para ser planejado por uma única instituição de modo centralizado. Neste sentido, ele acastelava a criação e a emissão de moedas por empresas particulares. Assim,

Até o momento, a principal conclusão é que a maior falha da estrutura de mercado, qual seja, sua suscetibilidade à depressão e ao desemprego periódicos – objetos de justificada censura –, é consequência do milenar monopólio governamental sobre a emissão da moeda. Já não tenho dúvidas de que a empresa privada, se não tivesse sido impedida pelo governo, já teria há muito fornecido ao público uma variedade de moedas, à escolha deste público: seriam vitoriosas na competição aquelas cujo valor se tivesse mantido essencialmente estável e que tivessem impedido tanto a excessiva estimulação do investimento quanto os consequentes períodos de retração (Hayek, 2011, p. 20).

Ao propor um debate sobre a *Desestatização do dinheiro* (2011), Hayek também indica as problemáticas da moeda ser controlada pelo poder estatal. Neste contexto, o autor sugere a entrada de empresas privadas a fim de ampliar a concorrência, solucionar problemas de falsificação de dinheiro e garantir a seguridade dele. Ao propor estas reformas monetárias caberia ao mercado definir qual o dinheiro mais influente no mundo, porque, na visão dele, o mercado sempre está à frente do Estado. A partir deste ponto de vista econômico, o autor critica o papel do Estado porque para ele o poder estatal também controlaria a educação e ensinaria às crianças a obedecê-lo.

Nascido na Prússia e entendido como de mínima intervenção estatal, o modelo de educação obrigatória e financiada pelo Estado moldou-se no tempo e pode ser considerado novo. Para Murray Rothbard (1926-1995) este tipo de instrução é uma política totalitária, conforme o economista destaca na obra *Por uma nova liberdade: o manifesto libertário* (2013):

Para assegurar a dominância do novo estatismo sobre a opinião pública, e que o consentimento do público poderia ser manipulado, os governos do mundo ocidental no fim do século XIX e início do século XX passaram a assumir o controle da educação, da mente dos homens: sobre as universidades e a educação em geral, através das leis de obrigatoriedade de frequência escolar e de uma rede de escolas públicas. As escolas públicas foram utilizadas de maneira consciente para incutir a obediência ao Estado, bem como outras virtudes cívicas entre seus jovens

³⁰ Doutrina baseada na defesa da liberdade individual, nos campos econômico, político, religioso e intelectual, contra as ingerências e atitudes coercitivas do poder estatal.

protegidos. Além disto, a estatização da educação garantia que um dos principais grupos interessados na expansão do estatismo fossem professores e profissionais de educação da nação (Rothbard, 2013, p. 27).

A citação coaduna com o texto *A Educação: livre e obrigatórios* (2013), do mesmo economista, pois ambas apresentam a defesa ao ensino individualizado. Este argumento é uma das críticas do autor ao processo de escolarização ser controlada pelo Estado desde a tenra infância até o Ensino Superior, uma vez que, nesta conjuntura, os governos poderiam utilizar desta formação para ajustar os indivíduos aos seus próprios interesses. Esta argumentação justificaria que a escola inibiria o pensamento sistemático.

A educação na perspectiva do Liberalismo demonstrou o receio de Hayek (2011) e de Rothbard (2013) à intervenção do Estado em áreas como educação e economia. Dentro deste modelo de pensamento de não intervenção estatal, Mises (2010) contribuiu com seus pressupostos da Escola Austríaca³¹. Mises é um defensor do liberalismo econômico, porque somente uma sociedade livre possibilitaria mobilidade social, tolerância e real igualdade. Para ele, este controle do estado sobre a educação atrapalharia o cidadão. Em vista disto, o autor cita o exemplo de países como França, na qual a língua materna no ensino é o Francês, mas ele ressalta que, em lugares com extensões maiores, tal imposição se torna um problema porque os dialetos são perdidos em nome de uma unificação controlada pelo Estado que deseja colocar todos os indivíduos subordinados a mesma linguagem. Assim,

Há, apenas, um único argumento que guarda uma correlação com toda esta questão, a saber: a adesão reiterada à política de educação compulsória é totalmente incompatível com os esforços para estabelecer-se a paz duradoura [...] o problema da educação compulsória tem um significado totalmente diferente em áreas extensas, nas quais vivem juntos povos que falam línguas diferentes, misturadas numa confusão linguística. Aqui, o problema da determinação da língua que deva ter a preferência para formar a base da instrução assume importância crucial. A decisão por um outro caminho poderá, com o passar dos anos, determinar a nacionalidade de toda a área. A escola pode alienar as crianças da nacionalidade à qual seus pais pertencem e pode ser utilizada como meio de opressão sobre todas as outras nacionalidades. Quem controlar as escolas terá o poder de prejudicar outras nacionalidades e beneficiar a sua própria (Mises, 2010, p. 132-133).

³¹ Essa escola foi criada por Carl Menger a partir de uma teoria da utilidade marginal. Menger tentou explicar o sistema de preços como sendo o resultado de interações voluntárias e propositais entre compradores e vendedores, cada qual guiado pelas próprias e subjetivas avaliações sobre a capacidade de vários bens e serviços em satisfazer seus objetivos (o que hoje chamamos de *utilidade marginal*, um termo que foi posteriormente cunhado por Friedrich von Wieser). Assim, o comércio é o resultado de tentativas deliberadas das pessoas em melhorar seu bem-estar, e não de uma "propensão inata para mascatear, permutar ou trocar", como foi sugerido por Adam Smith. Disponível em: < <https://www.mises.org.br/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2020.

Para Rothbard (2013), se a escolarização é controlada pelo Estado, a individualidade é suprimida e isto reduziria a aprendizagem ao currículo mínimo. Com isto, ocorreria um excesso de uniformidade e suposição de igualdade no ensino. Conseqüentemente, o currículo unificado poderia atrapalhar o desenvolvimento do indivíduo porque seria limitante.

Ao colocar todos em situações iguais de ensino, ocorreria um problema porque aqueles com capacidades elementares superiores estariam reféns de um currículo pensado para discentes medianos. A este respeito, Rothbard (2013) cita, por exemplo, a área da matemática a qual diversos alunos não gostam ou são poucos habilidosos com a aritmética e, neste processo de escolarização simultânea e obrigatória destinado às massas, todos precisam cursar o mesmo programa. Desta forma, ambos os lados são prejudicados com este tipo de ensino a partir desta padronização, pois aluno com habilidades superiores estuda com discentes que não possuem aptidão para a matéria. Como resultado, o educando com potencial na área fica limitado aos outros, enquanto aqueles com pouca habilidade — nas palavras do autor, sujeitos tidos como “lerdos” — se esforçam pouco.

Além destas questões outras críticas do autor, ele sublinha que a escola pública corresponde à necessidade desta igualdade e de uniformização dos sujeitos no processo de escolarização. Um comparativo destes dois elementos pode ser realizado em nossa realidade brasileira de letramento a partir do exemplo hipotético da existência de estudantes os quais estejam cursando o primeiro ano da Educação Básica e, entre eles, alguns já atuam como leitores e produtores de pequenos textos, e outros que nunca frequentaram a escola³². Isto acaba por pausar os avanços daqueles alunos aptos a adiantar-se no processo de alfabetização e reduz a turma ao nivelamento progressivo porque todos, em geral, precisam acompanhar um mesmo ritmo. Posto isto, os alunos com as competências consolidadas acabam retardando o próprio aprendizado porque são limitados pelo progresso da sala. Além disto, fatores como a necessidade de cursar um ano pela idade, ou seja, seguir a seriação pode atrapalhar a aprendizagem.

Ao considerar estes casos e as ideias dos autores libertários, ou seja, aqueles enquadrados como liberais, eles supõem uma “radicalidade no ensino”, em alguns aspectos, estes debates poderiam contribuir para refletirmos como o nosso sistema obrigatório de ensino necessita de revisões, pois as críticas realizadas à escola pública poderiam se transformar em sugestões para reajustarmos o modelo vigente.

³² Para além da mera hipótese, isso acontece no Brasil, pois, apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional considerar a educação obrigatória a partir dos quatro anos de idade, alunos chegam à escola aos seis anos de idade sem nunca terem frequentado a escola.

No próximo capítulo denominado “A indústria 4.0 e educação 4.0”, debatemos como tais acontecimentos repercutem no trabalho docente. Vamos discutir a precarização da docência, apresentaremos as cobranças de novos modelos educacionais nas escolas públicas e a contradição com os aspectos relacionados à preparação e infraestrutura.

3 A INDÚSTRIA 4.0 E A EDUCAÇÃO 4.0

Boca de lobo crioulo

Um por rancor
 Dois por dinheiro
 Três por dinheiro
 Quatro por dinheiro
 Cinco por ódio
 Seis por desespero
 Sete pra quebrar a tua cabeça num bueiro
 Enquanto isto a elite aplaude seus heróis
 Pacote de Seven Boys [...]
 É que o diamante de Miami vem com sangue de Ruanda
 Poder economicon, cocaine no helicopteron
 Salário de um professor: microscopicon
 Feito papito de papel próprio
 Letra com sangue do olho de Hórus
 É que a indústria da desgraça pro governo é um bom negócio
 Vende mais remédio, vende mais consórcio
 Vende até a mãe, dependendo do negócio
 Montesquieu padece, lotearam a sua fé
 Rap não é um prato aonde cê estica que cê qué'
 É a caspa do capeta, é o medo que alimenta a besta
 Se três poder vira balcão, governo vira biqueira
 Olhe, esta é a máquina de matar pobre
 No Brasil, quem tem opinião, morre

Criolo, Daniel e Nave

Neste capítulo vamos discutir o conceito e a caracterização da Indústria 4.0 e a Educação 4.0. A partir destes elementos analisamos como isto ocorreu no Brasil e a repercussão no mundo do trabalho docente. Para isto, realizamos um recorte temporal de 2018 até 2022, sobre as questões históricas que em nosso olhar demonstram esse período em nosso país.

Inicialmente, para realizamos estas discussões, coletamos nas bases de dados científicas como nosso tema estava em relação às produções já desenvolvidas sobre a temática. Após procurar estes elementos reelaboramos alguns tópicos da nossa pesquisa.

A partir disto, realizamos o levantamento de qual era o panorama das revoluções industriais até a indústria 4.0. Assim expusemos como a CNI, o MDIC e a ABDI regulam a implementação deste fenômeno em nosso país e interferem na área educacional.

Na sequencia houve um indicativo de como o MEC e o MDIC entidades públicas atendem a interesses das esferas privadas e reconfiguram os objetivos dos modelos educacionais no país. Ademais demonstramos como isto impactou a área educacional em relação ao desenvolvimento do trabalho docente. Por fim, como perpassamos o período de pandemia, a relação disso com o trabalho docente e a intensificação da precarização, e a desvalorização do professorado. Por último, destacamos os desgastes com a saúde física e mental dos professores.

3.1- Revisão da pesquisa em bases de dados.

Uma breve pesquisa sobre a temática tem como objetivo verificar como estão os trabalhos e produções publicadas envolvendo as palavras chave desta tese. Neste estudo são respectivamente: trabalho docente, Indústria 4.0 e Educação 4.0. Digitando no Google com alcance de dados internacionais encontramos sem filtros, aproximadamente, 482.000.000 resultados, no Google Acadêmico por volta de 265.000.000.

Consequente a base de dados as Teses e Dissertações disponíveis no catálogo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), podemos encontrar “trabalho docente”, identificamos 18.703 de resultados. Quando realizamos uma subdivisão apresentavam entre mestrado 11.472 e doutorado 3.688 trabalhos. Quando a busca é focada em Educação 4.0, encontramos sete resultados, e incluindo a palavra indústria 4.0, apenas seis resultados. O filtro capta a palavra educação e não o contexto dela com 4.0. Por este motivo aparecem inúmeros resultados, na plataforma em Catálogo de Teses e Dissertações. Ademais neste momento ainda não é possível adicionar o símbolo +4.0 e/ou – (símbolo), para uma filtragem mais próxima do meu trabalho, algo que já possível em outros indexadores.

O Repositório Institucional UFU, aparecem com todas as palavras 2.446 trabalhos. Ao efetuar uma seleção para “trabalho docente e indústria 4.0”, aparecem dois trabalhos: “indústria 4.0 e suas implicações sobre o processo de industrialização no Brasil”, do discente

Thiago Fernandes Pires e Sarah Arvelos Altino sua orientadora no trabalho de conclusão de curso de Engenharia Química. Na área da educação a tese “indústria 4.0 e as mudanças no mundo do trabalho e da Educação: qualificação e precarização” de Ana Paula de Castro e sua orientadora Fabiane Santana Previtali. E aparece apenas este último trabalho quando colocamos educação 4.0.

Em outra plataforma a Base Scientific Electronic Library Online (SCIELO), demonstrava 19 artigos, quando buscamos todas as palavras, e após refinamento por Educação 4.0, e filtro para as áreas de Ciências Humanas e Sociais apresentam apenas quatro artigos até 2022.

Já o Portal de periódicos da CAPES, clicando em acervo e efetuando a busca por assunto com as três palavras chaves aparecem quinze artigos. Com a filtragem para Indústria 4.0 e Educação 4.0, identificamos que o número de resultados caiu para seis. Após filtrar por periódicos revisados por pares, aparecem respectivamente dois artigos.

O primeiro Souza e Gonçalves (2022), com o título: “Somos todes youtubers? Indústria 4.0 e precarização do trabalho docente em tempos de pandemia”. Neste trabalho identificamos um estudo ocorrido sobre a pandemia e a intensificação do uso de plataformas digitais na vida universitária da área de Serviço Social. As pesquisadoras concluíram que a intensificação do trabalho docente aumentou mediante ao uso de recursos tecnológicos, o aumento de produtividade que podem ser executadas em qualquer espaço e momento acelerou o tempo de trabalho dos docentes.

O segundo de Previtali e Fagiani (2022) em pesquisa intitulada “Trabalho docente na educação básica no Brasil sob a indústria 4.0”, houve um recorte no período da pandemia e como ocorreu o teletrabalho na perspectiva da Indústria 4.0. A metodologia utilizada foram fontes bibliográficas revelam como resultado houve o aumento da precarização do trabalho docente na pandemia.

Esta situação corrobora com os vários dos relatos realizados em nossa pesquisa, sobre o excesso de trabalho, o professor João dizia que as divisões entre os momentos dedicados a família e ao trabalho docente não tinham separações específicas:

Olha. Eu faço a eleição do mais desgastante pelo aspecto de ter disponibilizado o meu tempo de vida pessoal para o lado profissional. Então eu senti que eu não tinha o meu horário pessoal. Principalmente no primeiro ano da pandemia, eu percebi que a atividade, por exemplo, de Pets, elas eram desenvolvidas dentro de uma possibilidade, que aluno podia produzir, mas a minha devolutiva ela era a qualquer momento que o aluno enviasse para mim, então estava conforme esta demanda. Então, se o aluno mandasse para mim x horário, eu deveria retornar na próxima semana. Então se for todos fora de um horário, no último horário do último dia.

Então por exemplo, se um mandasse no domingo, e eu retornasse na terça, então eu tinha que ler tudo no domingo e na segunda, para devolver na terça. As devolutivas foram acumulando muito, até o momento que eu não dei conta, de dar a devolutiva a contento. E aí eu comecei a me sentir desgastado porque eu não estava conseguindo responder minhas atividades (João, entrevista, 17/10/2022).

Além disto, para João o aspecto mais cansativo era conseguir corrigir e dar a devolutiva de acordo com a chegada e saída dos planos de estudos tutorados dos PETs. Havia uma cobrança por parte dos gestores de efetuar uma devolutiva o mais rápido possível. De acordo com João a ideia era não deixar o aluno esperando e isto gerar uma desistência do discente devido à demora em receber retorno de seus trabalhos. Para Jane, sua maior preocupação era evitar o abandono ou evasão escolar, por isto aceitava atividades escolares,

Através de rede social, de e-mail, a qualquer hora do dia estava chegando e-mail de aluno com dúvida, então o horário passou a ser o horário dele. Tanto é que no início eu me achava na obrigação de responder as mensagens na mesma hora em que elas chegavam. Não era uma imposição da escola ou do Estado, era o meu jeito de pensar, se ele está chegando até a mim agora, eu não posso deixar ele se perder, então eu vou responder agora. Então era meia noite ou uma hora da manhã e eu me via respondendo a uma mensagem até eu entender que aquilo estava me fazendo mal. Então eu comecei a me policiar e deixar claro para o aluno que teria um horário de atendimento, porque eu vi que eu **estava trabalhando desde a hora que eu acordava até a hora que eu ia dormir. Eu não tinha mais o meu horário de entrada e saída da escola.** Então a demanda foi muito maior, até mesmo porque que, além de ter que fazer isto, eu estava tentando, **ao mesmo tempo, aprender a lidar com todas estas ferramentas.** (Jane, entrevista, grifo nosso, 23/11/2022).

Em algumas situações o desgaste de trabalhar remotamente se uniu a necessidade de aprendizagem das ferramentas. Algo que há décadas é discutido no ambiente educacional, não como instrumento substituto do trabalho docente, mas como algo complementar da sua prática pedagógica. Para Carolina (2022), ocorreu situação semelhante,

Com relação à pandemia nos anos de 2020 e 2021, as sequelas são grandes, mas a gente tem outros subterfúgios para a gente se cuidar para não ficar doente e conseguir continuar na sala de aula, porque aquele período foi muito difícil para nós. **Tinha dias que eu chorava porque eu não sabia abrir o aplicativo Google Meet,** mas tive a sorte de contar com a minha filha que é muito esperta. Me deu um show naquela época, me ensinou tudo, até mesmo fazer as postagens no Classroom. **Aquele período foi uma escola que nos deixou marcas de guerra.** São traumas que ficam. E eu fui marcada por isto. Faz parte da história, me tornei uma pessoa melhor, mais resiliente, aprendi muito. (Carolina, entrevista, grifo nosso, 07/11/2022).

Por um lado, este breve panorama da leitura destas pesquisas nos possibilitou identificar que algumas investigações encontram resultados semelhantes aos coletados em nossas entrevistas. Por outro lado, demonstrou ser um assunto atual e com enfoques

multidisciplinares. Em algumas pesquisas das áreas de ciências sociais, por exemplo, era necessário buscar pelo sinônimo de quarta revolução industrial ou manufatura avançada quando procuramos sobre indústria 4.0, no Brasil.

Portanto, por meio destas filtragens e a leitura dos resumos de alguns trabalhos, efetuei uma breve revisão dos meus estudos e a reorganização de alguns elementos da tese. A partir disto e seguindo a linha metodológica da pesquisa, no próximo tópico houve uma busca dos aspectos históricos sobre as produções industriais no cenário mundial e da indústria 4.0 e suas influências na realidade brasileira.

3.2 - Panoramas das revoluções industriais até a Indústria 4.0 no Brasil.

A evolução industrial tem sido uma parte fundamental da economia mundial, impulsionando o crescimento econômico e a inovação tecnológica. Ao longo dos séculos diversas revoluções industriais transformaram radicalmente os processos de produção e a forma como vivemos. Como descrito por Marx (1983) dentro destes modelos nos moldes capitalistas às relações humanas com a natureza passam a ter um caráter exploratório porque o homem retirava da natureza mais recursos em relação a sua necessidade, estes produtos se tornaram mercadoria dentro do modelo econômico capitalista de produção.

Vejamos, o Taylorismo, Fordismo e Toyotismo, são modalidades históricas de produções industriais. Em meados do século XX, a ciência e tecnologia auxiliaram a indústria a aumentar sua produtividade.

Frederick Winslow Taylor ficou conhecido como o pai da Administração Científica porque implementou ideias para organização e planejamento na produção. De tal modo que ele desejava aumentar a produtividade do sistema em menor tempo.

Em 1910, nos EUA, Henry Ford, realizou algumas adaptações para aumento de produtividade. Com isto, ele programou em suas fábricas máquinas no qual o tempo de produção não seria mais determinado pelos funcionários, mas pelas esteiras automatizadas. Deste modo era possível acelerar mais a produção. A fabricação em massa de uma única mercadoria também era característica deste modelo.

Neste molde produtivo em níveis globais, o consumo destes itens não acompanhou a produção e acabou por gerar estoques nas indústrias. Com o advento da primeira Guerra Mundial as vendas declinaram. Com isto, ocorrem instabilidades constantes no capitalismo, causadas pela abundância de mercadorias produzidas nas industriais e áreas agrícolas,

consequentemente o desaparecimento da moeda e do poder de compra. Algo que podemos demarcar na década de 1920 e 1930, onde ocorreu a quebra da bolsa de valores que afetou o país todo. Adiante,

O fordismo e o taylorismo já não são únicos e mesclam-se com outros processos produtivos (neofordismo, neotaylorismo, pós-fordismo), decorrentes das experiências da “Terceira Itália”, na Suécia (na região de Kalmar, do que resultou o chamado Kalmarnianismo), do Vale do Silício nos EUA, em regiões da Alemanha, entre outras, sendo em alguns casos até substituídos, como a experiência japonesa a partir do toyotismo permite constatar (Antunes, 2011, p. 23).

Estes acontecimentos não pressupõe o descarte dos modelos de produção pré-existentes, mas a cada avanço científico são incorporados dentro de novos processos. Em 1970, Taiichi Ohno criou um modelo que ficou conhecido por Toyotismo, de fabricação japonesa, introduziu o conceito “just in time”.

Nele o modelo de produção e fabricação é de acordo com a demanda e as mercadorias não ficam estocadas. Ocorreu um aumento do uso das tecnologias nas fábricas e substituição de trabalhadores por máquinas. Estas ferramentas eram geridas com precisão por robôs, e permitiram a identificação de cada etapa e maior controle no processo produtivo. De acordo com Reis e Shiroma (2020),

As crises cíclicas do capital produzem ondas de depressão econômica sucedidas por inventivos processos de recuperação impulsionado por políticas que promovem a refuncionalização do capital. Vimos este movimento na crise dos anos de 1970, que foi seguida por uma impactante reestruturação industrial ao lado da atropelada adoção de políticas neoliberais que acarretaram efeitos danosos aos trabalhadores. (Reis e Shiroma, 2020, p.515).

Dentro deste sistema o trabalhador passou a ser denominado como colaborador, reforçando ideias de qualidade total, aumentou sua precarização na medida em que ele tornou-se mais flexível e polivalente. A partir de tais movimentos históricos de produção e sob a égide do capitalismo o desemprego se torna cíclico.

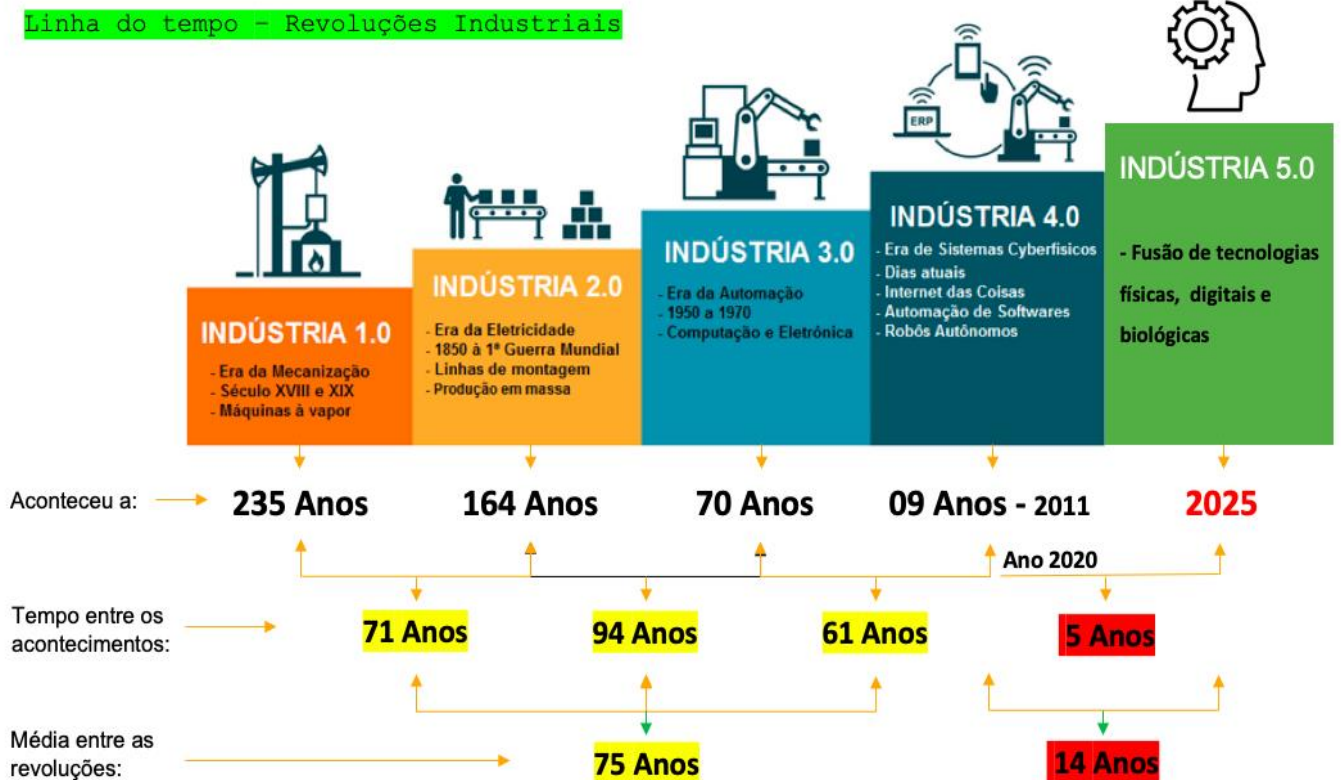
As novas tecnologias que surgiram deste processo propiciaram uma compressão do espaço-tempo, viabilizando uma redução do tempo de produção, viabilizando a emergência de um novo regime de acumulação, chamado flexível, e de novos serviços financeiros. Tais medidas desencadearam deslocamentos fabris, demissões e perda de direitos dos trabalhadores. O resultado foi um enfraquecimento do poder de barganha da classe trabalhadora organizada, abrindo o flanco para novas reformas cada vez mais regressivas. (Reis e Shiroma, 2020, p.515).

A questão da reestruturação produtiva do capital também é discutida no texto de Vianna (2012), "Formação/qualificação dos trabalhadores polivalentes no sistema de produção toyotista". A discussão gira em torno do trabalho e os sentidos construídos historicamente. Neste artigo destacaram-se como estas produções alteram qualificação dos trabalhadores na gestão do toyotismo com a introdução da tecnologia da microeletrônica. Vianna (2012) o controle produtivo foi maior sobre o trabalhador. E como isto se alterou o modo de conceber o trabalho e a produção.

Comecemos enumerando algumas das mudanças e transformações ocorridas nos anos 80. Em uma década de grande salto tecnológico, a automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital. Vive-se no mundo da produção, um conjunto de experimentos, mais ou menos intensos, mais ou menos consolidados, mais ou menos presentes, mais ou menos embrionários. (Antunes, 2011, p. 23).

No século XXI, agora estamos em plena era da Indústria 4.0 ou quarta revolução industrial. Este conceito foi destacado pela primeira vez pelo Governo Alemão, pensando no processo de manufatura empresarial. Podemos destacar que é um modelo permeado por uso de novas tecnologias, automação presente na produção, redução de custos na produção, aumento da eficiência e eficácia nas fábricas. Vejamos como poderíamos organizar a partir do Infográfico:

Figura 10 – As revoluções industriais ao longo da história.



A primeira revolução industrial, caracterizada pela mecanização dos processos de produção, foi impulsionada pela invenção da máquina a vapor. A segunda revolução, no final do século XIX e início do século XX, foram marcados pela produção em massa, industrialização e eletrificação. Já a terceira revolução industrial ocorreu na segunda metade do século XX, com o advento dos computadores e a automação dos processos de produção.

A quarta revolução industrial ou Indústria 4.0, também conhecida manufatura avançada, é um termo que ganhou destaque nos últimos anos, representando a convergência de tecnologias digitais, automação, internet das coisas e IA para redefinir a forma como as empresas operam e interagem com seus clientes e parceiros. A quinta seria a fusão de todas as revoluções e interligação entre os processos físicos, digitais e biológicos.

Ainda vivenciados o quarto momento enunciado com a nomenclatura de "Indústria 4.0", cunhado pela primeira vez em Hannover, na Alemanha em 2011, por meio do projeto

"Indústria 4.0" do governo alemão. Por isto, diversos catálogos e literaturas desta temática são encontrados em língua inglesa.

Este projeto governamental germânico visava catalisar a digitalização e a automação dos processos de produção nas indústrias alemãs. A ideia era utilizar as tecnologias emergentes para criar uma nova forma de produção, altamente eficiente, flexível e personalizada.

Atualmente, enfrentamos uma grande diversidade de desafios fascinantes; entre eles, o mais intenso e importante é o entendimento e a modelagem da nova revolução tecnológica, a qual implica nada menos que a transformação de toda a humanidade. Estamos no início de uma revolução que alterará profundamente a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. (Schwab, 2016, p. 11).

Com este advento houve preocupações relacionadas ao futuro de alguns tipos de trabalho e profissão. Com a automação de tarefas repetitivas e a digitalização de processos algumas etapas de produção são controladas por máquinas e postos que havia pessoas atuando. De acordo com Fernandes dos Reis e Oto Shiroma (2020)

[...] mais recentemente vem se desenhando uma nova onda de transformações, conhecida como revolução 4.0. Ela é caracterizada por inovações como a inteligência artificial, manufatura aditiva, internet das coisas, biologia sintética e sistemas cyber físicos. O conjunto destas transformações tendem a causar profunda reestruturação produtiva e social, permitindo novamente acelerar o tempo de rotação do capital, ampliando a acumulação e ocasionando uma progressiva diminuição do trabalho vivo no processo produtivo. (Fernandes Dos Reis e Oto Shiroma, 2020, p.515).

O termo "Indústria 4.0" faz referência à quarta revolução industrial, que está caracterizado no uso de tecnologias digitais avançadas, como a internet das coisas, computação em nuvem, IA, robótica avançada, teletrabalho, sistemas de simulação e big data. Esta revolução busca conectar todos os elementos da cadeia de produção, desde os fornecedores até os clientes finais, por meio de redes digitais, integrando sistemas e permitindo a troca de informações em tempo real.

Este conceito se apresenta como uma série de benefícios tanto para as empresas quanto para os consumidores. Para as empresas, esta nova forma de produção permite uma maior eficiência e flexibilidade, reduzindo custos e aumentando a produtividade. Além disto, a personalização em massa é um dos principais pilares da Indústria 4.0, permitindo que as empresas ofereçam produtos e serviços altamente personalizados de acordo com as necessidades e preferências dos consumidores.

Para os consumidores, a Indústria 4.0 traz diversos benefícios, como a possibilidade de personalizar produtos de acordo com suas necessidades individuais, aumento na qualidade dos produtos devido ao controle em tempo real dos processos de produção e maior rapidez na entrega dos produtos. Com isto, ela tem grande impacto no mercado de trabalho. Para Antunes (2023), por exemplo, as plataformas digitais de serviços como Uber e Uber eats, 99 Pop, Amazon, Ifood, Airbnb, deliverys, são um dos maiores exemplos do mundo automatizado na indústria 4.0. Além disto, é preciso demarcar que apesar de todos estes aparentes avanços, nem toda população tem acesso aos recursos básicos que caracterizam estes fenômenos,

Nesta revolução, as tecnologias emergentes e as inovações generalizadas são difundidas muito mais rápida e amplamente do que nas anteriores, as quais continuam a desdobrar-se em algumas partes do mundo. A segunda revolução industrial precisa ainda ser plenamente vivida por 17% da população mundial, pois quase 1,3 bilhão de pessoas ainda não têm acesso à eletricidade. Isto também é válido para a terceira revolução industrial, já que mais da metade da população mundial, 4 bilhões de pessoas, vive em países em desenvolvimento sem acesso à internet. O tear mecanizado (a marca da primeira revolução industrial) levou quase 120 anos para se espalhar fora da Europa. Em contraste, a internet espalhou-se pelo globo em menos de uma década. (Schwab, 2016, p. 17)

A automação da IA avança e a cada dia ocupa mais espaços. De acordo a pesquisa do Goldman Sachs (2023) o avanço do ChatGPT, já é capaz de aumentar a produtividade de conteúdo de maneira indistinguível da produção humana, e de acordo com os pesquisadores isto poderia provocar a automação de um quarto de trabalho realizado na zona do Euro e Estados Unidos, isto seria em torno de 300 milhões de empregos. Neste caso os benefícios são excelentes para o empresariado que conseguiriam aumentar o controle e produção dos trabalhadores.

Isto atinge o campo educacional para controle de produtividade do setor público. Na área da educação a gestão educacional é tratada por alguns setores governamentais idênticas ao modelo de gerenciamento de uma empresa. De tal forma, dados de produtividade são coletados para acompanhamento do trabalho docente. Em Minas Gerais na rede estadual informações foram coletadas por gestores no intuito de monitorar a produção docente. Tais informações eram obtidas pelo governo mineiro de modo oculto via plataforma e aplicativos. Isto somente era possível porque vivenciamos na era digital um intenso controle da informação com altos níveis de detalhamento.

Em quatorze de maio de 2021, na matéria do G1, intitulada “Dados pessoais e jornada de trabalho dos professores da rede estadual vazam na internet” ocorreu um escândalo para os

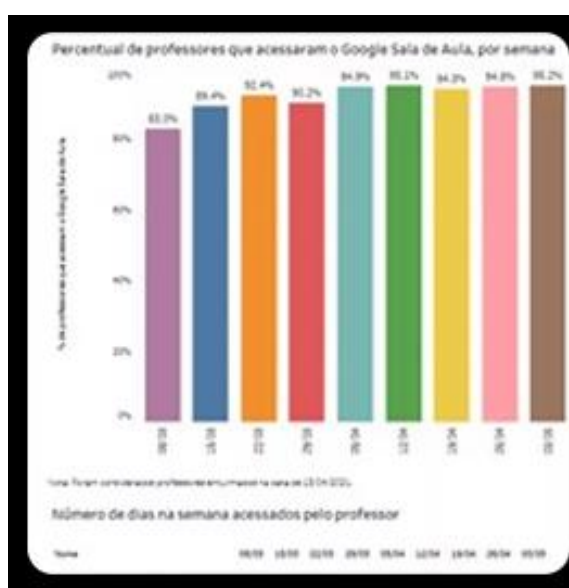
gestores mineiros. Houve uma denúncia sobre como os professores eram fiscalizados em sua jornada de trabalho e mesurados seus acessos semanais na plataforma conexão escola e Google sala de aula.

O fato aconteceu porque de algum modo diversos dados pessoais dos servidores mineiros vazaram na internet, em formato de planilha. E a exposição de informações foi algo grave, porque em nenhum momento a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), orientou os servidores sobre a obrigatoriedade de acessar os aplicativos monitorados. Para Marina foi chocante ver seus dados na planilha e saber que todas as pessoas tinham acesso,

A planilha a gente não tinha conhecimento, né? Que a SEE teria este acompanhamento tão de perto. É quantas, quantas vezes que o professor acessou, quantas vezes que o professor entrou naquele, aplicativo? É então, a gente não sabia. Eu tive conhecimento desta planilha. Uma vez que ela chegou até nós pelas redes sociais. (Marina, Entrevista, 10/10/2022).

Este aplicativo não era obrigatório, como relatou à servidora. Os dados eram expostos e ao acessar apareciam os dados individuais dos servidores. Na figura abaixo é possível perceber que constava o percentual que os professores utilizam as plataformas e a quantidade de acessos diários. A imagem 11, não está graficamente com uma qualidade adequada, mas ela é a única que foi publicada na fonte.

Figura 11- Dados dos servidores vazados na internet.



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/05/14/dados-pessoais-e-jornada-de-trabalho-dos-professores-da-rede-estadual-vazam-na-internet.ghtml>

Além do vazamento de dados houve discursos maliciosos na internet dizendo que agora ficou comprovado que os professores não estavam trabalhando na pandemia. Contudo, mesmo sem acesso ocorreram situações como a docente entrevistada Daniela. Ela disse que fora informada por seus colegas de trabalho sobre seu nome nesta lista. Para a docente este vazamento passou uma má impressão, desvaloriza o professor como se não estivessem atuando. E citou seu exemplo que utilizava whatsapp em suas aulas porque era algo próximo aos alunos. Ademais, ela informou que alguns devolviam os trabalhos na escola, não possuindo nenhum motivo para adentrar neste sistema. É importante salientar que as tecnologias nem sempre são benéficas como podemos observar no relato.

De tal modo dentro setor educacional ampliou o trabalho docente com esta automatização da revolução industrial e a digitalização dos processos de produção. Este novo modelo de trabalho requer dos docentes novas habilidades, flexibilidade e disponibilidade.

Trabalho muito. Por mais que a gente tem este tempo para planejamento em casa ou tempo na escola, considerado para corrigir uma atividade, fazer um diário, não é suficiente, **pois o tempo de pesquisa é muito grande, principalmente na minha área que é a matemática. Eu não encontro as coisas fáceis.** Às vezes eu pego uma ideia e, em cima desta ideia, eu tenho que construir atividade. Eu tenho que estar em constante contato com a **realidade do meu aluno para tornar matemática atrativa para ele também, porque ela é uma das vilãs.** Então é uma dedicação para além do tempo desta carga horária de trabalho. **A burocracia que a gente tem em cima do nosso trabalho exige muito da gente, sem contar as avaliações externas, né?** (Jane, entrevista, grifo nosso, 23/11/2022).

Na escola em si, são 24 horas de aula semanal. E em casa, uma rotina bastante extensa, porque eu tenho dez turmas. Então se a gente fizer as contas aí dá mais de 300 alunos. Todo bimestre tem um trabalho individual, eu recolho para ser corrigido por mim. Depois eu faço esta lista de trabalho com os alunos, então me exige e requer muito tempo. Eu gosto sempre de organizar as folhas para os alunos com relação aos conteúdos, isto também requer muita pesquisa. Escolho textos para não usar somente livros didáticos, entendeu? Porque no ensino fundamental, os alunos não têm livros suficientes para levarem para casa, fazerem suas pesquisas e atividades e trazerem de volta. **Não é suficiente. Temos que planejar, seguir o que nos é passado, pelo currículo, referência às exigências da supervisão, da gestão da Secretaria Estadual de Educação. E aí é um mix completo.** (Carolina, entrevista, grifo nosso, 07/11/2022).

Sim, se você for fazer um planejamento para todo o conteúdo que você ministra que é português, matemática, literatura, ciências, em 4 horas e 25 minutos você não consegue planejar todo o conteúdo semanal, haja vista que você tem que entregar o seu planejamento na escola de 24 a 48 horas antes, caso você precise de xerox, ou seja, você tem que ter dias de planejamento adiantado para você conseguir ter o seu material em mãos. **Então você tem que planejar no seu sábado e domingo, porque só em 4 horas e 25 minutos semanais, você não faz um planejamento.** (Teresa, entrevista, grifo nosso, 21/11/2022).

Para estes docentes o tempo para produção de material é elevado, a carga horária de planejamento é mínima. De acordo Teresa, a matemática não pode ser ministrada somente em

livros ou sem atualização dos conhecimentos. Esta área do saber precisa de elementos contextualizados no ensino. Esta área de acordo com ela não permite que você apenas jogue no google e replique modelos, é preciso criar e elaborar.

Durante a entrevista ela demonstrou seus materiais, curiosidades matemáticas, charges, quadrinhos que utiliza em suas aulas. Ela argumentou que o tempo de pesquisa adentra seus períodos de descanso na tentativa de possibilitar mais conhecimento aos alunos.

Agora eu estou tentando evitar o sábado e domingo eu estou tentando concentrar durante a semana, mas não é sempre que é possível, então acaba que eu tiro do tempo, dos afazeres domésticos ou às vezes do de uma atividade física, alguma coisa, tudo isto vai ficando para depois. Ai eu preciso fazer isto em casa, não fica para depois porque eu tenho que correr com a atividade da escola. Eu preciso fazer isto? Então às vezes não é nem tanto aquilo o que eu tenho que fazer como obrigação, mas é o que eu quero fazer como profissional, então eu fico meio que nesta luta? Às vezes eu penso, por que eu não faço isto o famoso usa o livro e pronto? Ai eu fico procurando fazer o algo diferente, um montão, algo diferente e direcionado para o aluno mesmo. Então é isto que demanda tempo, então eu vou deixando de casa mesmo o tempo que seria para fazer alguma coisa em casa. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

A precarização do trabalho docente aumentou com o advento da reestruturação produtiva do capital e as influências da indústria 4.0 e seus modelos denominados educação 4.0. a sobrecarga de trabalho e o aumento da flexibilidade se fizeram presentes. No mundo a forma como o modelo econômico é constituído apresenta aos trabalhadores novas exigências,

Eu amo dar aula, se fosse somente dar aulas, fazer projetos, atender alunos seria maravilhoso. O que eu não gosto é o burocrático, colocam a gente para fazer diários, planilhas infinitas, slides, agendar horário nos espaços da escola, projetos descontextualizados, intervenções imaginárias, infinitos documentos de preenchimento da SRE, a gente faz tudo, e parece que dar aula não é a primeira necessidade, os valores estão invertidos. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Até para fazer o registro da aula o professor se não estiver em posse de uma rede de dados da internet com computador, celular ou tablet será necessário realizar esta atividade em momento diferente daquele da aula. Houve uma reestruturação em geral no trabalho docente. Uma pergunta realizada era sobre a percepção da carga horário de trabalho. De acordo com Daniela e João:

Você acha que em algum momento você trabalha além da sua jornada de trabalho?
Sim. Eu percebo isto por causa do cansaço do meu corpo extenuante. (Daniela, entrevista, grifo nosso, 24/10/2022).

Eu procuro usar muito da minha experiência para compensar aquilo que eu não consigo realizar. Para quê? Para que eu pudeste fazer com maior eficiência,

precisaria de mais tempo. **Mas como eu já utilizo 56 horas de segunda a sexta, eu tenho que tentar também encontrar um horário de descanso no final de semana** para que eu consiga desenvolver meu trabalho de segunda à sexta, porque senão consigo com excesso o cansaço, o estresse. **Ele impede qualquer trabalho de ter qualidade. Se eu não descansar pelo menos um dia por semana**, então eu procuro tirar um dia por semana para descansar. **Pelo menos um. Dois dias é impossível.** Mais um eu tenho que tirar. (João, entrevista, grifo nosso, 17/10/2022).

Para Daniela, tem dias que ela relata não conseguir ouvir o barulho da televisão de sua residência devido à dimensão do cansaço de acumular duas jornadas de trabalho com exposição auditiva intensa. Para João o descansar por mais de um dia durante a semana, não permitiria ele começar a semana com todas as atividades preparadas para seu trabalho. Por mais que ele tenha alguns horários de planejamento eles não são suficientes. A conciliação entre escolas privadas e públicas torna a carga horária com quase 60 horas semanais.

Em seu relato o professor diz que fica apavorado quando precisa cumprir sábados letivos ou escolares, porque mesmo sem precisar ir ao trabalhar, aos sábados é o dia que ele utiliza para planejar e preparar as atividades escolares. E quando perguntando sobre adesão em paralisação ou greve, ele diz que entende a importância, mas não consegue fazer adesão. Isto porque depois os dias de reposição são justamente em períodos dos finais de semana que ele utiliza para preparação de aulas e tentar ficar com a família. Além disto, a sobreposição de carga horária com a escola particular seria algo problemático para ele repor a carga horária, que de acordo com ele poderia levar a sua demissão. Isto é algo que o preocupa porque ele diz que mantém o vínculo com a escola particular que atua somente porque seus filhos possuem bolsa nesta instituição. E o valor recebido na rede pública de umas das escolhas que atua seria insuficiente para a cobertura de suas mensalidades. Uma situação degradante na qual deixa claro que o professor por não ter uma remuneração adequada, vende sua força de trabalho como troca para o recebimento da bolsa.

Carolina optou por atuar em um único turno, ela reforça esta escolha de vida e como isto impactou sua renda familiar. Ela indica que o excesso de trabalho na visão dela prejudica as devolutivas e a qualidade do trabalho docente. Como destacado por ela fica marcado quase como contradição esta impossibilidade de atuar um único turno na área educacional. Algo que deveria ser realidade é quase uma utopia. Nesta pesquisa apenas ela possuía um único cargo, ela apontou que inclusive já passou por algumas dificuldades financeiras para continuar com esta escolha.

Partes destes relatos demonstram a situação vivenciada no trabalho docente com estas transformações no mundo, e como se torna cada dia mais necessário o aumento da carga horária de labor dentro de um modelo econômico que leva o servidor a exaustão, para Marx,

O tempo é o campo do desenvolvimento humano. O homem que não dispõe de nenhum tempo livre, cuja vida, afóra as interrupções puramente físicas do sono, das refeições, etc., está toda ela absorvida pelo seu trabalho para o capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destrozada e espiritualmente animalizada, para produzir riqueza alheia. E, no entanto, toda a história da moderna indústria demonstra que o capital, se não se lhe põe um freio, lutar sempre, implacavelmente, e sem contemplações, para conduzir toda classe operária a este nível de extrema degradação. (Marx, 1978, pp. 92-93)

A Indústria 4.0 continuará a afetar as dinâmicas trabalhistas porque é uma tendência global que irá moldar estas relações nos próximos anos. Para compreender como estas dinâmicas impactaram o campo educacional brasileiro, realizamos um recorte estrutural dos últimos cinco anos sobre os principais movimentos industriais brasileiros. Deste modo vamos abordar no próximo tópico com as empresas privadas apoiadas por setores públicos influenciam as mudanças na educação nacional.

Na esteira da Indústria 4.0, durante o ano de 2018, houve o início de um plano nacional para promover a adoção destas tecnologias no país. Por todo o Brasil buscou-se aumentar a competitividade industrial. A Indústria 4.0 era uma prioridade do governo dos ex-presidentes Michel Temer e Jair Bolsonaro. Eles contavam com o apoio de setores renomados e importantes da iniciativa privada. Os apoiadores eram bancos, empresários e indústrias que buscavam alavancar ainda mais seus ganhos de produtividade.

Estas iniciativas eram lideradas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e pela Confederação Nacional da Indústria. Ambos financiaram pesquisas que tinham como objetivo traçar um roteiro para a implantação da Indústria 4.0 no Brasil. Segundo dados de um relatório da CNI em (2019, online) no site: “76% das grandes empresas brasileiras já adotaram pelo menos uma tecnologia da Indústria 4.0 em seus processos de produção”. Durante estas ações identificaram-se vários desafios que precisavam ser enfrentados para a adoção bem-sucedida deste modelo no país. Houve recomendações que repercutiram em todas as esferas da sociedade.

Na conclusão destes relatórios estava indicado dentre os principais problemas a falta de mão de obra qualificada, a necessidade de marcos regulatório para facilitar a implantação de novas tecnologias e a necessidade de garantir uma promoção de investimentos em infraestrutura, como internet banda larga. Na realidade brasileira de acordo com especialista

da CNI, as indústrias nacionais brasileiras ainda passam por um processo que podemos considerar como a terceira revolução, porque aos poucos a robótica e uso de redes estão sendo utilizadas.

Como parte destas iniciativas destas mudanças vários projetos-piloto foram implementados entre 2018 e 2022, para demonstrar o potencial da Indústria 4.0 em diferentes setores da economia. Estes projetos se concentraram em áreas como educação, automotiva, aeroespacial, agronegócio e saúde. Eles tiveram como objetivo mostrar os benefícios das tecnologias digitais na melhoria da produtividade, redução de custos e aumento da qualidade de produtos e serviços.

Uma das iniciativas significativas da organização é o Programa de Inovação e Aprendizagem na Indústria do Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que visava melhorar a qualidade dos programas de educação e formação profissional técnica (EFTP), oferecidos pelas empresas. Por meio destes programas, a CNI trabalhou em estreita colaboração com as indústrias para identificar possíveis lacunas de habilidades dos alunos, e desenvolveu programas educacionais sob medida que atendam às demandas do mercado de trabalho.

O impacto desta medida na CNI pode ser percebido no aumento da empregabilidade dos alunos que concluíram o Programa de Educação Básica articulada com a Educação Profissional (EBEP). Um estudo realizado pela entidade constatou que 72% dos alunos que participaram do programa SESI SENAI conseguiram emprego até um ano após a formatura (CNI E EDUCAÇÃO, 2019). Para abranger mais aspectos da educação.

Valorizada no meio empresarial e na literatura voltada para o mundo dos negócios, a empregabilidade é herdeira dos pressupostos da teoria do capital humano, na medida em que atribui à educação e qualificação profissional o papel fundamental para se enfrentar os desafios impostos pela reestruturação produtiva, a saber: a necessidade de trabalhadores mais qualificados e produtivos. No contexto que combina modernização tecnológica, ganhos crescentes de produtividade e redução dos postos de trabalho, a empregabilidade é encarada como a solução para os problemas atuais do mundo do trabalho. (Balassiano et al 2005, p. 36).

Isto coaduna com um dos objetivos da CNI, no qual por meio de seus programas educacionais promoção e fortalecimento da ligação entre o setor industrial e as instituições de ensino. Isto seria repassado como medida para solucionar os problemas decorrentes ao mercado de trabalho, educação e empregabilidade. Deste modo, realimenta a teoria do capital humano que utiliza da qualificação como solução para as mazelas sociais. A empregabilidade

lança sobre os trabalhadores um discurso perverso no qual o problema do desemprego seria a ausência de formação adequada.

Neste interim, o MDIC também desempenhou papel na implementação deste projeto. Um dos principais objetivos da Iniciativa Nacional Indústria 4.0 foi fomentar a inovação e o empreendedorismo no Brasil. O governo e o setor privado apoiaram startups e pequenas e médias empresas (PMEs) para adoção de tecnologias digitais no intuito de competir no mercado global. Várias iniciativas foram desenvolvidas para fornecer apoio financeiro, assistência técnica e oportunidades de networking para estas empresas.

Além destes esforços outros programas e políticas governamentais têm contribuído para o desenvolvimento da Indústria 4.0 no Brasil. Por exemplo, a Fundação Amazonas Sustentável lançou um programa chamado "Cidades Sustentáveis Inteligentes" em 2019, que visava promover a adoção de tecnologias digitais em todo o ambiente urbano. O programa se concentrou em áreas como energia, transporte, gestão de resíduos e planejamento urbano.

O governo brasileiro em 2019 via Ministério da Economia criou a Estratégia Nacional de IA para orientar a adoção e uso de tecnologias desse tipo no país. A estratégia incluiu provisões para a proteção da privacidade de dados, considerações éticas e promoção da transparência e responsabilidade em aplicativos de IA. Para implementar estes supostos desafios, a iniciativa privada propôs um conjunto de medidas, incluindo a criação de centros de inovação, o desenvolvimento de programas de treinamento e a criação de parcerias entre os setores público e privado.

A ABDI, em 2018, criou em parceria com o MEC e Ministério do Trabalho e Previdência (MTPS) um portal monitor das profissões. Ele é intitulado “monitor das profissões”, local que auxilia o jovem no preparo para um mercado de trabalho. Neste portal eram disponibilizadas quais as habilidades requisitadas para cada carreira. Na reportagem do site da ABDI³³, Igor Calvet, ex-presidente da instituição destacou,

O Monitor de Profissões pode ser uma ferramenta para reduzir as assimetrias no mercado de trabalho, pelo lado da oferta e da demanda. Até porque o profissional do presente e do futuro precisa de novas habilidades. Nós, da ABDI, trabalhamos na difusão da tecnologia de excelência para o setor produtivo. E é preciso investir no capital humano, nos profissionais [...] O Monitor de Profissões vai favorecer a empregabilidade dos jovens e orientar formuladores de políticas de emprego, políticas de qualificação e políticas educacionais, que vão poder basear decisões em informações qualificadas sobre o mercado de trabalho e o comportamento da demanda por competências. (Calvet, 2021, online).

³³Disponível em: <https://www.abdi.com.br/abdi-mtp-e-mec-lancam-o-monitor-de-profissoes/>. Acesso em 22 de jan.2024.

Este movimento influenciou a atualização de cursos do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos – (CNCT), para alinhar com estas novas expectativas e tendências colocadas pela ABDI. Com esta medida o MEC, convidou setores privados pela primeira vez para ajudar na consulta pública sobre a atualização dos catálogos. Os setores privados passaram a intervir e solicitar mudanças na educação brasileira para conseguir um modelo de trabalhador apto as novas exigências da indústria. O embate sobre a necessidade de um currículo único no Brasil ganhou centralidade nos anos de 2015 até 2018, quando no último ano houve a implementação da BNCC. No próximo tópico vamos analisar como isto afetou o trabalho docente e alterou a perspectiva educacional no país.

3.3 - A BNCC de 2018 a 2022: reflexos da intervenção privada no trabalho docente e no currículo escolar

As influências de agências internacionais também regulam os processos educacionais no Brasil. O Banco Mundial (BM) regula as políticas educacionais com discursos aparentemente neutros sobre a necessidade de universalização da educação. Ao exercer o controle e monitoramento, em conjunto com a UNESCO, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Movimento todos pela Educação (TPE) para todos criam estratégias para ditar um ritmo da educação no país.

A agenda educacional brasileira é diretamente influenciada por estes organismos internacionais. “Recomendações de agências multilaterais, como o Banco Mundial, tornam-se balizadoras de diagnósticos e análises considerados cabíveis a todos os países da América Latina e Caribe, no que toca tanto à educação quanto à economia” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

A BNCC³⁴ é um documento normativo curricular obrigatório em todo o Brasil, tanto nas redes públicas quanto nas privadas. Os conhecimentos expressos nela são tratados por meio de dez competências gerais, divididos em campos dos saberes e áreas do conhecimento.

Em 2018, a BNCC modificou o currículo da educação básica. O EM ampliou a carga horária para 1.400 horas até 1.800 horas anuais na parte da base nacional curricular e itinerários formativos. Contudo, a realidade é que muitos discentes não conseguem permanecer durante todo esse tempo na escola, porque grande parte dos jovens desiste de

³⁴Após a promulgação da lei 13.415, ser sancionada no Congresso Nacional com a reforma do novo ensino médio, resultado de políticas governamentais que implementaram as escolas mudanças no currículo do EM.

estudar, pois o tempo dedicado ao ensino médio atrapalha a jornada de trabalho que é condição de sustento da sua família. Com isso, é possível destacar que a defesa das mudanças do currículo no ensino é um ideário empresarial para formação da classe trabalhadora brasileira.

As influências perpassam dos altos escalões de empresários brasileiros e financiamento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. O BM também contribuiu financeiramente para implementação da BNCC. A partir do financiamento e assistência técnica prestada com recursos financeiros, ele propiciou o acesso a estudos em currículos e políticas educacionais “bem-sucedidas”, em outros países. Os objetivos destas pesquisas seria promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil. No relatório “Competências e empregos: Uma agenda para a juventude”, em 2018, o documento criticou a composição curricular brasileira,

A boa notícia é que o Governo e as partes interessadas estão empenhados em adotar soluções para estes problemas de desempenho do sistema educacional [...] Em 2017, as autoridades implementaram muito ativamente uma importante reforma do Ensino Médio destinada a modernizar o currículo e estender a jornada escolar, manter os adolescentes na escola até a conclusão do curso e criar pessoas que aprendam pelo resto da vida, tornando-se assim mais resilientes às mudanças na tecnologia e nas exigências do mercado de trabalho. (Banco Mundial, 2018, p.21)

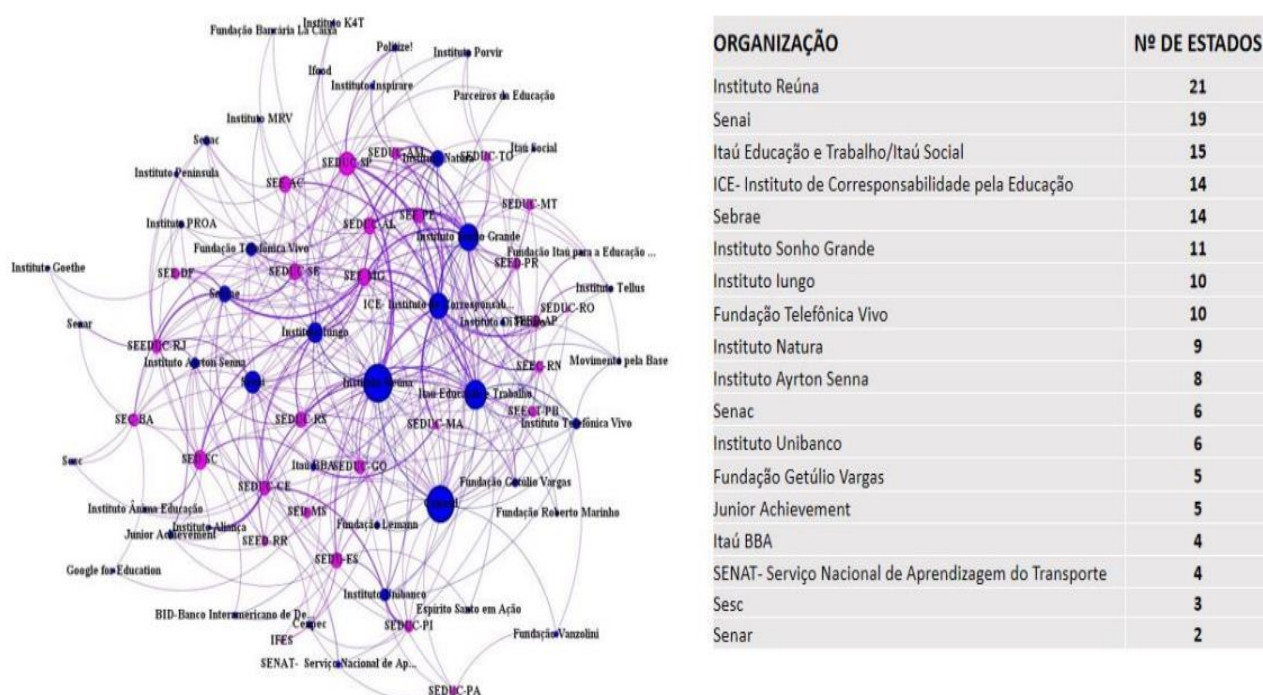
Desta forma, em suas recomendações a agência apresentou diversas competências essenciais para formação cidadã e para o mercado de trabalho. Isto influenciou diretamente as pautas sobre a constituição do currículo na rede brasileira. De tal modo, compreendemos que o currículo é elaborado “[...] a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada (SAVIANI, 2013, p. 14)”. O que está na escola a partir dele representa um campo de interesse, não é algo neutro, e está a serviço de alguma classe social. Por isto, a implementação da BNCC foi tumultuada, porque tínhamos uma defesa de um currículo voltado ao mundo do trabalho e direcionado com competências e habilidades em detrimento de outros tipos de saberes.

Conforme Bento (2020) destaca, tais aspectos se entrelaçam intrinsecamente com os contextos políticos, econômicos e sociais. Estes, por sua vez, refletem, de maneira mais contundente, uma agenda neoliberal que permeia as políticas públicas, inclusive as educacionais. Esta agenda enfatiza o saber fazer, em resposta às demandas de organismos

internacionais que condicionam empréstimos financeiros aos resultados das políticas executadas.

Os representantes de setores de interesse privado compreendem que a educação pública tem o papel de formação da classe trabalhadora. Por este motivo para programar um modelo educacional voltado para o mundo do trabalho é necessário alterar as bases estruturais da educação. Por tal motivo eles influenciaram a aprovação da BNCC,

Figura 12- Participação de institutos privados na implementação da reforma nos Estado.



Fonte: Cassio, 2023.

O interesse do mercado privado nesta implementação ocorreu porque neste modelo de currículo ajudaria a promover a capacitação dos profissionais para lidar com as novas tecnologias, que exigem um conjunto de habilidades específicas. De tal forma,

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente educados) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente imposta. (Mészáros, 2008, p. 35)

Nesta perspectiva a Indústria 4.0 demandaria por trabalhadores, que sejam capazes de lidar com tecnologias complexas, tomar decisões baseadas em dados e se adaptar rapidamente as mudanças e inovações. Assim, as instituições de ensino para o empresariado teriam um papel crucial na formação destes profissionais do futuro.

Quem realizar uma leitura, ainda que apressada, da segunda versão finalizada da Base na página do Ministério da Educação (MEC) e do documento “Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC”, vai observar a ausência de referência em relação aos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos, e a ênfase em métodos, procedimentos, competências e habilidades voltadas para a adaptação do indivíduo aos interesses do grande capital. Expressando a hegemonia da classe empresarial no processo de elaboração do documento (Marsiglia et al, 2017, p. 109).

Com isto, os setores empresariais começaram a defender a necessidade de mudança nas disciplinas escolares, currículos, modelos de avaliação e a necessidade de alteração da carga horária escolar. Na área educacional foram criados grupos de pesquisa para discutir como a educação nacional poderia contribuir com este cenário. A CNI promovia ativamente a integração das disciplinas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) em todos os cursos que eram ministrados pelo sistema S³⁵. Dentro dos objetivos da CNI, entre indústria e o sistema educacional, é possível depreender,

O projeto de educação básica dos empresários brasileiros contempla a necessidade desta classe de competir no mercado globalizado e em crise, vinculando o aumento do nível de escolaridade ao aumento da produtividade e da inovação necessárias para sua consecução. As bases de tal projeto educativo são a retomada da teoria do capital humano, a empregabilidade e o empreendedorismo. Em termos de projeto social, os empresários remetem-se a um pacto social, ou seja, pretendem generalizar uma concepção de mundo em que não caberia o conflito entre capital e trabalho, mas sim a adaptação dos trabalhadores à sociedade de classes. (Melo, 2012, p.29).

Pelo setor empresarial, a integração da Indústria 4.0 na educação é apresentada como oportunidade de melhorias no ensino. Em seus documentos a CNI e do Ministério da Economia defendem a utilização de tecnologias avançadas, como possibilidade de personalizar o ensino, adaptando-o às necessidades de cada aluno. De acordo com os idealizadores do projeto, por meio destas ferramentas e com IA e aprendizado de máquina, é

³⁵ Termo que define o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest). Fonte: Agência Senado.

possível identificar as dificuldades individuais de cada estudante e fornecer um acompanhamento mais individualizado, muito parecido com os resquícios da pedagogia neotecnista³⁶,

De acordo com estes idealizadores, isto abriria espaço para a criação de novos modelos de educação, aumentando o uso de ferramentas do ensino híbrido e o ensino à distância. A ideia dentro destes modelos permitiria que o aprendizado mais flexível, adaptando-se às necessidades dos alunos e potencializando o acesso à educação em regiões remotas ou com pouca oferta de ensino presencial.

De tal modo tornou-se mais um desafio na docência a introdução de alfabetização digital e letramento digital. Algo que é exigido como competência na BNCC³⁷. Esta incorporação de linguagem tecnológica era algo que os setores de serviços industriais privatizados defendiam como algo necessário para a inserção do jovem no mercado de trabalho.

Isto quer dizer que a educação não pode estar voltada para o trabalho de forma a responder às necessidades adaptativas, funcionais, de treinamento e domesticação do trabalhador, exigidas em diferentes graus, pelo mundo do trabalho na sociedade moderna, mas sim que a educação pode ter como preocupação fundamental o trabalho em sua forma mais ampla. Analisar o processo educacional a partir de reflexões empírico-teóricas para compreendê-lo em sua concretude, significa refletir sobre as contradições da organização do trabalho em nossa sociedade, sobre as possibilidades de superação de suas condições adversas e empreender, no interior do processo educativo, ações que contribuam para a humanização plena do conjunto dos homens em sociedade. (Pires, 1997, p.91)

Neste caso, com a reformulação curricular dos últimos anos, o modelo curricular brasileiro fortaleceu aos interesses empresariais. “Um dos principais protagonistas do setor privado mercantil foi a Fundação Lemann-FL (CAETANO, 2020, p.71)”. Por meio de seminários, encontros, tradução de relatórios internacionais de pesquisas, renomados pesquisadores forneceram uma formação básica para o processo de escrita da BNCC.

A autora destaca que muitas das pessoas que formularam esse documento transitaram entre o sistema público em cargos no MEC e importantes secretarias do governo, e se inseriram no mercado privado.

³⁶ Libâneo (2006), essa tendência se desenvolveu na década de 50 à sombra do progressivismo, adquirindo autonomia nos anos 60, quando firmou-se como uma pedagogia baseada na teoria behaviorista da aprendizagem e na abordagem sistêmica de ensino e que essa orientação foi forçosa às escolas por ser coadunável com a orientação econômica, política e ideológica do regime militar.

³⁷ é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza”. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso 27 de jan. 2024.

O embate permaneceu ao longo da implementação da base de 2015 até 2018, quando houve sua homologação. Neste percurso a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação³⁸ (ANPED) em parceria com a Associação Brasileira de Currículo³⁹(ABdC) elaborou diversos manifestos contrários a edição deste documento, assim,

Ao documento orientador de políticas para Educação Básica apresentado pela SEB/MEC, à consulta pública como Base Nacional Comum Curricular. Nossa posição é sustentada no entendimento de que a desejável diversidade, fundamental ao projeto de nação democrática expresso na Constituição Brasileira e que se reflete na LDB/1996, não é reconhecida na proposta da BNCC, na medida em que nesta está subentendida a hegemonia de uma única forma de ver os estudantes, seus conhecimentos e aprendizagens, bem como as escolas, o trabalho dos professores, os currículos e as avaliações, imprópria à escola pública universal, gratuita, laica e de qualidade para todos. (Anped/Abdc, 2015, p. 2-3)

A hegemonia pode ser encontrada quando expressa nos currículos da educação algo que sustenta a educação como medida para ocupação de vagas no mercado de trabalho, ao invés de criar condições para a base de um trabalho com princípio educativo. A participação e o interesse do empresariado não ocorreram de forma aleatória é uma disputa hegemônica.

Ela foi aprovada desconsiderando a construção já produzida pelas instituições educacionais comprometidas com a educação pública de qualidade social e sob forte resistência de três conselheiras, representantes de entidades nacionais, que votaram contra a BNCC, assim como diversas instituições e associações de docentes e pesquisadores que também manifestaram oposição à Base. (Caetano, 2020, p.66-67)

De acordo com estas associações a BNCC, ela é a representação do pensamento liberal em educação. Corresponde aos interesses hegemônicos das classes dominantes. Estes pesquisadores desta área de currículo e políticas públicas elaboraram nove argumentos expressos nos tópicos a seguir contrários à implementação da BNCC: Diversidade versus

³⁸ A Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) é uma associação civil de utilidade pública e natureza acadêmica no campo da política e da gestão da educação, que congrega pesquisadores, docentes e estudantes de educação superior; dirigentes e técnicos dos sistemas de ensino; e professores e diretores de escolas e outros espaços sociais de educação e formação cidadã. Fundada em 1961 por professores universitários de administração escolar e educação comparada, a ANPAE se consolidou, ao longo das décadas, como entidade líder da sociedade civil organizada no campo das políticas públicas e do governo da educação. A missão da ANPAE é lutar pelo efetivo exercício do direito à educação de qualidade para todos, assegurada ao longo da vida, através de sua participação na formulação e execução de políticas públicas de educação e na concepção e adoção de práticas de gestão democrática, alicerçadas nos valores da justiça social, da liberdade e da igualdade de direitos e deveres na educação e na sociedade. Disponível em: <https://www.anpae.org.br/website/sobre-a-anpae/identidade>. Acesso em 01 ago. de 2023.

³⁹ A Associação Brasileira de Currículo – ABdC, é uma associação civil sem fins lucrativos e econômicos, caracterizando-se como pessoa jurídica de direito privado, criada em 08/06/2011, em Assembleia de fundação realizada durante o VI Seminário Internacional "As Redes educativas e as tecnologias: práticas/teorias sociais na contemporaneidade", na cidade do Rio de Janeiro, congregando os profissionais, pesquisadores, estudantes que realizam atividades de pesquisa e/ou docência e extensão no campo do Currículo. Disponível em: <https://www.abdcurriculo.com.br/>. Acesso em 01 ago. de 2023.

uniformização; Nacional como homogêneo: um perigo para democracia; os entendimentos do Direito de aprendizagem; conteúdo não é base; O que não se diz sobre as experiências internacionais; Gestão democrática versus responsabilização, A Base e a avaliação; Desqualificação do trabalho docente: unificação curricular e avaliação externa e Metodologia da construção da Base: pressa, indicação e indefinição.

Na parte de homogeneização do documento para o Brasil e a Gestão democrática versus responsabilização:

Sustentamos que a coerência com os princípios democráticos da Constituição e da LDB aponta para a busca, cada vez maior, de flexibilização e não para o movimento de unificação curricular, que se tem mostrado – em diferentes países e também no Brasil – favorável à manutenção de hegemonias e a consequente exclusão social e escolar de tudo o que se distancia destes padrões (Abdc, 2017, p. 1).

Este interesse do setor empresarial na área da educação também afetou os modelos de avaliação. A presença de avaliações externas para mensurar a qualidade na educação segue um modelo gerencialista baseado em políticas de padronização de avaliação e *accountability*. Isso acaba por precarizar o trabalho docente, porque a partir dos resultados obtidos os professores são responsabilizados pelo desempenho, o gera competição entre escolas e na classe docente. Ora premiados, como o governo de MG realiza no programa prêmio escola transformação⁴⁰. Nesses projetos quem tivesse maior participação na avaliação diagnóstica ganharia recursos financeiros para a escola distribuir em prêmios e algumas viagens. Assim, “[...] Ao longo de décadas os reformadores e suas políticas educativas têm usado argumentos inadequados para culpabilizar o professorado e sua formação pelo desempenho medíocre da educação brasileira, o que não está, ao contrário do que dizem, baseado em evidências (HYPOLITO, 2015, p.520)”.

As provas de avaliações externas costumam dar grande destaque as disciplinas de português e matemática. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Programa de

⁴⁰ O Prêmio Escola Transformação tem o objetivo de reconhecer publicamente as práticas e experiências exitosas das escolas públicas estaduais com destaque nos resultados de participação, desempenho e fluxo escolar nos seguintes níveis do ensino regular: Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Participam do Prêmio Escola Transformação 2023 as escolas de ensino regular que possuam 10 (dez) ou mais estudantes matriculados no 5º ano do ensino fundamental, no 9º ano do ensino fundamental e/ou no 3º ano do ensino médio (tradicional e integrado), desconsideradas as turmas multisseriadas ou de correção de fluxo e as turmas de educação especial. Não participam do Prêmio Escola Transformação 2023 as modalidades de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional e as escolas exclusivas de Educação Especial. O prêmio é dividido em 2 edições e concede até 813 (Oitocentos e treze) prêmios para as unidades escolares da rede estadual de ensino.

Avaliação da Alfabetização (PROALFA) e Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (PROEB) enfocam nestas duas disciplinas. A partir do ano de 2019, o PROEB passou a ter avaliação da área de ciências humanas e da natureza. Isto é apontado por Melo (2012) como [...] “a produção capitalista sobre bases microeletrônicas tem refletido em demandas por trabalhadores que possuam uma base de qualidade (EB) em relação às competências matemáticas, de ciências e de leitura e escrita (MELO 2012, p.31)”.

O destaque nestas áreas de conhecimento deriva das possibilidades de posteriormente ser introduzido outros conteúdos de tecnologia da informação e comunicação (TICs) ao mundo do trabalho, afinal estes conhecimentos prévios serviria de base para formação dos trabalhadores. A escola estaria a serviço de formar para o mundo do trabalho, a educação pautada pela teoria do capital humano,

[...] A educação e a formação humana passam a ter as necessidades e as demandas do processo de acumulação do capital, como sujeito definidor, ou seja, passam a ser subordinadas e reguladas pela esfera privada e à sua reprodução. (Frigotto, 2003, p.30)

Este pensamento reduz o ato de educar apenas aos ditames do capitalismo. A teoria do capital humano foi criada em 1950, por Theodore William Schultz, professor da Universidade de Chicago dentro da disciplina de Economia da Educação. Durante esta matéria ele começou a investigar a relação de ganhos de produtividade gerados por pessoas nas produções. Em sua conclusão ele destacou que o trabalho humano qualificado pela educação, amplia as aptidões e habilidades e era um dos meios importantes para ampliar a produção e ganhos econômicos de capital.

A partir deste pensamento disseminou a ideia que uma boa educação geraria desenvolvimento econômico, e o indivíduo qualificado ganharia benefícios para si. Desta maneira houve um direcionamento sobre o sujeito, como se os problemas sociais fossem decorrentes da sua qualificação,

As perspectivas neoliberais mantêm esta ênfase economicista: a educação serve para o desempenho no mercado e sua expansão potencializa o crescimento econômico. Neste sentido, ela se define como atividade de transmissão do estoque de conhecimentos e saberes que qualificam para a ação individual competitiva na esfera econômica, basicamente no mercado de trabalho (Gentili, 1998, p. 104).

Esta doutrina lançou na educação um “valor econômico”, um investimento para obtenção do crescimento. Com este viés a educação teria a função interligada aos interesses

do mercado econômico. Algo divergente porque nem sempre o aumento da escolarização é garantia de propiciar novos conhecimentos e habilidades.

Além disto, em nosso país os desafios ainda são primários, relacionados à implementação de uma infraestrutura de qualidade em escolas públicas. Por exemplo, em nenhuma escola pública que atuava os professores investigados possuía ao menos um espaço destinado à formação científica, além disto, os laboratórios são espaços disputados por ser um único espaço para quatorze turmas utilizarem,

Um ponto que pega muito em relação à minha disciplina que é a química, é a ausência dos laboratórios nas escolas, porque quando fala em química, a primeira coisa que os alunos pensam é nas experiências, em conhecer o laboratório. Desde quando eu comecei a atuar, só havia laboratório em uma escola que eu trabalhei e mesmo assim, o governo não mandava os insumos necessários, então a gente fazia o básico, era muito pouco, mas já era alguma coisa. E na escola em que eu atuo não tem e nunca teve laboratório. (Marina, Entrevista, 10/10/2022).

Eu trabalho em duas escolas localizadas em bairros bem próximos, e percebo que na escola do estado, o nível socioeconômico é um pouquinho maior, onde a escola dispõe de data show com som em sala de aula e tem uma boa estrutura. Na escola do município, eu preciso marcar um horário no laboratório de informática, e nem sempre está disponível. Muitas vezes falta nas escolas uma estrutura melhor para acompanhar determinado aluno como uma assistente social ou um psicólogo, pois a gente não consegue ajudar. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Eu vou falar da parte técnica estrutural: O espaço da sala de aula é um espaço que me limita a trabalhar. Se eu quero trabalhar com tinta, eu gasto muito tempo na sala de aula organizando aquele espaço, tirando mochila do caminho. Eu carrego muito material, sempre carrego muita coisa. Os alunos, no geral, têm um bom comportamento, sendo assim, não preciso de interferências de supervisora e diretora. Mas a questão estrutural é difícil, pois quando eles montam os meus horários, sendo um horário em cada sala, aí fica difícil, porque o ideal, até pela nossa normativa de artes, nas nossas diretrizes, é sugerido que sejam duas horas aulas geminadas para o professor ter um momento de falar, explicar e usar alguma materialidade. A maior dificuldade que eu encontro hoje, em relação à estrutura, é a questão das escolas não possuírem uma sala de artes, o que ajudaria bastante. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Neste caso citado, o que se observa é a escassez no sistema público uberlandense, diante da oferta de um espaço básico de formação. Em todos os setores apesar dos avanços na implementação da Educação 4.0, ainda existem desafios básicos que precisam ser superados. Não são dadas condições para que a educação brasileira avance e tenha condições materiais de promover uma educação nos moldes do modelo 4.0,

Não há por parte das políticas públicas, um esforço ajustado para melhorar o processo de ensino-aprendizagem como um todo, numa visão holística. Você tem um prefeito ou outro que tem isto como prioridade. Você tem um governante ou outro que tem isto como prioridade, mas não existe um plano nacional em todas as instâncias que coloca a educação como um plano de excelência no Brasil. Isto nos

espaços onde estou você pega uma escola com uma estrutura ruim, uma escola que não recebe subsídios necessários para manter o clima da educação como um clima saudável, digno. Então as duas escolas públicas onde eu atuo, são escolas de periferia. Então, não é só porque é na periferia que a escola não tem que ter estrutura necessária e, digamos assim, organizada, ordenada para receber com dignidade. Então às vezes eu faço estas críticas, porque é um sistema que infelizmente, é verdadeiro, mesmo levando em consideração que Uberlândia ainda está numa consideração, satisfatória, em compensação com outros estados e outras regiões, eu tenho ciência disto. Mas para aquilo que Uberlândia, por exemplo, arrecada enquanto imposto, aquilo que Minas é enquanto estrutura, eu acredito que Uberlândia poderia ser muito melhor do que é, infelizmente é uma verdade. (João, entrevista, 17/10/2022).

A partir deste texto podemos entender que diferentes áreas foram afetadas por estas transformações. Os modelos industriais apresentam tendências nas áreas educacionais. Os professores passam a fazer usos de novas tecnologias em seu trabalho. Isto não rompe com o modelo educacional anterior, mas recoloca novas exigências para o trabalho docente, na medida em que exige o domínio de outras habilidade e instrumentos na prática pedagógica. No próximo tópico vamos entender como os docentes entrevistados compreendem este fenômeno da indústria 4.0 e educação 4.0.

3.4 - Educação 4.0 e a pandemia no Brasil: reflexos para o trabalho docente.

As transformações tecnológicas e a globalização econômica impactam as relações em todo mundo. Deste modo, a comunicação passou a ser imediata, a cibersegurança é um serviço essencial em todo o mundo, a ética e privacidade digital são questões importantes nas relações globais.

Tornou-se mais comum utilizar o meio virtual, e equipamentos tecnológicos para resolver as mais diferentes demandas pessoais. A economia global avança para patamares nunca imaginados, empresas fazem transações internacionais de modo rápido e a alguns tipos de serviços vem ganhando novo formato.

Se antigamente era comum ir ao mercado para fazer compras, se tornou possível fazer isto via aplicativo e receber em casa todos os produtos. Os cuidados com a saúde podem ser realizados via teleconsultas. Ademais, os procedimentos cirúrgicos com auxílio de robôs possibilitam recuperação mais rápida e são cada vez são menos invasivos.

Como o fenômeno da Indústria 4.0, a educação 4.0 também é afetada por tais aspectos. O avanço das tecnologias que a sociedade experimenta é resultado de um processo evolutivo e das adaptações humanas aliadas ao trabalho, comunicação e aprendizagem.

Toda sociedade vive porque consome; e para consumir depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação (Konder, 2000, p. 112)

A educação e o trabalho é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade. Ao longo dos anos, desde a educação 1.0 até a educação 5.0, diferentes abordagens e metodologias educacionais surgiram para atender às necessidades e demandas da época.

De acordo com a LDB, da educação no primeiro artigo: “[...] A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (Brasil, 2024).

A educação 1.0 pode ser considerada o modelo tradicional de ensino, baseado no paradigma de transmissão de conhecimento pelo professor. Nesta abordagem, o professor é o detentor do conhecimento e o aluno é o receptor passivo das informações. As aulas são centradas no professor, utilizando principalmente métodos de ensino expositivos, como palestras e aulas expositivas. Os métodos de avaliação são baseados em provas e testes, onde o aluno é avaliado por meio de sua capacidade de memorização e reprodução do conteúdo.

No entanto, a educação 1.0 apresenta suas limitações. Este modelo de ensino não estimula a participação ativa dos alunos e não valoriza suas habilidades individuais. Além disto, não é adaptado às novas demandas da sociedade do conhecimento, que exige profissionais criativos, críticos e inovadores.

Para Bacich e Moran (2018), diante destas necessidades, surgiu a educação 2.0, fóruns virtuais e ambientes de aprendizagem online. Os métodos de avaliação também são diversificados, incluindo a realização de projetos e apresentações. No entanto, a educação 2.0 também possui suas limitações. A tecnologia pode se tornar um fim em si, sem que haja uma reflexão crítica sobre suas possibilidades e potencialidades. Além disto, nem todos os alunos têm acesso igualitário às tecnologias, o que pode gerar uma exclusão digital.

Estas duas abordagens educacionais não tem muitas transformações em relação a metodologia e implementação tecnológica. Ainda são recorrentes os usos de materiais como quadro negro, giz, carteiras, livros impressos, aulas presenciais e mimeógrafo.

A educação 3.0 é uma abordagem centrada no aluno, que busca desenvolver suas habilidades socioemocionais e suas competências para o século XXI. Nesta abordagem, o

professor se torna um mediador do conhecimento e o aluno é visto como um agente ativo na construção de seu próprio aprendizado. As aulas são mais colaborativas, utilizando metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos e a resolução de problemas. Os métodos de avaliação incluem a autoavaliação e a avaliação entre pares.

A educação 3.0 tem como objetivo formar indivíduos mais autônomos, criativos e aptos a lidar com os desafios do século XXI. No entanto, esta abordagem pode enfrentar resistência por parte dos professores e alunos, que estão acostumados com o modelo tradicional de ensino.

Também é necessário ressaltar que nem todos estão dispostos a buscar este conhecimento. Existe uma resistência dos professores para o uso das tecnologias. Ora por falta de familiaridade, medo da substituição nas suas capacidades profissionais, as questões pedagógicas concerne ao uso de dispositivos eletrônicos no cotidiano escolar, a barreira interligada a geração e formação de professores. Na pandemia esta resistência veio à tona,

Dentro do recurso que é oferecido pela prefeitura, eu consigo trabalhar, mas eu levo meu notebook todos os dias para a escola, então eu baixo os vídeos que eu preciso mostrar. Eu trabalho mais com vídeo baixado do YouTube e PowerPoint, que eu monto com as imagens que eu vou mostrar para os alunos, mas eu não sei trabalhar com edição de vídeo. Tentei fazer um curso para aprender e não consegui. Não sei fazer aqueles vídeos legais do Tik Tok, do Instagram, não sei editar aquilo. Tenho vontade de aprender, mas não sei. **Parece que eu me limitei a não evoluir nesta parte, eu sei trabalhar com o Google Sala de Aula, mas não sei criar joguinhos interativos.** (Bruna, entrevista, grifo nosso, 03/10/2022).

E o outro lado positivo, eu que tinha pouco contato, pouco intimidade com a tecnologia, com alguns meios disponíveis, eu acabei aprendendo muita coisa, a lidar com isto, reduzi o meu medo de lidar com métodos novos, metodologias novas, então para mim foi bom. Eu me desenvolvi como profissional, como alguém que lida com educação é capaz de lidar com novas ferramentas, então foi bom para que eu pudesse descobrir como lidar e também para que eu pudesse descobrir que eu sou capaz de lidar com o novo, não é? (João, entrevista, 17/10/2022).

Eu considerei positivo a gente usar as tecnologias na sala de aula, porque a gente não pode mais fugir deste uso. A gente tem que colocar isto em prática, até pela questão ambiental, por exemplo, eu acesso um site, leio um texto e o texto permanece no meu drive e eu posso ler a hora que eu quiser, sem precisar imprimir, posso fazer uma prova, um simulado online, reduzindo o impacto no meio ambiente. Se a nossa escola já tivesse convivendo com isto e com as ferramentas tecnológicas antes da pandemia, nós, professores e os estudantes não teríamos sofrido tanto. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Sim, foi por conta própria e acho que foi um ponto positivo, porque apesar das dificuldades e da falta total de conhecimento, saí de uma zona de conforto para buscar aprender estas ferramentas e entender que a gente tinha limitações. Para mim foi um ponto muito positivo, porque hoje a gente sabe que as maiorias dos professores que não tinham conhecimento nenhum nesta parte hoje já conseguem trabalhar com um pouco mais de facilidade com relação a isto. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Acho que muitos professores desenvolveram habilidades tecnológicas, como enviar um e-mail, trabalhar com WhatsApp, transformar arquivo em PDF, preparar uma apresentação de PowerPoint para dar uma aula, então estes foram os pontos positivos.(Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Para Jane este momento permitiu, “saber que eu posso ainda fazer algo e sair da minha zona de conforto. Este período me possibilitou descobrir coisas diferentes e saber que ainda posso muito mais. (Jane, entrevista, 23/11/2022)”.

Além disto, para implementação deste modelo iria requer investimentos em formação de professores e infraestrutura escolar, algo que nem sempre o governo está disposto a investir.

Na educação 3.0, novas metodologias mudaram as concepções de ensino aprendizagem. Aspectos como autonomia, criatividade, colaboração passaram a ser relevantes e novas tecnologias suportavam metodologias inovadoras nos processos de aprendizagem. Entretanto, a gestão educacional não assimilou estas mudanças na mesma proporção que os processos educacionais fins e é certo, que nesta geração educacional estes processos metodológicos inovadores estavam em sua fase embrionária. A internet, as redes sociais suportavam novas metodologias que privilegiavam a autonomia, a criticidade e a colaboração em seus estágios iniciais. (Oliveira e Damasceno, 2021, p.8)

Com estes desafios, surge a educação 4.0. Ela é uma abordagem que busca integrar as tecnologias emergentes, como IA e realidade virtual e aumentada, nas práticas educativas.

A sala de aula pode ser um espaço privilegiado de cocriação, *maker*, de busca de soluções empreendedoras, em todos os níveis, onde estudantes e professores aprendam a partir de situações concretas, desafios, jogos, experiências, vivências, problemas, projetos, com os recursos que têm em mãos: materiais simples ou sofisticados, tecnologias básicas ou avançadas. O importante é estimular a criatividade de cada um, a percepção de que todos podem evoluir como pesquisadores, descobridores, realizadores; que conseguem assumir riscos, aprender com os colegas, descobrir seus potenciais. Assim, o aprender se torna uma aventura permanente, uma atitude constante, um progresso crescente. (Bacich e Moran, orgs. 2018, p. 3).

As aprendizagens 4.0, agora podem ocorrer em qualquer tempo e espaço. As discussões atingem patamares não somente sobre o acesso, mas também sobre a conscientização do uso destas ferramentas. Atualmente, no ensino é possível perceber a influência da IA, inclusive em portais para responder dúvidas, ao passo que envolve até o desaparecimento de algumas profissões que poderiam ser substituídas pelo uso de IA. Se antes a preocupação com o plágio ocorria em todas as etapas da educação escolar,

ultimamente, o desafiador é o controle sobre a produção feita por IA em todos os tipos de conteúdos e arquivos.

Para, além disso, a educação 4.0 é uma tendência, o aprendizado se tornaria mais personalizado e adaptado às necessidades de cada aluno.

Na Educação 4.0, além da maturidade das tecnologias antes citadas e da consolidação de diversas metodologias ativas, tecnologias como a inteligência artificial, big data, *learning analytics*, ciência de dados, computação em nuvem, realidade virtual e aumentada, estão potencializando os processos de ensino-aprendizagem de modo mais intenso e acelerado. E neste cenário, a gestão educacional também está sendo fortemente impactada por estas tecnologias. (Oliveira e Damasceno, 2021, p.8).

A educação 4.0 acompanha as mudanças e está em processo de evolução para o modelo 5.0 que acompanha a sociedade 5.0. A educação 5.0 é parte da Revolução Industrial, e apresenta a cultura digital permeada pela cultura maker, a programação e a robótica. A cultura maker é relacionada à construção de objetos com uso das mãos, modelagens em 3D. Em geral este modelo educacional é baseado em uma metodologia ativa, permeada por tecnologias digitais, [...] expressam-se por meios de modelos de ensino híbridos, muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje. (Bacich e Moran, 2018, p.4).

O Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB) promoveu uma formação sobre o Currículo de Referência em Tecnologia e Computação (2018, n.p), e destacou “o professor não precisa ser o detentor do conhecimento técnico sobre o uso das ferramentas disponíveis, mas sim o mediador que vai auxiliar os estudantes na reflexão sobre os melhores usos possíveis das TDICs”. As incorporações das tecnologias nos currículos escolares estão a cada dia mais aceleradas, passamos das tecnologias da informação e comunicação (TICs) para as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), separadas apenas pelo modo de conversão de sinais.

Nas diretrizes curriculares de tecnologia e inovação da SEE-MG, é incentivada a ampliação do acesso ao conhecimento pelo uso ferramentas de celulares, plataformas digitais, tablets e computadores nas escolas. Neste documento com o mesmo lema da indústria 4.0, o modelo de aprendizagem é denominado “BE-LEARNING”, ou em tradução livre “aprender fazendo” conhecida como (PBL). Nele trabalha o ensino por projetos e permite um ensino diferenciado. Com isto se destacam a sala de aula invertida, ou Flipped Classroom (FC), no

qual a disciplina é estudada em qualquer espaço e as dúvidas são esclarecidas no momento da aula. Outro modelo é o STEAM, este termo em inglês é para uso multidisciplinar. Vejamos:

Figura 13- Conhecimentos exigidos na BNCC.



Fonte: <https://curriculo.cieb.net.br/>

Dentro da área educacional aliado as transformações da Educação 1.0 até 5.0 são lançadas aos docentes a responsabilidade de atualização de seus saberes no sentido de acompanhamento da cultura digital.

O currículo na rede estadual de Minas Gerais já possui aulas para o EM com apostilas sobre os três eixos para realizar as práticas pedagógicas pautadas por TDICs. Como expresso na imagem 13, desde o EF existe um currículo pautado por práticas e desenvolvimento destas habilidades. O contraditório é que os professores da rede estadual nem sempre são preparados.

Na escola estadual 3, em conversa informal uma professora que ministra o conteúdo de TDICs, perguntei sobre sua formação para essa disciplina e sobre como era o currículo e o conteúdo. De acordo com a professora, que é formada em matemática, não compreende essas ferramentas. Ela disse que não foi ofertada nenhuma formação e ela pegou essa disciplina

porque diminuíram a carga horária de matemática. Ademais caso não pegasse trabalharia manhã e noite para completar as aulas exigidas para o seu cargo. E de acordo com ela, por já trabalhar na parte da tarde, caso ela não aceitasse iria atuar nos três turnos. Por tal motivo decidi ministrar essa aula. Em relação a execução do trabalho diante do desafio de ensinar, ela dizia ser ajudada por alguns alunos e seguia a apostila que o governo mandava. Para o João, a tecnologia do sistema público fica a desejar, e no período de pandemia que deveria ter sido mais bem utilizada,

Na rede particular, eu usei de muitas ferramentas, algumas metodologias ativas, por melhores condições de trabalho. Se tivesse sido ofertado, por exemplo, pelo Estado, tablets ou computador aos alunos ajudaria, boa parte deles não possuíam nenhum celular para ter acesso ao conexão escola. Por quê pensa aqui, exigir de quem? Se o aluno não tinha nem o que comer em casa? Exigir que ele tenha celular com condições mínimas? Exigir que ele tenha acesso à Internet? Então assim, esta preparação do Estado para que o aluno tenha todas estas condições, ela foi um pouco caótica, né? (João, entrevista, 17/10/2022).

As condições materiais dos alunos de rede pública nem sempre permite que o acesso aos recursos tecnológicos ocorra de equivalente. Apesar de experimentarmos a transição para inserção tecnológica no trabalho docente, o acesso a estas ferramentas e as conexões são desafios o sistema de ensino da escola pública.

Na sociedade capitalista, o movimento se dá em consequência do desenvolvimento das contradições que existem em seu seio. Tais contradições se revelam no papel motor da luta de classes na transformação social. É através deste jogo pugnativo que a sociedade avança. (Cury,1985, p. 33).

Ainda acompanhamos timidamente a chegada destas metodologias educacionais aplicadas em rede de ensino gratuita. Paralelo a este fato, o discurso disseminado é que o por meio das tecnologias os catedráticos promoverão uma aprendizagem mais significativa e alinhada à realidade dos estudantes, e que isto ajudaria o engajamento dos alunos. Nesta perspectiva, o governo implementou a formação continuada no site Escola de Formação.

Figura 14- Interface do site da Escola formação.



Fonte: <https://escoladeformacao.educacao.mg.gov.br/>

Fundada em 2011, a Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores de Minas Gerais é colocada como a chave para o desenvolvimento profissional dos educadores da rede pública estadual. Integrada à SEE, segundo a missão institucional é impulsionar a formação continuada em todas as suas dimensões: profissional, cultural e ética. Ela oferece inúmeras formações para as mais diferentes áreas. Desde sua fundação quase não existiam encontros presenciais formativos para a classe de professores. Para Carolina, foi uma perda ter praticamente extinguido as formações presenciais.

Antigamente, quando eu assumi o meu cargo efetivo de inglês, havia muito estes encontros para a gente fazer troca de ideias, a gente fazia os relatos de experiências, tinham as vivências, vinham professores, mesmo pra dar aula para gente. **Agora cadê isto? Acabou tudo.** Nem as editoras estão promovendo estes encontros. **E isto ajuda muito o professor, porque ali você faz um relato, você troca ideia com outro.** (Carolina, entrevista, grifo nosso, 07/11/2022).

Poderíamos ter as formações continuadas de professores e o estado deveria fornecer computadores para trabalharmos, porque temos colegas que não tem este material. **A capacitação é fundamental, e se ela tivesse acontecido antes de chegar a pandemia, teria sido bem mais fácil o nosso trabalho.** (Marina, grifo nosso, entrevista, 10/10/2022).

Aprendi com aquele curso do PEX7, disponibilizado de forma gratuita na internet. A prefeitura também nos ofereceu uma formação sobre criar sala de aula no Google Sala de Aula. Os outros recursos, como marcar uma reunião no Meet pelo Google Agenda, fui aprendendo por conta própria. Assisti algumas lives ensinando a mexer no Canvas, lives de como trabalhar com planilhas, etc. E também aprendi algumas coisas com colegas. Através destas formações da PMU, eu aprendi a dar aula, trabalhar por projetos. **Acho que tudo que eu aprendi, realmente foi na formação**

continuada em arte. Então, a formação continuada, para mim, tem um papel muito importante. (Bruna, entrevista, grifo nosso, 03/10/2022).

Estou gostando da formação presencial da rede municipal, acho que está trazendo debates muito interessantes que não fica só naquilo do cotidiano, que está dentro do conteúdo. **A formação do estado online, eu acho muito ruim, muito desinteressante.** (Laura, entrevista, grifo nosso, 14/11/2022).

Todas as professoras são enfáticas em dizer que a formação continuada presencial auxilia na prática pedagógica. Se no aspecto industrial ainda estamos a “margem” dos avanços mundiais, na área educacional não é diferente. Segundo Bruna, certa vez elaborou um material em Power Point com muitas imagens e quando chegou na escola da PMU, se deparou com ausência de recursos. ”Uma vez fui dar aula em uma escola da prefeitura que não tinha internet, não tinha notebook, e eu até levei o meu algumas vezes, mas achei um desaforo. Se a prefeitura me coloca para dar aula, e fazer isto, ela que me dê os recursos. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

De tal forma as condições dadas ao trabalhado docente e ao uso dos recursos tecnológicos emergentes. Afinal, isto pode alavancar ainda mais a situação de precarização docente. Diante de tal situação vamos analisar como os docentes compreendem a relação entre o que é a Indústria 4.0 e educação 4.0?

QUADRO 4 - Docentes entrevistados e o conceito de Indústria 4.0 e Educação 4.0.

Nome	Você já ouviu falar em indústria 4.0?	Quarta revolução industrial tecnológica ?	Quando você ouve estes termos, o que você entende?	Internet das coisas, inteligência artificial, robotização ou automação?	Você já ouviu falar do termo educação 4.0?
BRUNA	Não.	Sim, já ouvi algumas coisas. Inclusive em um canal que eu acompanho	Eu acredito ser a implementação de novas tecnologias neste contexto que a gente usa na educação. Como trazer estas novas formas de ensinar e aprender.	Sim, eu já estudei um pouco sobre este sistema e fiz até um artigo sobre gamificação em sala de aula. Assisti a algumas palestras, então eu já tenho algum conhecimento.	Não.
Marina	Não.	Já ouvi falar sobre, porém desconheço o assunto.	Já ouvi falar sobre os termos também, mas não estudei nenhum deles.	Já ouvi falar sobre os termos também, mas não estudei nenhum deles.	Não
João	Não, não ouvi falar.	Já ouvi falar.	Já ouvi falar. Não, mas como eu leio sobre a teoria crítica e a teoria crítica tem a ver com a visão de Walter Benjamin e Theodor Adorno, né? Os caras que fazem a crítica sobre o modo como as mídias, né, a indústria cultural, ela transformou a cultura em mercadoria, quando eu leio isto, quando você me fala, eu faço esta associação.	Alguns termos sim, a inteligência artificial a gente tem ouvido bastante. E dentro da filosofia, a gente tem áreas da filosofia da mente que também fazem estas abordagens. Eu tenho algumas leituras parciais, mas tem algumas leituras que tocam alguns destes conceitos, em especial na questão da robotização, né, do modo como a sociedade também interpreta e vive esta questão da forma de dar sentido à vida, do modo como	Não, não conheço.

				ela é levada a compreender-se neste cenário.	
Daniela	Não.	Sim.	É a revolução que nós estamos vivenciando, o desenvolvimento da tecnologia dia após dia, como o chip e a conexão em tempo real com qualquer lugar do planeta.	Alguma coisa bem rasa. Sobre automação e robotização acredito ser como víamos em alguns filmes de ficção científica na década de 90, onde portas se abriam com o reconhecimento facial e era uma coisa totalmente distante do que a gente estava vivendo. E hoje a gente vivencia isto, pois existem casas onde se controla tudo por um controle remoto, você controla a luz, o que você vai ligar, o que você vai desligar, a porta que vai abrir e a porta que vai fechar. Eu me lembro de pensar nisto como se fosse algo de um futuro muito distante e hoje eu vejo que tudo está acontecendo.	Não.
Eduardo	Não.	Sim.	Esta quarta revolução tecnológica é uma forma de aplicar as tecnologias no contexto da educação à distância. Eu penso que seja a tecnologia sendo utilizada dentro da educação.	Em alguns. A inteligência artificial hoje, na medicina, melhora os processos cirúrgicos, dando a possibilidade de o médico fazer uma cirurgia sem tocar no paciente. A robotização vemos pela tecnologia 5G e já existem robôs trabalhando dentro das fábricas.	Não.
Carolina	Não tenho muita leitura sobre o assunto.	Tenho muito pouco conhecimento sobre o assunto.	Sim. No último curso que fiz, o professor estava falando sobre isto, em uma visita que a gente fez ao IFTM, tem esta disciplina para os alunos. Então ele estava explicando a respeito desta Internet das coisas. Conheço um pouco e se a gente não tiver este conhecimento, corre-se o risco de, além de nós, não sabemos lidar com as coisas do dia a dia. A gente também vai perdendo esta noção de humano.	Sim, também já ouvi. Mas não sei discutir sobre o tema.	Sim, eu já vi que algumas escolas estão funcionando nesta parte, os cursos que temos também estão relacionados a isto. E é o que a gente tem para o momento. Temos que ir nos adequando a esta nova realidade, as habilidades, as competências necessárias. Tudo isto que a gente precisa ir trabalhando no dia a dia.
Roberta	Sim, já ouvi falar. É um tema que faz parte da atuação sociológica. Então, para mim, é comum, pois eu já trabalhei em sala de aula a indústria 4.0, faz parte dos meus interesses.	Sim,	a quarta revolução tecnológica diz respeito aos processos de inserção e aprimoramento das tecnologias nos processos de trabalho.	Sim, eu sei que são elementos que caracterizam esta quarta revolução tecnológica	Sim. A educação 4.0 é um conceito da indústria 4.0 inserido no campo educacional e a robotização é a introdução destas temáticas no campo educacional, ou seja, uma educação mais tecnológica.
Laura	Sim, é sobre o uso de tecnologia no trabalho e na educação	Sim.	Assisti a uma palestra falando sobre o uso das tecnologias, como a aquisição de um tablet para cada aluno e como isto aceleraria o processo de aprendizagem e facilitaria o processo de ensino.	Sim. Acredito ser programas como a Siri ou através do "Ok Google" que consegue captar sua voz e já pesquisar o que você está pedindo.	Sim. Novas metodologias de ensino via tecnologias.

Teresa	Não tenho conhecimento .	Sim.	A quarta revolução industrial eu penso ser algo voltado para esta área que está em grande crescimento hoje que é a tecnologia. Acredito que a pandemia causou esta revolução, pois passamos a usar muito o celular e estas plataformas da educação que ainda estão no nosso meio e eram desconhecidas, como o Google Forms	Sim. Quase que uma mistura de robótica com a tecnologia.	Dentro da escola não. E também não li nada a respeito.
Jane	Não.	Também não.	Já ouvi falar, mas não me recordo do que se trata.	Já ouvi falar em inteligência artificial, mas não tenho conhecimento sobre o assunto.	Não, não conheço.

Fonte: A autora

Sobre a pergunta do conceito de indústria 4.0, Roberta e Laura possuem conhecimento sobre a temática ou já tinham ouvido falar sobre esta forma de produção. Para as duas professoras é algo mais comum devido à formação delas ser em Ciências Sociais. Carolina teve acesso à temática em determinada situação que levou os alunos para uma palestra no Instituto Federal de Uberlândia, onde a temática do evento envolvia o tratamento deste assunto.

A propósito da quarta revolução tecnológica que é sinônimo utilizado por alguns autores para denominar indústria 4.0, também realizei a mesma pergunta, e desta vez, apenas Jane não tinha conhecimento sobre o assunto.

Quando solicitado para dissertarem sobre o tema, Bruna fez a relação entre educação 4.0, novas tecnologias aplicadas no processo educacional. Para Marina, ouviu falar, mas não procurou notícias sobre o assunto. João faz uma referência com a indústria cultural, teoria crítica da transformação de obras em produtos padronizados. Daniela cita uma revolução que vivenciamos cotidianamente, com chips, conexão em tempo real em todos os lugares do planeta. Eduardo faz relação com a aplicação de tecnologias a distância e dentro da educação. Para Carolina ela relaciona com a internet das coisas. Roberta argumenta sobre a inserção de tecnologias nos processos de trabalho. Laura argumenta sobre a inserção de produtos como tablets no ensino escolar.

Sobre internet das coisas, IA, robotização ou automação todos já ouviram falar e fazem relação sobre suas experiências. Para Bruna isto pode ser interligado com gamificação. Marina já ouviu falar, mas nunca estudou nenhum deles especificamente. João relaciona com a robotização e os aspectos abordados na robotização. Daniela relaciona com os filmes que via na década de 90, onde portas abriam automáticas e agora que vivenciamos casas totalmente automatizadas, pois era algo do futuro e hoje é realidade. Para Eduardo, remete aos avanços da medicina, o 5G, robôs trabalhando dentro de fábricas. Roberta aponta que são os

próprios elementos que caracterizam a revolução tecnológica. Laura relaciona a automatização de robôs por comando de voz no auxílio das atividades diárias.

Em uma análise geral cada docente trouxe algumas das características que podemos encontrar quando falamos sobre destes dois conceitos. As professoras Roberta e Laura possuem vasto conhecimento na temática, e apresentaram os elementos e as características centrais sobre estes assuntos. Observamos que todos conhecem sobre o tema, apesar de Eduardo fazer uma pequena confusão sobre a relação do conceito, o que posteriormente foi acertado quando relacionou aos aspectos de avanço das tecnologias em diferentes contextos. Jane tem um pouco de dificuldade, mas em sua prática ela utiliza ferramentas como jogos em suas aulas, hiperlinks, QR codes, e programas para o ensino da matemática. Ela faz o uso das tecnologias no processo de ensino, mas ainda apresenta dificuldades para relacionar isto com os termos perguntados. Isto relembra uma discussão já apontada por FARIAS (2003) ao afirmar que:

Não é suficiente equipar materialmente as escolas. É preciso cuidar do material humano, de sua formação continuada como estratégia de política prioritária para que a incorporação de tecnologias [...] do contrário, a mudança na prática escolar na perspectiva de melhora tende a constituir-se numa retórica do discurso político sedutor (Farias 2003, p.19).

A autora aponta como prioridade investir na formação docente para que estas tecnologias sejam utilizadas. Os desafios são enormes, segundo Valente (2020) faz-se necessário investir também na formação permanente dos professores. Para Jane isto é algo importante, pois “eu acho que a partir do momento que tem tantas pessoas que estudam a tecnologia, poderiam pensar em como tornar a educação pública mais atrativa. Ensinar ao menos o básico ao professor (Jane, entrevista, 23/11/2022)”.

De modo geral as transformações advindas da educação 4.0 e indústria 4.0, reconfiguram os processos educativos. Ademais, com o advento da pandemia intensificou-se a demanda pelo uso das tecnologias no desenvolvimento do trabalho docente como vamos desmarcar ao longo do próximo capítulo.

Há alguns anos atrás o professor que necessitava de poucos instrumentos para ministrar suas aulas, por exemplo: a lousa, o giz, diário de registro de aula e caneta era o material básico para algumas aulas. Comparativamente, nos tempos atuais um professor encontraria dificuldades para utilizar apenas estas ferramentas, não porque é menos habilidoso, mas porque as exigências e condições de trabalho modificaram as ferramentas essenciais. Hoje apesar do advento da educação 4.0, o professor ainda necessita dispende tempo para o registro da frequência e conteúdo. Esta atividade poderia ser realizada por

automatização e por meios eletrônicos conectados a internet. Com isto, apesar de existir uma reconfiguração, ela está levando o professor da escola pública apenas ao aumento do tempo de trabalho.

Este é um grande contraponto, o fato de determinadas tecnologias nunca chegarem a condições de igualdade e similaridade de tempo em escolas públicas. Por exemplo, nos atuais moldes este registro poderia ser realizado por meio biométrico, com cartão ou reconhecimento facial. Contudo, tanto nas escolas públicas investigadas, quanto em diversas regiões brasileiras isto é algo distante de ocorrer. Professores especialistas reclamam sobre o fato de necessitarem de fazer o registro de chamada de 45 alunos no EM, e ter que retirar em média 10 minutos de cada aula. Além disto, o tempo para organizar turmas, os espaços para propor novos trabalhos ficam restritos, porque o tempo não permite a realocação e ministrar o conteúdo.

Portanto, ao longo deste capítulo, é possível depreender como a indústria 4.0 surge com novos elementos que são introduzidos nos modelos educacionais 4.0. Recaiu sobre os docentes a promoção do ensino baseado em novas tecnologias e metodologias ativas. Contudo, as condições dadas para esta implementação, dificilmente, coadunam com a realidade escolar. O que acaba aumentando o tempo e a demanda de trabalho do professorado.

No próximo tópico vamos discutir as condições trabalhistas dos professores no contexto pandêmico. Além disto, iremos abordar como os setores privados interferem no modelo curricular implementado em nosso país.

4 O TRABALHO DOCENTE DA REDE PÚBLICA DE UBERLÂNDIA, NA CONJUNTURA DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A EDUCAÇÃO 4.0.

ATESTADO

Atesto para os devidos fins
que a paciente não se encontra
em condições para o trabalho

avisem os chefes
suspendam as metas
reportem aos gerentes de RH

ela se encontra
afoita
eufórica

tremendamente apaixonada
devendo permanecer afastada de
suas atividades

até que o modo de produzir a vida
não seja o de matar
o amor.

Golondrina Ferreira

No último capítulo vamos discutir um breve panorama histórico dos caminhos da profissão docente. Para isso iremos debater a desvalorização da carreira docente, a perda da autonomia, a desregulamentação do trabalho *homeoffice*, os programas escola em casa e os PETS; o adoecimento no trabalho e a precarização de ferramentas de trabalho. Além disso, analisamos a pandemia e a docência e a intensificação do trabalho no ensino remoto.

4.1- Breve panorama histórico dos caminhos da profissão docente

De acordo com Edward Thompson (1981) um período histórico é sempre resultante de processos anteriores ao presente. Para ele “a necessidade de uma lógica de análise histórica adequada aos fenômenos que estão sempre em movimento”. (EDWARD THOMPSON, 1981, p.48). Com esse entendimento revisamos algumas histórias sobre o surgimento do trabalho docente.

O ensino formal por professores tem raízes antigas na história da humanidade, nem sempre era estatizada e se configurava como uma profissão. Embora a estrutura e o formato da educação possam variar amplamente entre diferentes culturas e períodos de tempo, a ideia

de transmitir conhecimento de uma geração para outra sempre foi fundamental para o desenvolvimento das sociedades.

Na Antiguidade as civilizações como na Mesopotâmia, Egito, China, Índia e Grécia, já existiam formas rudimentares de educação formal. Geralmente, os ensinamentos eram transmitidos por sacerdotes, escribas ou mestres que eram encarregados de instruir os jovens em habilidades necessárias para a vida naquela sociedade, como leitura, escrita, matemática, ética e religião.

Na Grécia os modelos educacionais eram dedicados à formação humana. Em Roma a educação tinha um caráter mais pragmático, por volta do século IV, antes de cristo surgem escolas elementares voltadas para comerciantes. Os professores eram escravos ou antigos soldados e desde a origem o ato de educar era algo inferiorizado e desvalorizado. Isso releva que a docência já existia antes dos modelos de estatização.

Com o advento da Idade Média a igreja detém o poder educacional e dissemina a catequese para a população. Durante a Idade Média na Europa, a educação estava frequentemente ligada à igreja. Mosteiros e catedrais eram centros de aprendizado, e os monges desempenhavam um papel crucial como professores, ensinando teologia, filosofia, latim e outras disciplinas acadêmicas. “Criaram ao mesmo tempo uma educação para o povo, que consistia numa educação catequética, dogmática, e uma educação para o clérigo, humanista e filosófico teológica” (GADOTTI,1996, p.52). De tal modo ao assumir esse papel ela passa a cuidar de pobres, crianças e velhos se caracterizando a docência pela vocação. Ao final desse período medieval a burguesia trouxe novos ideais educacionais.

A escola que temos hoje é fruto do século XV. Com o Renascimento, houve um ressurgimento do interesse pelo conhecimento clássico da Grécia e Roma, bem como um aumento no patrocínio de instituições educacionais por parte da nobreza e da burguesia emergente. Surgiram universidades e escolas secundárias, e a profissão docente começou a se tornar mais formalizada.

No século XVIII e XIX, com o advento da modernidade, a Revolução Industrial e o crescimento da educação obrigatória, a profissão docente se expandiu significativamente. Surgiram sistemas educacionais nacionais em muitos países, e os professores passaram a ser treinados em escolas normais e universidades. O papel dos professores como agentes de mudança social e cultural também se tornou mais evidente.

Na modernidade segundo Nóvoa (1991, p.121), “os antigos docentes vão ser confrontados com um projeto de laicização que, de um lado, os subordina à autoridade do

Estado e, de outro, lhes assegura um novo estatuto sócio profissional”. Nesse primeiro momento eram exigidas licenças obrigatórias para executar o trabalho. Nos tempos atuais para Hypolito (2020),

Quanto mais os docentes organizam e buscam um estatuto profissional, mais vão lutar para restringir as atividades não-docentes e mais vão lutar para restringir suas atividades às ações técnico profissionais. Nesse caso, a concepção profissional dos/as docentes vai se afastando do ideário sacerdotal, na busca por conquistar e manter uma identidade profissional, o espírito corporativo vai sendo criado. Quanto mais os docentes vão se atrelando ao Estado empregador e tornando-se assalariados, tanto mais vão se distanciando das comunidades. Esse movimento faz parte da consolidação do Estado e dos sistemas liberais de educação, atrelados às necessidades culturais do capitalismo. (Hypolito, 2020, p. 35).

O trabalho docente para esse autor é subordinados aos ditames capitalistas da racionalização e regulados por políticas de Estado. Este assunto permeia por questões que envolvem perspectivas e panoramas complexos. Por vezes esse profissional é tão amado ora odiado, o fato é que ser professor é imbricar num campo de disputas. Para Arroyo,

Volto à pergunta que nos persegue: quem somos? Dominando competências mudaremos a imagem? Um ponto de partida para responder estas perguntas poderia ser este: somos a imagem que fazem do nosso papel social, não o que teimamos ser. Teríamos de conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora. Entre imagens e autoimagens. É frequente lamentar que não somos socialmente reconhecidos. Mas como se constrói o reconhecimento social de uma profissão? Repito, seria um bom ponto de partida: somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, somos as formas diversas de exercer esse ofício. Sabemos pouco sobre nossa história. Nem nos cursos normais, de licenciatura e pedagogia nos contaram quanto fomos e quanto não fomos. O que somos. (Arroyo, 2000, p.29)

Essa imagem sobre o docente faz referência à história da nossa constituição da classe docente e como ainda carregamos a desvalorização em todos os aspectos da carreira. Contudo, o que ainda faz diante de todos esses desafios os professores escolherem essa profissão?

Quando eu estava no meio da graduação, eu já percebi que viver só de arte não é o caminho, principalmente para uma cidade pequena, igual Uberlândia. E eu já gostava muito dessa área da educação dentro do curso de artes, então eu fiz a licenciatura e por pensar a disciplina de artes em outros contextos na sala de aula, foi que eu quis ser professora para sair daquele estereótipo do xerox. Acho que uma das coisas que mais me motivou em ser professora de artes, foi isso, poder trabalhar com uma cultura num contexto ampliado. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Quando eu estava na faculdade, eu fiz o estágio na educação e não me identifiquei totalmente. Ainda na faculdade, peguei umas aulas no estado para ver como era. Depois fiz o estágio de finalização de curso e logo eu já percebi que realmente era o que eu queria. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Eu descobri a área da educação quando ingressei na PUC de Campinas, como filósofo. Eu era seminarista na época e descobri que não ia conseguir ser padre. E não era por ali que eu me realizaria. Então eu fiz uma escolha pela educação por entender que eu poderia somar com aquilo que eu desejava, com os meus ideais no processo educativo promovendo o bem, levando discussão crítica, ajudando as pessoas a pensar, e pensar com mais qualidade sobre si mesmas e até mesmo sobre o que elas poderiam realizar no desenvolvimento de si, no desenvolvimento social. Então esse foi um dos motivos pelos quais eu ingressei na educação. (João, entrevista, 17/10/2022).

Sempre quis ser professora. Desde criança eu já sabia que eu seria professora. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

No início da minha graduação, eu não tinha o objetivo de ser professor. Eu trabalhava na empresa de cartão de crédito American Express, na área de cobrança e cogitava conseguir uma promoção dentro daquela empresa. No período da graduação, eu fiz um estágio e gostei da dinâmica de trabalhar em sala de aula, quando me formei, eu fui trabalhar como professor contratado para ver se realmente eu iria ficar na American Express ou atuar dentro de sala de aula e acabei me tornando professor durante esse processo. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

A minha história de vida é interessante, pois me espelhei em minha mãe que foi professora e diretora na escola X, na época, se chamava X. Em alguns dos livros das atas da escola, tem assinaturas da minha mãe. Eu a acompanhava no trabalho e ficava apaixonada em ver a forma como ela lidava com as crianças em geral, e ela era bem exigente. Alguns tinham medo dela e eu achava interessante. Principalmente na hora do lanche, me chamava muita atenção, a preocupação que ela tinha com a alimentação das crianças. A observando nessa missão fui me espelhando e gostando. Eu brincava de dar aula para as minhas bonecas. Eu chamava os vizinhos e assim foi. Ainda hoje, depois de 32 anos, sempre fui uma professora que gosta de inovar. Não gosto de ficar na mesmice, sempre trabalho textos que tenham a ver com a realidade do meu aluno. Além da língua inglesa, trabalhar com eles esse lado humano é de suma importância para mim. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Não sei se eu escolhi ou se a profissão me escolheu. Eu escolhi inicialmente fazer um curso de licenciatura. E no decorrer do curso de graduação, os caminhos foram me levando a exercer a docência. E estando neste campo, conhecendo a docência e a escola por outro ângulo, foi algo que me despertou muito interesse e por isso continuei. E depois desses dez anos, não me vejo fazendo outra coisa, não tenho vontade de mudar. Eu estou bem onde eu estou. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Eu cursei ciências sociais porque eu gostava de sociologia e de política, mas não pensava em ser docente. No período da graduação eu comecei a militar no movimento estudantil e fui me envolvendo com questões sobre educação, e aí nunca mais parei. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

Quando eu estava no ensino fundamental, tive muita dificuldade com a matemática. E aí chegou um momento em que a minha dificuldade era tremenda, de suar frio, de não saber nem onde colocar o meu nome na prova, de não conseguir nem ler a questão e dar um branco total. Eu estudava bastante e, antes da prova, eu sabia muito, mas quando era a hora da prova, o nervosismo era grande. Acho que já estava em minha cabeça que eu não conseguiria fazer e a professora me assustava um pouco. No ano seguinte, eu tive um professor que me encantou, tudo que ele falava eu entendia e eu conseguia fazer as coisas e conseguia tirar nota em prova e tudo. Eu ouvi que eu sabia matemática e aquele bloqueio que eu tinha até o ano anterior passou e eu consegui estudar com as minhas amigas e explicar esse conteúdo para elas. Então, quando chegou o meu momento de decisão, eu estava na área dos números e então esse bloqueio com a matemática, com os números, já tinha passado. Quando cheguei ao ensino médio, fiquei em dúvida sobre cursar administração,

contabilidade ou a matemática. Então eu pensei: se eu tinha tanto bloqueio e trauma com a matemática, e eu consegui aprender graças ao referido professor, então eu acho que eu consigo fazer isso com outras pessoas também. Eu consigo ensinar porque eu consegui vencer um bloqueio. Então eu fiz um teste vocacional que me falou que eu teria que trabalhar com a área da educação. Eu tinha que lidar com pessoas e com números. E se fosse direcionada? Educação era a direção que esse teste me indicou. Então foi aí que eu fechei tudo, a minha vontade de ensinar por um trauma que eu tive e superei e a ajuda desse teste que me direcionou para a faculdade de matemática. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Como eu já tinha o curso de magistério, eu resolvi seguir a carreira do magistério que seria o curso de pedagogia. E também, pelo fato de ser muito jovem e gostar de criança. Mas hoje eu vejo que não é só isso que leva a gente a buscar um curso de pedagogia, não é simplesmente por gostar de criança. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Em resumo os sentimentos expressos revelam o gosto pela docência e o desejo em trabalhar nesta área. Ser professor no Brasil é uma jornada desafiadora, permeada por obstáculos e gratificações. A desvalorização profissional emerge como um dos principais entraves enfrentados pelos docentes, enquanto as escolas públicas frequentemente sofrem com a falta de infraestrutura adequada. A sobrecarga de trabalho, que inclui atividades burocráticas como o planejamento de aulas e a correção de provas, muitas vezes limita o tempo disponível para a formação continuada e a pesquisa, essenciais para o aprimoramento profissional. A opção por essa carreira, na maioria das vezes requer sacrifícios e engajamento social.

No próximo tópico vamos analisar como o trabalho docente se organizou em meio ao advento da Indústria 4.0, a educação 4.0 e a chegada da COVID-19.

4.2- Pandemia e à docência: a intensificação do trabalho no ensino remoto

Com o período de pandemia, o Governo do Estado de Minas Gerais, a partir de deliberações baseadas nos pareceres da CNE e Conselho Estadual de Educação (CEE), a Secretaria Estadual de Educação implementou em toda a rede estadual de ensino básico o Regime Especial de Atividades Não-Presenciais (REANP).

Figura 15– Capa do Plano de Estudos Tutorado.



Fonte: <https://seliga.educacao.mg.gov.br/se-liga-2022/pets>

Este trabalho remoto tinha com o objetivo dar aos estudantes a possibilidade da continuidade do processo de desenvolvimento cognitivo e proporcionar a retomada de algumas atividades educacionais, mesmo que sejam fora do convívio escolar (MINAS GERAIS, p.04). No site do Se Liga⁴¹ educação é possível encontrar alguns materiais dos PETs utilizados durante esse período por alunos da rede estadual de ensino do estado de Minas Gerais.

Em Uberlândia-MG, o ou Ensino Remoto Emergencial (ERE) na rede pública surgiu após dois meses de atividades paralisadas. Seguindo as resoluções do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais (CEE-MG), a Secretaria Municipal de Educação, por meio do CEMEPE, desenvolveu o Programa Escola em Casa nos anos de 2020 e 2021.

A SME no Diário Oficial do Município via Resolução nº 001, de 27 de maio de 2020, nº5877, que orientou e normatizou o início das atividades remotas pelas unidades escolares da rede municipal de ensino de Uberlândia. Nesse documento⁴² determinavam como seria o trabalho dos servidores, a comprovação das atividades remotas, as diretrizes e as novas medidas adotadas.

⁴¹ <https://seliga.educacao.mg.gov.br/se-liga-2022/pets>. Acesso em 01. dez.2023.

⁴² Documento disponível no Anexo A e B.

Figura 16 – Apresentação do Programa Escola em Casa PMU.



Fonte: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2020/05/25/programa-escola-em-casa-recebe-novas-ferramentas-e-ja-teve-varios-acessos/>

Com a inauguração do programa Escola em casa em Uberlândia houve a continuidade dos estudos. Esse programa era acessível por meio, da página da prefeitura na guia educação, e depois clicar em serviços ou aplicativos. Nela os usuários conseguiam acessar os materiais, recursos didáticos, sala de leituras e jogos interativos. Para quem não tinha condição, todas as terças-feiras, eram entregues materiais impressos na escola. De acordo com uma das profissionais responsáveis da PMU,

“Em 2021, contamos com uma ampliação considerável de conteúdo didático veiculado por meio do Programa Escola em Casa. Foram produzidas um total 2127 videoaulas, voltadas para o público da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Além das videoaulas, tivemos a produção e exibição total de 85 quadros especiais: Movimente-se, Educação Especial, Para Gostar de Ler, Jornal Virtual e quadro do Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos – Pmaja), visando enriquecer a formação dos nossos estudantes e também das famílias. Tudo aconteceu no CEMEPE, a casa do educador, que reestruturou seu espaço, adquiriu materiais e equipamentos para termos 03 estúdios de gravação de videoaulas e 02 estúdios para gravação de libras, o que permitiu levar ao ar uma exibição diária do programa no canal 8.2 da TV Integração, nos períodos manhã, tarde e noite” (Martins e Amorim, 2023, p31).

No site do portal escola da prefeitura⁴³ era possível acessar e baixar o material dessa época. Todo esse material ficava disponível para essa execução, vídeo aula para os estudantes em canal aberto de TV e o Youtube, e plataforma Xtream.

O grupo de professores que gravavam as aulas recebiam licenças das escolas para cumprir o trabalho de elaboração do roteiro, gravação e planejamento das aulas. A partir disso as aulas eram publicadas semanalmente, e as escolas recebiam um planejamento mensal no qual eram feitas combinações com as propostas determinadas em acordo com o assunto da vídeoaulas. Vejamos a programação da PMU:

Figura 17– Programação da Escola em Casa na TV.



ESCOLA EM CASA NA TV CRONOGRAMA DE EXIBIÇÃO		
DIAS 11/02 e 12/02		
HORÁRIO	QUINTA	SEXTA
9h às 9h40	1º ao 5º ano	6º ao 9º ano
9h40 às 9h50	Conteúdo de transição	Conteúdo de transição
9h50 às 10h30	Educação Infantil	-
20h às 20h25	PMAJA	-
20h25 às 20h35	Conteúdo de transição	-
20h35 às 20h50	EJA	-
DE 18/02 a 05/03		
HORÁRIO	QUINTA	SEXTA
9h às 9h30	1º ao 5º ano	6º ao 9º ano
9h30 às 9h40	Conteúdo de transição	Conteúdo de transição
9h40 às 10h10	Educação Infantil	-
20h às 20h15	PMAJA	-
20h15 às 20h25	Conteúdo de transição	-
20h25 às 20h40	EJA	-

ESCOLA EM CASA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA
SERVIÇO CUIDAR INOVAR

Fonte: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/04/05/programa-escola-em-casa-na-tv-e-exibido-nesta-segunda-5/>

Na rede estadual houve a inauguração do programa de TV Se Liga na Educação. Ele era transmitido na Rede Minas, de segunda-feira a sexta-feira, pela manhã. A ideia era o aluno assistir a aula, complementar as aulas e realizar as atividades. Contudo, o maior problema na rede estadual apontada pelos professores era o fato da maior parte das escolas nas quais eles trabalhavam, era obrigatório ministrar aulas no Google meet. Por ventura, esses horários

⁴³ <https://portalescola.uberlandia.mg.gov.br/home>. Acesso em 01. dez. 2023.

acabavam por coincidir com os horários de aulas. Para muitos isso era algo ruim, porque muitas vezes o aluno não queria dedicar tempo para duas atividades.

Figura 18– A programação do Se liga Educação.

Grade de Horários PROGRAMA SE LIGA NA EDUCAÇÃO					
SE LIGA NA EDUCAÇÃO					
SEMANA 2	25/05 - SEGUNDA-FEIRA	26/05 - TERÇA-FEIRA	27/05 - QUARTA-FEIRA	28/05 - QUINTA-FEIRA	29/05 - SEXTA-FEIRA
	Linguagens	Ciências Humanas	Matemática	Ciências da Natureza	ENEM
07h30 às 7h50	EM - LP - 1 ANO - Elementos Da Comunicação	EM - 1 ANO - Fontes de Energia - Conexão - Meio Ambiente - Energia - Desenvolvimento	EM - 1 ANO - Função do 1º Grau	EM - 1 ANO - Composição Química dos Seres Vivos	Língua Portuguesa - Coerência Textual
Intervalo					
7h52 às 8h12	EM - LP - 2 ANO - Tipografia Textual	EM - 2 ANO - Processo de Urbanização Mundial	EM - 2 ANO - Função do 2º Grau	EM - 2 ANO - Vírus	Matemática - Matemática Financeira
Intervalo					
8h14 às 8h34	EM - LP - 3 ANO - Concordância Nominal I	EM - 3 ANO - O Processo de Globalização	EM - 3 ANO - Trigonometria	EM - 3 ANO - Doenças Infectoparasitárias	Língua Inglesa - Leitura e Internet
Intervalo					
8h36 às 8h56	EM - ING - 3 ANO - Concordância Nominal II	EM - 3 ANO - República Federativa - Conflitos Sociais Na Primeira República	EM - 3 ANO - Potência e Radiação	EM - 3 ANO - Epidemia, Pandemia, Endemia e Surto	Sociologia - As Instituições Sociais
Intervalo					
8h58 às 9h18	EF - LP - 6 ANO - Gênero Textual: Folheto/Panfleto	EF - 6 ANO - Relação Sociedade Natureza: Comunidades Tradicionais	EF - 6 ANO - Sistemas de Numeração	EF - 6 ANO - Estrutura da Terra: Camadas Internas da Terra	Biologia - Ser Humano e Meio Ambiente II
Intervalo					

Fonte: <https://sreleopoldina.educacao.mg.gov.br/atendimento/65-gabinete/386-se-liga-na-educacao-programe-se>.

Nesses sistemas de ensino o objetivo dessas programações eram idênticas, garantir a continuidade da Educação. Em contrapartida os docentes relatavam:

No estado, a nossa carga horária foi bem maior, pois ministrávamos aulas online. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Quando a gente estava no período remoto, eu não estava na regência, eu estava de R2 de literatura, então eu fui uma professora que me recusei a dar aula no Meet, porque eu falei que eu não ia ficar com a minha imagem exposta. Eu assistia às aulas que tinham gravadas na plataforma da prefeitura e elaborava várias aulas. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Esse período chegou e pegou todos de surpresa. Nós professores, percebemos uma dificuldade muito grande em trabalhar com essas novas ferramentas da internet, como reuniões online, aulas online, algo que a maioria desconhecia. Então foi um desafio grande. Tivemos que aprender a trabalhar com essas novas tecnologias de forma muito rápida. Aprender a nos comunicarmos com esses alunos à distância, mandando e-mail, fazendo aulas online, foi um enorme desafio. Muitos alunos

tinham acesso à internet, porém alguns não tinham acesso nenhum e precisavam pegar um material na escola e tinham que se virar por conta própria. A verdade é que eles tinham que conseguir fazer tudo sozinhos. Então foi um desafio muito grande em todos os sentidos. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Eu senti falta do meu trabalho de verdade, porque aquele que a gente estava fazendo não era bem o nosso trabalho. Passamos dois anos tampando buracos e tentando juntar uma ponta na outra para chegarmos ao final do ano, cumprindo essas burocracias de preenchimento de relatórios e anexos, sem lidar com pessoas, o que acabou fragmentando o ambiente educacional. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Caótico. As famílias não respeitavam o nosso horário de trabalho, enviavam tarefas de seus filhos após as 22h00min, e aquilo foi me consumindo. Na internet as pessoas se sentem muito à vontade para falar o que elas quiserem, da maneira que elas quiserem. Para mim, a pandemia foi um caos. A gente desaprendeu como ser professor, porque colocaram na nossa frente coisas novas e nos obrigaram a fazer. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

É porque, na verdade, o que aconteceu foi que nós fomos trocando a roda com o carro em movimento. Eu falei, usei essa expressão, muita gente usou e foi de fato. Ou seja, não houve uma preocupação em uma preparação com ajuste técnico, às vezes material para que o processo pudesse ser retomado. Não, a gente foi retomando e fazendo ao mesmo tempo. Então, isso foi muito desgaste. E não foi dado ao professor a oportunidade de uma preparação, de um treinamento ou mesmo digo, um processo de engajamento nisso tudo isso, isso foi muito desgastante, ou seja, nós tivemos que literalmente, trocar a roda do carro com ele e movimento, e isso foi muito, muito doloroso. Sobre tudo, é para quem deseja fazer com excelência aquilo que faz e deseja adquirir satisfação, realização naquilo que faz. Nós tivemos que fazer de qualquer jeito, do jeito que dava e assim não foi muito satisfatório. Não trouxe dignidade, não trouxe... nós fomos tratados como “vai” e ainda tivemos que ouvir: “Vocês não estão fazendo nada, vocês não estão trabalhando”. (João, entrevista, 17/10/2022).

Diante desse contexto os docentes tiveram que adaptar-se a essa realidade e uso das mais deferentes sites e aplicativo, questionamos sobre qual era a autonomia para elaboração de materiais nesse período nas redes,

Dentro das temáticas que o CEMEPE nos apresentava, eu conseguia ter liberdade e autonomia na produção do meu conteúdo e estar dentro das diretrizes propostas. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Eu tinha autonomia em montar a minha atividade, mas eu não tinha autonomia em alternar a ordem de um conteúdo. Eu tinha que trabalhar de acordo com a apostila do governo, até porque aquele aluno que pegava aquele material lá na escola por falta de acesso à internet, eu não tinha acesso nenhum à ele, então não tinha como fazer mudanças (Marina, entrevista, 10/10/2022).

No período da pandemia eu não tinha autonomia. Eu tinha que seguir as instruções. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Eu não tive autonomia, eu tinha que seguir o roteiro que nos foi entregue, que era o PET. Então não teve como sair disso. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Como professora eu tenho autonomia de escolher os conteúdos, a maneira como eu trabalho, a maneira como eu faço as avaliações e atividades. Eu não preciso seguir

um padrão de comportamento, mas preciso seguir o currículo. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Quase zero. Eu tinha maior autonomia só no projeto do EJA. Onde nós podíamos elaborar um material de modo mais livre. Fora isso, ficamos muito limitados. Aquilo que era ofertado muito das vezes, uma linguagem como eu disse muito acima do meu material, daquilo que o aluno consegue ler. Não é? Então, infelizmente, foi uma realidade. (João, entrevista, 17/10/2022).

Não. Naquele período a gente não tinha autonomia, porque o material vinha pronto nas apostilas fornecidas pelo governo do estado, e os professores atuavam como tutores e mediadores do acesso desse aluno àquela apostila. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Hoje, eu acho que eu tenho enfrentado uma coisa que não existia antes, que é a falta de autonomia até mesmo dentro da minha própria sala de aula. Você não tem autonomia para escolher como quer trabalhar e não trabalha da maneira que você acredita. Às vezes eu fico me questionando se vale à pena adquirir tanto conhecimento, sendo que o conhecimento que tem que ser utilizado é aquele que nos é imposto. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Não tive muita autonomia. A gente tinha que seguir essa parte do PET, então, autonomia foi no momento em que a gente tinha que elaborar o PET complementar, então eu consegui colocar em prática algo que eu fui aprendendo durante esse processo que foi criar algo novo, pegar algo do momento e colocar para o aluno e tentar casar a matemática com algo do momento, algo que é da do período dele, do que ele está vivendo naquela hora. Então, ali eu tive autonomia para fazer isso. Foi um momento de elaborar meu material, o que foi o chamado PET complementar. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Nesse período apareceu outro fator problemático no trabalho docente, a relativa autonomia dada pelo sistema de ensino. Para Paulo Freire (1992), a autonomia é um pilar que sustenta a educação libertadora. Segundo o autor ela é um compromisso com a construção de uma práxis reflexiva. Os docentes nesse período tiveram que adequar e executar seu trabalho sem liberdade de escolhas de recursos, metodologias e materiais.

Segundo os relatos, na rede municipal os professores tinham uma autonomia maior em relação ao material produzido pelo estado. Isso ocorria porque os pets do estado eram criados em cadernos mensais e o professor seguia o conteúdo produzido em Belo horizonte para todas as regiões mineiras. O sistema era baseado num apostilamento.

Já o material da prefeitura, nos dois primeiros meses era produzido a partir do recebimento de material de diferentes escolas elaborado por docentes da rede. Dessa forma, os melhores eram organizados e replicados para todas as escolas. Após uns três meses desse sistema, cada professor era obrigado a elaborar o material de acordo com os temas predeterminados para os alunos da sua escola.

Isso demonstrou que o professor ele tinha uma autonomia relativa dentro de uma possibilidade de plano de ensino preestabelecido. Isso incomodava muitos professores porque

eles dizem que existem conteúdos que apesar de ser elaborados para determinada turma, não condizia com a realidade da turma. E não eram permitidas adaptações, pois era necessário seguir os cadernos e semanas de atividades.

É na minha área, bom, eu posso dizer assim que a intenção de quem produziu foi maravilhosa, mas ele não tinha o pé na escola, não era alcançado pelo aluno que estava mais lento, ou seja, o meu aluno que estava lendo não conseguiu entender, não conseguiu aprofundar-se no material que foi produzido. O material que foi produzido por produzido com um nível maior de maturidade. Ele estava primeiro, muito fragmentado, com muitos conteúdos e depois apresentava de modo sucinto as ideias básicas, mas que boa parte dessas teorias, eu não sei se conseguia absorver lendo que estava lá. Ou seja, boa parte do meu aluno lia, mas não entendia. (João, entrevista, 17/10/2022).

Nos aspectos relacionados ao desenvolvimento do trabalho e metodologia havia determinada autonomia, mas a sequência do currículo era determinado pelas secretarias da educação. O professor precisava seguir o que já estava nos planos de ensino das redes, as apostilas e materiais direcionados. Se a autonomia estava abalada outros fatores intensificaram a problemática docente e será nosso próximo debate.

4.3- Ensino remoto aumento da precarização, desvalorização dos trabalhadores docentes.

Ao analisar esse período, as dificuldades foram acentuadas no processo de implementação do teletrabalho, tanto para docentes quanto para discentes.

Olha, eu vou ser sincero e objetivo. Eu acho que foi o que podia ser feito dentro das condições que o Estado ou o município se propôs a fazer. Um sentido de muito mais de atender uma visão geral do tipo: “estou fazendo”. Mas que efetivamente isso não acontecia de modo satisfatório, então eu vi que o Estado fez um esforço, o Município fez um esforço para apresentar alguma coisa que poderia ser feito. Mas eu não vi como algo satisfatório. Infelizmente eu vi como algo pouco produtivo e muito mais para atender uma expectativa geral da população do que efetivamente cumprir algum papel de contribuição direta. (João, entrevista, 17/10/2022).

Para Saviani (2021) também é inviável a educação não ser um processo presencial. Desta forma, a educação se constitui necessariamente como uma relação interpessoal, implicando, portanto, a presença simultânea de mais de um agente na atividade educativa. Não obstante, “não basta apenas presença simultânea, pois isso estaria minimamente dado por meio das atividades síncronas do “ensino” remoto. Para compreender essa insuficiência, precisamos nos deter nos elementos constitutivos da prática pedagógica (SAVIANI, 2021. p.

39)”. Para Marina, o que ela mais sentiu falta nesse período era a possibilidade de acompanhamentos dos alunos,

Do contato direto com o aluno, porque através desse contato no dia a dia, a gente consegue entender onde estão às dificuldades, dá pra gente seguir o conteúdo, dar uma pausa e rever alguma coisa, pois só nesse período presencial a gente consegue saber quem realmente está fazendo as atividades. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Nesse ínterim, Saviani (2021) indica ainda sobre as consequências geradas sobre a saúde física e mental dos docentes decorrentes da intensificação do trabalho e das pressões sofridas para a adequação ao regime de ensino remoto,

Redes de ensino estaduais e municipais, assim como diversas instituições públicas de ensino superior, lançaram mão do “ensino” remoto para cumprir o calendário escolar e o que se observou de maneira geral foi que as condições mínimas não foram preenchidas para a grande maioria dos alunos e também para uma parcela significativa dos professores, que, no mais das vezes, acabaram arcando com os custos e prejuízos de saúde física e mental decorrentes da intensificação e precarização do trabalho. (Saviani, 2021, p. 39).

As consequências na saúde física e mental dos docentes surgiram nesse período, “eu peguei atestado porque eu estou com nódulos nas cordas vocais e, segundo a minha otorrino, esses nódulos foram do desgaste de usar a máscara, falar com a máscara, e o desgaste de dois turnos de aula, têm dias que ministro dez aulas no mesmo dia”. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

O cansaço também levou ao abandono do emprego para João, “eu larguei duas escolas no ano passado, exatamente por causa desse stress que eu não aguentava mais, cheguei ao limite, custei finalizar o ano de 2021, (João, entrevista, 17/10/2022)”. Consequente, também existe a dificuldade em conseguir retirar uma licença por motivos de saúde ou que seja protocolar um atestado. Os processos burocráticos são descrito por João,

Eu tirei uma licença, mas por saúde, quando eu peguei covid ano passado. E falar assim de passagem, eu achei extremamente desgastante o processo do Estado para poder, por exemplo, justificar e inserir lá o meu atestado. Eu achei extremamente difícil, então assim. Eu senti que eles dificultam muito o processo. Para que você tenha direito a estar doente. Não achei tranquilo. Eu achei complicado. Por outro lado, os professores, a direção da escola foi extremamente solidária, mas o sistema enquanto sistema que gerencia o processo achei ele bem, bem complicadinho, não facilitou em nada. Eu estava doente e no processo que eu estava doente, eu tinha dois dias para fazer isso, para abrir protocolos, demonstrar a documentação, agendamentos, acompanhar as respostas e e-mails, tudo era minha responsabilidade correr atrás da licença, agendar perícia para um atestado de covid de sete dias, serviu

para ver como o Estado está equipado para lidar com isso, não é? Mas eu usei meu atestado sim, do meu direito e de afastamento do trabalho. Porque sabemos que o sistema, ele utiliza e dos meios para dificultar o trabalhador a ter acesso aos próprios direitos. O sistema cria isso, não é? (João, entrevista, 17/10/2022).

A situação docente é degradante, porque em pleno processo de adoecimento são exigidas muitas documentações e requerimentos. Além disso, os prazos dados são curtos e caso o servidor não se sinta bem, ele corre o risco de perder o prazo de protocolo, e consequentemente o direito a remuneração daquele dia. Para os outros docentes as manifestações de saúde foram adversas.

Eu sinto que o nível de stress, foi extremamente alto de exigências. E até mesmo de não compreensão do que era o processo. E pelos meus familiares, até pela minha esposa, alguns meus filhos, alguns amigos, não entendiam que se trabalha tanto. Mas você está online, você está em casa de boa. Eles não eram capazes de entender como era operacionalização do processo. Então eu entrei assim num processo bem complicado. Não vou te negar. (João, entrevista, 17/10/2022).

A dificuldade da família em compreender o excesso de carga horária de trabalho revela como as delimitações de jornada não estavam bem regulamentadas. Houve uma falta de gerenciamento no período de crise com os cuidados da saúde docente. Isso pode ser analisado pela postura dos gestores com a ausência de regulamentação para execução do trabalho em *homeoffice*. Não houve sequer uma cartilha para falar sobre os cuidados básicos da ergonomia. Essa precarização material levou ao adoecimento por ferramentas inadequadas de trabalho:

Não, eu não recebi nenhum instrumento de trabalho do estado. **Eu tive que comprar um computador novo com meu próprio recurso** e coloquei em uma mesa no meu quarto, ganhei uma cadeira que não era adequada para ser usada por um período longo, pois prejudicava a minha coluna, mas foi o que foi possível fazer. **Acho que por isso eu estava com uma dor terrível na coluna.** Eu não estou bem até hoje, eu quero reduzir cada vez mais o uso do computador. **Eu acho que fomos submetidos a muita pressão e isso prejudicou a minha saúde física e mental.** (Daniela, entrevista, grifo nosso, 24/10/2022).

Sim. Eu tive uma distensão do diafragma porque eu estava num nível de estresse absoluto e, segundo o médico, a gente para de fazer o curso da respiração normal e por conta disto, precisei retirar licença. Pelo município foi super simples, já pelo estado, foi bastante burocrático. Eu desenvolvi uma hérnia de disco em outubro do primeiro ano da pandemia, **porque eu não tinha uma cadeira apropriada.** Minha saúde física e mental foram afetadas. (Laura, entrevista, grifo nosso, 14/11/2022).

No primeiro ano eu tive o desafio de gravar as vídeoaulas, tive uma responsabilidade, além de fazer a vídeo aula, ter que fazer em dez minutos, uma aula de artes de primeiro a nono ano e ainda interdisciplinar com ensino religioso e educação física. **Foi uma loucura que acabou com a minha saúde mental.** Em

meio às gravações das vídeos aulas descobri um nódulo no seio e tive que tirar esse nódulo em dezembro. E, além disso, eu tive também uma infecção de urina recorrente que eu nunca tinha tido, e eu acho que **foi o corpo somatizando todo esse estresse**. (Bruna, entrevista, grifo nosso, 03/10/2022).

Muita cobrança. Tínhamos que assistir as aulas da plataforma e elaborar conteúdo de acordo com a aula. E além da cobrança da própria escola, também teve a cobrança da comunidade, dizendo que o professor estava de folga em casa e trabalhava somente a hora que queria, fomos muito desrespeitados nesse sentido. A Secretaria de Educação também nos cobrava muito. **Então eu acho que isso mexeu muito com emocional, fiquei afastada por dois meses pelo meu psiquiatra após seis meses do retorno total.** (Teresa, entrevista, (21/11/2022).

Sim. Por problemas no nervo ciático, no primeiro semestre de 2022, eu peguei 3, 4 dias de licença. No segundo semestre, em consulta com o **psiquiatra, peguei mais 60 dias de licença. Licença psiquiatra foi necessária porque eu não estava conseguindo conciliar a carga horária de trabalho e o mestrado.** Eu vejo que foi necessário para eu ter conseguindo. Quando eu fui e expliquei ao psiquiatra o que estava acontecendo ele falou: vai precisar ficar afastado. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Como estes relatos era impossível o não adoecimento em condições tão hostis quando aquelas. Esses fragmentos revelam que não eram dadas as condições de instrumentalização do trabalho.

Se a precarização das escolas públicas e da Educação Básica, assim como do trabalho decente já vinham ocorrendo no bojo do aprofundamento do neoliberalismo e da NGP que busca transformar serviços públicos em negócios, sob a pandemia esse cenário foi, além de explicitado, acrescido de novos elementos dada a implementação do ensino remoto e do teletrabalho docente. (Previtali e Fagiani, 2022, p 160).

A ergonomia é um cuidado básico para execução do trabalho. Laura e Daniela não tiveram nenhuma orientação sobre postura e cuidados para execução do seu labor. As consequências nos relatos permite identificar os problemas relacionados à ausência de equipamentos e orientações para atividade laboral domiciliar. Segundo Teresa (2022),

Na época do ensino remoto, quem não tinha internet, podia agendar um horário para ir à escola, para poder dar sua aula por lá. Então eu, particularmente, tinha recursos porque em minha casa todo mundo está estudando, mas várias colegas minhas de trabalho não tinham recurso e tiveram que se endividar para comprar um celular melhor, modificar a dinâmica da casa para ter um espaço, para poder preparar para dar aula. Mas a prefeitura em momento algum, se preocupou com a gente. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Além disso, o professor precisou adequar seu trabalho com suas ferramentas de uso pessoal: celular, conexão de internet, computador, espaço de trabalho, mesa, cadeira, espaço logístico, sem nenhum auxílio do governo de materiais:

Eu já tinha um notebook para dar aula, porém não recebemos nenhum tipo de ajuda do estado nem da prefeitura. Eu tive que melhorar esse espaço que eu tenho agora, tive que comprar uma mesinha, aumentar o sinal da internet e melhorar um pouco a nossa estrutura para ter um pouquinho de conforto para trabalhar. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Condições péssimas. Para trabalhar aqui em casa, eu tive que quebrar minha casa para puxar uma internet lá para o cômodo do fundo. Eu tive que comprar um notebook, tive que aumentar a minha internet e comprar uma cadeira para poder trabalhar, que eu estou pagando até hoje. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Nessa época eu comprei meu computador, quando começou esse ensino remoto, eu não tinha notebook, eu usava do meu esposo, mas o dele já estava antigo, então estava tudo muito lento. Então nesse período eu precisei comprar o notebook com meu próprio recurso. Não existia esse espaço e, no meu caso, como eu estava com um filho bem pequeno, eu precisei ficar na casa da minha mãe por um bom tempo para que ela pudesse me ajudar a cuidar do meu filho. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Por conta própria. Meu celular quebrou a tela num dia de aula e eu peguei um computador emprestado, mas ele era tão velho que nem câmera tinha e eu não conseguia espelhar e nem compartilhar tela para colocar vídeos para os alunos verem, então tive que ir para a escola, fui advertida pela direção. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

Não. Existia uma mesinha com uma cadeira que eu só usava para fazer a prova ou uma simples pesquisa, então aquele espaço para mim era suficiente, onde uma pessoa da casa usava por vez, mas aqui são dois professores então a gente teve que criar um espaço para que duas pessoas da casa usassem ao mesmo tempo e que ficasse confortável. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Eu tive que comprar um computador, eu tive que dar uma bombada na minha Internet. Eu tive que produzir material extra, eu tive que desenvolver, por exemplo, ferramentas com as metodologias ativas para tornar o processo mais interessante e eu fiz um ensaio com aulas online, mas que não foram um, digamos assim, muito eficiente. Eu fiz uma adaptação, eu cheguei a investir em computador. Eu comprei, eu percebi que há necessidade, também era na rede particular, porque a rede particular também não me deu esse subsídio, assim como uma rede pública também não me deu. Ou seja, se você quisesse manter o seu emprego, você tinha que se virar. Essa foi a mensagem (João, entrevista, 17/10/2022).

Não ganhei nenhum material, tão pouco a escola tinha esses materiais, então eu fui adquirindo aos poucos para trabalhar em casa, quando o ensino remoto emergencial foi implementado, ficamos um tempo com as aulas suspensas, depois vieram as orientações para que o trabalho fosse desenvolvido remotamente, então era necessário um espaço adequado para isso e recursos como mesa, cadeira, computador, velocidade de internet, tive que adquirir por conta própria. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Por meio desse contexto é possível perceber que recaiu mais uma vez sobre o professor buscar conhecimento e ferramentas para executar suas aulas. Para Raimann (2015) e Hypolito (2015), o fato dos docentes ficarem responsáveis por sua própria formação, e isso não ser problemático é perigoso. Uma vez em que isso é uma questão grave de ausência de

incentivos de políticas educacionais. Segundo Raimann (2015) a reestruturação produtiva do capital transforma as relações de trabalho em todo mundo,

No contexto do capitalismo atual, a “reengenharia produtiva do trabalho” é orquestrada pela flexibilização do trabalho e a figura o empreendedor entra em cena, sob diferentes aspectos, ganhando espaço o “empreendedor de si”. Assim, o fenômeno trabalho e profissionalização docente desvela a feição empreendedora do trabalho do professor e a cultura empreendedora, antes presente no âmbito empresarial, passa à universidade e, sem pedir licença, entra nas escolas públicas [...] (Raimann, 2015, p.7).

Neste contexto os professores precisaram investir em si, serem empreendedores para sobreviver e permanecer no trabalho. De fato apesar de vivenciarmos o contexto da educação 4.0, pouco se observou nesse período da pandemia os benefícios desse modelo e de suas metodologias rebuscadas. “Na verdade, o teletrabalho docente na educação básica no Brasil tem implicado em novas horas trabalhadas, pois passa a envolver atividades de cunho informacional-digital complexas que fogem à formação profissional. (Previtali e Fagian, 2022, p 161).

O que observamos de maneira geral é o professorado estudando por si próprio para conseguir garantir sua subsistência de vida. A seguir os relatos demonstram como os professores não tinham auxílio e estavam projetados na linha de frente do conflito:

Foi só eu mesma ter me dedicado por minha busca. A prefeitura até ofereceu uns cursos para a gente para aprender a mexer no Google Sala de Aula. Foi um ótimo curso. Só que eles lançaram no final do ano com todo mundo exausto, cansado, e a gente tinha que fazer. Mas foi positivo porque eu aprendi a mexer com recursos tecnológicos que se não fosse a pandemia, eu não teria nunca me interessado em mexer. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

No começo do ensino remoto foi por conta própria, mas há pouco tempo, o governo disponibilizou um curso à distância para nos aprofundarmos mais nesses domínios tecnológicos, eu já tinha aprendido sozinha e não precisava mais. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Consigo mandar e-mail. Eu sei onde estão as coisas que preciso. Sei usar algumas ferramentas que eu descobri sozinha mesmo. É aquela coisa da tentativa e erro. Entra muita curiosidade pelo saber fazer. Aí aprendi muita coisa assistindo vídeos e lives na internet. Não posso falar que sou experiente, mas hoje em dia eu consigo me virar muito bem. Foram por conta própria. Agora, nesse pós-ensino remoto, as formações que eu tenho feito, são as disponíveis pela Secretaria, na escola de formação. Então estou sempre de olho. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Foi caótico. A gente não sabia lidar com a tecnologia de forma adequada. Eu nem sabia que existia essa tecnologia tão fácil como o Google Meet para a gente utilizar e, acredito que a maioria das pessoas não sabia usar essas ferramentas, e nem todas as pessoas tinham um computador e uma estrutura dentro de casa, nem todos os alunos tinham um smartphone para utilizar de forma adequada. Aprendi com a

minha esposa algumas coisas e também através de tutoriais no YouTube. Não tive nenhuma formação específica do estado e nem da prefeitura. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Eu aprendi em parte, sozinha, em parte, na especialização em tecnologias, mídias e linguagens, oferecida pelo IFTM em 2019, me auxiliou a lidar com alguns recursos. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Uma vez por mês eu participava de formações, e foi um período muito rico. Mas, por exemplo, o PowerPoint e aqueles movimentos de slides, eu aprendi por conta própria mesmo. Eu fiz alguns cursos de tutoria. Então eu fiz o curso tanto para ser tutora, como formadora de conteúdo. Então eu aprendi a produzir o conteúdo, inserir na plataforma. Eu sempre tive certa facilidade com essa área da tecnologia. Todas as minhas formações foram gratuitas. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Eu fiz um curso pelo Estado, no ano passado no passado. No contexto, ele veio um pouco tarde para mim que eu já tinha passado pela tempestade, mas que agregou, ajudou, né? E eu também busquei outros cursos fora para dar suporte quando surgiu a pandemia, muitas coisas eu não sabia, não tinha onde buscar, eu fui buscando e amigos em pessoas que tinham esse conhecimento. Algumas foram gratuitas, né? Como esse do estado, por exemplo, não é e outros foram, né? Eu acabei fazendo em investimento não é para que eu pudesse ter retorno. Algumas, eu utilizei de outras oportunidades que eu estava trabalhando em outras escolas que me agregou, então eu fui utilizando daquilo que era possível, né? (João, entrevista, 17/10/2022).

Nesse contexto apesar dos avanços das tecnologias da indústria 4.0, ainda enfrentamos desafios relevantes de garantir uma formação continuada robusta aos docentes das escolas públicas. Por um lado a LDB, em seu artigo 4º, inciso XII, reconhece a educação digital como um direito fundamental para todos os brasileiros. Isso significa que o Estado deveria garantir o acesso à internet em alta velocidade, com infraestrutura adequada para uso pedagógico, em todas as instituições públicas de ensino básico e superior. Por outro, a realidade está distante de possibilitar tais recursos materiais e corpo docente preparado.

O que podemos depreender é que se objetivou a operacionalização de retorno às aulas, sem incluir: distribuição de equipamentos, formação antecipada aos professores, disseminação de informação as famílias, preparação das condições materiais em um sistema organizado de trabalho na residência do professorado.

Então, com a pandemia, a gente teve que se formar rapidamente e aprender a fazer o uso dessas plataformas para trabalhar com as crianças e isso, de certa forma, eu acho que foi muito invasivo, ela entrou na nossa casa e tivemos que nos organizar. Ninguém perguntou se estávamos preparados, foi uma revolução muito grande. Os profissionais e os pais não estavam preparados. E de repente, da noite para o dia, você precisa ter conhecimento dessa área da tecnologia e começar a trabalhar com ela. Quase que uma mistura de robótica com a tecnologia. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Por meio dessas explicações constatou-se que não havia condições materiais tanto de ferramentas quanto formação pedagógica. A pandemia alavancou todas essas problemáticas que já foram apontadas na tese da pesquisadora Raimann em 2015,

Quanto às implicações no trabalho docente, o professor incorporando o discurso do empreendedorismo, passa a ser “empreendedor de si”, o que favorece ainda mais o individualismo em detrimento do coletivo. Nesse viés do empreendedorismo, ocultam-se as condições precárias de trabalho, perde o sentimento e o significado da luta de classe trabalhadora (Raimann, 2015, p. 217).

Os governos, de modo geral, na pandemia demonstravam uma preocupação centralizada com o retorno às aulas, mas não houve esse mesmo cuidado com os professores.

Então eu acho que tem que ter esse maior investimento no professor, por isso que eu falo que tem que ser quase que uma dedicação exclusiva, porque a gente tem que ter tempo para se preparar para essas novas demandas atuais, porque não é só o fazer pedagógico que está exigindo da gente, está além. Aí vêm as novas tecnologias, as novas formas de avaliação. O fazer cotidiano da escola, os novos projetos aos quais temos que estar engajados e o tempo de leitura para tudo isso. O tempo de questionamento com os pares. Então, assim, no coletivo, é que a gente faz a diferença. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Em contrapartida, a ênfase dos governos na pandemia era com o fornecimento de ferramentas de colaboração e produtividade como o Workspace. Tais ferramentas dependiam de outros materiais para o funcionamento, além de uma formação docente para desenvolver o uso. Grande parte do professorado tinha dificuldade porque não sabiam manipular as ferramentas como o Google Keep, Agenda, Meet, Jambord, Drive, Planilhas, Apresentações, Forms, Padlets, Chats, Websites; e não tinham habilidade para uso de tais recursos.

aí eu tive que “me virar”, comprei o computador, celular, criei os grupos de WhatsApp da escola daquele ano. Peguei os telefones dos meninos, e fui criando os grupos. Eu fiquei o ano todo naquela pandemia tomando conta dos dez grupos da escola e através dos meus grupos de WhatsApp é que eram passadas as informações. A minha mesa de jantar virou o meu local de trabalho. E aqui acontecia tudo. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Os ambientes virtuais somente tinham funcionalidade técnica com conexão de internet em banda larga, porque as funções acessadas com dados móveis ficavam restritas. Além disso, era necessário computador com acessórios ou notebook habilitado com todas as funcionalidades. Para Laura, o fato de ter que utilizar tecnologia era algo corriqueiro, "eu não tenho nenhum problema com a ideia de usar a tecnologia e, muito antes da pandemia eu já usava o Google sala de aula. Então eu acho que a tecnologia é algo que a gente já deveria ter

aprendido a usar, pois é genial (Laura, entrevista, 14/11/2022)”. Em contrapartida, os outros professores relataram:

Foi um susto, mas ao mesmo tempo, foi um momento de muitas descobertas, porque a gente teve que aprender a lidar com várias ferramentas que até então eu nem sabia que existiam. E aquela curiosidade de querer fazer, me fez estudar muito. Eu voltei a estudar depois de um longo período e a gente foi descobrindo coisas com esse tempo. Ensinar por uma tela foi uma novidade, por mais que eu tivesse feito cursos online. Agora eu tomar a frente de uma tela e chegar até um aluno que está lá na casa dele passando por várias situações, foi tudo muito novo e eu tive que aprender a fazer isso na verdade. Então primeiro, foi um grande susto, mas com o tempo vi que é possível fazer isso. Então foi uma dificuldade tremenda, mas nesse quesito a gente consegue perceber que houve certa evolução na minha pessoa enquanto profissional, então eu sou uma profissional diferente depois de ter passado por esse período do ensino remoto. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Não, eu nunca tinha usado antes, foi tudo em virtude do ensino remoto. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Por ausência de conhecimento para ministrar aulas em geral, os links do acesso e as aulas eram enviadas via aplicativo de mensagens dos professores (WhatsApp) para os discentes, na plataforma Google Sala de Aula, com aulas assíncronas e aulas síncronas por meio da ferramenta Meet. Os professores se viram obrigados a utilizar recursos, e apontaram que fizeram uso de:

Sites de jogos online, o aplicativo Canvas, PowerPoint, Google Sala de Aula, usei bastantes vídeos do YouTube, usei aqueles museus 3D, pelo qual conseguimos fazer viagens em uma das aulas online pela Caverna de Altamira. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Google Meet e Conexão Escola. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

Eu usei o Meet, Nós utilizamos o Conexão Escola, usamos o Meet, Zoom foi só uma época, mas usei na escola particular. (João, entrevista, 17/10/2022).

Google Sala de Aula e WhatsApp. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Eu utilizei o WhatsApp, conexão escola, Google Meet, o drive, o YouTube e o Classroom. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

De tal forma nesse período houve o aumento das horas dedicadas ao trabalho porque esses aplicativos exigem planejamento e conhecimento para o uso. Por tal motivo, os aplicativos de mensagens apareceram como um elemento supostamente benéfico ao labor, porque os professores que tinham dificuldade em usar esses recursos recorriam ao Whatsapp. Além disso, era o meio mais fácil e ágil para acessar os alunos e repassar os materiais desejados.

Eu usava muito o WhatsApp e o YouTube. Indicava alguns sites com relação ao resumo dos conteúdos a serem trabalhados. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

O tempo dedicado ao trabalho foi maior, porque você não consegue computar as horas. O Google sala de aula toda hora apitava avisando sobre atividades e dúvidas de alunos. Embora muita gente dizia que estávamos trabalhando menos, na verdade trabalhamos bem mais. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Foi interessante e proveitoso, pois eu criei um grupo de estudos no WhatsApp com as crianças do nono ano e fizemos uma dinâmica onde cada um explicava a matéria. Posteriormente comecei a usar o Google Meet e colocava as atividades no Google Sala de Aula, que é um aplicativo que eu gostaria de continuar usando com os meus alunos e eu acho que futuramente isso vai acontecer, gerando uma redução de papel e de impressão. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

A gente vem sendo muito exigidos. Cada hora é uma coisa diferente, é uma questão diferente. E a gente vai abraçando, porque a gente tem que conseguir fazer, tem que cumprir. Não tem outra pessoa para fazer por nós. O trabalho era árduo. Chegavam os e-mails, whatsapp e a gente tinha que ficar disponível o tempo todo para atender aos alunos e, também, os pais. Então é difícil! Fazemos tanto e ainda somos desvalorizados. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Contudo, no pós-pandemia o uso desse aplicativo permaneceu e ampliou o tempo de trabalho do professor. Em tempos atuais o docente é “obrigado a fazer o uso dessa ferramenta”, para comunicar com os pais e alunos e receber informações pedagógicas. De tal forma que todas as escolas investigadas utilizam esse recurso para realizar até os repasses institucionais. Isso revelou uma nova tendência na área da educação. Essas ferramentas a priori era para contribuir com as tarefas do docente, mas hoje é parte da jornada de trabalho dos professores, que permanecem conectados ao trabalho mesmo após o término do expediente.

Na verdade, o teletrabalho docente na Educação Básica no Brasil tem implicado em mais horas trabalhadas, pois passa a envolver atividades de cunho informacional-digital complexas que fogem à formação profissional. As atividades de organização, planejamento e realização das aulas, bem como o processo avaliativo, que fazem parte do trabalho docente, devem agora ser adequadas ao ambiente virtual. Dentre as novas atividades estão a de planejar as atividades nos apps, acompanhar a presença e a aprendizagem dos/as discentes à distância e orientar as famílias para realizarem atividades com as crianças em casa nos apps. (Previtali e Fagiani, 2022, p 161).

De tal modo a solução mais acessível tornou-se o Google Meet e o Whatsapp. A partir da implementação do REANP, a principal forma de diálogo entre escola e comunidade escolar - assim como professores e alunos - passou a ser os meios digitais. Os aplicativos de mensagens, as plataformas virtuais, as redes sociais, tornaram-se para muitos a nova sala de aula, mas não para todos, uma vez que nem todos os alunos tinham acesso a tais meios de comunicação.

Diante desse cenário alguns alunos utilizaram o material impresso. Primeiramente, ele poderia solicitar por telefone para a escola providenciar, a partir do contato com a direção escolar era disponibilizado material em sua residência. Caso ele não pudesse buscar o material na escola impresso havia a opção na rede estadual de acionar a escola e requerer a entrega domiciliar. A escola nessa situação providenciava os recursos de verbas escolares enviada pelo governo para atender a solicitação. Já no município era disponibilizado apenas nas escolas. Contudo,

Para o caso das redes públicas de ensino, essa tarefa se torna complexa porque há famílias que têm (sérias) limitações para auxiliar os estudantes. Responsáveis que trabalham que têm pouca escolaridade ou, ainda, precisam apoiar muitas crianças ao mesmo tempo. As condições socioeconômicas e de infraestrutura também são relevantes. Como são geralmente mais pobres e vivem em domicílios menores e mais restritos, educar em casa pode ser uma missão impossível. É preciso garantir que as crianças oriundas dessas famílias tenham acesso todas às orientações necessárias ao bom andamento dos seus estudos, o que, ultrapassa as questões de ordem educacional. A educação pública remota vincula e potencializa questões (e políticas públicas) sociais, culturais e econômicas que estão associadas com um profundo histórico de exclusão e pobreza. (Oliveira, 2021, p.104 e 105)

Baseados em tais problemáticas, aqueles alunos que não efetuam devolutivas no prazo, não realizam tarefas, ou simplesmente não respondiam aos contatos telefônicos, não eram abandonados. Era realizada uma busca ativa por todos os docentes e gestores da escola. Essa nomenclatura remonta que um desses servidores precisava encontrar o aluno e conseguir reverter à situação de abandono escolar. A realidade é que muitos não conseguiam reverter essa circunstância mesmo com o contato, como disse Oliveira (2021) muitas famílias não conseguiam ajudar o aluno nas tarefas.

Inicialmente, essa era uma medida paliativa de redimensionamento da situação. Essa ideia era uma ajuda temporária, mas a busca ativa se transformou em mais uma função alocada na escola e nos servidores.

Para essa tarefa o servidor deveria ir na escola ligar ou poderia ficar em casa desde que tivesse condição de efetuar as chamadas para localização dos alunos. Muitos servidores utilizam seu recurso próprio, celular, linha telefônica e internet na tentativa de recuperar o aluno. Durante as entrevistas tivemos acesso a essa listagem. Vejamos:

Figura 19– Resposta da busca ativa.

Turma: 6 C	
ALUNO (A)	
██████████ MONIQUE VIANA QUEIROZ	Não completa ligação.
██████████ SANTOS	Mãe enviou fotos de todas tarefas de todos os PETS, falta só o sexto.
██████████ ALINY DA SILVA	Telefone não atende.
██████████ RAMOS SANTOS	Apesar da planilha apresentar lacunas, mãe afirmou que entregou na escola os PETS: 1, 2 e 3. Irá entregar os PETS: 04 e 05.
██████████ VIEIRA SILVA	Não estava fazendo as tarefas, Mãe conversou com a Graça, e se propôs a fazer todos os PETS. Entregará na escola o PET 1.
██████████ JOSÉ DIAS	Apesar de lacunas na planilha, já entregou na escola os PETS: 1, 2, 3 e 4. Está fazendo o 5º.
██████████ AUGUSTO REIS	A mãe disse que não tem condições para imprimir material para o filho, já recorreu a vários órgãos educacionais como a própria escola e Secretaria de Educação, mas não conseguiu o material, por isso o aluno não está estudando.
██████████ OLIVEIRA SILVA	Número não está programado.
██████████ BARCELOS COSTA	Mãe afirmou que já enviou todas as tarefas dos PETS: 1, 2,3, 4 e 5 apesar das lacunas na planilha. Já terminou o 6º e o enviará também.
██████████ OLIVEIRA SANTOS	Segunda a mãe, o filho fez duas apostilas do 5º ano enganado, por isso está atrasado. Apesar de lacunas na planilha, já entregou na escola os PETS: 1, 2, 3 e 4. Está terminando o 5º e começará o 6º.
██████████ DA SILVA TRANSFERIDO	-----
██████████ HENRIQUE SILVA SOUZA	Mãe afirmou que filho tem muita dificuldade, os PETS: 1 e 2 estão prontos, irá entregar na escola. Imprimiu até o 6º para o aluno.
██████████ GEOVANA JESUS SILVA	Nenhum número programado.
██████████ JESUS PEREIRA	De acordo com o pai que é separado da mãe, o aluno não fez nenhuma apostilha, não quer fazer, fica a noite inteira na Netflix e depois dorme o dia inteiro. Disse que a mãe é desleixada e o filho fica indo e vindo de um lar ao outro.
██████████ RIBEIRO DE PAULA SOUSA	Caixa postal e telefone programado para não receber chamadas.
██████████ DOMINIK PEREIRA DOS SANTOS	Falei com o pai que não soube informar.
██████████ CECÍLIA FONSECA REIS	Mãe conversou com a Graça, irá entregar os PETS: 1, 2, 3 e 4 na escola.
██████████ MARTINS DE FREITAS	Caixa postal.
██████████ DE OLIVEIRA PAULA	Mãe entregou na escola os PETS: 1, 2, 3 e 4. Está fazendo o 5º e 6º e os levarão na escola.

Fonte: Material da escola investigada.

Como exposto na imagem 19, existiam todos os tipos de situações desses alunos. Entre as devolutivas via contato telefônico se destacava: o contato com sucesso, o retorno das entregas, a caixa postal, os pais perdidos, a ausência de ajuda e controle sobre as atividades, o

lançamento de responsabilidade nas mães, as crianças desmotivadas em estudar. A próxima imagem 20, é a continuidade da lista do sexto ano:

Figura 20– Resposta da busca ativa 2 .

██████ DIAS CUSTÓDIO	A mãe entregará o PET 3 escola, PETS: 4 e 5 ainda não fez, porque o filho é muito lento e a mãe trabalha muito, tem pouco tempo para auxiliá-lo.
██████ FERNANDO	Caixa postal.
██████ JOSÉ FREITAS FARIA	Mãe entregará os PETS: 3 e 5 na escola.
██████ MARCOS COSTA JUNIOR	Caixa postal.
██████ JORGE MELO DA CONCEIÇÃO	Pai disse que está ajudando aos poucos o filho na resolução dos PETS, mas verá se terminará os de números: 1,2,3 e 4.
██████ GABRIEL ESTEVAM FONTOURA	Mãe entregará os PETS: 1,2 3,4 e 5 na escola.
██████ HENRIQUE ESTEVAM ROCHA	Mãe entregou PETS do número 01 ao 05 na escola, todos completos, apesar de lacunas na planilha. O 6º está pronto , esperando o entregador ir buscar.
██████ JOSÉ BATISTA DE LIMA	A planilha apresenta lacunas, mas a mãe tem certeza que o filho fez as tarefas até o PET 4.
██████ CARVALHO DO NASCIMENTO	Mãe não soube informar sobre as tarefas da filha, teve o disparate de fornecer o telefone da aluna. Liguei para o Pai, não consegui contato. Família se esquivou do contato.
██████ DIAS LOPES	A responsável disse que é perda de tempo ligar para saber se a aluna está estudando. Ela não fez nada e não vai fazer.
██████ DE PAULA MELO	Pai disse que a mãe entregará as apostilas na escola.
██████ BRYAN CÉSAR DA SILVA	Números não estão programados.
██████ DE OLIVEIRA SENA	Telefone não está programado e caixa postal.
██████ CABRAL DOS SANTOS	Caixa postal.
██████ BARBOSA DE ALMEIDA	Nenhum telefone funciona.
██████ EVELLYN SOARES DOS SANTOS	Número não está programado e caixa postal.
██████ GABRIEL CARVALHO SANTOS	A avó disse que conversará seriamente com o filho para ver se ainda consegue fazer os PETS.
██████ NASCIMENTO DE JESUS	Número desligado, ou fora de área, outro não está programado e não atende.
██████ REINALDO DA SILVA	Número não está programado.
██████ CAMPOS DE PAULA	Pai levará o PET 5 na escola.

De acordo com gestores eles percebiam uma maior preocupação com os alunos menores do primeiro ano do EF. Os PETS eram entregues com maior frequência, mas existiram muitos alunos que não entregaram e não estudam de acordo com as gestoras das escolas que realizamos as atividades.

Figura 21– Resposta da busca ativa 3.

TURMA: 1º A / PROFª JOANA DARC		PETs				
		PET 1	PET 2	PET 3	PET 4	PET 5
[REDACTED] ROBERTA DA SILVA	--	X	X	X	X	X
ANA [REDACTED] ROCHA	--	X	X	X	X	X
[REDACTED] LUKA [REDACTED] SANTOS	--	X	X	X	X	X
[REDACTED] LUKAS DA [REDACTED] PRADO	99763-[REDACTED]	X	X			
[REDACTED] VINICIUS ARAUJO A	--	X	X	X	X	X
ELOISA DA COSTA DE [REDACTED]	NÃO TENHO O Nº	X	X	X		
[REDACTED] GABRIEL FERREIRA	--	X	X	X	X	X
[REDACTED] RODRIGUES DOS SANTOS	--	X	X	X	X	X
[REDACTED] CARVALHO RODRIGUES	--	X	X	X	X	X
[REDACTED] MENDES GABRIEL DA S	99765-[REDACTED]	X	X			
[REDACTED] HELOISA MARTINS	99645-[REDACTED]	X				
[REDACTED] LEONARDO PONTES ARANTES	[REDACTED] 9254	X	X	X		
[REDACTED] ALICE DE SOUSA SILVA	NÃO TENHO O Nº					
[REDACTED] GABRIEL SILVA MONTEIRO	98417-[REDACTED]					
[REDACTED] FERNANDES DE OLIVEIRA V.	99247-[REDACTED]	X	X	X	X	
[REDACTED] SILVA E SOUZA 99935-[REDACTED]	NÃO TENHO O Nº					
[REDACTED] SOARES MOURA 99951-[REDACTED]	NÃO TENHO O Nº	X	X	X		
[REDACTED] KAROLAINY AGO.	992267546/ 64 9814-[REDACTED]					
[REDACTED] (ENTROU NO PET 5)	NÃO PRECISA				X	

Fonte: Material da escola investigada.

Ao todo nessa sala, por exemplo, o número de alunos com atividades acompanhando o cronograma era quase 50%, com as atividades diárias entregues. E de um total de dezenove alunos, ao menos quinze haviam entregado algum tipo de material. Para Bruna,

Os pais infelizmente acham que a escola que tem que educar, então eles acham que colocando na escola a função educacional deles com os filhos acabou e a gente sabe que os pais têm que estarem presentes. A escola vai abordar alguns conteúdos propostos, mas o pai tem que estar presente nesse processo de ensino aprendizagem (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

A função social da escola ainda é invertida. E com o aumento da faixa etária isso fica mais evidente. No EM, nesse período agravou um problema histórico no Brasil: a evasão escolar. Um estudo publicado pela agência de notícias do Senado, em 2021, o número de jovens que cogitaram desistir dos estudos saltou de 28% para 43%, e 6% de fato abandonaram a escola. Dentre os motivos, a dificuldade financeira lidera com 21%, seguida pela dificuldade de adaptação ao ensino remoto (14%). No EM o abandono e a desistência se tornou algo evidente, veja as questões da devolutiva:

Figura 22– Resposta da busca ativa 4 .

ESCOLA ESTADUAL [REDACTED]
RELATÓRIO DAS LIGAÇÕES REALIZADAS 2º ANO A – ENSINO MÉDIO

Nº	NOME	CONTATO	OBSERVAÇÃO
01	ANA [REDACTED] BARBOSA	(34)9 [REDACTED]-1931	Telefone na caixa de mensagem
02	[REDACTED] ESTER DE SOUSA	(34)9 [REDACTED]-2012 [REDACTED]-2012	Ok. Está realizando as atividades dos pets, porém relatou que não fará do classrom
03	[REDACTED] FERNANDES	(34)9 9799-[REDACTED]	Número não existe
04	[REDACTED] IRLAN BATISTA	(34)9 8477-[REDACTED]	Número não existe
05	[REDACTED] GABRIEL ALMEIDA	(34)9 9798-[REDACTED]	Telefone na caixa de mensagem
06	[REDACTED] LUISA SILVA	(34)9 9775-[REDACTED]	Ok. Está realizando as atividades dos pets e do classrom
07	[REDACTED] HENRIQUE REZENDE	(34)9 9681-[REDACTED]	Telefone na caixa de mensagem
08	[REDACTED] ROCHA	(34)9 8423-[REDACTED]	Telefone na caixa de mensagem
09	[REDACTED] MENDONÇA	(34)9 [REDACTED]-2915	Não atende
10	[REDACTED] VASCONCELOS	(34)9 9897-[REDACTED]	Telefone na caixa de mensagem
11	GABRIELA [REDACTED] DE SOUSA	(34)9 8694-[REDACTED]	Número não existe
12	GUILHERME [REDACTED]	(34)9 9228-[REDACTED]	Telefone na caixa de mensagem
13	[REDACTED] CRISTINA GONÇALVES	(34)9 9780-[REDACTED]	Telefone na caixa de mensagem
14	JOÃO [REDACTED] CHAVES	(34)9 8806-[REDACTED]	Telefone na caixa de mensagem
15	[REDACTED] ZANCA	(34)9 [REDACTED]-3160	Não atende
16	KAMYLALVES	(34)9 9931-3658	Telefone fora da área de serviço
17	[REDACTED] SILVA	(34)9 9898-[REDACTED]	Sem acesso a internet devido residir em zona rural. Foi repassado para a vice-diretora [REDACTED] para providências cabíveis.
18	[REDACTED] VITÓRIA SANTOS	(34)9 9960-9273	Ok. Está realizando as atividades dos pets e do classrom
19	LARISSA [REDACTED] BORGES	(34)9 8436-[REDACTED]	Ok. Está realizando as atividades dos pets e do classrom

Fonte: Material da escola investigada.

O percentual de jovens fora da escola subiu de 26% para 36% em apenas um ano. Mais da metade (56%) dos que não estudam trancaram a matrícula após março de 2020. Dados do IBGE de 2022 revelam que 10,9 milhões de jovens entre 15 e 29 anos não estudavam nem trabalhavam, o equivalente a 22,3% da população dessa faixa etária. Ou seja, um em cada cinco jovens está à deriva,

Figura 23– Resposta da busca ativa 5 -..

20	████████ DE SOUZA	(34)9 ██████████-6685	Telefone na caixa de mensagem
21	████████ FERNANDO ALVES	(34)9 ██████████-9792	Ok. O aluno recebeu os pets impressos
22	████████ VINÍCIUS ALVES	(34)9 ██████████-1538	Adaptado
23	████████ SILVA	(34)9 ██████████-3291	Não atende
24	████████ DA COSTA	(34)9 ██████████-6498	Telefone na caixa de mensagem
25	████████ VITÓRIA ELIAS	(34)9 ██████████-7089	Telefone na caixa de mensagem
26	████████ CAMILLY RAMOS	(34)9 ██████████-1302	Ok. Está realizando as atividades dos pets e do classrom
27	████████ VICTOR FERREIRA	(34)9 ██████████-2691	Telefone na caixa de mensagem
28	████████ LOPES FLORENTINO	(34)9 ██████████-0293	Conversei com a mãe no trabalho e a mesma pediu que ligasse para o filho porque o mesmo relatou a ela que não tinha tarefas para fazer. Liguei para o aluno e o orientei conforme as instruções recebidas. Em seguida passei o caso para a vice-diretora Joelma uma vez que percebi desinteresse.
29	████████ LOPES	(34)9 ██████████-5930	Telefone na caixa de mensagem
30	████████ CANTANHEDE	(34)9 ██████████-8252	Ok. A aluna recebeu os pets impressos
31	████████ ORNELAS	(34)9 ██████████-2180	A ligação caiu na cidade de Patos de Minas
32	████████ APARECIDO DOS SANTOS	(34)9 ██████████-9846	Telefone na caixa de mensagem
33	████████ LIMA	(34)9 ██████████-8278	Não atende

OBSERVAÇÃO.: Ligações realizadas pela professora ██████████ duas vezes para cada contato, entre os dias 02 a 06 de julho/2020.

Dia 06/07/2020, foi realizada uma chamada de vídeo com a vice-diretora ██████████ para passar todas as observações e a mesma anotou os números que não foi possível o contato, para conferir nas pastas juntamente com a secretaria e ainda orientou repassar para ██████████.

Fonte: Material da escola investigada

Essa imagem 23 revelou que esse período contribuiu para alavancar essa problemática. Para o IBGE, em 2022, 4,7 milhões de jovens nem sequer procuraram trabalho e não desejavam trabalhar. Entre eles, 2 milhões eram mulheres responsáveis por cuidar de

familiares e das tarefas domésticas. Nos anos de 2021 e 2022, difundiu uma verdadeira romantização educacional, na qual muitos alunos apareciam com inúmeras dificuldades e eram glorificados em reportagens por realizar “esforços” para tentar estudar. Houve uma situação⁴⁴ na qual o aluno subiu na árvore para melhorar o sinal de internet e conseguir acompanhar as aulas online. Para muitos, isso é glorificável, mas isso demonstra mais uma debilidade que nossos alunos são submetidos. Para João, o bom aluno conseguiu filtrar um pouco da proposta, mas o aluno mediano, o aluno fraco, ele ficou ainda mais longe do que nós chamaríamos de um ideal de educação. (João, entrevista, 17/10/2022).

Além disso, os professores relatam a discriminação com outras disciplinas por parte da família,

Também tinha a questão de que os pais não entendiam e não valorizavam a disciplina de artes. Eles queriam que a criança estivesse aprendendo português e matemática. Quando a gente entrava para dar aula, outros professores já tinham dado aula e a desculpa era que o celular estava quente, que o menino estava cansado. A mãe já estava doida para mexer no telefone dela. E assim, o aluno que tinha uma boa conexão e um suporte mínimo, conseguia ver o vídeo que a gente preparava. Eu preparava o PowerPoint e era legal eu poder usar esses recursos. Mas a questão da logística, de eu ter que abrir o link da sala, enviar o link para os alunos, aceitar os alunos, pedir para desligarem o microfone era um caos absoluto. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

No período de pandemia ainda houve a aplicação das provas de avaliação diagnóstica. O governo não suspendeu segundo a ex-secretária de educação do Estado de Minas Gerais, em entrevista⁴⁵ Júlia Drumond, porque “esse diagnóstico contribui para nortear as ações que serão desenvolvidas e permite revisar o planejamento para adequar às necessidades que foram mapeadas na avaliação”.

Isso demonstra a redução da educação ao conjunto de métricas, aumento da padronização e o evidente impacto negativo na autonomia escolar. O professor tinha que incentivar a turma a realizar. De acordo com os gestores das escolas, quem tivesse pouco retorno tinha o nome da sua escola publicada no grupo de Whatsapp de diretores da rede estadual da cidade para cobrar agilidade dos resultados e comparar as escolas. Esse tipo de procedimento é uma exposição, porque não leva em consideração o motivo da ausência de

⁴⁴ Disponível a matéria completa em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.ghtml>. Acesso em 24 dez.2023.

⁴⁵ Disponível a matéria completa em: <https://www.educacao.mg.gov.br/avaliacao-diagnostica-da-rede-estadual-de-ensino-comeca-na-proxima-segunda-feira-27-2/#:~:text=%E2%80%9CA%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20Diagn%C3%B3stica%20permite%20que,de%20cada%20estudante%2C%20em%20espec%C3%ADfico>. Acesso em 24 dez.2023.

adesão. Além disso, os alunos pouco se preocupam com esse tipo de prova. Apesar da escola tentar mobilizar o aluno, muito não veem sentido em realizar esse tipo de procedimento.

Figura 24 – Resposta da prova de avaliação externa do governo na pandemia.

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA – MATEMÁTICA

PEB - PROFESSORA EDUCAÇÃO BÁSICA - [REDACTED] - 5º ANO B

➤ **FEZ ATRAVÉS DO APLICATIVO CONEXÃO ESCOLA:**

1. [REDACTED] PEREIRA MAIA
2. [REDACTED] MANOELA DE OLIVEIRA
3. [REDACTED] NYRAGE ANTÔNIO
4. [REDACTED] PAULO GOMES DA CRUZ
5. [REDACTED] FELIX SANTOS

VISÃO DETALHADA

Estudantes	MEDIA DE ACERTOS	PARTICIPAÇÃO	01	02	03	04	05
[REDACTED] CAETANO DA SILVA	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] PEREIRA MAIA	5	Sim	Acertou	Acertou	Acertou	Acertou	Acertou
[REDACTED] CRISTINA DOS SANTOS PRIMO	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] DA SILVA GALDINO	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] DE SOUZA GANDRA	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] PEDRO DE OLIVEIRA SILVA	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] DE JESUS XAVIER	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] CESAR DE SOUSA PAULA	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] MANOELA DE OLIVEIRA	4	Sim	Acertou	Acertou	Acertou	Errou	Acertou
[REDACTED] NYRAGE ANTONIO	3	Sim	Acertou	Acertou	Errou	Errou	Acertou

Estudantes	MEDIA DE ACERTOS	PARTICIPAÇÃO	01	02	03	04	05
[REDACTED] HENRIQUE TOMAZ DE AQUINO	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] RODRIGUES PEREIRA DA SILVA	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] ANTONIO DA SILVA RODRIGUES	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] PAULO GOMES DA CRUZ	3	Sim	Acertou	Acertou	Acertou	Errou	Não fez
[REDACTED] VITORIA CRISTINA SILVA	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] FELIX SANTOS	4	Sim	Acertou	Acertou	Acertou	Errou	Acertou
[REDACTED] GRAZIELE DOS SANTOS LIMA	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] HENRIQUE DE OLIVEIRA ARAUJO	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] HENRIQUE LOPES ALEXANDRINO	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
[REDACTED] CHIMANGO BRAZ DAS GRACAS	-	Não	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez

Fonte: Material da escola investigada.

Segundo Hypolito (2015), a aplicação de provas de avaliação externa é comparada com outras realidades que não poderiam ser comparadas com o Brasil. Ele cita a Finlândia como exemplo, sobre os diversos fatores influenciam o desempenho dos alunos, indo muito além das avaliações.

Para ele a abordagem educacional finlandesa não se concentra em testes padronizados; ao contrário, não prepara os estudantes especificamente para eles. Os professores finlandeses passam por uma formação robusta, obtendo mestrado e recebendo uma remuneração bastante satisfatória. A profissão de professor é altamente valorizada e é uma das mais procuradas. Os currículos não são uniformemente impostos em nível nacional,

permitindo maior flexibilidade e adaptação às necessidades locais. Estes são apenas alguns dos aspectos que contribuem para o sucesso do sistema educacional finlandês, evidenciando que há mais do que apenas testes que determinam o desempenho dos alunos.

Isso é mais agravante quando percebemos que, de um lado, ainda vivenciamos os reflexos da pandemia e nossos alunos possuem déficit de conhecimento⁴⁶ em relação ao esperado para o ano de escolaridade frequentado. Ademais, inúmeros são os estudos que apontam os problemas de saúde adquiridos pelos estudantes e profissionais da educação ao longo da pandemia, como depressão, déficit de atenção, ansiedade, entre outros. Por outro lado, ainda enfrentamos a ausência de uma política pública em nível nacional para reverter ou tentar minimizar esses impactos.

Nesse retorno no começo de ano 2022, os alunos estavam desorientados. Você tinha que explicar bastante. Eu tenho dez turmas por dia, praticamente, tem dias que são cinco horários, um em cada turma, então eu tenho que explicar tudo várias vezes, parecem perdidos. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

No contexto pós-pandemia⁴⁷, alavancou a preocupação com o processo de ensino aprendizagem. Já tínhamos um déficit de aprendizagem antes desse fenômeno, após essa situação ficou alarmante. Segundo Laura (2022), na realidade a escola brasileira tem dificuldade de fazer o mínimo. “Péssimo. E na educação básica foi mais devastador ainda, não sabiam escrever bem, colocar vírgula e isso me deixou preocupada porque isso, para mim, representa uma visão do processo educacional (Laura, entrevista, 14/11/2022)”.

No Brasil, podemos perceber o aumento do trabalho, novas exigências e o surgimento da necessidade do docente efetuar a prestação de contas de como efetuava o trabalho em casa. Assim houve a necessidade de preencher anexos da prefeitura e do estado⁴⁸ para comprovar o

⁴⁶ Ainda segundo o Inep, o Brasil registrou uma média de 279 dias de suspensão de atividades presenciais durante o ano letivo de 2020, não sem consequências sérias. O estudo *Perda de Aprendizagem na Pandemia*, uma parceria entre o Insper e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico>> Acesso em: 12 dez. 2022.

⁴⁷ Ainda segundo o Inep, o Brasil registrou uma média de 279 dias de suspensão de atividades presenciais durante o ano letivo de 2020, não sem consequências sérias. O estudo *Perda de Aprendizagem na Pandemia*, uma parceria entre o Insper e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico>> Acesso em 12 de agosto de 2022.

⁴⁸ Anexos B e C.

trabalho e a jornada diária. O modelo desse documento era burocrático e extenso, coloque em anexo todos os modelos tanto do estado quanto da prefeitura.

Era preciso em todas as escolas preencher os conteúdos e o trabalho realizado para fazer o registro de atividades realizadas. Além disso, o controle interno de distribuição do material, plano de trabalho, turno e o relatório da atividade desenvolvida.

No pós-pandemia voltamos desmotivados, cansados e fragilizados. Nós fomos muito expostos e cobrados, mas não fomos reconhecidos pelos pais. Infelizmente, muitos disseram que não estávamos trabalhando (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Figura 25– Planilha de devolutiva.

ALUNOS		MAT				PORT				GEO				HIST				BIOL				INGLES				ED. FISICA				QUIMICA				FISICA				SOCIOLOGIA				ARTE				BIMESTRE		MAT		PORT	
ALUNOS		1 2 3 4				1 2 3 4				1 2 3 4				1 2 3 4				1 2 3 4				1 2 3 4				1 2 3 4				1 2 3 4				1 2 3 4				1º BIM		2º BIM		3º BIM		4º BIM		TOTAL					
ALEX DE SOUSA PINHO		R				R				R				R				R				R				R				R				R				R				15		15							
		E				E				E				E				E				E				E				E				E				E				21		21							
		E				E				E				E				E				E				E				E				E				E				21		21							
		E				E				E				E				E				E				E				E				E				E				21		21							
		E				E				E				E				E				E				E				E				E				E				78		78							

Fonte: Material da escola investigada.

Ademais o preenchimento de planilhas, diários, produção de materiais online ocupou diariamente a jornada de trabalho dos professores.

Para comprovar de que a gente realmente estava trabalhando, nós tínhamos os e-mails que eram respondidos e encaminhados, **nós tínhamos as planilhas, e uma série de instrumentos que foram criados para que ficassem esses indícios do nosso trabalho**. Os grupos de WhatsApp também. Ficava tudo registrado. Em 2020 e 2021, aqui em casa, acho que o povo esqueceu que eu existia, porque eu ficava o tempo inteiro respondendo aluno e esclarecendo todas as dúvidas. Foi uma dedicação exclusiva. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Para Previtali e Fagiani (2022), esse conjunto de atividade ligada a docência está interligada com necessidade de adaptação de uma nova linguagem da internet. De acordo com eles, com a presença desse tipo de atividade aumentou a jornada de trabalho, o que gera um adoecimento e reduz o tempo de intervalo e descanso. Dentro dos moldes capitalistas o professor exerceu seu trabalho mecanicamente a finalidade não era humaniza-lo. O seu trabalho é apenas um produto e uma mercadoria, a burocracia imperou:

Eu preenchia uma planilha de uma maneira objetiva, colocando o meu horário de trabalho. Mas eu não poderia colocar das 6:00 às 21:00. Eu tinha que colocar das 7:00 às 11:25. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

É tinha um documento que nós é que produzimos, que era um documento que a gente se preenchia e enviava para escola, contando ali é que dia que horário que eu realizei, aquela atividade. (João, entrevista, 17/10/2022).

Existiam planilhas onde eu lançava as notas e os horários das aulas com os alunos. Eu acho que essa era uma forma de comprovação de que estávamos trabalhando, através do aplicativo Conexão Escola, que era a ferramenta que a gente utilizava para trabalhar com os alunos. O mais desgastante para mim era essa questão de ter que abrir esse aplicativo praticamente todos os dias e anotar as atividades que os alunos enviavam, era um trabalho que não cessava nunca. (Marina, entrevista, 10/10/2022).

A burocracia. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

O mais desgastante, em minha opinião, foi o preenchimento de vários documentos, a necessidade de materializar todo o trabalho, através de relatórios, anexos e as cobranças feitas da escola para nós, professores. (Roberta, entrevista, 10/11/2022).

Eu acho que a única coisa positiva foi as reuniões online, onde as pessoas participavam de onde estavam e seguiam sua vida. (Laura, entrevista, 14/11/2022).

Sim, eu acho que as reuniões fluíam melhores. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Mensalmente, eu preenchia um anexo que era entregue ao supervisor, relatando tudo mesmo, e era muita coisa. Muitas páginas de anexos relatando todo o trabalho que eu fazia. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

A burocracia no trabalho docente ficou a cada dia está mais excessiva nas escolas. De tal modo ela representa um entrave significativo comprometendo a qualidade da educação e a excelência profissional uma vez em que permanecem mais tempo ocupados com atividades informacionais do que com o conteúdo da aula. O sistema burocrático estrutura-se nas formas da empresa capitalista como também na área da administração pública; seu papel essencial é a organização, planejamento e estímulo. (TRAGTENBERG, p. 36, 2004). No pós-pandemia a planilha também se tornou umas das exigências que foram incorporadas no trabalho.

Figura 26– Planilha de devolutiva.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	
I	Processo = 15,0 Simulado= 10,0		DISCIPLINAS DA FORMAÇÃO GERAL BÁSICA												DISC. ESPECÍFICAS			
ALUNOS	Bimestres	TIVIDADE	MAT	PORT.	GEO.	HIST.	BIOL.	INGLÊS	ED. FÍSICA	QUÍM.	FÍSICA	SOCIOL.	FILOS.	ARTE	PV	ESBE	PCC	
ANA VITÓRIA SILVA PAZ	1º	Simulado	3	4	7	4	5	6		3	3	5	3	5	8		10	
		Recup.										7						
		Total 1º Bi	16	18	7	15	15	18	0	18	15	15	18	20	16	15	25	
	2º	Processo	11	6	15	4,5	11	3		18	5	8,5	12	10		12	15	
		Simulado	4	8	3	6	5	4			2	3	3	6		9		
		Recup.		1		4,5						3,5			15			
	3º	Total 2º Bi	15	15	18	15	16	7	0	18	7	15	15	16	15	21	15	
		Processo	11		13	0	8,5	0		3	8		2		14		15	
		Simulado	4	5	3	1	1	3			3	2	3	3	10			
	4º	Recup.		10			1,5				4							
		Total 3º Bi	15	10	16	1	11	3	0	3	15	2	5	3	24	0	15	
		Processo		0			5	0		0			0	8			20	
	TOTAL ANUAL	Simulado		0				0					0					
		Recup.																
		Total 4º Bi	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	8	0	0	20	
	TOTAL ANUAL			46	43	41	31	47	28	0	39	37	32	38	47	55	36	75
	Estudos Indedentes			38,5	60	60	59,5	48	61,5		60	31	50					

Fonte: Material da escola investigada.

Como podemos observar na imagem 26, continua o uso e passou a serem colocadas às questões de notas e sua distribuição. O fato é que as tecnologias elas não aparecem avançar para a rede pública para minimizar a burocracia e melhorar as condições do trabalho docente. Isso é evidente porque o diário deveria produzir relatórios completos a partir do seu preenchimento de todos esses campos destacados acima, não funciona nessa parte. De tal forma essa atividade é manual e muito demorada para quem possui diversas turmas.

A burocracia pedagógica, com seus processos e exigências excessivas, reforça a perda da função social da escola e do trabalho docente.

Então nos tínhamos e algumas ferramentas para isso. Gráficos e planilhas que nós tínhamos que preencher para contar lá o que tinha sido produzido, qual é volume devolvido. Então, ouve-se uma forma de controle do meu trabalho, daquilo que o aluno produzia o material enviado. Era correspondente aquilo que a escola oferecia, né? Então havia sim, uma forma de controle do meu trabalho de horários, talvez não, mas de trabalho sim. O conexão escola o Google sala de aula é uma forma de controle. (João, entrevista, 17/10/2022).

Através do preenchimento de anexos e envio de links no Classroom, onde a gente tinha que acessar nos horários determinados. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Na prefeitura, a comprovação do nosso trabalho era fazer as atividades semanais para deixar na escola para os alunos buscarem, também preenchíamos relatórios que

eram enviados para a supervisão. No estado, preenchíamos o relatório mensal. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

A gente tinha que preencher um anexo. Era um documento no qual a gente fazia um registro das atividades desenvolvidas durante a sua carga horária de trabalho, então registravam o atendimento que foi dado ao aluno, quando você fazia as postagens no Google sala de aula, ou se assistiu as aulas do que passavam na TV ou até mesmo as que ficavam disponíveis no Youtube. Tudo isso eu deixava registrado em documentos diários que eram enviados mensalmente para a supervisora. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Atualmente os gestores em 2024 são obrigados a identificar, localizar, responder um questionário afirmando qual a situação do aluno, os motivos da infrequência e o que a escola tem realizado para reverter tal situação. Vejamos:

Figura 27– Sistema da busca ativa 1.

The image shows a web browser window with the URL `buscaativa.educacao.mg.gov.br/BuscarEstudante`. The page header includes the logo `educacao.mg.gov.br` and navigation links: `Buscar Estudante`, `Situações de Estudantes - Busca Ativa`, `Situações de Estudantes - Intervenção Pedagógica`, `Turmas`, and `ManualSai`. The main content area features a large red heading: **BUSCA ATIVA e INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA - 2023 ESTUDANTES INFREQUENTES - 3º BIMESTRE**. Below the heading is a blue bar and the text: `Data da última atualização dos dados: 31/10/2023`. The section is titled **Buscar Estudante** and contains a form with the label `Estudante`. The form includes the text `Buscar por ID do(a) Estudante:` and a text input field with the placeholder `Inserir o ID do(a) Estudante do SIMADE, é o mesmo utilizado para a geração do e-mail do(a) estudante`. A green `Buscar` button is positioned below the input field.

Fonte: Interface do sistema de uma escola

A imagem 27 revela a interface do site criado pelo estado para o servidor preencher e certificar todas as informações no sistema do estado. Dessa forma, o órgão gestor central ao identificar no sistema a infrequência do aluno, envia para a escola o nome do aluno. Por exemplo:

Figura 28– Sistema da busca ativa 2

8301604	AMANDA JESUS DA SILVA	ENSINO MÉDIO	ENSINO REGULAR	2º EM REG 4	2º	NOITE	Situação não informada no sistema	Situação não informada no sistema	Busca Ativa	Intervenção Pedagógica
---------	-----------------------------	-----------------	-------------------	----------------	----	-------	--	---	----------------	---------------------------

Fonte: Interface do sistema de uma escola

Após isso, o gestor precisa contatar a família e responder sobre qual é a situação do aluno e como a escola está atuando para mudar tal situação. Após isso é obrigatório o preenchimento do sistema alegando a situação, como a figura 29:

Figura 29– Sistema da busca ativa 3.

Motivos identificados pela gestão escolar para a infrequência do estudante e/ou seu não-retorno à escola:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Adolescente em conflito com a lei | <input type="checkbox"/> Evasão porque sente a escola desinteressante (Desinteresse pela escola) | <input type="checkbox"/> Preconceito ou discriminação racial |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente com deficiência física | <input type="checkbox"/> Evasão porque sente a escola desinteressante (Desinteresse pelos estudos) | <input type="checkbox"/> Trabalho infantil |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente com deficiência intelectual | <input type="checkbox"/> Falta de documentação da criança ou adolescente | <input type="checkbox"/> Uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente com deficiência mental | <input type="checkbox"/> Falta de infraestrutura escolar (Escola) | <input type="checkbox"/> Violência familiar |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente com deficiência sensorial | <input type="checkbox"/> Falta de infraestrutura escolar (Vagas) | <input type="checkbox"/> Violência na escola (Discriminação de gênero) |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente com deficiência(s) que impeça(m) ou dificulte(m) a frequência à escola | <input type="checkbox"/> Falta de infraestrutura escolar (Vagas) | <input type="checkbox"/> Violência na escola (Discriminação racial) |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente com doenças (que impedem e/ou dificultem a frequência à escola) | <input type="checkbox"/> Falta de transporte escolar (transporte escolar público) | <input type="checkbox"/> Violência na escola (Discriminação religiosa) |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente em abrigos | <input type="checkbox"/> Falta de transporte escolar (transporte particular - veículo próprio) | <input type="checkbox"/> Violência na escola (Bullying) |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente em situação de rua | <input checked="" type="checkbox"/> Falta de transporte escolar (transporte público - ônibus, metrô, trem, balsa, barco etc.) | <input type="checkbox"/> Violência na escola (conflitos com outros estudantes) |
| <input type="checkbox"/> Criança ou adolescente que sofrem ou sofreram abuso / violência sexual | <input type="checkbox"/> Gravidez na adolescência | <input type="checkbox"/> Violência na escola (conflitos da criança e/ ou adolescente com funcionários, docentes ou gestores da escola) |
| <input type="checkbox"/> Crianças ou adolescentes migrantes estrangeiros | <input type="checkbox"/> Mudança de domicílio, viagem ou deslocamentos frequentes | <input type="checkbox"/> Violência na escola (discriminação por orientação sexual) |
| | | <input type="checkbox"/> Violência no território |

Atualizar Situação do(a) Estudante

Cancelar

Fonte: Interface do sistema de uma escola

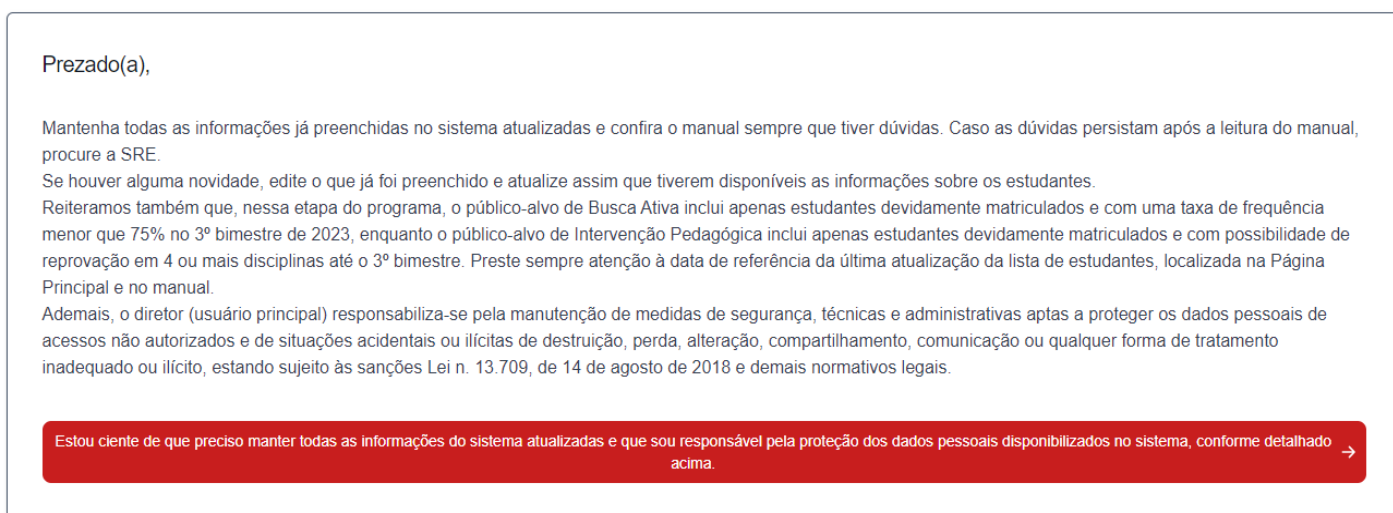
O governo estadual após testar na pandemia esse sistema, agora tornou obrigatório aos gestores: vice-diretor, supervisor e diretor; a busca e registro da devolutiva dessas situações. Com isso, após identificar os motivos para a infrequência, mesmo que seja algo simples como a ausência por motivos de passe escolar, não existe nenhum mecanismo imediato de acionamento estatal para a resolução da problemática apresentada.

Por um lado, isso demonstra o aumento do serviço burocrático dos gestores, pois lançou sobre os funcionários mais encargos, e ao mesmo tempo eximiu o estado de mobilizar equipes apropriadas para essa demanda. De modo que a escola faz uma espécie de serviço

social. Por outro, demonstra as mazelas estatais na qual a resolução do problema não acontece a fim de amenizar a problemática. Com o retorno das aulas em junho de 2022, a preocupação a priori pareceu ser com o bem estar dos alunos, enquanto aos professores entrevistados a sensação era de medo, ansiedade e subemprego.

Nesse momento houve uma série de instalação de instrumentos pedagógicos que haviam sido utilizados e testados na pandemia, e com a volta às aulas foram implementados. A imagem 30 é outro recurso colocado pelo governo para acompanhamento em tempo real do aluno, um programa de intervenção pedagógica⁴⁹.

Figura 30– Sistema da busca ativa 4.



Fonte: Interface do sistema de uma escola

⁴⁹ Documento Orientador Intervenção Pedagógica 2022. Nele intervenção pedagógica pode ser definida por: é uma ação estratégica para o Fortalecimento das Aprendizagens e é (será) desenvolvida de forma coordenada com outras ações estratégicas da SEE/MG. (2022, p.7). Ao final de cada Intervenção (bimestral) deverão ser informados, aos estudantes ou responsáveis, em até 10 (dez) dias úteis, os resultados da Intervenção Pedagógica e as estratégias que foram utilizadas e que serão oferecidas pela escola para o estudante que ainda não desenvolveu as habilidades previstas, conforme previsto na Resolução SEE nº 4.692, de 29 de dezembro de 2021, em seu art. 96. As análises dos resultados devem ser mensuradas pela equipe escolar de forma a garantir a continuidade da aprendizagem ampla, interdisciplinar, interdisciplinar e integral do estudante.

Figura 31– Sistema da busca ativa 5.

QUESTIONÁRIO

Qual(is) estratégia(s) de Intervenção Pedagógica a escola desenvolve ou desenvolveu com este estudante? Considerando todas as disciplinas, marque as opções que considera que se aplicam à realidade da escola:

- Em TODOS os componentes curriculares e bimestres em que o estudante ficou abaixo da média até o 3º bimestre foram oferecidos os estudos contínuos, conforme Art. 95 da Resolução SEE 4692/2021
- Em TODOS os componentes curriculares e bimestres em que o estudante ficou abaixo da média até o 3º bimestre foram oferecidos os estudos periódicos, conforme Art. 95 da Resolução SEE 4692/2021
- Foi desenvolvido PLANO DE AÇÃO REFERENTE AO PLANO RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS na turma do estudante, conforme orientações do PRA (<https://www.educacao.mg.gov.br/pr/>)
- Estudante foi ENTURMADO NO PROJETO DO REFORÇO ESCOLAR conforme Resolução SEE/MG nº 4692/21
- Estudante foi INCLUÍDO NA ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO AGRUPAMENTO TEMPORÁRIO conforme Resolução SEE/MG nº 4692/21 e Documento Orientador (https://www.educacao.mg.gov.br/wp-content/uploads/2023/07/2023-AGRUPAMENTO-TEMPORARIO_final_1.pdf)

Atualizar Intervenção Pedagógica do(a) Estudante

Cancelar

Fonte: Interface do sistema de uma escola

Como demonstra a imagem 31, esse sistema seria uma maneira de registrar a recuperação contínua do aluno. Dessa forma, mesmo após o término do bimestre seria permitido ao aluno conseguir recuperar sua nota. Suponhamos que o bimestre esteve distribuído 25 pontos, o aluno fez recuperação paralela no bimestre e não atingiu a nota mínima de 60%. Dessa maneira, ele fica automaticamente na intervenção pedagógica, ele teria algum tipo de avaliação reavaliação nos próximos bimestres,

Em razão do período de Pandemia da Covid-19, que enfrentamos em 2020 e 2021, a ação de Intervenção Pedagógica se tornou ainda mais importante para mitigar a defasagem de aprendizagem, o que demandará das escolas o desenvolvimento de várias ações articuladas, para a garantia e a promoção de aprendizagens significativas aos estudantes. Conforme previsto na Resolução SEE nº 4.692, de 29 de dezembro de 2021, a Intervenção Pedagógica é uma ação estratégica para o Fortalecimento das Aprendizagens e é (será) desenvolvida de forma coordenada com outras ações estratégicas da SEE/MG, como a escola acolhedora, a busca ativa e o reforço escolar, constituindo, assim, uma agenda permanente nos vários espaços coletivos da escola (Reuniões Pedagógicas/Atividades extraclasse, Conselho de Classe, Colegiado Escolar, Representantes de Turma, Grêmios Estudantil etc). (See-Mg-p7).

Por meio desse diagnóstico baseados nas notas dos alunos ampliou-se as possibilidades para ele progredir nos estudos. Contudo, as condições apresentadas são semelhantes aquelas já apresentadas em períodos presenciais como mudanças de recursos, adaptações de nova metodologia entre outros.

De certa forma, esse projeto ele é um mais do mesmo, pois ele não prevê ampliação da carga horária ou acompanhamento personalizado e exclusivo do discente, apesar de uma etapa ser individual. Houve a obrigatoriedade desse projeto e se tornou mais uma sobrecarga ao docente. Agora ele necessita de recuperar esses alunos com as condições materiais idênticas ao período anterior a pandemia.

De fato não podemos retirar o mérito da tentativa de recuperar as aprendizagens nesse período, mas é necessário rever as estratégias e implementar ações práticas na tentativa de superar os problemas decorrentes desse momento de maneira a combater os problemas já enfrentados. Lançar sob a responsabilidade dos docentes essa tática é criar mais cobranças e provocar um adoecimento ao professor que está centralizado na figura de recuperação desse período. Para Roberta no retorno, “apesar do receio por conta da pandemia, senti um alívio, pois o ensino remoto não estava funcionando em sua totalidade, não se via resultados positivos (Roberta, entrevista, 10/11/2022)”. A opinião semelhante,

No Estado, eu digo que foi uma experiência um pouco complexa porque ela foi frustrante no sentido de em retorno e foi fraca, no sentido de alcance de objetivos já que de algum modo eu me senti assim, meio que cumprindo um protocolo daquele precisava ser cumprido mais verdadeiramente, não acreditando que aquilo estava alcançando objetivo mínimo. Nem o mínimo era alcançado. (João, entrevista, 17/10/2022).

O prognóstico caótico no que diz respeito aos limites entre ensino presencial e ensino remoto demonstrou que tudo que foi implementado para auxiliar o trabalho pedagógico como medida auxiliar transformou-se em uma tendência na educação, Saviani (2021) cita, por exemplo, o ensino remoto como auxiliar passou a ganhar adeptos,

O quadro que se anuncia para o período pós-pandemia trará consigo pressões para generalização da educação a distância, como se fosse equivalente ao ensino presencial, em função dos interesses econômicos privados envolvidos, mas também como resultado da falta de uma verdadeira responsabilidade com a educação pública de qualidade e, ainda, pela apatia de entidades de classe, organizações populares e movimentos sociais ditos progressistas que se renderam ao canto de sereia do ensino virtual (Saviani, 2021, p. 39).

Vimos que a implementação do uso emergencial e compulsório de tecnologias digitais de informação e comunicação como principais ferramentas de ensino e aprendizagem para professores da rede estadual de educação de Minas Gerais trouxe à tona, sobretudo, a situação precária da estrutura material das escolas no que concerne aos insumos necessários ao ensino remoto, assim como, o baixo incentivo e acompanhamento aos professores para uma capacitação efetiva na utilização das ferramentas a serem utilizadas.

Para mim foi traumático, até hoje quando eu vou ligar o computador, quando participo de algumas reuniões pelo Google Meet com os meninos do grupo de oração, ainda vem aquele trauma na minha cabeça, por isso digo a você que são marcas de guerra, foi um dos períodos mais difíceis na minha vida. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Os docentes tiveram que se adaptarem as aulas remotas, providenciar equipamentos e ferramentas de trabalho, melhorar a sua conexão de internet para conseguir ministrar aula, organizar um espaço de estudo capaz de permitir ministrar aulas de sua casa, enfrentar problemas com equipamentos como ausência de memória de celular, lentidão de computadores, fazer a buscar por alunos que não faziam contato, preparar diferentes materiais e se tornar usuários de sistema que muitos deles nunca havia mexidos. Para alguns o significado do encerramento do trabalho remoto foi,

Sabe quando você está carregando uma mochila muito pesada nas costas, doida para chegar em casa, ou então quando você chega de uma viagem que foi maravilhosa e que você descobriu muitas coisas, mas você já estava de saco cheio? Para mim, foi libertador. (Bruna, entrevista, 03/10/2022).

Um Alívio. (Carolina, entrevista, 07/11/2022).

Estou sentindo dificuldades em relação ao nível de ensino, tenho que trabalhar o conteúdo de uma forma um pouco mais lenta para que eles consigam assimilar e eu possa obter resultados. (Eduardo, entrevista, 31/10/2022).

Em relação ao meu trabalho também, o que me preocupa é essa demanda de trabalho a cumprir. Mas é, é mais intensa esse ano eu estou sentindo que a cobrança está muito mais intensa do que o momento presencial antes de ensino remoto, né? Antes de uma pandemia, existia a cobrança. Existia tudo isso aqui? Agora parece que eu vejo que a parte do governo quer sanar tudo esse ano e não é assim. E não é sugando o professor além da conta que a gente vai ter um bom resultado. Porque vai ser assim, vai demorar para a gente conseguir recuperar de verdade todo esse período, né? Então. Cobrança e eu lembrei de outra coisa, a cobrança e também a comprovação. Eu tenho que comprovar o que eu fiz. Eu tenho que fazer relatório do que eu fiz. Eu sou vigiada pelo que eu fiz. Agora uma situação que eu fiquei assim, eu falei, gente, a gente é vigiada a todo tempo e para que isso, qual que é a necessidade? Sabe desse jeito aí a ideia do se sentir sufocado mesmo. (Jane, entrevista, 23/11/2022).

Outra problemática é que houve o abandono de algumas ferramentas utilizadas pelos professores como recursos pedagógicos.

Decepção por não podermos mais usar o Google Sala de Aula, onde eu poderia postar meus trabalhos sem a necessidade de imprimir. O aluno poderia acessar o celular dele dentro da sala de aula e fazer minha atividade na hora da aula, o que eu acho que seria super bacana. Mas eu penso que o governo trabalha contra a educação pública, para que a mesma não tivesse que ser uma boa escola, fornecer uma

educação de qualidade. Parece que trabalha para cumprir uma função de empresa, mas não função de escola, que é formar um cidadão e desenvolver o seu conhecimento. (Daniela, entrevista, 24/10/2022).

Mas acredito que esse sistema de ensino deveria ter continuado para as crianças a partir do quinto ano para eles continuarem tendo acesso a essa modalidade de ensino que, pelo que parece, irá permear por um bom tempo ou definitivamente. Pensando nessa vivência, e que possíveis situações como essa podem vir a acontecer futuramente, eu acho que deveria pensar mais nessa questão do uso da tecnologia no cotidiano de uma forma mais produtiva. (Teresa, entrevista, 21/11/2022).

Para seis professores, o abandono de algumas aprendizagens adquiridas era algo ruim. Na opinião deles, as reuniões remotas, o uso de recursos de gravação de aulas, os espaços de armazenamento no email instituição, as vídeoaulas como material complementar, foram citados como algo que ainda poderia dar continuidade no ensino. Esse abandono é perverso porque não se tem a preocupação na manutenção daquilo que iniciou, não existiu uma formação de continuidade que atribuía sentido a todo aquele período.

Segundo o autor investir em educação pública é um favorecimento no futuro do país. Então é necessário criar condições dignas aos alunos e aos professores. De tal modo, “assim como políticas de valorização docente que garantam uma formação sólida, uma carreira profissional e uma retribuição salarial para o magistério que transforme este trabalho em algo digno, atrativo e prestigioso”. (Hypolito, 2015, p. 522).

Neste sentido, para Hypolito (2015), a precarização do trabalho docente e a infraestrutura precária das escolas públicas configuram um cenário desolador que exige uma resposta contundente: investimento direto e objetivo na educação pública. É fundamental garantir, de uma vez por todas, escolas com um padrão mínimo de qualidade, desde a infraestrutura básica (prédios, bibliotecas, laboratórios, salas de aula) até materiais didáticos e recursos de ensino atualizados.

Portanto, apresentamos como o trabalho docente se constituiu na sociedade e seus percalços históricos na busca do reconhecimento e valorização. Destacamos como o período da pandemia destrinchou a situação precária dos trabalhadores e alunos das instituições públicas. Evidenciamos nesse período o adoecimento, as péssimas condições materiais, o esvaziamento das ferramentas tecnológicas é crucial para esse período.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entra as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida [...].

Conceição Evaristo

Daria um filme, uma negra e uma criança nos braços solitária na floresta de concreto e aço. Veja, olha outra vez o rosto na multidão. A multidão é um monstro sem rosto e coração, Hei, São Paulo, terra de arranha-céu, a garoa rasga a carne, é a Torre de Babel, família brasileira, dois contra o mundo mãe solteira de um promissor vagabundo. Luz, câmera e ação, gravando a cena vai. Um bastardo, mais um filho pardo sem pai Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é, sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé.

Edi Rock e Mano Brown - Racionais MC's

Para além das mudanças inerentes à sua própria evolução, a educação se viu imbuída de um papel fundamental na disputa ideológica e cultural no contexto das relações sociais de produção capitalistas. Com o desenvolvimento das classes sociais antagônicas – burguesia e proletariado – a educação se tornou um campo de batalha, onde a luta de classes e a crescente consciência da realidade pelas classes menos favorecidas colocavam em risco a perpetuação do sistema capitalista. Para Antunes (2019) essa possibilidade de emancipação também ocorre por meio do resgate de buscar sentido de pertencimento a classe trabalhadora.

A possibilidade de uma efetiva emancipação humana e social, da construção de uma alternativa socialista de fato, só encontrará concretude e viabilidade social a partir de revoltas e rebeliões que se originam centralmente (e não com exclusividade) no mundo do trabalho. (Antunes, 2019, 303-304).

Por esse motivo e reconhecimento da função social do trabalho do professor em meio à luta de classes, dedicamos um capítulo sobre as “Especificidades do trabalho docente”. Nele discutiu-se como essa categoria tem cumprido extensas jornadas de trabalho, e como o tempo dedicado ao planejamento é pequeno. De tal modo destacamos o aumento de atribuições e atividades técnicas que adentram no tempo de descanso e lazer dos professores.

Além disso, a evidente desvalorização da carreira docente sobre os planos de cargos e carreiras. Ademais remunerações reduzidas que acabam levando os professores ao acúmulo de cargos que ultrapassam 60 horas formais de trabalho. Isso ocorre dentro de um cenário marcado por ideias hegemônicas de representantes políticos que não demonstram ter responsabilidade e empenho na educação pública de qualidade. De tal modo, tais governantes não conseguem manter um discurso alinhado com as práticas de suas campanhas eleitorais. A educação gratuita continua a ser ceifada em todas as suas esferas.

Em meio a esse cenário, o capítulo “Indústria 4.0 e Educação 4.0”, demonstra o quanto os elementos que caracterizam esses dois fenômenos estão longe de se constituir com uma realidade da escola pública. Em detrimento das redes privadas que vendem discursos alinhados a educação 4.0, e possuem ferramentas para essas práticas. Neste cenário a educação universal está distante dos padrões ferramentais da rede privada. De tal forma que a classe trabalhadora não tem acesso a determinados tipos de conhecimento porque as condições de infraestrutura pública não concorrem em patamar de equidade com escolas particulares. Reflexo de uma sociedade marcada por um sistema capitalista e neoliberal que exclui os indivíduos.

Ademais, ainda no capítulo II, discutimos sobre o aumento da obrigatoriedade de ferramentas tecnológicas em meio à pandemia no mundo. O que se tornou algo degradante para o trabalho docente, uma vez em que a ausência de preparo para lidar com esses recursos ocasionou uma série de problemas. Além disso, escancarou a dificuldade dos trabalhadores docentes de manipular tais recursos, colocando em xeque o papel da formação inicial e continuada. Nesse interim, era possível perceber que os professores que conseguiram sobressair na pandemia, haviam buscado alternativas individuais, o que expõe a fragmentação no reconhecimento da luta de classes.

Ainda é preciso destacamos as influências dos setores privados na constituição do currículo e avaliação do sistema de educação brasileira. Para isso, resgatamos as contribuições empenhadas por setores como: CNI, ABDI, Sistema S, Unibanco, Fundação Lemann, TPE, Instituto Ayrton Senna, Instituto Natura entre outros. Isso demonstrou a hegemonia desses pensamentos na área educacional e a articulação desses setores na estruturação da BNCC e prova de avaliações externas.

No último capítulo nomeado “o trabalho docente da rede pública de Uberlândia, na conjuntura da Revolução Industrial e a Educação 4.0.”, expusemos as contradições precárias da rede pública de Uberlândia, entre a realidade vivenciada pelos docentes e alunos perante o ensino remoto. Dessa maneira apareceram os problemas de infraestrutura da rede pública, desregulamentação do trabalho *homeoffice*, aumento da jornada de trabalho, o adoecimento docente, e a precariedade das ferramentas de labor.

Ainda segundo o Inep, o Brasil registrou uma média de 279 dias de suspensão de atividades presenciais durante o ano letivo de 2020, não sem consequências sérias. O estudo *Perda de Aprendizagem na Pandemia*, uma parceria entre o Insper e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais.

Com todas essas questões era possível perceber nos relatos orais o descuido com os professores no teletrabalho. A oportunista implementação dos gestores municipais em ferramentas como a busca ativa, que demandou ainda mais tempo dos professores e tornou-se obrigatória em tempos atuais. Dentre os marcos mais significativos o uso de aplicativos de mensagem se tornou praticamente imposto desde o fim desse período.

Logo no pós-pandemia os alunos apresentam demasiado déficit de conhecimento em relação ao esperado para o ano de escolaridade frequentado. No decorrer de 2020 a 2023, o número de crianças que não estão alfabetizadas é alarmante. Ademais apesar de ter surgido algumas políticas para auxiliar. Dessa maneira surgiu a Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica, do decreto, nº 11.079/2022, no qual destaca que é preciso ações efetivas nas políticas públicas para reverter ou tentar minimizar estes impactos.

As hipóteses desta pesquisa eram: a) A Indústria 4.0 e a Educação 4.0 reconfigurou as práticas escolares na rede pública; b) Os professores que atuaram na pandemia relacionam a precariedade do trabalho docente com a implementação de aplicativos e ferramentas da Educação 4.0, que ocorreu contra as indicativas sindicais e propedêuticas, tanto de forma

tangível (celulares, notebooks, aplicativos de fácil usabilidade) como de forma intangível (treinamentos sobre como utilizar as novas ferramentas). Então, além de não facilitar a docência e o aprendizado, a utilização compulsória destas ferramentas se tornou mais um processo burocrático. Neste contexto, evidencia-se que c) a resistência dos docentes ao uso de novas tecnologias pode ser interpretada como insegurança na utilização destas ferramentas, fomentadas pelo desconhecimento e despreparo no uso de novos recursos tecnológicos.

Diante disto, a tese defendida nesta pesquisa é que a Indústria 4.0 e a Educação 4.0 se revelam enquanto tendência no trabalho docente e nas escolas de educação pública da cidade de Uberlândia-MG. Isto ocorre, porque elas não são práticas vivenciadas no cotidiano das instituições, como pensava no início da formulação desse trabalho. Deste modo alguns professores acompanham essa convergência, por ora até utilizam, mas os elementos característicos desses fenômenos aparecem nas escolas em poucos cenários, porque as péssimas condições de infraestrutura e formação docente não permitem apropriação completa desse movimento nas unidades educacionais.

Já a segunda hipótese ocorreu devido às condições precárias de trabalho e infraestrutura dessas instituições públicas. O advento da Pandemia de Covid-19 agiu como se a “caixa de pandora” tivesse sido aberta, expondo todas as mazelas e condições degradantes de trabalho. Isso se evidencia exacerbadamente nos relatos dos trabalhadores docentes flexibilizados e obrigados a realizar uma jornada extenuante, tanto com relação à carga horária, quanto em relação à saúde mental e emocional. Todos os trabalhadores constataram e relataram em suas entrevistas que, durante a pandemia, nos momentos em que as ferramentas da Educação 4.0 deveriam funcionar como suporte, a utilização das mesmas na verdade tornou o trabalho do docente ainda mais burocrático, ao invés de atuar como um recurso pedagógico eficiente. Ou seja, ao contrário do esperado, a necessidade da utilização desses recursos escancarou problemas relacionados à precarização e à falta de investimento na formação continuada, a intensificação do adoecimento docente, e a exposição da carreira docente em meio às políticas neoliberal.

A última hipótese ficou mais evidente dentro do contexto pandêmico por meio dos relatos orais. Nas entrevistas era possível perceber o expressivo desespero dos professores obrigados a lidar com essas ferramentas no ensino. Além disso, fez transparecer que tanto a formação inicial quanto a continuada não preveem habilitação para tais recursos. Ademais, desvelaram-se as fortes influências do neoliberalismo na radicalização da formação de

professores, pois quem tinha conhecimento sobre esses instrumentos havia na maior parte das vezes buscado por conta própria.

A saúde tanto em aspectos físicos como mentais foram afetados nesse período. Os relatos abordados durante toda a tese apresentou como as condições de labor foram inadequadas, e houve uma negligência com o tratamento desses profissionais. De modo geral o trabalho desenvolvido expos todas as mazelas das quais esses docentes foram submetidos e demonstrou a precariedade do sistema educacional na adequação e regulamentação desse tipo de modalidade de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- AMADO, João. **Introdução à investigação qualitativa em educação**: relatório de disciplina apresentado nas provas de agregação. Coimbra: UC, 2009.
- ANDERSON, Perry. **Balço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pósneoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 09-23.
- ANPED. **Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em educação e ABdC/Associação Brasileira de Currículo**. Exposição de Motivos sobre a Base Nacional Comum Curricular, 2015. Ofício n.º 01/2015/GR, Rio de Janeiro, nove de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/news/exposicao-de-motivos-sobre-base-nacional-comum-curricular>. Acesso em: 1 abr. 2023.
- ANPED. **Seminários ANPEd: Ensino Médio: o que as pesquisas têm a dizer? Subsídios para a consulta pública**. Relatório Final. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/anped-entrega-ao-mec-relatorio-final-sobre-ensino-medio-partir-de-pesquisas-e-seminarios#:~:text=Aeste%20os%20v%C3%ADdeos%20dos%20semin%C3%A1rios,pol%C3%ADtica%20do%20Novo%20Ensino%20M%C3%A9dio>. Acesso 31 jul. 2023.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho/ Ricardo Antunes. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no trabalho IV**: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANTUNES, Ricardo et al. **Icebergs à deriva**: o trabalho nas plataformas digitais. São Paulo: Boitempo, 2023.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**. Imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BACICH, Lilian.; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BALASSIANO, Moisés; SEABRA, Alexandre Alves de; LEMOS Ana Heloisa. **Escolaridade, salários e empregabilidade**: tem razão a teoria do capital humano?. Revista de Administração Contemporânea, Maringá, v. 9, n. 4, p. 31-52, dez. 2022. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S1415-65552005000400003>. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552005000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 dez. 2022.
<https://doi.org/10.1590/S1415-65552005000400003>

BANCO MUNDIAL. **Educação e Empregos: Uma Agenda para a Juventude**. Síntese de Constatações, Conclusões e Recomendações de Políticas, 2018. Disponível em <http://documents.worldbank.org/curated/pt/953891520403854615/pdf/123968-WP-PUBLIC-PORTUGUESE-P156683-CompetenciaseEmpregosUmaAgendaparaaJuventude.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2023.

BALZAN, Newton César. **Sete asserções inaceitáveis sobre a inovação educacional**. In: GARCIA, Walter. E. (org.). *Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1989. p.10- 52.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Informática na Educação. **PROINFO: diretrizes**. Brasília, DF: MEC, 1997. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/proinfo_diretrizes1.pdf. Acesso em: 31 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, DF, Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 31 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 5 out. 2022.

BRASIL. **Tecnologias digitais da informação e comunicação no contexto escolar: possibilidades**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-dainformacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades> . Acesso em: 14 jun. 2023

BRECHT, Bertold. *Poemas*. **Seleção e tradução de Paulo César de Souza**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

BRASIL. **Parecer CP/CNE 05/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. MEC: Brasília-DF, 2020.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977

CABRAL, Euclides Afonso. **A precarização do trabalho dos profissionais da educação municipal em Uberlândia**. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5547>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32510>. Acesso em: 10 out. 2022.

CAETANO, Maria Raquel. **Agora o Brasil tem uma Base!** A BNCC e as influências do setor empresarial. Que Base? Educação em Revista, Marília, v. 21, n. 2, p. 65-82, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2020.v21n02.06.p65>. Acesso em: 10 ago. 2023.

<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2020.v21n02.06.p65>

COSTA, Roberta. Assis. et al. A bibliometric research of Industry 4.0 opportunities in Industrial Engineering. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 299-310, 2021. Disponível em: <https://brajets.com/v3/index.php/brajets/article/view/776>. Acesso: 12 jun. 2023.

<https://doi.org/10.14571/brajets.v14.n2.299-310>

CNI BRASIL E EDUCAÇÃO. **Relatório Anual 2019**. Disponível: <http://www.cni.org.br/portal/data/files/BE1911-Relatorio-Anual-CNI-BRASIL-E-EDUCACAO-2019-FINAL.pdf>. Acesso em 11 fev. 2023.

CRUZARA, G.; TAKAHASHI, A. R. W.; SANDRI, E. C.; CHEROBIM, A. P. M. S. **O impacto da transformação digital e da indústria 4.0 nos aspectos de valor: Evidências de uma meta-síntese**. Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão, v. 18, p. 92-106, 29 jun. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/contextus/article/view/43717>. Acesso 11 mai. 2023.

<https://doi.org/10.19094/contextus.2020.43717>

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez Editora, 2ª Edição, 1985.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian.. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DWYER, Tom et al. **Desvendando mitos: os computadores e o desempenho escolar no sistema escolar**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1303-1328, dez. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302007000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1 set. 2019.

<https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000400003>

ENCONTRO NACIONAL DA ANFOPE, 8., 1996, Belo Horizonte. **Documento final. Belo Horizonte**: ANFOPE, 1996. Disponível em: <http://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/05/8%C2%BA-Encontro-Documento-Final-1986.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FERNANDES DOS REIS, L. H.; OTO SHIROMA, E. **Trabalho e Educação na agenda do Banco Mundial para juventude brasileira**. Revista Labor, v. 1, n. 24, p. 511-537, 4 nov. 2020.

<https://doi.org/10.29148/labor.v1i24.60185>

FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. **A ambiguidade da docência:** entre o profissionalismo e a proletarização. Teoria e Educação, Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991. Dossiê: interpretando o trabalho docente.

FERREIRA, Golondrina. **Poemas para não perder.** 2. ed. [S. l.]: Edições Trunca, mar. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria Dias.; ALBERTI, Verena. **História oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz-Casa de Oswaldo Cruz; CPDOC-FGV, 2000.
<https://doi.org/10.7476/9788575412879>

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional.** In: Fazenda, Ivani. (org.). Metodologia da pesquisa educacional. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994. p. 69-90.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real.** 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FISK, Peter. Education 4.0. **The future of learn-ing will be dramatically different, in school and throughout life.** Peter Fisk. Disponível em:
<https://www.peterfisk.com/2017/01/future-education-young-everyone-taught-together/>. Acesso em: 12 out. 2022.

FREITAS, Helena Lopes de. **Certificação docente e formação do educador:** regulação e desprofissionalização. Educação & Sociedade, Campinas, v. 24, n. 85, 2003. p. 1095-1124. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso 10 out. 2019. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302003000400002>.
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000400002>

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas.** São Paulo: Ática, 1996.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar:** a escola do mundo ao avesso. Rio de Janeiro: LP&M, 2011.

GARCIA, W. E. (org). **Inovação Educacional no Brasil:** problemas e perspectivas. 3a Edição. Campinas: Editora dos Autores Associados. 1995.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais:** Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONÇALVES, R.; SOUZA, E. Â. DE .. **Somos todos youtubers?** Indústria 4.0 e precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. Serviço Social & Sociedade, n. 144, p. 33-51, maio 2022.
<https://doi.org/10.1590/0101-6628.279>

HAYEK, Friedrich August. **Desestatização do dinheiro.** Uma análise da teoria e prática das moedas simultâneas. 2011. Disponível em: <http://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/dinheiro.pdf>. Acesso 3 mar. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades e Estados: Uberlândia. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>. Acesso em 06 abr. 2023.

HYPOLITO, Álvaro. Luiz. Moreira.; Vieira, Jarbas. Santos.; e Pizzi, Laura. Cristina Vieira. (2009). **Reestruturação Curricular e Autointensificação do Trabalho Docente**. Currículo sem Fronteiras, 9, (2), pp.100-112. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/hypolito-vieira_pizzi.pdf.

HYPOLITO, Álvaro. Luiz. Moreira. (2015). "**Trabalho Docente e o Novo Plano Nacional de Educação: valorização, formação e condições de trabalho.**" Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 97, p. 517-534, set.-dez., 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n97/1678-7110-ccedes-35-97-00517.pdf>. Acesso em 06 abr. 2023.

HYPOLITO, Álvaro. Luiz. Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. São Leopoldo. Editora Oikos, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/9278/TrabDOCClasse_genALVARO_HYPOLITO_E-book.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 06 abr. 2023.

HYPOLITO, Álvaro. Luiz. Moreira. **Trabalho docente e o novo Plano Nacional de Educação: valorização, formação e condições de trabalho**. Cadernos CEDES, v. 35, n. 97, p. 517-534, set. 2015.
<https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015150376>

JAVEED, Iram. **The impact of Industry 4.0 on Employability and the skills required in India**. Magazine Global Economics Science, p. 1-10, 2023.
<https://doi.org/10.37256/ges.4320231593>

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

KOHAN, Néstor. **Dicionário básico de categorias em Marx**. S.D: Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/docs1/texto3.pdf>. Acesso 26 jan. 2023.

KONDER, Leandro. **A construção da proposta pedagógica do SESC Rio**. Rio de Janeiro: Editora. SENAC. 2000

LIBÂNEO. José. Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

LIMA, Antonio Bosco de. **Democracias e cidades educadoras**. 2022. 201 f. Tese (Promoção para classe E - Professor Titular) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

LIMA, Paulo. Gomes. **Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional**. São Paulo: Amil 2003.

LOUZANO, Paula; MORICONI, Gabriela. **Uma guinada equivocada na agenda educação brasileira**. In: Abranches, Sérgio (org). *Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p 247-255.

LÖWY, Michel. **Ideologia e ciências sociais: elementos para uma análise marxista**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas: Editora Alínea, 2011.
<https://doi.org/10.9771/gmed.v2i2.9581>

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alínea, 2007.

MARTINS, Adriana. Auxiliadora. ; PAIVA, Silvani Aparecida Ribeiro de. ; BIASE, Erica. Giaretta. **Experiência da rede municipal de ensino de Uberlândia na gestão do direito à educação: em foco o programa escola em casa**. *Educação Básica em foco*, v. 1, p. 1-5, 2020.

MARTINS, Adriana Auxiliadora e Amorin, Lóren, Grace Kellen. IN: Programa Escola em Casa. **Revista Catavento**, Uberlândia, 2023, v.1, (p.30-32), jun.2023. Disponível em: <<https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2023/07/Revista-Catavento-Cemepe-SME.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MARSIGLIA, Ana Carolinaina Galvão; et al. In: A Base Nacional Comum Curricular: um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 9, n. 1. Salvador, abr. 2017. p.p 107-121.
<https://doi.org/10.9771/gmed.v9i1.21835>

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1979.

MARX, K. **O capital**. São Paulo, Abril, Cultural, 1983. v.1.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/A-Ideologia-Alem%C3%A3.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular. 2008. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/contribuicao_a_critica_da_economia_politica.pdf. Acesso em 08 ago 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MELO, Alestandro. DE .. **A educação básica na proposta da Confederação Nacional da Indústria (CNI) nos anos 2000**. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, p. 29-46, jan. 2012.

<https://doi.org/10.1590/S1517-97022011005000003>

MERQUIOR, José Guilherme. **Neoliberalismo como neoliberalismo**: de Mises a Hayek, e a teoria da escolha pública. In: O Liberalismo. Antigo e Moderno. 3. ed. São Paulo: É Realizações Editora. 2014. p.225-234.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom e BARBOSA, Fabíola HOLANDA. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto. Acesso em: 20 jun. 2023. , 2015

MÉSZÁROS, István, **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MILL, John Stuart. **A Liberdade**. Utilitarismo. Introdução de Isaiah Berlin. São Paulo. Martins Fontes. 2000.

MISES, Ludwig von. **Liberalismo - Segundo a Tradição Clássica**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises. 2010. Disponível em:
<http://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/liberalismo.pdf>. Acesso em 3 mar. 2020.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

NETO, ROMEU ZEMA. **Programa política cruzada, entrevista dos pré-candidatos a Governador do Estado**, bloco 02. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=_z3YIwISDhI. Acesso em: 17 set. 2022.

NETTO, José Paulo. **Marx: uma biografia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. (org.) **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

OLIVEIRA (ORG), Ricardo. Damasceno. D.; DAMASCENO (ORG), Monica. Maria. Siqueira. **Educação 4.0** : aprendizagem, gestão e tecnologia. educapes.capes.gov.br, 1 set. 2021. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/603256>. Acesso 12 ago.2023.

OLIVEIRA, Breyner. Ricardo. de; OLIVEIRA, Ana. Cristina. Prado. de; JORGE, Glaucia. Maria. dos Santos Jorge.; COELHO, Jianne. Ines. Fialho Coelho. Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais. Revista **Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 84-106, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i1.13928. Disponível em:
<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13928>. Acesso em: 21 jan. 2024.
<https://doi.org/10.21723/riaee.v16i1.13928>

PALMER, Joy A. (org.). **50 Grandes educadores**: de confúncio a Dewey. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto. 2008.

PALMER, Joy A. (org.). **50 Grandes educadores modernos**: de Piaget a Paulo Freire. Tradução: Mirna Pinsky. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2011.

PARO, Vitor. Henrique. **Gestão da escola pública: a participação da comunidade.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 73, n. 174, p. 255-290. Disponível em: <https://www.vitorparo.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Gestao-da-escola-publica-a-participacao-da-comunidade.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.73i174.1092>

PEREIRA, Ruth et al . **Terratech ERASMUS+** project tackling the objectives of the Farm to Fork Strategy. Rev. de Ciências Agrárias, Lisboa , v. 45, n. 4, p. 1201-1210, dez. 2022 . Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-018X2022000301201&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 jun. 2023. Epub 01-Dez-2022. <https://doi.org/10.19084/rca.28768>.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed. 2000.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a educação.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, p. 83-94, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/30353/S1414-32831997000200006.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 nov.2022. <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>

PISTRAK, Moisey M. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PREVITALI, Fabiane. Santana. (org.). **Desafios do trabalho e educação no século XXI: os 100 anos da revolução russa.** Uberlândia: Navegando, 2019. Disponível em: https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_completo_8dca963541126b. Acesso em 13 jul. 2022.

PREVITALI, Fabiane. Santana.; FAGIANI, Celso. Cílon.. Trabalho docente na educação básica no Brasil sob indústria 4.0. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 1, p. 156-165, jan. 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504>

RAIMANN. Elizabeth Gottschalg. **Concepções de trabalho e profissionalização docente: sua redução à ação empreendedora.** 2015. 340 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. II VIGISAN: **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil.** São Paulo: Rede PENSSAN, 2022. E-book. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/06/seguranca-alimentar-covid-8jun-2022.pdf>. Acesso em 30 ago. 2022.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução.** Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

ROTHBARD, Murray Newton. **Educação: livre e obrigatória.** Tradução: Filipe Rangel Celeti. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil. 2013. Disponível em: <http://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/educacao.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

ROTHBARD, Murray Newton. **Por uma nova liberdade: o manifesto libertário**. Tradução de Rafael de Sales Azevedo. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013. Disponível em:

<https://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/manifestolibertario.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SANFELICE, José Luís. **História das instituições escolares**. In: NASCIMENTO, Maria Isabel

Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. (org.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 75-93.

<https://doi.org/10.28937/1000107936>

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 47 ed. Campinas: Autores Associados, 2012, p.88.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETI, Celso J. et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis, RJ :Vozes, 1994, p. 151-168.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, 2007.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolinaina. **Educação na pandemia: a falácia do "ensino remoto"**. Universidade e Sociedade, v. 67, n. 31, p. 36-49, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=isto)

[24782007000100012&lng=en&nrm=isto](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=isto). Acesso em: 16 mai. 2022. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>

SÁNCHEZ GAMBOA. S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2007.

Sem autor: MEC participa do lançamento do Relatório GEM 2023. Ministério da Educação, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/mec-participa-do-lancamento-do-relatorio-gem-2023>. Acesso 31 jul. 2023.

SCALCON, Suze. **O pragmatismo e o trabalho docente profissionalizado**. Perspectiva. Florianópolis, v. 26, n. 2, p.489-521, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n2p489/11419>. Acesso em: 16 mar. 2022. <https://doi.org/10.5007/2175-795x.2008v26n2p489>

SHIROMA, Eneida. Oto. **O eufemismo da profissionalização**. In: MORAES, Maria Célia Marcondes de. (org.). Iluminismo às avestas: produção de conhecimento e políticas de formação docente. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SHIROMA, Eneida Oto; EVANGELISTA, Olinda. **A colonização da utopia nos discursos sobre profissionalização docente**. Perspectiva. Florianópolis, v.22, n.02, p.525-545. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9665/8886>. Acesso em 05 fev.2022.

SILVA, Ederson Carlos; VIANA, Helena Brandão; VILELA JR., Guanís de Barros. **Metodologias ativas numa escola técnica profissionalizante**. Rev. Port. de Educação, Braga, v. 33, n. 1, p. 158-173, jun. 2020. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872020000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 jun. 2023. <https://doi.org/10.21814/rpe.18473>.

SKINNER, Burrhus. Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

TEDESCO, Juan. Carlos. (org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** Tradução de Cláudia Berliner, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de La Educacion; Brasília: UNESCO, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. Trad. Andréa Zhouri e Lígia M. L. Pereira. História Oral. Revista da ABHO, nº 5, p.09-28, jun. 2002. Disponível em:

<<https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal>> . Acesso 26 mai. 2023. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v5i0.47>.

TUMOLO, Paulo Sergio. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?.** Educação & Sociedade. Campinas, v. 26, n. 90, p. 239-265, Abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000100011>

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo.** São Paulo, Editora Unesp, 2004.

UBERLÂNDIA. Secretaria Município de Educação; Secretaria Municipal de Administração. **Resolução nº 001/2022**, 1º de agosto de 2022. Uberlândia: SME; SMA, 2022. Disponível em: <https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/6417.pdf> Acesso em: 10 ago. 2022.

UBERLÂNDIA. Secretaria Município de Educação. **Resolução nº 001** de 27 de maio de 2020. Diário Oficial do Município, nº 5877 de 27 de maio de 2020. p.5-10. Disponível em: <http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/5877.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

UBERLÂNDIA. **Prefeitura lança programa 'Escola em Casa' para apoiar estudantes.** Uberlândia 6 de abril de 2020. IN: Escola em Casa. Disponível em: <http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/5877.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

UNESCO. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI:** Educação um tesouro a descobrir. Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti et at. **O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia:** Reflexões sobre a prática docente. In: Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e843998153, 2020 <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.8153>

VASCONCELLOS, Celso. dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 2004.

APÊNDICE A – MEMORIAL DESCRITIVO TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

Relembrar minha infância é voltar na melhor fase da minha vida. Eu reconheço que este é o período que deixou mais saudade em minha vida. Lembro-me que minha mãe dizia: “aproveita bastante enquanto ainda é criança” [...]. Oh, tempo bom que não volta mais! Minha infância foi marcada por brincadeiras, jogos, casa do vovô e a companhia simples de quem me ama. Eu recordo que meus brinquedos não eram barbies, coleções da moda, mas eram objetos simples, ganhados de meus familiares, fazendo a minha alegria e de meus amigos. Talvez, venha desde criança o ensinamento de que não é preciso muito para se viver. Desde que se tenha vontade e reconheça o valor de cada coisa que possui. De fato, não tinha brinquedos luxuosos, mas esta simplicidade me permitiu ser uma criança feliz.

Meu dia, como de qualquer outra criança, começava quando eu precisava ir à escola, Adorava principalmente as aulas de educação física, momento pelo qual podíamos brincar com os coleguinhas, “derrubar a escola” e ninguém falava nada, pois, estávamos só brincando.

Ao chegar à minha casa, minha irmã já estava de saída para ir estudar. Brincaria sozinha até sua chegada. Depois de assistir ao *Chaves*, reunia meus brinquedos e começava a brincar, a mais famosa era a denominada de: “viagem com meus brinquedos”. Nela eu pegava os sapatos de meu pai, minha mãe, minha irmã, os meus e colocava cada brinquedo dentro de um sapato e partia pela casa com todos para “viajar”, como era ótimo arrastar casa a fora todos aqueles brinquedos dentro dos sapatos e dizer para eles o que supostamente significava cada objeto que eles enxergavam. Assim, a estante representava as montanhas, o sofá, um grande prédio, os sapatos, o trem da cidade. Literalmente viaja com os bonecos.

Nossa! Como era bom passear dentro de minha própria casa com meus bonecos. Neste passeio, surgiam novas brincadeiras ao longo do percurso. Uma competição que iniciava quando chegávamos à sala e todos participam de um baile. Nesta brincadeira, eu ligava o som na sala e todos desciam de seus “carros”, para dançar perto do som. Eu permanecia assim durante um período da tarde, tudo narrado pelo Jorge um boneco que não tenho mais. Ele não resistiu às marcas do tempo, rasgou com os anos de uso. Era ótimo fazer isto, todos os sentimentos envolvidos: alegria, emoção, risadas, ansiedade na próxima música do baile, a expectativa pelos ganhadores do prêmio ao final. Para revigorar as energias, ao final do Baile algumas bonecas frequentavam o salão criado por mim. Depois do salão, prosseguíamos pela casa, chegando ao tanque de minha mãe de lavar roupas. Para mim e

meus bonecos, era um grande um rio ou piscina dependendo do dia. Assim, todos os brinquedos eram colocados na água para se divertirem. Ficava ali mexendo com água e o tanque cheio, fazendo de piscina até minha irmã chegar.

Assim que ela chegava, começava outra brincadeira que chamávamos de Fazendinha. Esta brincadeira acontecia em um cantinho fora da casa, debaixo da samambaia e outras plantas de minha mãe. Alguns personagens eram escolhidos para compor a família e o restante eram os parentes. Brincávamos de tudo ali: comidinha com barro, pegávamos os feijões de minha mãe para colocar nas panelinhas, os refrigerantes para os bonecos, colocávamos os bonequinhos para cantar ao som de um brinquedo que emitia um som (ia, ia o) e assim o dia estava acabando.

Ao final de tudo, pegávamos as velas de minha mãe e acendíamos (particularmente emocionante) para continuar brincando, então preparávamos o jantar dos bonecos. A brincadeira às vezes, era interrompida por minha mãe, pois, agora era hora de jantar na vida real. Neste momento, entrava em ação a enrolação como toda criança: já vai, daqui a pouquinho, tô indo, tô juntando os brinquedos. Só para poder brincar mais um pouquinho.

Isto significava que precisaríamos jantar, tomar banho e, principalmente, não poderíamos mais brincar do lado de fora da casa. Era o momento mais chato, cheio de reclamações. Naturalmente, não poderia desobedecer minha mãe ou pai, então, entrávamos. Em nosso quarto agora nos divertíamos com o Mário Word no Super Nintendo, particularmente, o melhor vídeo game. Todas estas brincadeiras eram divididas entre a escola e em casa, por volta de meus seis a nove anos de idade. Tentei descrever um pouco de algumas brincadeiras lembranças da minha querida e amada infância, pois, aqui não seria possível descrever toda a riqueza de uma infância e as palavras não contemplaria as emoções sentidas nestes momentos.

Desde aquela época, sempre retirava livros na biblioteca escolar e do ônibus ambulante que frequentava meu bairro. Adorava ler as coleções de mitologia grega que até hoje me fascinam, livros de investigação da cena por detetives, entre outros. Hoje ainda tenho vários destes livros e o que guardo desde que minha mãe me deu, era o livro “o sapo e o estrangeiro”. Ele conta a história de um rato que chega a cidade e todos os animais o maltratavam porque ele não tinha residência fixa. Ao passar do tempo, todos descobrem que ele é bom e quando todos se acostumam com ele, o rato decide ir embora. Recordo claramente o quanto eu chorei com esta história. Não achava natural a chegada e a partida de quem fez tanta amizade num lugar, coisas que, com o tempo, passei a compreender.

Durante a infância cursei o Jardim I até o 5º ano do EF na Escola Municipal Guarda Antônio Rodrigues do Nascimento, situada no Bairro Taiamam, local onde nasci e até hoje moro com meus pais. Esta escola representou parte da minha infância e do meu desenvolvimento intelectual.

Em 2002, com dez anos eu comecei a estudar na Escola Estadual Uberlândia, onde completei o Ensino Fundamental e ingressei no Ensino Médio. Em todo Fundamental tive a colaboração e esforço de grandes mestres que me ensinaram com proeza os conhecimentos que carrego comigo. Ao entrar no Ensino Médio tinha o primeiro desafio da vida estudantil, o PAIES (Programa de Ingresso Alternativo - UFU). Este era um programa de avaliação seriada que, ao final de todo o Ensino Médio somava a minha nota e, para ingressar no Ensino Superior, era preciso superar a nota de corte do curso desejado.

Aos meus 16 anos e cursando o primeiro ano do Ensino Médio, a escola que estudava ofereceu um curso de informática no período noturno. Por me interessar pela área, logo realizei minha inscrição e comecei a frequentá-lo. Em um ano realizei o curso de informática básica e, na sequência, o professor ofertou a curso de editoração. Decidi cursar editoração e, a cada dia, me encantava com as possibilidades e recursos que o computador podia oferecer.

Tudo era novo com a internet. De fato, parecia outro mundo para uma criança que não tinha computador e internet em casa. Tudo era desafiador. Com este encantamento, aos meus 17 anos decidi estudar *web designer* e procurei meus pais e expressei a vontade. Entretanto, devido ao valor da mensalidade do curso não tinham condições de pagar. Então, decidi procurar um trabalho para pagar a mensalidade que girava em torno dos 90 reais mensais, assim comecei a trabalhar no Grupo Algar de *telemarketing*. Com o dinheiro auxiliava nas despesas de casa, realizava meu curso e de *web designer* e conclui o curso com duração de 16 meses.

Apesar disto, ao longo do Ensino Médio, tive diversos docentes competentes e comprometidos com nossa aprovação. Naquela época, conheci uma professora de matemática que se dedicou de todas as formas possíveis para nos ajudar a ingressar no PAIES e Vestibular. Ela ministrava aulas de matemática, três vezes por semana, gratuitamente como reforço de aprendizagem, no horário do almoço. Compreendo o quanto era sacrificante e nobre o que ela fazia por um grupo de alunos. Lembro-me que eu tinha dificuldade e lacunas gigantes de conteúdo da temática de geometria. Ela, ao identificar a dificuldade, levava sólidos geométricos e atividades concretas para facilitar o entendimento. Havia também um professor de química que distribuía simulados e testes do vestibular. Ele realizava plantões de

aulas e dúvidas dos exercícios. Realidade de escola pública que se aproximava da qualidade de um ensino privado.

Estes profissionais traziam inspirações porque eles desejavam que seus alunos continuassem os estudos. Apesar de não conseguirem mudar o mundo, resolveram fazer a diferença na realidade que viviam. Sempre terei uma eterna gratidão por minha aprendizagem e toda dedicação que tiveram.

Concluindo o Ensino Médio tive que decidir a faculdade que prestaria vestibular. Queria prestar ciências da computação, mas eliminei este curso porque não tinha condições materiais de frequentar quatro anos na faculdade integral e, portanto, ser sustentada por meus pais. Com isto, fiquei em dúvida entre pedagogia, geografia ou educação física, devido afinidades com cada uma destas áreas. Decidi fazer pedagogia porque era um curso que estuda diversas áreas do saber, li a ementa do curso e participei do evento VEM PRA UFU, que alguns alunos ministraram e passaram informações sobre o curso. O primeiro vestibular que prestei, tive aprovação para ingressar no curso de Pedagogia. Tive uma sensação parecida com aquela de desvelar um novo mundo. Quando comecei os estudos na universidade, afinal estava em um lugar muito diferente do Ensino Médio que acabava de cursar.

Durante o primeiro ano de curso em Pedagogia tive muita dificuldade de acompanhar todo o ritmo de estudo e trabalhar. Estava com vontade de participar de atividades de extensão, projetos e atividades, ajudar a promover e organizar eventos, mas não havia tempo. Então, apaixonada por meu curso, tomei a decisão de sair do emprego e dedicar-me integralmente para o curso que havia escolhido como profissão.

Em 2010, no segundo ano de faculdade a professora Dra. Adriana Pastorello Buim Arena, de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa iniciou o semestre com um convite que jamais esqueceria: ela propôs minha participação no grupo de pesquisa que ela coordenava, denominado *Implicações da Perspectiva Histórico-Cultural para o ensino da Leitura e da Escrita*. Relembro com satisfação do convite para ingressar no estudo e a partir deste ponto surgiu o que considero meu maior salto qualitativo na universidade.

Com o acompanhamento do grupo que contava com alunas desde os primeiros anos até doutorandas, aprendi a como efetuar uma pesquisa e neste ano comecei a escrever um projeto de pesquisa. Dra. Adriana Arena aceitou ser minha orientadora quando tinha uma escrita frágil e insegura. Ela me ofereceu a oportunidade de crescer e constituir um trabalho com a leitura e escrita. Sou eternamente grata a todas as suas contribuições e todo

aprendizado. Ela proporcionou a mim a necessidade de ler, escrever, discutir a temática da leitura, algo que sempre me causava inquietações.

Em minha faculdade não era obrigatória a monografia para conclusão do curso. Entretanto, por ter aprendido e gostado da temática, decidi desenvolver um trabalho nesta área. Assim, elaborei meu trabalho monográfico intitulado “A Leitura na Escola: os espaços dedicados à formação de leitores nos anos iniciais”, que Tinha por objetivo investigar como os professores do 2º e 5º ano formavam leitores.

Devido ao acompanhamento semanal com a professora, tornei-me voluntária e secretária da Revista Online “Ensino em Revista”, do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFU, por três anos. Era um trabalho de revisão de normas, editoração, *web designer*, atualização da plataforma IBICT, e implementação do Banco de dados da Revista *Online* na plataforma do SEER (www.seeer.ufu.br). O contato constante com as normas de revista e publicação me propiciou um conhecimento de normas científicas.

No segundo semestre de 2010, surgiram vagas para participar como bolsista do Pet Conexões Educomunicação. O projeto era voltado aos eixos de ação político-institucional, formação acadêmica e política, bem como a interação universidade e comunidades populares urbanas. Objetivava propiciar aos petianos de origem popular uma formação de nível superior preocupada e envolvida com políticas públicas relacionadas às suas áreas de formação, além de promover, por meio da educomunicação, o diálogo e a reflexão crítica sobre diferentes leituras de mundo e implicações subjacentes, com a importância de participação ativa na elaboração de políticas públicas que contemplava inclusão social qualificada.

Achei interessante a proposta é a temática. Fui selecionada para ingressar no Pet Educomunicação e Licenciaturas que era constituído por alunos de Pedagogia, Jornalismo, Letras, Ciências Sociais e Geografia. O PET possibilitou uma aprendizagem de trabalho em equipe, construção de projetos coletivos e tinha como pilar a ligação entre o ensino, pesquisa e extensão. Nos primeiros seis meses de trabalho, a tutora Dra. Adriana Cristina dos Santos Omena solicitou ao grupo que todos se dedicassem a estudar a compreensão da temática Educomunicação. Assim, elaboramos grupos de estudos concomitantemente à escrita de projetos de pesquisa e extensão.

Durante a elaboração do projeto tive a oportunidade de conhecer a Dra. Sônia Santos que colaborava com o PET e trabalhava com Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA). Ela desenvolvia um projeto de Alfabetização para adultos em parceria com um Grupo do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS). O projeto era denominado “A EJA em espaços não-

escolares”, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Ele tinha como objetivo inserir alunos da EJA com problemas psicossociais em um ambiente rico na cultura escrita e intervir de forma prática na formação das alunas do curso de Pedagogia. O projeto teve início em novembro de 2006 e atendia os pacientes do CAPS Uberlândia.

Inicialmente, este projeto recebia somente os pacientes que não sabiam ler e escrever. Depois, começou a atender os que já sabiam identificar o código linguístico, mas não sabiam interpretá-lo ou precisavam praticar a leitura e a escrita. Elaboramos uma proposta de continuar a alfabetização e inserir processos de educomunicação no ensino para favorecer ao letramento dos alunos. O grupo envolvido nesta proposta era formado por alunas do curso de Pedagogia, com o auxílio da professora responsável pelo projeto. Eu participei durante minha graduação com a turma de EJA, desde o planejamento das aulas até a avaliação do grupo.

A nossa experiência de trabalhar em projeto de extensão era a oportunidade de “devolver” a comunidade um pouco do investimento realizado dentro da Universidade, pois aplicamos o ensino ofertado em nosso curso e aprendemos a colocar em prática as teorias e metodologias aprendidas no curso. É essencial que a Universidade preocupe-se em oferecer e devolver à comunidade os investimentos depositados em nossa formação, haja vista este trabalho de extensão ser um rico diálogo e troca de saberes entre a academia e a sociedade.

Em paralelo, eu continuava a estudar Educomunicação, que se enquadrava como uma prática interdisciplinar, ligando os campos de comunicação e educação. Ao longo da realização de estágio obrigatório, havia espaço na escola que não eram utilizados como o laboratório de informática e recursos midiáticos.

Com os estudos realizados, eu percebia a resistência para adesão destes recursos por alguns docentes. Um dos motivos era a falta de habilidade para lidar com as ferramentas computacionais, fato que acarretava na marginalização destes professores. Nesta escola, havia dois grupos de professores: aqueles que faziam o uso de computadores no ensino como recurso didático e outros não utilizava este espaço.

Juntamente com esta demanda, a tutora incentivou a proposta do Pet em ministrar cursos para os professores de rede pública. O grupo aceitou lecionar um curso de uso de ferramentas de educomunicação como projeto de extensão. Havia aulas duas vezes por semana no Telecentro da UFU, com o objetivo geral de ensinar os professores da rede pública como utilizar as ferramentas educamunicativa para aprimoramento do ensino e aprendizagem

na escola. Durante o curso, constatei que os professores tanto da rede municipal quanto estadual não tinham noções básicas sobre informática. Logo, o projeto sofreu reformulações.

Outro problema era que os computadores enviados para a escola Municipal e Estadual, por meio do Governo Federal, tinham instalados o Linux Educacional e estes professores tinham dificuldade em lidar com o sistema operacional. Assim, oferecemos um curso via Universidade Federal de Uberlândia e por intermédio do Telecentro com professores de informática básica sobre este sistema operacional. O curso foi pensado sob a perspectiva do grupo escolar e a necessidade de aquele ser um espaço que oferecesse múltiplas aprendizagens. O resultado foi positivo, pois 80% dos professores que iniciaram o curso terminou com êxito.

Ao final de dois anos de projeto de Iniciação Científica, resolvi concorrer a uma Bolsa de Estudos e Intercâmbio. Escolhi a Universidade de Coimbra por ser uma Instituição tradicionalmente reconhecida por sua qualidade e ensino, pelo fato de possuir excelentes professores na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, bem como a busca de complementar meu currículo educacional e de aprofundar meus conhecimentos práticos, teóricos e metodológicos. A seleção da faculdade baseou-se no currículo Lattes e também de uma proposta de estudos definido por minha coordenadora pedagógica Dra. Geovana Ferreira Melo Teixeira.

Em 2012, saiu o resultado e fui selecionada com a Bolsa de Estudos para morar em Coimbra. Era uma oportunidade de trocar de conhecimentos adquiridos em minha Universidade com os alunos e professores Lusitanos. Ao chegar a Coimbra, decidi cursar cadeiras relacionadas à graduação e 1 vinculada ao mestrado acadêmico. Estudei a disciplina de Processo de Comunicação e Educação com a Professora Catedrática Dra. Ana Amelia. Lá estive três meses envolvida com a colaboração do Congresso de Jogos e *Mobile Learning* para a Educação em Portugal.

Em setembro, ingressei no curso de Transliteracia Digital, ministrado por Dr. Joaquim James. Ele ensinou como manusear alguns *softwares* e recursos midiáticos para inovar no ensino e aprendizagem. Esta disciplina constitui-se como fundamental para minha aprendizagem e desenvolveu novos conceitos para ampliar minha experiência como educadora.

O intercâmbio foi um período de grande aprendizagem pessoal e intelectual. Na Europa, mantive uma característica que tinha desde que iniciei o curso de pedagogia. Aquela velha curiosidade de conhecer coisas e lugares os mais diferentes possíveis. Do outro lado dos

mares, decidi que o dinheiro da minha formatura seria convertido em um “mochilão” na Europa. Matérias concluídas era hora de conhecer o mundo com pouco dinheiro, porém, muita vontade de desbravar o que existia de diferente.

Viajei para Alemanha, França, Paris, Itália, Holanda, Bélgica, Espanha, Portugal com uma mochila nas costas e uma infinidade de histórias para se contar. O dinheiro da formatura se foi, mas ainda tenho a sensação de que não poderia ter feito melhor uso dele. Foi riquíssimo o contato com outras culturas, hábitos e línguas. Renderia outro memorial contar todos estes fatos e acontecimentos.

Certamente aquela história da minha infância sobre o rato e o estrangeiro de fato voltou a fazer parte da minha vida. Se antes eu chorei pelo rato partir para outros lugares e deixar as pessoas que amava, acredito que ao realizar todas estas viagens, eu literalmente fiz o papel do rato, que partiu sem rumo, mas sabia onde queria chegar.

Ao retornar para o Brasil, cursei o último semestre de Faculdade. Eu era estagiária da revista Olhares e Trilhas da ESEBA e trabalhei como professora em uma escola privada. Todo período que atuei na rede privada fui mobilizada a refletir e estudar sobre a condição do trabalho docente, seus desafios em nossa sociedade capitalista. Esta experiência veio conciliar minha experiência sobre os estudos que conhecia apenas no 4º ano de curso, mediante a disciplina de **Sociedade, Trabalho e Educação**.

Com toda trajetória de pesquisas, monografia, iniciação científica, aulas e cursos que ministrei enquanto estudante e passei a me interessar, profundamente, por esta temática. Tive condição de estudar o assunto e a oportunidade de começar a desenvolver estudos na área. Assim, ao terminar o curso de pedagogia decidi elaborar um projeto de mestrado na área de Sociedade, Trabalho e Educação que tinha por objetivo geral analisar qual (is) é (são) o(s) impacto(s) no trabalho docente mediante a implementação de laboratórios de informática em escolas públicas e privadas de Uberlândia.

Sensibilizei com a temática e sua importância nos últimos três anos de iniciação científica. Pessoalmente, decidi prestar o mestrado porque apesar de ter realizado algumas optativas disponíveis em meu curso e outras graduações, desejava continuar os estudos, bem como aprofundar minha formação. Percebi que minha vontade era trabalhar com os docentes e a temática do laboratório sempre me sensibilizou por ser um espaço possuidor de ferramentas para aprimorar o ensino de qualquer realidade.

Em 2014, no primeiro semestre me dediquei às disciplinas Epistemologia e Educação (PGED001), ministrada pelo Dr. Márcio Danelon. Concomitantemente, cursei Fundamentos

de Pesquisa em Educação (PGED002) ministrada pelo professor Dr. Marcelo Soares Pereira da Silva e a única disciplina na linha que foi oferecida Seminários de Pesquisa em Trabalho, Sociedade e Educação (PGED063), ministrada por Dr. Robson Luiz França. Por fim, realizei a Orientação 1, com Dr. Antônio Bosco, concluindo as atividades num total de 18 créditos neste período. Fechando o primeiro semestre com um total de 18 créditos cursados, com carga horária de 270 horas. Em todas as atividades citadas fui aprovada e obtive conceito A. Em 2016, defendi a dissertação no Programa.

Em 2017, no ano seguinte tive a oportunidade de ser monitora de Seminário Específicos da Minha Linha como o “II Seminário Internacional Desafios do Trabalho e Educação no Século XXI”. Nele, publiquei e divulguei parcialmente este trabalho. Além disto, publiquei na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) Centro Oeste, realizada em Goiânia 2015. Participei de inúmeros eventos como: “Diálogos.com” do Programa de Pós Graduação da UFU, “Cinema e Debate da Faculdade de Educação”, “50 anos de Golpe (1964-2014) - 30 Anos de Redemocratização”, “O seminário Projeto Político Pedagógico: participação, gestão e qualidade da educação”. Além disto, participei de uma qualificação, três defesas de dissertação e teses do GPEDE. Neste ano, conclui uma especialização na área de Tecnologia, Linguagem e Mídias na Educação no Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

No ano de 2018, realizei uma pós-graduação em Educação Especial Inclusiva e Ciência da religião pelo Instituto Passo 1. Esta formação teve como objetivo melhorar as práticas pedagógicas docentes, pois neste ano tinha alunos com deficiência e havia necessidade de aprender e aprimorar meus conhecimentos nesta área.

Em meados de 2019, atuei como Especialista da Rede Estadual de Ensino e professora regente de turma na rede municipal de Uberlândia. Neste ano, decidi que seria importante ingressar no Doutorado e iniciei o processo de estudo e sistematização deste projeto.

Em 2020, tive a oportunidade como professora do Instituto Federal do Espírito Santo. Atuei como professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na área de Educação Especial. Neste espaço permaneci como membro até o ano seguinte. Paralelo a isto, fui docente formadora da Pós Graduação lato sensu em Docência na Educação Profissional. Neste período atuei como professora Tutora do Curso de Pós Graduação da UFABC. Como tutora permacei até maio do ano de dois mil e vinte e dois. Além disto, fui professora Formadora do programa do curso Formação Inicial e Continuada em EAD, do Programa Novos Caminhos do IFTM.

No segundo semestre de 2020, iniciei a jornada na pós-graduação, cursando as matérias obrigatórias. Ao longo desta jornada tive a oportunidade de cursar as disciplinas de Pesquisa em Educação com Dra Elenita Pinheiro e Teorias da Educação com Dr. Carlos Lucena como componentes obrigatórios. Como escolha de optativas realizei a disciplina, Liberalismo na Educação com Dr. Décio Gatti, Políticas e Gestão na Educação Superior com Dra. Maria Célia, e Tópicos Especiais em Trabalho, Sociedade e Educação II, com Dr. Robson França. Todas estas disciplinas foram cursadas com obtenção de créditos e conceito A. Neste ano, conclui uma pós-graduação em Tutoria na Educação à distância e Docência na Educação Superior.

No segundo semestre de 2021, eu finalizei a última disciplina e defendi uma pós graduação na área de Docência na Educação Profissional Tecnológica no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. Atuei como parecerista Ad Doc da revista Olhar de Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Estive como orientadora de vinte trabalhos da Pós Graduação de Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Em 2022, sou professora da Rede Municipal de Ensino e atuo como vice Diretora de uma escola Estadual. Ademais terminei uma pós-graduação no IFES, de práticas pedagógicas. Com a conclusão das disciplinas obrigatórias e optativas iniciamos a submissão dos projetos ao CEP. Ele foi reestruturado durante os meses de janeiro e fevereiro, submetido em março e obtivemos parecer favorável apenas em outubro de 2022. Isto atrasou os trâmites de pesquisa, principalmente o agendamento das entrevistas.

Atualmente tenho registrado no Lattes, em torno de 40 formações adicionais que são cursos diversos na área da Educação. Recentemente foi publicado pela Editora Navegando um Ebook, no qual tenho um capítulo produzido com a professora Dra. Maria Célia Borges, intitulado: “Políticas de inclusão educacional na Educação Superior”. Em relação a produção bibliográfica tenho quatro artigos produzidos, o último no ano de 2022. Atualmente tenho três capítulos de livros, trabalhos publicados em anai totalizando 8 publicações. Além de resumos publicados e apresentações de trabalho. Participação em mais de 118 eventos ao longo da carreira. Além disto, estive envolvida em 18 organizações de eventos, exposições e feira. Aqui represento um pouco daquilo que tem ocupado meus dias, a fim de tentar concluir a pesquisa.

APÊNDICE C - RESOLUÇÃO SME/SMA SOBRE PROFESSOR ITINERANTE

UBERLÂNDIA

Segunda-feira, 1º de agosto de 2022

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO Nº 6417

25

Interesses Particulares, concedida mediante a Portaria nº 52.857, de 28 de Maio de 2021, à servidora BRUNA MICHELLE DA SILVA PAULA, matrícula nº 24.438-4, ocupante do cargo de provimento efetivo, sob o regime Estatutário, de Técnico em Enfermagem, Padrão 05, Nível de Qualificação Técnico de Nível Médio, lotado na Secretaria Municipal de Saúde, a partir de 25/08/2022.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Uberlândia, 28 de Julho de 2022

GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA FILHO
Secretário Municipal de Saúde

PORTARIA SMS Nº 358, DE 28 DE JULHO DE 2022

A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE, no exercício de suas atribuições legais, em especial a que lhe confere o art. 1º, "IX" do Decreto nº 16.926, de 05 de janeiro de 2017 e com fulcro nos artigos 126 a 130 da Lei Complementar nº 040, de 05 de outubro de 1992,

Considerando o requerimento de Licença Prêmio,

R E S O L V E:

Art. 1º Conceder a servidora público municipal ALDA VALERIA TOFFOLI RODRIGUES matrícula nº 14.265-4, ocupante do cargo de provimento efetivo, sob regime estatutário, de Médico, Padrão 13, Nível de Qualificação Especialização, lotado na Secretaria Municipal de Saúde, o gozo de 13 (treze) dias de Licença Prêmio, de 01/09/2022 a 13/09/2022, referente ao período de efetivo exercício público municipal compreendido entre 31/01/2011 a 29/01/2016, conforme Certidão de Contagem de Tempo de Serviço datada de 22/07/2022

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Uberlândia, 28 de Julho de 2022

GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA FILHO
Secretaria Municipal de Saude

PORTARIA SMS Nº 359, DE 28 DE JULHO DE 2022

A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE, no exercício de suas atribuições legais, em especial a que lhe confere o art. 1º, "IX" do Decreto nº 16.926, de 05 de janeiro de 2017 e com fulcro nos artigos 126 a 130 da Lei Complementar nº 040, de 05 de outubro de 1992,

Considerando erro de digitação,

R E S O L V E:

Art. 1º Fica retificado o nome do servidor abaixo mencionado, constante da Portaria Nº 344, de 25 de Julho de 2022, sendo:

Art. 1º Conceder ao servidor público municipal VALTER TEIXEIRA matrícula nº 10.930-4, ocupante do cargo de provimento efetivo, sob regime estatutário, de Oficial Administrativo, Padrão 14, Nível de Qualificação Ensino Médio, lotado na Secretaria Municipal de Saúde, o gozo de 10 (dez) dias de Licença Prêmio, de 17/08/2022 a 26/08/2022, referente ao período de efetivo exercício público municipal compreendido entre 12/06/2009 a 10/06/2014, conforme Certidão de Contagem de Tempo de Serviço datada de 18/07/2022.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Uberlândia, 28 de Julho de 2022

GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA FILHO
Secretaria Municipal de Saude

RESOLUÇÕES

SME

RESOLUÇÃO CONJUNTA SME/SMA Nº 001/2022

INSTITUI O PROJETO DOCÊNCIA ITINERANTE PARA CONTRATAÇÃO TEMPORÁRIA DE PROFESSORES PARA SUBSTITUIÇÃO DE PROFESSORES AFASTADOS.

A SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E A SECRETÁRIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO, no exercício de suas atribuições legais previstas no art. 49, parágrafo único, inciso V, da Lei Orgânica do Município de Uberlândia, em especial a que lhes confere, respectivamente, o art. 2º, inciso XIX da Lei Municipal nº 12.619, de 17 de janeiro de 2017, e suas alterações, e o inciso XX do artigo 2º da Lei nº 12.618, de 17 de janeiro de 2017 e suas alterações, e

Considerando o disposto nos artigos 6º, 23, inciso V, 30, inciso VI, 205, e 206, inciso I, todos da Constituição Federal;

Considerando a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e suas alterações, que "Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional";

Considerando que a Lei Municipal nº 9626, de 22 de outubro de 2007, e suas alterações, autoriza a contratação por tempo determinado para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público do Município de Uberlândia; e seu artigo 3º, inciso X, define como necessidade temporária de excepcional interesse público "atender à demanda temporária de serviços que não justifique o provimento de cargo efetivo e o aumento do quadro permanente de pessoal";

Considerando o alto índice quantitativo de professores com afastamento médicos de curto e de longo período, que no mês de maio do corrente ano, chegou ao total de 2.750 (dois mil setecentos e cinquenta) servidores afastados, com 12.348 (doze mil, trezentos e quarenta e oito) dias de afastamentos;

Considerando a imediata necessidade de suprir a ausência desses professores nas unidades escolares;

RESOLVE:

Art. 1º Esta Resolução institui o Projeto Docência Itinerante nas unidades escolares da rede municipal de ensino, sob a administração da Secretaria Municipal de Educação.

Art. 2º Fica autorizada a contratação temporária de professores, aprovados em processo seletivo, para o atendimento de necessidade extraordinária, em substituição aqueles que se encontrem afastados.

Parágrafo único. Poderão ser contratados professores das seguintes especialidades:

I – Artes;

II – Atendimento Educacional Especializado;

III – Ciências da Natureza;

IV – Educação Física;

V – Educação Infantil de 1º a 5º ano;

VI – Ensino Religioso;

VII – Geografia;

VIII – História;

Interesses Particulares, concedida mediante a Portaria nº 52.857, de 28 de Maio de 2021, à servidora BRUNA MICHELLE DA SILVA PAULA, matrícula nº 24.438-4, ocupante do cargo de provimento efetivo, sob o regime Estatutário, de Técnico em Enfermagem, Padrão 05, Nível de Qualificação Técnico de Nível Médio, lotado na Secretaria Municipal de Saúde, a partir de 25/08/2022.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Uberlândia, 28 de Julho de 2022

GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA FILHO
Secretário Municipal de Saúde

PORTARIA SMS Nº 358, DE 28 DE JULHO DE 2022

A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE, no exercício de suas atribuições legais, em especial a que lhe confere o art. 1º, "IX" do Decreto nº 16.926, de 05 de janeiro de 2017 e com fulcro nos artigos 126 a 130 da Lei Complementar nº 040, de 05 de outubro de 1992,

Considerando o requerimento de Licença Prêmio,

R E S O L V E:

Art. 1º Conceder a servidora público municipal ALDA VALERIA TOFFOLI RODRIGUES matrícula nº 14.265-4, ocupante do cargo de provimento efetivo, sob regime estatutário, de Médico, Padrão 13, Nível de Qualificação Especialização, lotado na Secretaria Municipal de Saúde, o gozo de 13 (treze) dias de Licença Prêmio, de 01/09/2022 a 13/09/2022, referente ao período de efetivo exercício público municipal compreendido entre 31/01/2011 a 29/01/2016, conforme Certidão de Contagem de Tempo de Serviço datada de 22/07/2022

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Uberlândia, 28 de Julho de 2022

GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA FILHO
Secretaria Municipal de Saude

PORTARIA SMS Nº 359, DE 28 DE JULHO DE 2022

A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE, no exercício de suas atribuições legais, em especial a que lhe confere o art. 1º, "IX" do Decreto nº 16.926, de 05 de janeiro de 2017 e com fulcro nos artigos 126 a 130 da Lei Complementar nº 040, de 05 de outubro de 1992,

Considerando erro de digitação,

R E S O L V E:

Art. 1º Fica retificado o nome do servidor abaixo mencionado, constante da Portaria Nº 344, de 25 de Julho de 2022, sendo:

Art. 1º Conceder ao servidor público municipal VALTER TEIXEIRA matrícula nº 10.930-4, ocupante do cargo de provimento efetivo, sob regime estatutário, de Oficial Administrativo, Padrão 14, Nível de Qualificação Ensino Médio, lotado na Secretaria Municipal de Saúde, o gozo de 10 (dez) dias de Licença Prêmio, de 17/08/2022 a 26/08/2022, referente ao período de efetivo exercício público municipal compreendido entre 12/06/2009 a 10/06/2014, conforme Certidão de Contagem de Tempo de Serviço datada de 18/07/2022.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Uberlândia, 28 de Julho de 2022

GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA FILHO
Secretaria Municipal de Saude

RESOLUÇÕES

SME

RESOLUÇÃO CONJUNTA SME/SMA Nº 001/2022

INSTITUI O PROJETO DOCÊNCIA ITINERANTE PARA CONTRATAÇÃO TEMPORÁRIA DE PROFESSORES PARA SUBSTITUIÇÃO DE PROFESSORES AFASTADOS.

A SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E A SECRETÁRIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO, no exercício de suas atribuições legais previstas no art. 49, parágrafo único, inciso V, da Lei Orgânica do Município de Uberlândia, em especial a que lhes confere, respectivamente, o art. 2º, inciso XIX da Lei Municipal nº 12.619, de 17 de janeiro de 2017, e suas alterações, e o inciso XX do artigo 2º da Lei nº 12.618, de 17 de janeiro de 2017 e suas alterações, e

Considerando o disposto nos artigos 6º, 23, inciso V, 30, inciso VI, 205, e 206, inciso I, todos da Constituição Federal;

Considerando a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e suas alterações, que "Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional";

Considerando que a Lei Municipal nº 9626, de 22 de outubro de 2007, e suas alterações, autoriza a contratação por tempo determinado para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público do Município de Uberlândia; e seu artigo 3º, inciso X, define como necessidade temporária de excepcional interesse público "atender à demanda temporária de serviços que não justifique o provimento de cargo efetivo e o aumento do quadro permanente de pessoal";

Considerando o alto índice quantitativo de professores com afastamento médicos de curto e de longo período, que no mês de maio do corrente ano, chegou ao total de 2.750 (dois mil setecentos e cinquenta) servidores afastados, com 12.348 (doze mil, trezentos e quarenta e oito) dias de afastamentos;

Considerando a imediata necessidade de suprir a ausência desses professores nas unidades escolares;

RESOLVE:

Art. 1º Esta Resolução institui o Projeto Docência Itinerante nas unidades escolares da rede municipal de ensino, sob a administração da Secretaria Municipal de Educação.

Art. 2º Fica autorizada a contratação temporária de professores, aprovados em processo seletivo, para o atendimento de necessidade extraordinária, em substituição aqueles que se encontrem afastados.

Parágrafo único. Poderão ser contratados professores das seguintes especialidades:

I – Artes;

II – Atendimento Educacional Especializado;

III – Ciências da Natureza;

IV – Educação Física;

V – Educação Infantil de 1º a 5º ano;

VI – Ensino Religioso;

VII – Geografia;

VIII – História;

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**O IMPACTO PARA O TRABALHO DOCENTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA 4.0**” sob a responsabilidade dos pesquisadores Dr. Sérgio Paulo Morais e Ms. Andressa Garcia Castilho, ambos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Nesta pesquisa nós estamos pretende discutir como os processos de reestruturação produtiva do capital, aliados a uma crise estrutural do capitalismo monopolista, têm impactado o trabalho docente.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelo pesquisadora Andressa Garcia Castilho, antes da realização das entrevistas na escola informando o conhecimento e consentimento do indivíduo dos objetivos da pesquisa, o local da entrevista ser e a forma como será realizada a entrevista e, posteriormente, analisadas e publicadas. O indivíduo tem total liberdade de se recusar a participar da pesquisa ou interromper sua participação no momento que desejar, conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016).

Na sua participação, você participará de uma entrevista registrada por um celular com gravador de voz. As gravações serão transcritas e, após transcrição e análise, serão desgravadas (arquivo eliminado). Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem em você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem em identificação, sendo minimizado pela utilização de apelidos (nomes falsos) em qualquer registro da entrevista. Os benefícios serão destinados à sociedade, pois contribui na construção do conhecimento científico, que é sempre uma construção coletiva.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos pesquisadores.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com você poderá entrar em contato com: Andressa Garcia Castilho – Rua manganês, 136, bairro Taiamam – Uberlândia-MG, CEP: 38415-048; fone: (34) 99164-5873 e Sérgio Paulo Morais, Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco H, sala 1H34, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3230-9597. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no

link: https://conselho.saude.gov.br/images/comistoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em

sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante de pesquisa

Rubrica do Participante

Rubrica do Pesquisador

APÊNDICE E - TERMO DE COMPROMISTO E CONFIDENCIALIDADE DA EQUIPE EXECUTORA

Nós, abaixo assinados, nos comprometemos a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado “O impacto para o trabalho docente da educação básica no contexto da indústria 4.0” de acordo com a **Resolução CNS 466/12 e/ou 510/16 e normas complementares**. Declaramos cumprir com todas as implicações abaixo:

- a) Que o acesso aos dados registrados em bases de dados para fins da pesquisa científica será feito somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética;
- b) Que o acesso aos dados será feito por um membro da equipe de pesquisa, abaixo assinado, que está plenamente informado sobre as exigências de confidencialidade;
- c) Meu compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do participante, bem como a sua não estigmatização;
- d) Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;
- e) Que o pesquisador responsável estabeleceu salvaguardar e assegurar a confidencialidade dos dados de pesquisa;
- f) Que os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista no protocolo;

Declaramos ainda que os itens **Objetivos, Riscos e Benefícios, Critérios de Inclusão e Exclusão e Metodologia**, bem como o **Cronograma de Execução e Orçamento** do Projeto de Pesquisa (Detalhado) anexado por nós, pesquisadores, na Plataforma Brasil possui conteúdo idêntico ao que foi preenchido nos campos disponíveis na própria Plataforma Brasil (Informações Básicas).

Portanto, para fins de análise pelo Comitê de Ética, a versão do Projeto que será gerada automaticamente pela Plataforma Brasil no formato “.pdf” terá, nos itens acima mencionados, o conteúdo idêntico à versão do Projeto anexada por nós, os pesquisadores.

Uberlândia, de de 20.....

Dr. Sérgio Paulo Morais

Andressa Garcia Castilho

APÊNDICE F - SCRIPT UTILIZADO DURANTE AS ENTREVISTAS

Ao solicitar a participação dos professores na pesquisa, seguíamos um roteiro. Primeiramente havia o contato com as escolas para liberação e explanação das etapas. Em seguida o convite com e a explicação das etapas de pesquisa aos docentes.

Deste modo, após o consentimento das instituições realizamos o agendamento de todas as entrevistas. Com isto, havia um roteiro semiestruturado para conversamos sobre a pesquisa. No início de cada entrevista havia a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Compromisso e Confidencialidade da Equipe Executora. Após a lida e desde que estivessem de acordo com todos os termos, eram recolhidas as assinaturas dos professores e logo em seguida iniciávamos as perguntas da entrevista.

Desta forma optamos não colocar este script inicial em todas as entrevistas para evitar repetições textuais. Assim achamos importante elaboramos este documento para explicitar procedimentos seguidos em todas as entrevistas.

APÊNDICE G - GUIA PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL E ESTADUAL DE UBERLÂNDIA

Identificação do participante (nome fictício):

1. Idade;
2. sexo;
3. Formação e nível máximo de ensino;
4. Tempo de atuação na docência? na rede pública?
5. Atualmente atua em quantas escolas?
6. Sua situação funcional nestes empregos é contrato ou concursado?
7. Renda - Considerando o valor do salário mínimo hoje de 1.212; quantos salários compreende a sua renda?
8. Estado civil?
9. Por qual o motivo você escolheu esta profissão?

EIXOS TEMÁTICOS

Foco da Pesquisa:

1. Já ouviu falar em Indústria 4.0? Ou termo quarta revolução industrial tecnológica?
2. Tem algum conhecimento sobre a internet das coisas, inteligência artificial, robotização e automação?
3. Conhece o termo Educação 4.0?

Trabalho Docente e suas perspectivas:

1. Qual é a jornada de seu trabalho semanal? incluído o planejamento?
2. Como você avalia sua remuneração? Você percebe algum momento que você trabalha além da sua jornada de trabalho?
3. Seu horário de planejamento para execução das suas atividades são suficientes?
4. O que você acha sobre a terceirização na educação?
5. Já retirou licença para tratar a saúde enquanto docente? Quer citar o motivo do problema? Tem relação com o desenvolvimento do seu trabalho? Foi complicado o processo ou tranquilo?

6. Já trabalhou em situação de informalidade na educação?
7. Para ser professor você acha que são necessários algumas competências e requisitos? Consegue citar alguns?
8. Quais os maiores desafios que você encontra em seu trabalho? Em ambas as escolas?
9. O que você espera dos seus alunos quando você termina, por exemplo, um ano letivo?

Período de Ensino Remoto Emergencial e trabalho virtual

1. O que você pode dizer sobre o período do ensino remoto emergencial?
2. Como você se sentiu em relação aos instrumentos de trabalho? O Estado ou município subsidiou ou emprestou algo para o home office? Celular ou tablet?
3. Como foi sua adaptação em casa para trabalhar? Já tinha um espaço para isto?
4. Ganhou algum benefício adicional por estar atuando em sua residência?
5. O tempo dedicado ao trabalho foi igual ao dedicado na escola?
6. Existiu algum tipo de controle da sua jornada? Como você podia comprovar que trabalhou? Ou era livre?
7. Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados de acordo com a jornada de trabalho pelos seus gestores? As famílias dos alunos?
8. Tem algo que você considerou mais desgastante neste período? Algo positivo durante este período?
9. Você utilizou quais ferramentas de ensino durante o período da pandemia? Você aprendeu ou já sabia utilizar?
10. O que você poderia nos dizer sobre o rendimento de seus alunos? Durante e pós-pandemia .
11. Você produziu material durante a pandemia? Quais as plataformas ou aplicativos você teve que utilizar em suas aulas?
12. O que você achou da qualidade dos materiais produzidos para os alunos no estado? E no município? Na sua área ele era satisfatório em sua análise?
13. O que mais sentiu falta durante este período em relação ao seu trabalho docente?
14. Como você se sente em relação a autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho neste período? E pós pandemia?
15. Você acredita que seria possível um preparo dos docentes para uma situação como esta? Ou algo que poderia auxiliar naquele período?
16. Como se sentiu em relação a sua saúde mental e física?
17. Causou algum tipo de sentimento ter acabado o ensino remoto emergencial?
18. Como você se sente em relação ao seu trabalho docente atualmente?
19. Você contraiu COVID-19? Durante o isolamento ou ao retornar ao trabalho?
20. Você ainda utiliza as ferramentas de trabalho que utilizava na pandemia?

Contexto geral sobre carreira docente:

1. Como você considera seu domínio com as tecnologias computacionais? Aprendeu sozinho ou efetuou alguma formação? Sabe manusear aplicativos? Consegue mandar email? Organizar material no computador?
2. O que você sabe consegue realizar em relação a perguntar anterior você aprendeu em curso que financiou ou de alguma instituição que está vinculada?

3. O que você acha sobre as formações que a rede estadual ou municipal oferece? Você consegue das ofertas?
4. Qual a identidade do grupo (ou perfil) de professores que você observa?

APÊNDICE H - CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS E COMUNIDADE DA PESQUISA

Dados da Escola.

Parte descritiva da comunidade:

Em que bairro a escola está situada?

Quais as características socioeconômicas desta região no contexto da cidade de Uberlândia?

Qual a população entorno?

Condições físicas da escola

Arquitetura

Espaços de sociabilidade e lazer

APÊNDICE I – ENTREVISTA COM A PROFESSORA BRUNA

Entrevistada: Bruna

Data: 03/10/2022

Local: Escola

Andressa

Qual é a sua idade?

Bruna

41 anos.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo que você atingiu até o momento?

Bruna

Eu sou formada em bacharelado e licenciatura em artes, artes plásticas e mestrado em educação. Também sou especialista em arteterapia e educação especial inclusiva.

Andressa

Quanto tempo você tem de atuação na docência?

Bruna

20 anos.

Andressa

Tudo em rede pública?

Bruna

4 anos em rede privada. Mas concomitante a estes 4 anos, 2 anos junto com a rede pública.

Andressa

Em quantas escolas você trabalha atualmente?

Bruna

Eu trabalho em duas escolas da rede municipal.

Andressa

Qual a sua situação funcional nestes empregos?

Bruna

Concurso.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Bruna

De 3 a 5 salários.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Bruna

Casada.

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Bruna

Quando eu estava no meio da graduação, eu já percebi que viver só de arte não é o caminho, principalmente para uma cidade pequena, igual Uberlândia. E eu já gostava muito desta área da educação dentro do curso de artes, então eu fiz a licenciatura e por pensar a disciplina de artes em outros contextos na sala de aula, foi que eu quis ser professora para sair daquele estereótipo do xerox. Acho que uma das coisas que mais me motivou em ser professora de artes, foi isto, poder trabalhar com uma cultura num contexto ampliado.

Andressa

Você já ouviu falar em indústria 4.0?

Bruna

Não.

Andressa

E no termo “Quarta revolução industrial tecnológica”?

Bruna

Sim, já ouvi algumas coisas. Inclusive em um canal que eu acompanho, que se chama “O joio e o trigo”, eles falam algumas coisas sobre.

Andressa

Quando você ouve este termo, o que você entende?

Bruna

Eu acredito ser a implementação de novas tecnologias neste contexto que a gente usa na educação. Como trazer estas novas formas de ensinar e aprender.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre temas como: Internet das coisas, inteligência artificial, robotização ou automação?

Bruna

Sim, eu já estudei um pouco sobre este sistema e fiz até um artigo sobre gamificação em sala de aula. Assisti a algumas palestras, então eu já tenho algum conhecimento.

Andressa

Você já ouviu falar do termo educação 4.0?

Bruna

Não.

Andressa

Qual a sua jornada de trabalho semanal?

Bruna

40 horas semanais nos dois cargos.

Andressa

Como você avalia sua remuneração diante destas 40 horas de trabalho?

Bruna

Eu sou uma professora pesquisadora, eu não paro. Estou sempre pesquisando, montando um PowerPoint, imprimindo uma imagem, buscando uma referência, então minha remuneração é péssima em relação a isto. Se eu fosse fazer um trabalho medíocre, igual a meu salário, ia ser um trabalho de somente entregar folha de xerox para colorir, mas a minha consciência não me permite isto. Então eu estou com dezesseis turmas e tenho que pensar em um conteúdo para a semana que me dê potencial para dezesseis turmas e isto inclui o material que eu tenho que planejar. Se eu vou trabalhar com origami, eu tenho que pensar em papéis para 16 turmas, porque nem sempre a escola vai ter. Então eu tenho que arrumar aqui da minha casa, seja folha de revista, seja pedir doação ou algo assim. Então eu sempre estou trabalhando a mais.

Andressa

Você percebe em algum momento que você trabalha para além da sua jornada de trabalho?

Bruna

Sim, conscientemente.

Andressa

E você acha que seu horário de planejamento para execução das atividades é suficiente?

Bruna

Bom, eu tento me programar para fazer naquele módulo o que eu preciso. Os encontros de artes acontecem de 15 em 15 dias, então eu consigo fazer algumas propostas neste módulo, porém a cabeça da gente nunca se resume só naquilo. Às vezes eu estou fazendo pilates e lembrando que eu tenho que acrescentar algo no meu planejamento, então eu vou chegar e eu vou mexer com isto. Ou seja, já extrapolei àquela hora e aquele dia. Eu consigo fazer muita coisa no meu módulo, mas outras ideias e outros caminhos surgem durante a semana, nos outros horários.

Andressa

O que você acha sobre uma possível terceirização na educação?

Bruna

Na escola Cecy Cardoso, na qual eu trabalho, desde o ano passado já havia trabalho terceirizado. É um relacionamento diferente de quando é o próprio pessoal da prefeitura que realiza este trabalho.

Andressa

Você acha que este movimento tende a ampliar para outros setores ou somente na questão dos funcionários que cuidam da limpeza e manutenção?

Bruna

Houve boatos de que a prefeitura traria alguns profissionais da área administrativa ou computação para lidar com laboratórios. Ainda não aconteceu, mas vindo da prefeitura, tudo é possível.

Saiu um documento sobre um processo seletivo para contratação de profissionais que serão profissionais volantes. Numa escola em que está faltando profissionais, devido ao grande número de atestados, este profissional vai para suprir esta necessidade. Então esta pessoa não vai ter vida, quem assumir esta função terá a cada dia um novo roteiro e itinerário.

Andressa

Você já tirou licença para tratar da sua saúde enquanto docente?

Bruna

Na verdade, eu não tirei a licença, mas eu peguei atestado porque eu estou com nódulos nas cordas

vocais e, segundo a minha otorrino, estes nódulos foram do desgaste de usar a máscara, falar com a máscara e o desgaste de dois turnos. Neste retorno no começo de ano, os alunos estavam desorientados. Você tinha que explicar bastante. Eu tenho dez turmas por dia, praticamente, tem dias que são cinco horários, um em cada turma, então eu tenho que explicar tudo várias vezes. Então eu peguei um atestado de sete dias e estou fazendo tratamento com a fonoaudióloga. Todas as terças-feiras eu tenho sessão online e têm os exercícios para fazer.

Andressa

Você já trabalhou em alguma situação de informalidade?

Bruna

Não.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Bruna

Sim, eu acho que a pessoa tem que ter responsabilidade em entender que trabalhar qualquer conteúdo contribuindo na formação de outra pessoa é de extrema responsabilidade, tem que pesquisar, tem que estudar. Tem que ter o mínimo de amor pelo ser humano, se não, você não consegue. Tem que gostar de abraço, beijo babado. Então você tem que ter aceitação. Responsabilidade com o outro, estudo constante, tolerância e maturidade.

Andressa

Quais são os maiores desafios que você encontra no seu trabalho?

Bruna

Eu vou falar da parte técnica estrutural: O espaço da sala de aula é um espaço que me limita a trabalhar. Se eu quero trabalhar com tinta, eu gasto muito tempo na sala de aula organizando aquele espaço, tirando mochila do caminho. Eu carrego muito material, sempre carrego muita coisa. Os alunos, no geral, têm um bom comportamento, sendo assim, não preciso de interferências de supervisora e diretora. Mas a questão estrutural é difícil, pois quando eles montam os meus horários, sendo um horário em cada sala, aí fica difícil, porque o ideal, até pela nossa normativa de artes, nas nossas diretrizes, é sugerido que sejam duas horas aulas geminadas para o professor ter um momento de falar, explicar e usar alguma materialidade. A maior dificuldade que eu encontro hoje, em relação à estrutura, é a questão das escolas não possuírem uma sala de artes, o que ajudaria bastante.

Andressa

O que você espera dos alunos no final do ano letivo?

Bruna

Eu não espero que eles tenham uma boa produção plástica. Eu quero que eles consigam olhar para a disciplina de artes e olhar para a arte, entendendo que ela é uma maneira com a qual ele possa crescer culturalmente. E é uma maneira dele se exprestar através de uma música, de uma peça teatral, de uma pintura, de um desempenho, e saber que aquilo é uma manifestação humana, artística, e que ele consiga criar sentidos através daquilo que ele vê. Se ele consegue chegar ao final do ano fazendo um teatro com formas inanimadas e dando sentido para aquilo, eu já me sinto satisfeita, porque eu vi que ele conseguiu avançar neste processo criativo, neste processo de imaginar potencialidades artísticas, de construção de histórias, de repertório, de fala, oralidade. Eu me preocupo muito em as crianças terem voz na sala de aula, se o aluno conseguiu se exprestar. A arte abre a possibilidade do diálogo, do aluno se exprestar e ser o autor do seu aprendizado.

Andressa

O que você pode dizer sobre o período de ensino remoto emergencial?

Bruna

No primeiro ano eu tive o desafio de gravar as vídeoaulas, tive uma responsabilidade, além de fazer a vídeo aula, ter que fazer em dez minutos, uma aula de artes de primeiro a nono ano e ainda interdisciplinar com ensino religioso e educação física. Foi uma loucura que acabou com a minha saúde mental. Eu tinha que fazer os PETS de artes para Uberlândia inteira e não podia usar uma imagem colorida, porque o PET era impresso em preto e branco. Eu não podia pedir uma atividade com material diferente, com lápis de cor, não podia nem cola, porque às vezes o aluno não tinha cola em casa. Eu tinha uma folha só para contextualizar e pedir um registro. Também tinha a questão de que os pais não entendiam e não valorizavam a disciplina de artes. Eles queriam que a criança estivesse aprendendo português e matemática. Quando a gente entrava para dar aula, outros professores já tinham dado aula e a desculpa era que o celular estava quente, que o menino estava cansado. A mãe já estava doida para mexer no telefone dela. E assim, o aluno que tinha uma boa conexão e um suporte mínimo, conseguia ver o vídeo que a gente preparava. Eu preparava o PowerPoint e era legal eu poder usar estes recursos.

Mas a questão da logística, de eu ter que abrir o link da sala, enviar o link para os alunos, aceitar os alunos, pedir para desligarem o microfone era um caos absoluto. Uma vez fui dar aula em uma escola da prefeitura que não tinha internet, não tinha notebook, e eu até levei o meu algumas vezes, mas achei um desaforo. Se a prefeitura me manda fazer isto, ela que me dê os recursos.

Andressa

Como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho?

Bruna

Péssima. Para trabalhar aqui em casa, eu tive que quebrar minha casa para puxar uma internet lá para o cômodo do fundo. Eu tive que comprar um notebook, tive que aumentar a minha internet e comprar uma cadeira para poder trabalhar, que eu estou pagando até hoje.

Andressa

Como foi a sua adaptação para poder trabalhar em casa? Você já tinha este espaço?

Bruna

Sim. Ajeitei um cômodo no fundo da minha casa e coleí umas coisas de artes para fazer um cenário bonitinho, para ficar mais visualmente artístico para o aluno.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho em casa foi o mesmo tempo dedicado ao trabalho na escola?

Bruna

Foi dez vezes maior, eu não parava. Tinha dias que eu ligava o meu computador às seis horas da manhã, e já programava para enviar o link para não ter atraso, caso a internet caísse. E eu desligava o meu computador às nove horas da noite.

Andressa

Como era o controle da sua jornada? Qual o método utilizado para comprovar de fato que você trabalhou?

Bruna

Eu preenchia uma planilha de uma maneira objetiva, colocando o meu horário de trabalho. Mas eu não poderia colocar das 6:00 às 21:00. Eu tinha que colocar das 7:00 às 11:25.

Andressa

E esta planilha era o controle da entrega das atividades?

Bruna

Não. Era uma planilha do nosso trabalho, onde colocávamos a quantidade de horas trabalhadas.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Bruna

Eu trabalhava de manhã e à tarde, as reuniões com a direção e com a supervisora sempre foram no horário de trabalho, mas algumas reuniões de pais foram à noite, mas as supervisoras deixavam bem claro que não éramos obrigados a participar.

Andressa

E as famílias e os alunos respeitavam o seu horário de trabalho?

Bruna

Com a minha disciplina eles não preocupavam muito. Então quase não havia inoportunos. Eles não entravam muito em contato, mas com as professoras reagentes, sim.

Andressa

E teve alguma coisa que você considerou mais desgastante neste período?

Bruna

O que era desgastante era que, além de você estar dando aula presencial, a gente tinha que continuar fazendo as atividades e postando no portal e no Google Sala de Aula para os alunos que não estavam frequentando a escola. E também fazer e formatar o PET foram o que mais foi desgastante para mim.

Andressa

E tem algo que você considera como positivo neste período?

Bruna

Positivo foi só eu mesma ter me dedicado por minha busca. A prefeitura até ofereceu uns cursos para a gente para aprender a mexer no Google Sala de Aula. Foi um ótimo curso. Só que eles lançaram no final do ano com todo mundo exausto, cansado, e a gente tinha que fazer. Mas foi positivo porque eu aprendi a mexer com recursos tecnológicos que se não fosse a pandemia, eu não teria nunca me interessado em mexer.

Andressa

Quais ferramentas de ensino você utilizou durante a pandemia?

Bruna

Sites de jogos online, o aplicativo Canvas, PowerPoint, Google Sala de Aula, usei bastantes vídeos do YouTube, usei aqueles museus 3 D, pelo qual conseguimos fazer viagens em uma das aulas online pela Caverna de Altamira.

Andressa

O que você acha da qualidade dos materiais produzidos para os alunos do município? Você acha que foi satisfatória?

Bruna

Em relação aos materiais de arte, foram PETS bem elaborados, acho que foi bem feito.

Andressa

De que você sentiu mais falta em relação a este período do seu trabalho docente?

Bruna

Estar perto do aluno, ter uma roda de conversa, poder olhar a produção do outro. Vê-los se sentarem em grupo, produzir em grupo. A dinâmica da aula de artes é uma dinâmica de olhar. Eu olho até o jeito que o menino está segurando o lápis.

Andressa

Como você se sente em relação à autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho durante este período de pandemia?

Bruna

Dentro das temáticas que o CEMEPE nos apresentava, eu conseguia ter liberdade e autonomia na produção do meu conteúdo e estar dentro das diretrizes propostas.

Andressa

Você acha que algo poderia ter auxiliado a gente a lidar com a situação que ocorreu?

Bruna

Sim, mas os pais infelizmente acham que a escola que tem que educar, então eles acham que colocando na escola a função educacional deles com os filhos acabou e a gente sabe que os pais têm que estarem presentes. A escola vai abordar alguns conteúdos propostos, mas o pai tem que estar presente neste processo de ensino aprendizagem. Então eu não sei se mesmo com mais formações, o resultado seria muito diferente, pensando nas condições do nosso público, dos nossos alunos.

Andressa

Como você se sentiu em relação à sua saúde mental e física?

Bruna

Em meio às gravações das vídeoaulas descobri um nódulo no seio e tive que tirar este nódulo em dezembro. E, além disto, eu tive também uma infecção de urina recorrente que eu nunca tinha tido, e eu acho que foi o corpo somatizando todo este estresse.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter acabado o trabalho remoto emergência e ter ido para o presencial?

Bruna

Sabe quando você está carregando uma mochila muito pesada nas costas, doida para chegar em casa, ou então quando você chega de uma viagem que foi maravilhosa e que você descobriu muitas coisas, mas você já estava de saco cheio? Para mim, foi libertador.

Andressa

E como você se sente em relação ao seu trabalho docente atualmente?

Bruna

Eu percebi que os alunos estavam dispersos, que eles realmente não sabiam o que era uma escola, então o meu trabalho não fluía, eles não sabiam abrir uma mochila, abrir um caderno. Parece que eles perderam até o tato, e eu acho que isto é de tanto mexer com o celular também. Eles não conseguem perceber que eles têm que passar uma folha de cada vez do caderno. São estas coisas pequenas que eu observei. Nas duas escolas em que trabalho, percebi que eles perderam o tato, o movimento de pinça, não conseguem folhar. Acho que estão tão acostumados com o celular e com o tablet que não sabem abrir uma cola, recortar. Eu comecei a dar atividades que eu dava no início da minha carreira, há 20 anos, quando eu era bem inexperiente. Porque cada professor dá um projeto em uma atividade de acordo com o que ele consegue também. E aí eu comecei a trabalhar muito origami, dobradura papel e muito teatro de fantoches para que eles comessem a verbalizar as coisas.

No decorrer do ano, eles deram uma melhorada, parece que eles voltaram entendendo o que é uma escola. Antes disto, eles saíam para ir ao banheiro e beber água o tempo todo. Eles não davam conta de ficar na sala de aula, então eles tinham que fazer alguma coisa.

Andressa

No meio deste percurso aí você também notou uma ansiedade dos meninos?

Bruna

Não sei se eu se eu diria ansiedade, mas desmotivação. Eu sentia que eles não estavam interessados, que não queriam estar ali.

Andressa

Você contraiu a COVID?

Bruna

Sim, no período em que eu estava de férias. Passamos o Natal e Ano-Novo em casa, nós não tivemos contato com ninguém, e a Gabriela começou a passar mal e a levei ao pediatra e ela testou positivo para a COVID. Estávamos todos em casa e, mesmo assim, fomos acometidos pela COVID.

Andressa

Como você considera seus domínios com tecnologias computacionais?

Bruna

Dentro do recurso que é oferecido pela prefeitura, eu consigo trabalhar, mas eu levo meu notebook todos os dias para a escola, então eu baixo os vídeos que eu preciso mostrar. Eu trabalho mais com vídeo baixado do YouTube e PowerPoint, que eu monto com as imagens que eu vou mostrar para os alunos, mas eu não sei trabalhar com edição de vídeo. Tentei fazer um curso para aprender e não consegui. Não sei fazer aqueles vídeos legais do Tik Tok, do Instagram, não sei editar aquilo. Tenho vontade de aprender, mas não sei. Parece que eu me limitei a não evoluir nesta parte, eu sei trabalhar com o Google Sala de Aula, mas não sei criar joguinhos interativos.

Andressa

Todos estes domínios tecnológicos que você aprendeu, foram financiados por conta própria ou foram gratuitos?

Bruna

Aprendi com aquele curso do pex 7, disponibilizado de forma gratuita na internet. A prefeitura também nos ofereceu uma formação sobre criar sala de aula no Google Sala de Aula. Os outros recursos, como marcar uma reunião no Meet pelo Google Agenda, fui aprendendo por conta própria. Assisti algumas lives ensinando a mexer no Canvas, lives de como trabalhar com planilhas, etc. e também aprendi algumas coisas com colegas.

Andressa

O que você acha sobre as formações que oferecidas pela rede municipal?

Bruna

As formações de artes são muito diferenciadas. Se você for fazer um histórico, uma pesquisa com as pessoas da rede municipal, todos vão dizer que o nosso grupo de artes é um grupo muito forte e organizado. Então eu sempre tento me organizar para participar. Eu não consegui ir em uma formação presencial este ano no Parque do Sabiá, pois eu estava com o problema da voz, eu estava muito rouca. Antes de eu ser efetiva na rede, eu já participava do grupo. Através destas formações eu aprendi a dar aula, trabalhar por projetos. Acho que tudo que eu aprendi, realmente foi na formação continuada em arte. Então, a formação continuada, para mim, tem um papel muito importante.

Andressa

Qual o perfil do grupo de professores que você observa?

Bruna

Na pós-pandemia voltamos desmotivados, cansados e fragilizados. Nós fomos muito expostos e cobrados, mas não fomos reconhecidos pelos pais. Infelizmente, muitos disseram que não estávamos trabalhando. Então eu vejo que esta identidade docente está se reconstruindo. Estamos tendo que reconstruir as nossas metodologias de trabalho. Eu acho que a gente ainda tem muito aquele olhar de que a nossa experiência pode contribuir para alguma coisa. Estamos sempre compartilhando experiências.

Andressa

Você acha que é uma classe unida ou fragmentada?

Bruna

Completamente fragmentada. Eu estudei um pouco sobre a formação estética docente na minha dissertação e entrei um pouco na identidade docente também e percebi que a nossa classe é extremamente fragmentada.

APÊNDICE J – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARINA

Entrevistada: Marina

Data: 10/10/2022

Local: Escola

Andressa

Qual é a sua idade?

Marina

40 anos.

Andressa

Sexo?

Marina

Feminino.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo que você atingiu até o momento?

Marina

Eu tenho licenciatura e bacharelado em química pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e especialização em docência no ensino médio, técnico e superior.

Andressa

Qual é seu tempo de atuação na docência?

Marina

Aproximadamente 12 anos.

Andressa

Todo este tempo na rede pública?

Marina

Sim.

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Marina

Quando eu estava na faculdade, eu fiz o estágio na educação e não me identifiquei totalmente. Ainda na faculdade, peguei umas aulas no estado para ver como era. Depois fiz o estágio de finalização de curso e logo eu já percebi que realmente era o que eu queria.

Andressa

Em quantas escolas está atuando atualmente?

Marina

Somente na escola estadual Jerônimo Arantes.

Andressa

Em um turno?

Marina

2 turnos: manhã e noite.

Andressa

Qual a sua situação funcional neste emprego?

Marina

Eu sou efetiva desde 2014.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Marina

De 1 a 3 salários mínimos.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Marina

Casada.

Andressa

Você já ouviu falar em indústria 4.0?

Marina

Não.

Andressa

E no termo Quarta Revolução Industrial Tecnológica?

Marina

Já ouvi falar sobre, porém desconheço o assunto.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre temas como: Internet das coisas, inteligência artificial, robotização ou automação?

Marina

Já ouvi falar sobre os termos também, mas não estudei nenhum deles.

Andressa

Você conhece o termo “Educação 4.0”?

Marina

Não.

Andressa

Qual a sua carga horária total?

Marina

Neste momento, eu estou com 25 aulas. E neste ano eu estou na coordenação do novo ensino médio, a convite da direção da escola, e esta coordenação corresponde a sete aulas, então eu atuo tanto como professora de química, quanto como coordenadora do novo ensino médio.

Andressa

Como você avalia sua remuneração enquanto professor?

Marina

Este foi um ponto que pesou muito quando eu fiz a minha escolha, pois eu tinha consciência que estando na rede estadual, a minha remuneração seria bem menor que na indústria. Antes de me efetivar na rede pública, eu estive um tempo na indústria, onde eu ganhava bem mais do que comparando com o estado naquele mesmo período. O salário é muito pouco, dá para apenas pagar as contas e, quase sempre, não sobra nada. O salário não é nem de longe o que a gente merecia ganhar.

Andressa

O que você acha a respeito da terceirização na educação?

Marina

Eu acho a partir do momento que passa para a iniciativa privada, o pensamento deles é somente o lucro. E partindo do pessoal da limpeza, o primeiro ponto negativo é a exclusão dos servidores com um pouco mais de idade. Estas empresas contrataram pessoas com idades bem menores, sempre visando o lucro e estes funcionários acabaram tendo a sua carga horária expandida.

Andressa

Você acha que este movimento de terceirização pode chegar até aos professores?

Marina

Não.

Andressa

Você já tirou licença para tratar de saúde enquanto docente? Se sim, teve relação com o desenvolvimento do seu trabalho?

Marina

Sim, eu precisei ficar durante um ano e um mês de licença, e o motivo foi uma gestação de risco. Do começo ao fim da gestação, eu fiquei de licença, então foram na verdade, 8 meses de licença saúde e logo em seguida, quando eu estava no oitavo mês, eu já entrei na licença maternidade, esta foi a única vez que eu precisei tirar licença. Então não foi por causa do trabalho, algo como questão de movimentos repetitivos, nada disto. Foi uma questão pessoal mesmo.

Andressa

O que você achou do processo de protocolação desta licença? Foi algo burocrático?

Marina

Quando eu precisei tirar a minha licença, eu não tive dificuldade nenhuma, foi tudo muito tranquilo, mas no meu caso, os exames eram muito claros, então não tinha como negarem a minha licença.

Andressa

Você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação?

Marina

Não, nunca. A minha única experiência é na rede estadual, a princípio como designada e a partir de 2014, como efetiva.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Marina

Sim, com certeza. Acho que o primeiro ponto é ter um perfil de professor, porque se a gente comparar a docência hoje com a docência de alguns anos atrás, vemos que muita coisa mudou em relação ao conteúdo que a gente aplicava alguns anos atrás, com o que a gente aplica hoje, tudo foi muito reduzido. Então nisto entra a questão da mudança, de estarmos sempre abertos às mudanças que acontecem na profissão. O estar aberta às mudanças é ter domínio de sala, domínio de conteúdo, assiduidade, pontualidade.

Andressa

Quais os maiores desafios que você encontra em seu trabalho?

Marina

Um ponto que pega muito em relação à minha disciplina que é a química, é a ausência dos laboratórios nas escolas, porque quando fala em química, a primeira coisa que os alunos pensam é nas experiências, em conhecer o laboratório. Desde quando eu comecei a atuar, só havia laboratório em uma escola que eu trabalhei e mesmo assim, o governo não mandava os insumos necessários, então a gente fazia o básico, era muito pouco, mas já era alguma coisa. E na escola em que eu atuo não tem e nunca teve laboratório.

Andressa

O que você espera dos seus alunos no final do ano letivo?

Marina

Que eles adquiram o conhecimento necessário e alcancem acima dos 60% da nota que eles necessitam. Aquele aluno que consegue chegar ao final do ano com uma média de 70 a 75%, para mim, está ótimo, porque eu acho que 60% está muito em cima do que ele precisa. E que ao final do ensino médio eles possam competir e conseguirem uma vaga numa instituição federal.

Andressa

O que você pode dizer sobre o período do ensino remoto emergencial?

Marina

Este período chegou e pegou todos de surpresa. Nós professores, percebemos uma dificuldade muito grande em trabalhar com estas novas ferramentas da internet, como reuniões online, aulas online, algo que a maioria desconhecia. Então foi um desafio grande, apesar de já termos os mecanismos de trabalho, como computador ou celular, às vezes não tinha internet. Tivemos que aprender a trabalhar com estas novas tecnologias de forma muito rápida. Aprender a nos comunicarmos com estes alunos à distância, mandando e-mail, fazendo aulas online, foi um enorme desafio. Muitos alunos tinham acesso à internet, porém alguns não tinham acesso nenhum e precisavam pegar um material na escola e tinham que se virar por conta própria. A verdade é que eles tinham que conseguir fazer tudo sozinhos, sem apoio de professores em uma vídeo aula. Então foi um desafio muito grande em todos os sentidos.

Andressa

Como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho? Você buscou conhecimentos por conta própria?

Marina

Sim, foi por conta própria e acho que foi um ponto positivo, porque apesar das dificuldades e da falta total de conhecimento, saí de uma zona de conforto para buscar aprender estas ferramentas e entender que a gente tinha limitações. Para mim foi um ponto muito positivo, porque hoje a gente sabe que a maioria dos professores que não tinham conhecimento nenhum nesta parte, hoje já conseguem trabalhar com um pouco mais de facilidade com relação a isto.

Andressa

Você ganhou algum benefício adicional por estar atuando na sua residência?

Marina

Não, não teve nenhum apoio financeiro por parte do estado nesta questão de compra de material. Todos os profissionais tiveram que fazer de acordo com o que tinham.

Andressa

Como foi a sua adaptação para trabalhar em casa? Você já tinha este espaço? Como você teve que fazer?

Marina

Não existia este espaço e, no meu caso, como eu estava com um filho bem pequeno, eu precisei ficar na casa da minha mãe por um bom tempo para que ela pudesse me ajudar a cuidar do meu filho. Não tinha este espaço adequado na casa dela, então era no improvisado mesmo, hora ficava na sala, hora na cozinha. De acordo com o que dava certo. E muitas vezes não tinha a possibilidade do silêncio. Então, em muitos momentos a gente precisava do silêncio, seja para ouvir quem estava falando em uma reunião, por exemplo, ou que fosse para a gente ministrar as nossas aulas. Então tinha toda esta questão de não ter este silêncio necessário. Não tinha espaço necessário. Nesta época eu comprei meu

computador, quando começou este ensino remoto, eu não tinha notebook, eu usava do meu esposo, mas o dele já estava antigo, então estava tudo muito lento. Então neste período eu precisei comprar o notebook com meu próprio recurso.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho neste período foi igual ao tempo dedicado na escola?

Marina

Não, o tempo foi muito maior. Na escola eu consigo organizar minhas atividades, receber os trabalhos dos alunos ali mesmo naquele momento que eu estou com eles na sala. No ensino remoto a gente lançava a atividade para eles e cada aluno tinha seu tempo, mesmo que a gente estabeleceu uma data para que ele entregasse aquela atividade, um aluno mandava no primeiro dia, outro no segundo. Então, como o recebimento destas atividades foi por e-mail ou no aplicativo Conexão escola, todos os dias a gente abria a nossa caixa de entrada e tinha muitas atividades destes alunos, o tempo todo eu recebia estas atividades, passava para a minha planilha e depois passava para as planilhas das especialistas e da gestão. Então o tempo dedicado ao trabalho no período remoto foi muito maior.

Andressa

Como era o controle da sua jornada?

Marina

Existiam planilhas onde eu lançava as notas e os horários das aulas com os alunos. Eu acho que esta era uma forma de comprovação de que estávamos trabalhando, através do aplicativo Conexão Escola, que era a ferramenta que a gente utilizava para trabalhar com os alunos.

Andressa

O que você considerou mais desgastante neste período?

Marina

O mais desgastante para mim era esta questão de ter que abrir este aplicativo praticamente todos os dias e anotar as atividades que os alunos enviavam, era um trabalho que não cessava nunca.

Andressa

E tem algo que você considera como positivo neste período?

Marina

O ponto positivo foi conhecer estas novas tecnologias do ensino remoto. De trabalhar com estas novas tecnologias e dos nossos alunos também poderem conhecer estas ferramentas para saírem da escola com um mínimo de conhecimento e poderem trabalhar com isto, conseguirem criar uma planilha, fazerem um texto, pois é uma coisa que a gente está vendo que vai acontecer a partir de agora.

Andressa

O que você poderia dizer sobre o rendimento de seus alunos durante e pós pandemia?

Marina

A gente percebe que aqueles alunos que são dedicados, que têm empenho a gente percebe que tanto no ensino remoto quanto agora no modo presencial, estes alunos mantêm um bom desempenho, eles mantêm o interesse, e aqueles alunos que, antes da pandemia, já não se preocupavam tanto, não tinham pontualidade com as entregas das atividades, assim continuam. Então, sobre a questão do rendimento, para mim não mudou muito, eu consigo perceber que aquele aluno que ele já era esforçado no presencial, ele continuou no ensino remoto. Na questão do comportamento destes alunos, o fato de ter que voltar ao ensino presencial e de ter que seguir uma rotina, a gente percebe que teve uma defasagem. Agora na questão do aprendizado, comparando o período remoto com o presencial, eu não percebo muita diferença.

Andressa

Quais as plataformas que você utilizou para dar estas aulas?

Marina

Google Meet e Conexão Escola

Andressa

O que você achou da qualidade dos materiais produzidos para os alunos do estado?

Marina

De um modo geral eu posso falar que atendeu a necessidade dos alunos. Na disciplina da química, que é a que eu leciono, foi de bom proveito.

Andressa

De que você sentiu mais falta em relação a este período do seu trabalho docente?

Marina

Do contato direto com o aluno, porque através deste contato no dia a dia, a gente consegue entender onde estão as dificuldades, dá pra gente seguir o conteúdo, dar uma pausa e rever alguma coisa, pois só neste período presencial a gente consegue saber quem realmente está fazendo as atividades.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Marina

Por parte da gestão, as reuniões sempre eram marcadas de acordo com o meu horário de trabalho.

Andressa

Como você se sentiu em relação à autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho neste período?

Marina

Eu tinha autonomia em montar a minha atividade, mas eu não tinha autonomia em alternar a ordem de um conteúdo. Eu tinha que trabalhar de acordo com a apostila do governo, até porque aquele aluno que pegava aquele material lá na escola por falta de acesso à internet, eu não tinha acesso nenhum a ele, então não tinha como fazer mudanças.

Andressa

Você acredita em algo que pudeste ter auxiliado os docentes a lidar com a situação que ocorreu neste período de pandemia?

Marina

Sim. Poderíamos ter as formações continuadas de professores e o estado deveria fornecer computadores para trabalharmos, porque temos colegas que não tem este material. A capacitação é fundamental, e se ela tivesse acontecido antes de chegar a pandemia, teria sido bem mais fácil o nosso trabalho.

Andressa

Como você se sentiu em relação a sua saúde mental e física?

Marina

A adaptação no começo foi muito difícil porque eu estava trabalhando dentro de casa, eu não tinha aquela tranquilidade de estar no meu trabalho, o tempo todo tem uma demanda, tem alguém te chamando, o filho chorando, foi muito desgastante, então a saúde mental ficou um pouco afetada.

Andressa

Como você se sente em relação ao seu trabalho docente atualmente?

Marina

Sou muito satisfeita com a minha profissão e eu estou nela por opção, por escolha, claro que existem dificuldades, mas de um modo geral, estou muito satisfeita com a minha profissão neste momento.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter acabado o trabalho remoto emergencial e ter ido para o presencial?

Marina

Eu fiquei muito feliz. Eu acho que todo mundo estava precisando deste retorno, apesar da insegurança ainda com a questão da COVID, mas eu fiquei muito satisfeita, o retorno aconteceu no momento certo, eu acho que não dava mais para ficar em casa, nem para os professores.

Andressa

Você contraiu o COVID-19?

Marina

Não, nem no tempo de isolamento e nem no retorno.

Andressa

Como você considera seu domínio com as tecnologias computacionais?

Marina

Eu acredito que eu ainda uso muito pouco estas tecnologias e que eu poderia usar mais. Talvez o motivo de não usar mais, seja porque dentro da escola não existe esta demanda, mas eu acredito que eu

ainda uso somente o básico, como enviar e-mails, criar uma planilha, criar atividades no Google Forms, etc.

Andressa

Todos estes domínios tecnológicos que você aprendeu, foram financiados por conta própria ou foram gratuitos?

Marina

No começo do ensino remoto foi por conta própria, mas há pouco tempo, o governo disponibilizou um curso à distância para nos aprofundarmos mais nestes domínios tecnológicos.

Andressa

O que você acha sobre as formações que são oferecidas pela rede estadual?

Marina

Eu participo sempre que possível, e de um modo geral, para mim é satisfatório.

Andressa

Qual o perfil da classe docente que você observa?

Marina

Os professores, apesar das dificuldades, são persistentes e guerreiros para dar conta de tanta demanda, são unidos e se ajudam muito. Isto é fundamental na nossa profissão.

APÊNDICE K – ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOÃO

Entrevistado: João

Dia: 17/10/2022

Local: Escola

Andressa – João, obrigada por ter aceitado, eu vou te explicar mais uma vez o motivo do convite. É porque eu queria professores de diferentes áreas com diferentes olhares, mas que tiveste vivenciado, que vivência, né? Este período remoto, que já tem tempo aí na docência. Você ainda é suspeito, você que já trabalhou ainda no ensino superior, já então sua carreira é bem extensa, né? Mas eu queria professores que justamente, que já trabalham na área, que tem que colaborar, que não responderiam só sim ou não. Eu falei, nossa, eu tenho que pensar no perfil. Porque você, você, mais do que ninguém, você já orientou. Você sabe que quando se faz uma entrevista, você pode ter aí dados ou falta deles total né, o que é preocupante. Então, primeira questão é, agradecer a participação, eu sei que hoje em dia, com o tempo tão corrido, ainda mais você que têm muitas funções, pai, professor, supervisor, estão é bem corrido. É, eu vou te falar o tema da pesquisa. O guia basicamente segue uma ordem, mas não necessariamente a gente vai seguir esta ordem porque pode ser que tenha perguntas que você faz, ou que você já comente e eu posso ir pulando e aí vai, tá?

E o tema da minha pesquisa, então, para você gravar, tá tudo bem, né?

João - Tudo bem, concordo.

Andressa - O tema da minha pesquisa é - O impacto para o trabalho docente na educação básica, no contexto da indústria 4.0. Então eu falo sobre a questão do trabalho docente na educação básica, na educação infantil até o ensino médio, dentro da indústria 4.0.

E aí este guia de pesquisa, ao todo, serão 10 professores entrevistados, tanto do município quanto também da rede estadual. E aí a gente vai estar falando a respeito desta temática, aos poucos aqui.

Eu fiz uma primeira parte que é a da identificação da pesquisa né, de quem está participando, identificação das pessoas pesquisadas, o foco da pesquisa que eu trabalho, sobre trabalho docente, sobre o período emergencial aí de ensino remoto, e as perspectivas que a gente tem daí em diante também. Então, você pode interromper hora que você quiser, fica a vontade, tá? Para a gente fazer esta primeira parte, João, eu vou falar sobre a identificação, posso começar? Tranquilo?

João - Pode, vai lá.

Andressa – Tá, vamos lá. Qual a sua idade?

João - Eu estou com 47.

Andressa – O sexo?

João - Masculino.

Andressa - Sua formação e o nível máximo que você tem dela, também. Sua formação inicial e o nível máximo de especialização ou mestrado ou doutorado.

João – Aham. Bom, eu tenho graduação, né? Em Filosofia com bacharelado. Tenho especialização, neste sentido, na área de educação, né? Com foco em supervisão e inspeção e o meu mestrado na área de filosofia, com foco em ética, pela PUC de Campinas.

Andressa - Certo. E o seu tempo de atuação, qual é, na rede pública?

João - Na rede pública, na rede pública, eu comecei em 2018 na rede pública, o meu início, os primeiros anos, foi na rede particular, no ensino superior.

Andressa – Ao total, você tem quanto tempo de profissão.

João - No total 18, 18 anos.

Andressa - 18 anos, já tem um caminho aí bem consolidado.

João - Sim.

Andressa - Em quantas escolas você está atualmente?

João - Atualmente eu atuo em uma escola particular, Marista Champagnat. E no estadual, como professor de filosofia. E na rede municipal como analista pedagógico, eu ingressei este ano, fevereiro de 2022.

Andressa - Certo, e no caso, sua situação funcional nestes empregos, nos dois públicos, é efetivo?

João - Efetivo.

Andressa - E no Marista no caso, não conta, porque aí no caso é a rede particular, não é?

João - CLT

Andressa - E João, considerando sua renda, é e considerando que o salário-mínimo é de R\$1212,00, você tem uma renda que varia de 1 a 3 salários mínimos, de 3 a 5 salários mínimos, de 5 a 7 salários mínimos, de 8 a 10 salários mínimos ou 10 em diante?

João - De 5 a 7 salários.

Andressa - 5 a 7, tá. E seu estado civil atualmente.

João - Casado.

Andressa - E para a gente poder começar, por qual motivo você escolheu esta profissão?

João - Eu descobri a área da educação quando ingressei na PUC de Campinas, como filósofo. Eu era seminarista na época e descobri que não ia conseguir ser padre. E não era por ali que eu me realizaria. Então eu fiz uma escolha pela educação por entender que eu poderia somar com aquilo que eu desejava, com os meus ideais no processo educativo promovendo o bem, levando discussão crítica, ajudando as pessoas a pensar, e pensar com mais qualidade sobre si mesmas e até mesmo sobre o que elas poderiam realizar no desenvolvimento de si, no desenvolvimento social. Então este foi um dos motivos pelos quais eu ingressei na educação.

Andressa - Então foi um caminho aí que surgiu no meio do processo.

João - Descobri o caminho.

Andressa - Ai, agora que a gente fez uma identificação inicial, todos os professores que responderam vão fazer parte, a gente vai falar um pouco sobre o foco da minha pesquisa em específico, não existe resposta certa, adequada. Você pode falar assim, se você entende, não entende? Livrementemente, não, não há nenhum tipo de problema, sim ou não, e tudo mais é para a gente poder contextualizar mesmo. E

então a pergunta, são 3 perguntas neste bloco. A primeira pergunta é, você já ouviu falar em indústria 4.0?

João - Não, não ouvi falar.

Andressa - Tá. Já utilizou ou ouviu falar do termo Quarta Revolução Industrial Tecnológica?

João - Já ouvi falar.

Andressa - Você lembra alguma coisa em relação a isto ou não, específico?

João - Não, mas como eu leio sobre a teoria crítica e a teoria crítica tem a ver com a visão de Walter Benjamin e Theodor Adorno, né? Os caras que fazem a crítica sobre o modo como as mídias, né, a indústria cultural, ela transformou a cultura em mercadoria, quando eu leio isto, quando você me fala, eu faço esta associação.

Andressa - Tá. E a pergunta número 2: Tem algum conhecimento sobre a Internet das Coisas, Inteligência Artificial, Robotização e Automatização?

João - Alguns termos sim, a inteligência artificial a gente tem ouvido bastante. E dentro da filosofia, a gente tem áreas da filosofia da mente que também fazem estas abordagens. Eu tenho algumas leituras parciais, mas tem algumas leituras que tocam alguns destes conceitos, em especial na questão da robotização, né, do modo como a sociedade também interpreta e vive esta questão da forma de dar sentido à vida, do modo como ela é levada a compreender-se neste cenário.

Não é, sobretudo quando a gente pensa que a sociedade, ela tem sim, uma forma ideológica de ser estruturada e tem alguns interesses que buscam esta estruturação para que as pessoas também possam agir, comportar-se, consumir diante de determinado estímulo, né? Então existe aí uma padronização do processo, processo global, né? Chegamos assim ao que nós chamamos hoje de consumo em massa, né?

Andressa - Tá.

João - Nesta linha, eu tenho leitura.

Andressa - Então é uma coisa que você já ouviu falar aí, né? Já teve conhecimento. E para a gente finalizar esta primeira parte, que é só um intuito de como que está os conceitos, estas questões, você conhece o termo Educação 4.0?

João - Não, não conheço.

Andressa - Não conhece, tá. Então agora a gente vai entrar numa parte que ela vai falar sobre o seu trabalho, enquanto trabalho docente e a gente tem 8 perguntas nesta parte. Ela fala a respeito do próprio desenvolvimento do seu trabalho. Então a pergunta número 1 é: qual é a sua jornada de trabalho semanal?

João - Total dos meus empregos?

Andressa - Isto.

João - 56 horas.

Andressa - Você faz as 56 horas dentro da semana para poder conseguir trabalhar aí em todas as jornadas.

João - Isto. []

Andressa - João, e a pergunta número 2 é, como você avalia a sua remuneração nestas nestas 3 jornadas aí?

João - Eu avalio como é, como mediano. Pelo, pelo tempo, trabalhar. Pelo esforço entregue e até de certo modo, pelo contexto daquilo que a gente entrega, porque todos os empregos, todos os trabalhos, mesmo eu desenvolvendo, digamos assim, conteúdos distintos, esforços de certo modo que exigem como, por exemplo: professor, não posso entrar na sala de aula sem preparação em casa. Então estas 56 horas é de segunda à sexta, mas eu trabalho sábado e domingo em casa, preparando aula, preparando trabalho, corrigindo prova, então estas 56 horas em loco, sem contar o trabalho em casa. Se eu for contar com um trabalho em casa, a minha média de trabalho semanal é de 70 horas.

Andressa - 70 horas então.

João - Eu sou mal pago por 70 horas. 70 horas, então a proporção do que recebo, ela é uma proporção muito menor do que realmente aquilo que eu executo.

Andressa - Tem trabalho não pago nesta situação. E aí uma das coisas que você tem, horário de planejamento, certo? Você calcula que ele é suficiente?

João - Eu procuro usar muito da minha experiência para compensar aquilo que eu não consigo realizar. Para quê? Para que eu pudesse fazer com maior eficiência, precisaria de mais tempo. Mas como eu já utilizo 56 horas de segunda a sexta, eu tenho que tentar também encontrar um horário de descanso no final de semana para que eu consiga desenvolver meu trabalho de segunda à sexta, porque senão consigo com excesso o cansaço, o estresse. Ele impede qualquer trabalho de ter qualidade. Se eu não descansar pelo menos um dia por semana, então eu procuro tirar um dia por semana para descansar. Pelo menos um, dois dias é impossível. Mais um eu tenho que tirar.

Andressa - Então por exemplo, quando tem sábado letivo, neste caso, você não tirar porque já pegou seu sábado.

João - Exatamente, sábado letivo é o dia do meu descanso, então eu já vira um dia sem uma manhã, por exemplo, quando é de manhã, não é ou sem uma noite, quando é a noite, já é uma manhã ou uma noite a menos.

Andressa - Entendi no caso a questão é você ter família e sempre e vai adentrar neste momento que você tem para descanso e para família, pelo que você está me falando.

João - Sim, vai impactar.

Andressa - Se você quiser manter um nível aí, um padrão de qualidade no trabalho.

João - É porque com o trabalho, a minha proposta é sempre desenvolver uma atividade que cause a mim, pelo menos a minha sensação de que estou fazendo bem, não é? Costumo dizer para os meus alunos que eu não sei se eles estão gostando do que faço, mas no dia que eu deixar de fazer o que eu gosto e eu sentir que não estou fazendo bem aquilo que gosto, eu largo. Eu preciso ter prazer no que faço.

Andressa - Sempre.

João - Boa parte da minha felicidade, ela advém deste prazer daquilo que eu realizo. Se eu não tiver prazer no que realizo, eu estou sendo robotizado na minha ação. Então, este é a perspectiva de tudo aquilo que é para se fazer, o sentido de fazer. E eu pessoalmente sou muito feliz no que faço, eu não posso descartar este item a ser observado.

Andressa - Obrigada João, e aí dando continuidade e a gente sabe que tem esta questão da remuneração aí, do trabalho não pago e tem um movimento que tem preocupado bastante. Você deve ter observado isto, já que você atua na prefeitura enquanto analista e também como professor no Estado e aqui eu falo da rede pública, mais específico, um movimento de terceirização na educação que vem começando principalmente pelos setores da limpeza. O que você acha deste movimento na educação? Como que você vê isto?

João - Eu vejo como muito prejudicial, infelizmente, porque não há uma visão do estado, principalmente dos gestores com esta visão de direita, como se apresentam no momento, não há uma visão destes administradores de que o Estado, ele deve cumprir o seu papel social e deve cumprir de certo modo, aquilo para o qual nós pagamos os nossos impostos. Então a política de enxugar a máquina administrativa é uma política que não leva em consideração o movimento do próprio trabalhador, que ele está inserido, com seus direitos. Não leva em consideração aquilo que são os nossos impostos pagos. Ou seja, terceirizar é desonerar o Estado daquilo que é o seu papel, então, é literalmente lavar as mãos diante daquilo que é sua responsabilidade. Se o Estado não atuar para aquilo que é Público, quem é que vai atuar? Principalmente quando a gente pensa naqueles profissionais, por exemplo, os profissionais que fazem a manutenção da escola, que serve um alimento, enfim, estas pessoas, onde que está o garantido delas? Onde está o trabalho com com fundo de participação social, onde o Estado efetivamente entra? Quando o Estado faz este movimento, e eu entendo que é um movimento global, o Estado não quer se comprometer com aquilo que é da sua responsabilidade e é muito triste, é muito frustrante e eu visualizo isto como um potencial para ir para outras áreas. Infelizmente, pode ser que esteja começando agora de uma forma, mas eu vejo isto. Infelizmente, um indicador muito negativo daquilo que é papel do Estado, ou seja, o Estado não tem interesse em cumprir definitivamente a sua função. Ele quer desonerar a folha, ele quer lavar as mãos nele, que é um Estado mínimo, para aquilo que que entende-se como operacionalização da máquina pública. É bom para o administrador, porque ele pode usar os seus bens, não é, digamos assim, um recurso que ele capta para outros fins, mas para cumprir o seu papel social, ele, infelizmente, negligencia e muito aquilo que é o seu papel.

Andressa - E você vê este movimento tanto na prefeitura quanto também no Estado na questão do governo. Assim, não é uma coisa que você distocia, pelo contrário.

João - Não, eu vejo como geral, e não só prefeitura e estado, eu digo do globalizado. As políticas, elas seguem certas tendências mundiais, então é esta ideia do Estado mínimo é uma tendência natural deste mundo hoje que está bipolarizado entre um sistema em que os Estados Unidos e foi obrigado a humanizar pelo contexto histórico do Ocidente, mas que a China, com um seu projeto, também está forçando certo modo a apresentar ao mundo uma visão diferente. Então, por exemplo, a ideia de felicidade, que é uma ideia ocidental, ela não existe na China. Lá não existe o conceito de felicidade. Então eles trabalham com esta perspectiva dos direitos humanos. O que é para nós é reflexo de uma luta por direitos e melhores direitos, direitos humanos, não é, digamos assim, direitos a uma vida digna, direitos à cidadania. A China vem neste movimento de propor um modelo mais enxuto da atuação do Estado em prol de uma eficiência maior. Ou seja, existem lá, muitas oportunidades para criar milionários e para fazer do Estado uma máquina eficiente. Mais isto a que custo? Então eu vejo que ainda é uma visão de mundo, que não leva em consideração o trabalhador naquilo que ele é, enquanto indivíduo, indivíduo de direitos, mas leva, muito mais uma visão estatal de uma eficiência e que a China tem mostrado com grande e eficiência que este modelo pode ser implantado exclusivo em modelos capitalistas como o nosso, o que já era uma visão do século XIX, de que nós podemos sim ter um estado mínimo que funcione e que entregue o básico. Ou seja, para a população, o básico. Mas existe, por outro lado, um grupo que está se aproveitando disto, países que estão formando cada vez mais milionários, bilionários. Ou seja, nesta estrutura, você tem alguém que sustenta-se e cresce a partir do estado mínimo. Vamos pegar, por exemplo, a área da educação. Então, se você serve o mínimo para a população, quem não quer sobreviver do mínimo vai ter que pagar para ter aquilo que por direito ele deve ter. O direito à educação, inclusive, que está previsto na nossa Constituição.

Andressa - E aí acaba que a qualidade da educação, ela perpassa as vezes pelo ensino privado e não necessariamente o que deveria ser, o público. Você é melhor conhecedor do que eu, mas na história da educação, a gente vê muito esta discussão que uma das brigas que a gente tem é a questão da busca por esta qualidade na educação.

E aí, quando se fala da questão da terceirização, você acha que este é um movimento que pode vir tanto de professores, digo, de ASBs, quanto também para professores e ou você acha que não, que tem setores que não vão (...)?

João - Eu penso que alguns setores vão ter que lutar mais, alguns setores vão ter que se manifestar mais, se posicionar mais. Os professores terão uma força maior pelos contingentes, os demais profissionais que estão na escola. Eu sinto que os professores pelo aspecto da coletividade, pela quantidade de profissionais eles têm meios de lutar. Meios mais efetivos de lutar contra isto, do que os demais profissionais que atuam na escola, infelizmente. O pessoal administrativo, o pessoal que faz parte da limpeza, que ajuda a fazer comida, enfim. Estes eu, eu vejo eles como mais expostos ao processo de terceirização. Eu vejo quase inevitável que isto ocorra, quase inevitável.

Andressa - Você já tirou neste meio de trabalho docente alguma licença para tratar da sua saúde enquanto docentes. Se você quiser, se pode citar ou não o motivo e se isto tem relação com o desenvolvimento do seu trabalho.

João - Eu tirei uma licença, mas por saúde, quando eu peguei covid ano passado. E falar assim de passagem, eu achei extremamente desgastante o processo do Estado para poder, por exemplo, justificar e inserir lá o meu, o meu atestado. Eu achei extremamente difícil, então assim. Eu senti que eles dificultam muito o processo. Para que você tenha direito a estar doente não achei tranquilo. Eu achei complicado. Por outro lado, os professores, a direção da escola foi extremamente solidária, mas o sistema enquanto sistema que gerencia o processo, achei ele bem, bem complicadinho, não facilitou em nada. Eu estava doente e no processo que eu estava doente, eu tinha uns dias para fazer isto, para inserir e isto, para acelerar o processo e foi interessante, serviu para ver como o Estado está equipado para lidar com isto, não é? Mas eu usei sim, do meu direito e de afastamento do trabalho. Eu achei que correspondeu aquilo que é a expectativa.

Andressa: eu te perguntei e foi curioso que respondeu até a pergunta que seria a próxima. Porque é interessante que, de certa forma, se observa que até licença, ela tem uma dificuldade para ser tirada na questão burocrática e sim, e isto foi mais dias, não é? Já aconteceu de ser pegar um dia e ter que negociar para não ter que pegar um dia, justamente por conta desta burocracia. Por exemplo, a estava gripado acaba indo.

João - Eu nunca fiz de modo é... assim, eu sempre contei muito com a ajuda das pessoas parceiras que estão à frente da instituição, para negociar um dia, exatamente por entender que se eu for para o aspecto legal, isto fica muito travado. Então, sempre conto com a negociação, eu acredito que seja mais fácil para gente, viu? Por exemplo, no dia que eu precisar me atrasar, um dia que eu não pude ir, um dia que por algum motivo não pude com com estar na escola, né? Mas assim, sempre achando uma forma de encontrar um equilíbrio que não fosse exatamente oficial, não é porque eu sei que o oficial costuma travar e acaba deixando a gente em situação complicada, porque... depois pagar, por exemplo, um horário, que dia, que horas?

Andressa - Na sua jornada é mais complicado encaixar, né? E aí é interessante quando se fala isto, porque pegar atestado acaba que muitas vezes você faz a negociação para não ter é todo um prejuízo, apesar de saber que é um direito seu.

João - Exatamente, porque sabemos que o sistema, ele utiliza e dos meios para dificultar o trabalhador a ter acesso aos próprios direitos. O sistema cria isto, não é?

Andressa - Verdade. E você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação. Então vou lá, vou dar uma aula e recebo só por aquela aula, não tem contrato, não tem nada, nestes 8 anos?

João - Não.

Andressa - E para ser um professor, se acha que são necessários alguns requisitos ou competências? Você consegue citar algum, se você acha que sim.

João - Bom. Eu pessoalmente acho que as habilidades e as competências, elas são extremamente necessárias para você desenvolver a função que você foi desenvolver socialmente. Para o professor em especial, o conhecimento adquirido, o conhecimento enquanto conteúdo específico, ele é básico e fundamental, mas alguns requisitos, algumas competências, habilidades que o profissional também tenha desenvolvido durante a sua vida extra docente. Então eu, por exemplo, eu fiz muito laboratório, eu venho de uma realidade religiosa, então eu vivia em comunidade, estava muito com esta coisa dos jovens, participava de movimento de grupo de jovens, participava de retiro, participava deste mundo da comunicação com viés religioso. E este mundo fez sempre parte do meu cotidiano. Então falar em público, comunicar e eu me lembro de amigos que ouviu às vezes participações minhas, às vezes até palestras, e me davam feedback. Eu me lembro de um amigo, Sandro Leite, que ele disse para mim, uma vez: nossa, sua palestra foi ótima, se você falou só 39 “né”. Eu sempre dizia, “né”? Ou seja, eu recebi um feedback maravilhoso, tipo, você tem que corrigir a linguagem se você quiser comunicar melhor e isto foi, de certo modo, me ajudando. É o mais constrangedor tudo isto e quando eu falo destas habilidades de competência, é que boa parte delas não são necessariamente ofertadas durante o ensino superior. Ela não está no currículo. Então, por exemplo, uma disciplina de comunicação e expressão que deveria ser uma disciplina do curso, porque você tem que se comunicar, você tem que se expressar bem para que o conhecimento seja efetivado no processo ensino aprendizagem e não tenho. No currículo, não tem estas disciplinas e aí, por isto que eu falo de habilidades e competências que eu adquiri no transcorrer do processo, extra ou que antecipou, a minha vida acadêmica, que antecipou a minha vida como professor.

Andressa - Então, na verdade, esta e acho que vai além, né, que não necessariamente só a questão do currículo aí não é?

João - Vai muito além, muito além. Aí quando eu estou falando isto, eu estou falando daquilo que é um padrão que eu estabeleço e que eu compreendo até como ex-coordenador de curso de graduação, eu fui coordenador durante 8 anos de um curso de graduação onde eu discutia com os meus pares a necessidade destas disciplinas né? Então a gente procurou corrigir isto com cursos de extensão, curso de oratória e que era uma saída e que todos utilizavam. Porque no curso na grade normal isto não era ofertado, né? Igual hoje quando se fala na questão da educação financeira, né? No novo ensino médio, para muita gente é besteira, mas é um conhecimento essencial que as pessoas precisam ter porque a vida exige outros saberes práticos e a gente precisa ter. Então, certas coisas, a escola precisa estar afinada com aquilo que é o cotidiano da vida do aluno, também. Então, assim como do professor, algumas habilidades e competências têm que ser desenvolvidas para que o profissional depois se realize. Muitas das nossas frustrações se devem ao fato de não ter as ferramentas necessárias para realizar aquilo que é da nossa função. E eu acredito que se todas as pessoas tivessem oportunidade de desenvolver as habilidades e competências adquiridas e necessárias para um bom desenvolvimento, boa parte dos nossos problemas seriam minimizados. Resolvidos, não... minimizados.

Andressa - Quais os maiores desafios que você acha que você encontra no seu trabalho? Aí eu vou falar já de ambas as escolas, com exceção do particular. Quais são os maiores desafios que se acha que se encontra aí nas situações de trabalho?

João - É, eu vou enumerar 3 basicamente. Primeiro, o contexto socioeconômico destes ambientes, onde este contexto socioeconômico impacta diretamente nas condições do aluno. Por exemplo, no municipal, eu tenho alunos que chegam sem comer para ter aula. No estado tenho contato com esta realidade, mas eu julgo que em algumas situações isto não é muito diferente, Porque as situações de

pobreza e miséria que estamos vivendo, ela se esconde diante de um cenário onde o aluno leva o celular para sala de aula. Aí você olha para o celular e diz - não, ele não está passando fome, ele tem um celular. Não quer dizer que ele não tem alimentação adequada, que não tem uma condição de vida adequada, e aí, às vezes, muitas vezes o próprio aluno acaba escondendo a sua condição de necessidade em torno daquela necessidade de se afirmar, ser reconhecido no grupo como alguém normal, porque ele tenha acesso àquilo que é normal. Então este é um ponto.

O segundo ponto eu acredito que ainda seja o não reconhecimento por parte do Estado da figura do profissional da educação. Por exemplo, assim, uma remuneração que seja digna, uma estrutura que seja digna e isto se reflete muito sobre o aspecto do incentivo ao professor. Então quando o professor tem que se mobilizar para receber aquilo que é do seu direito, ele tem que receber a restituição das suas perdas salariais e ele não recebe, é um tapa na cara do profissional. Ou seja, o não reconhecimento do Estado por parte daquilo que é o esforço do profissional que está a serviço da comunidade, que está a serviço da sociedade. É um servidor que não está sendo remunerado adequadamente. Eu acho que isto é um segundo ponto que eu acredito que seja uma grande dificuldade e que acabam indo também contra a motivação para a realização com excelência. Aí você vai na escola e desenvolve aquilo que dá, dentro das condições que se tem.

O terceiro ponto eu acredito que seja também relevante, É um ponto que assim, às vezes as pessoas não comentam as pessoas não, não dizem abertamente, porque elas ficam constrangidas. Mas é um terceiro ponto que eu acho que também impacta no processo como um todo. Não há por parte das políticas públicas, um esforço ajustado para melhorar o processo de ensino-aprendizagem como um todo, numa visão holística. Você tem um prefeito ou outro que tem isto como prioridade. Você tem um governante ou outro que tem isto como prioridade, mas não existe um plano nacional em todas as instâncias que coloca a educação como um plano de excelência no Brasil. Isto nos espaços onde estou, você pega uma escola com uma estrutura ruim, uma escola que não recebe subsídios necessários para manter o clima da educação como um clima saudável, digno. Então as duas escolas onde eu atuo, são escolas de periferia. Então, não é só porque é na periferia que a escola não tem que ter estrutura necessária e, digamos assim, organizada, ordenada para receber com dignidade. Então às vezes eu faço estas críticas, porque é um sistema que infelizmente, é verdadeiro, mesmo levando em consideração que Uberlândia ainda está numa consideração, satisfatória, em compensação com outros estados e outras regiões, eu tenho ciência disto. Mas para aquilo que Uberlândia, por exemplo, arrecada enquanto imposto, aquilo que Minas é enquanto estrutura, eu acredito que Uberlândia poderia ser muito melhor do que é, infelizmente é uma verdade.

Andressa - Tem a gente tem situações que falo, eu viajei recentemente para o norte de Minas e fiquei abismada. Fui pegar um certificado na Federal de lá e cada cidade que parava, eu ficava impressionada. Eu falava, a gente está com uma infraestrutura naquela região ali do Triângulo, muito boa. Porque dependendo da região que você vai ali, Jequitinhonha, ali pelo norte de Minas, a situação é bem complicada, mesmo.

João - Quando você compara, parece que você não está sendo justo, mas em alguns lugares, a injustiça é muito maior.

Andressa - Sim, sim, concordo. É e aí, quando a gente pensa nisto, em todos estes contextos, em todas estas situações, nestas necessidades, a gente tem estes desafios...quando você dá aula para um aluno ao longo de 1 ano... vamos supor um ano, um tempo aí. Você conviveu com ele e ele segue para uma próxima etapa. E daí em diante, o que é que se espera dos seus alunos quando eles terminam, por exemplo, este ciclo este ano letivo? O que é que se espera deles?

João - Bom, eu sempre espero que eles encontrem um caminho que dê sentido e significado àquilo que eles adquiriram. Eu comentava esta semana, no segundo EJA, uma turminha nova que eu encontrei. Eu fico muito feliz, por exemplo, e estou muito feliz neste sentido. Porque eu vim substituir

um professor que era um professor contratado na escola, mas eu vim substituí-lo como efetivo e ele tinha sido meu aluno na graduação. E aí os meninos do segundo este isto estavam tendo continuidade no projeto da filosofia e eu queria fazer esta linha de continuidade e eu perguntei, quem era professor de vocês? Ano passado, eles disseram - o Wellington, no semestre passado. Foi então muita alegria, porque o Wellington meu aluno também, então eu como professor universitário, eu tenho muita felicidade de trombar com os meus ex-alunos que são os meus colegas, então isto é uma alegria muito grande assim. Quando eu vejo os meninos finalizando, por exemplo o Ensino Médio, seja no estadual ou seja em outras escolas que eu trabalho, eu sempre espero vê-los e como profissionais atuando por aí e de algum modo vendo que nós contribuimos com o processo de crescimento deles. Eu pessoalmente vejo com bons olhos e entendo que eles são muito capazes, são capazes de realizar, claro, cada um na sua medida, não é? Nós sabemos que tem alguns excelentes que podem sim, se despontar nas funções e tem outros que realmente custaram a concluir o Ensino Médio. Não sabemos se vamos encontrá-los por aí em algum momento, se vão, digamos assim, guardar tudo aquilo que aprenderam e o que eles aprenderam.

Andressa - Mas que eles se sobrestaiam de alguma maneira, como se diz.

João - É, eu sempre espero que eles se sobrestaiam.

Andressa - E nesta primeira parte, a gente já falou sobre a identificação, o foco da pesquisa e o trabalho em si que é desenvolvido. Agora a gente vai começar a falar sobre o período de ensino emergencial, remoto, que é uma grande parte da pesquisa também é e aí a gente vai fazendo aqui algumas ponderações. Fique livre para perguntar alguma coisa, qualquer dúvida. Eu vou fazer aqui na sequência, se tiver alguma questão que você já respondeu, eu vou marcando. Então quando eu abaixo aqui não é que estou marcando, estou anotando aqui. O que você pode dizer sobre o período do ensino remoto emergencial?

João - Olha, eu vou ser sincero e objetivo. Eu acho que foi o que podia ser feito dentro das condições que o Estado ou o município se propôs a fazer. Um sentido de muito mais de atender uma visão geral do tipo: "estou fazendo". Mas que efetivamente isto não acontecia de modo satisfatório, então eu vi que o Estado fez um esforço, o Município fez um esforço para apresentar alguma coisa que poderia ser feito. Mas eu não vi como algo satisfatório. Infelizmente eu vi como algo pouco produtivo e muito mais para atender uma expectativa geral da população do que efetivamente cumprir algum papel de contribuição direta. O bom aluno conseguiu filtrar um pouco da proposta, mas o aluno mediano, o aluno fraco, ele ficou ainda mais longe do que nós chamaríamos de um ideal de educação.

Andressa - Como você se sentiu em relação aos instrumentos de trabalho? O Estado ou município subsidiou ou emprestou algo para o home office? Celular ou tablet?

João - Bom, eu pessoalmente, aprendi muito, porque eu não usava estas ferramentas. Eu não tinha muita noção do que poderia ser online, então eu tive que desenvolver. Boa parte disto eu acabei desenvolvendo na rede particular, que eu tive que desenvolver várias ferramentas. Na rede pública eu não estava ainda no município, então eu não posso falar daquilo que eu não vivi, mas a que eu vivi no Estado, eu digo que foi uma experiência um pouco complexa porque ela foi frustrante no sentido de em retorno e foi fraca no sentido de alcance de objetivos já que de algum modo eu me senti assim, meio que cumprindo um protocolo daquele precisava ser cumprido mais verdadeiramente, não acreditando que aquilo estava alcançando objetivo mínimo. Nem o mínimo era alcançado.

Andressa - Como foi sua adaptação em casa para trabalhar? Já tinha um espaço para isto?

João - Nada, nada, nada.-

Andressa Mais uma vez a questão do Estado mínimo.

João - O mínimo, ou seja, o professor teve que comprar computador, como eu tive que ir comprar, não é? É tipo comprar um computador, eu tive que dar uma bombada na minha Internet. Eu tive que produzir material extra, eu tive que desenvolver, por exemplo, ferramentas com as metodologias ativas para tornar o processo mais interessante e eu fiz um ensaio com aulas online, mas que não foram um, digamos assim, muito eficiente.

Andressa - E qual foi o aplicativo que você usou?

João - Eu usei o Meet, Zoom foi só uma época, mas usei na escola particular.

Andressa - No Estado então não teve subsídio? Nada, como você falou, né? E aí, se não teve nada, aí eu te faço uma pergunta: como que você fez para trabalhar em casa? Você fez a sua adaptação ou você já tinha este espaço?

João - Eu fiz uma adaptação, eu cheguei a investir em computador. Eu comprei, eu percebi que há necessidade, também era na rede particular, porque a rede particular também não me deu este subsídio, assim como uma rede pública também não me deu. Ou seja, se você quiseste manter o seu emprego, você tinha que se virar. Esta foi a mensagem.

Andressa - Você disse que não teve nenhum benefício, então em nada, nem na Internet, nem um benefício adicional, por estar atuando na sua casa, nem ajuda na conta porque acaba que você usa energia elétrica, em nenhum aspecto.

E aí outra pergunta, o tempo dedicado ao trabalho, ele foi igual ao dedicado na escola?

João Naves - Não, não mesmo, e este dinheiro nunca vou receber, porque este trabalho que desenvolver extra, não só porque eu tive que desenvolver novas ferramentas e novas habilidades, elas acabaram exigindo de mim, muito mais tempo, para ler trabalhos ler pets, ler atividades, do que aquele que eu gastaria efetivamente para entrar na sala de aula. Fora o aspecto da disponibilidade. Porquê? Quando eu estou presencialmente na escola, eu estou naquele horário, aquele período lá. Quando eu não estou, eu estou em casa por conta de atividades, além daquele horário que eu tenho para fazer as atividades, eu tenho que estar disponível para as outras atividades que foram sendo exigidas.

Eu falo isto pela rede pública e pela particular. Como eu na época estava em muitas escolas da rede particular isto foi extremamente estressante e eu quase morri de estresse, foi uma loucura.

Andressa - E aí e depois à minha pergunta, mais aproveitando o gancho, o tempo dedicado, ele foi bem maior, tanto o que você trabalhava quanto também para poder buscar as coisas. Então, tem algo que se considera mais desgastante?

João - Olha. Eu faço a eleição do mais desgastante pelo aspecto de ter disponibilizado o meu tempo de vida pessoal para o lado profissional. Então eu senti que eu não tinha o meu horário pessoal. Principalmente no primeiro ano da pandemia, eu percebi que a atividade, por exemplo, de Pets, elas eram desenvolvidas dentro de uma possibilidade, que aluno podia produzir, mas a minha devolutiva ela era a qualquer momento que o aluno enviasse para mim, então estava conforme demanda. Então, se o aluno mandasse para mim x horário, eu deveria retornar para ir na próxima semana. Então se for todos fora de um horário, no último horário do último dia. Então por exemplo, se um mandasse no domingo, e eu retornasse na terça, então eu tinha que ler tudo no domingo e na segunda, para devolver na terça. As devolutivas foram acumulando muito, até o momento que eu não dei conta, de dar a devolutiva a contento.

E aí eu comecei a me sentir desgastado porque eu não estava conseguindo responder e aí deveria ter que existir uma organização melhor neste cenário. No segundo ano, o segundo ano de pandemia, eu percebi que houve uma organização melhor, um desgaste menor. Mas eu acho que também se deve

também ao fato de ninguém estar preparado para o processo de pandemia. Ninguém está, então esta falta de preparação acabou nos projetando também nesta loucura que foi, né.

Andressa - Então se acha que se tivesse algum tipo de preparação anterior a isto, você acha que a gente teria lidado com esta situação?

João - É porque, na verdade, o que aconteceu foi que nós fomos trocando a roda com o carro em movimento. Eu falei, usei esta expressão, muita gente usou e foi de fato. Ou seja, não houve uma preocupação em uma preparação com ajuste técnico, às vezes material para que o processo pudesse ser retomado. Não, a gente foi retomando e fazendo ao mesmo tempo. Então, isto foi muito desgaste. E não foi dado ao professor a oportunidade de uma preparação, de um treinamento ou mesmo digo, um processo de engajamento nisto tudo isto, isto foi muito desgastante, ou seja, nós tivemos que literalmente, trocar a roda do carro com ele e movimento, e isto foi muito, muito doloroso. Sobretudo, é para quem deseja fazer com excelência aquilo que faz e deseja adquirir satisfação, realização naquilo que faz. Nós tivemos que fazer de qualquer jeito, do jeito que dava e assim não foi muito satisfatório. Não trouxe dignidade, não trouxe... nós fomos tratados como “vai” e ainda tivemos que ouvir: “Vocês não estão fazendo nada, vocês não estão trabalhando”.

A classe, por exemplo, dos policiais, da força da saúde, que estavam na linha diferente muitas das vezes dizendo: “Vocês estão bem, vocês estão em casa”, como se a gente tivesse em casa, a gente teve sem trabalho se tivesse desocupado. E foi uma visão completamente deturpada. Eu nunca trabalhei tanto na minha vida como eu trabalhei neste período de pandemia, neste período remoto.

Andressa - Que é o trabalho que não cesta, não é? Vamos dizer assim, você responde, vem uma outra questão, e aí, daí em diante é. E aí, quando eu fiz a pergunta, foi pensando assim na questão, pelo menos das tecnologias, talvez ele tivesse um pré funcionamento, um pré-domínio, às vezes poderia me algum sentido para alavancar, mas não necessariamente que seria desta forma, não é?

Tem algo que você considera positivo deste período?

João - Sim, eu considero 2 pontos positivos. O primeiro é em relação ao aluno.

O bom aluno é um bom aluno online e presencial, não é? Ele é bom aluno na esquina na casa dele. Bom aluno na padaria. O processo de ensino e aprendizagem depende do aluno, então o bom estudante, ele se mostrou nesta condição. Ele não era um aluno matriculado na escola, era um estudante que estava em casa em condição especial.

A ideia apenas é porque é aquilo que eu costumo falar para meus filhos, ou seja, o processo de aprendizagem depende do aluno. Depende muito, então se ele não quiser, se ele não for buscar, não acontece nada. Para o que queria, foi uma oportunidade maravilhosa para ele aprender como fazer pesquisa, como desenvolver o conhecimento mediado por um processo que era naquele momento, era o que dava, que era os Pets, que era a orientação do professor, então o bom aluno se mostrou nesta ocasião. Isto foi bom, né? Por outro lado, o aluno que era ruim, ele se tornou invisível. Se tornou alguém completamente alheio ao processo. E o outro lado positivo, eu que tinha pouco contato, pouco intimidade com a tecnologia, com alguns meios disponíveis, eu acabei aprendendo muita coisa, a lidar com isto, reduzi o meu medo de lidar com a métodos novos, metodologias novas, então para mim foi bom. Eu me desenvolvi como profissional, como alguém que lida com educação é capaz de lidar com novas ferramentas, então foi bom para que eu pudesse descobrir como lidar e também para que eu pudesse descobrir que eu sou capaz de lidar com o novo, não é? Então estamos preparados para o novo. Espero que não seja tão cedo.

Andressa - Você utilizou quais ferramentas durante este período de pandemia? Você aprendeu ou sabia utilizar? Mas que ferramentas? O Conexão Escola foi um...

João - É, o Conexão Escola, foi uma perspectiva nova. A própria questão de lidar com esta questão do aluno online, de ter que lidar com ele e saber responder aos anseios dele, porque é uma coisa é o aluno presencial, quando ele não fala nada, mas você vê ele. Outra coisa é quando o aluno não está ali, mas você sabe, pelo espírito dele que ele está produzindo, ou que ele não está produzindo, quando ele está com dúvida, né? Eu me lembro muito de fazer algumas intervenções, perguntar ao aluno: Porque você não está respondendo, porque você não está enviando? E tinham alguns alunos que respondiam: Porque eu não consigo ler, não consigo entender isto. Eu fiz muito esforço para tentar ajudá-los neste sentido. Então assim eu descobri também que, mediante novas circunstâncias, a gente pode discutir novas metodologias.

Alguns alunos estão preparados para viver sem o professor ali no presencial, alguns alunos estão preparados e já tem maturidade, mesmo sendo tão jovem, já tem maturidade para lidar com aquilo que é do cotidiano, de quem está buscando conhecimento. Como eu falei da pesquisa, muitos aprenderam a pesquisar.

Utilizando, por exemplo, novas ferramentas, a gente foi capaz também de ajudar a produzir um novo estilo, digamos assim, de acompanhamento do aluno. Esta questão, de “fizemos o que era possível” é uma questão curiosa, porque teve gente que fez além, eu vi colegas que fizeram ensaio para a utilizar a ferramenta online, né? Nós utilizamos o Conexão Escola, usamos o Meet, fizemos uso de ferramentas, alguns aos colegas insistiram nisto. Eu achei que em algum momento foi improdutivo pela quantidade de alunos que apareciam, pouquíssimos. Na rede particular, eu usei de muitas ferramentas, algumas metodologias ativas, então assim, por melhores condições de trabalho. Se tivesse sido ofertado, por exemplo, pelo Estado, Tablets ou computador aos alunos e boa parte deles não possuíam nem um celular para ter acesso ao Conexão Escola e isto aí foi uma questão assim, muito usada. Por quê exigir de quem? Se o aluno não tinha nem o que comer em casa? Exigiu que ele tenha celular? Exigir que ele tenha acesso à Internet? Então assim, esta preparação do Estado para que o aluno tenha todas estas condições, ela foi um pouco caótica, né?

Andressa - E aí me chama atenção. Quando se fala, então que você tinha ferramentas você poderia utilizar, e você não utilizou elas por conta justamente que não tinha o principal, que era o instrumento, a ferramenta ali para o aluno. E aí, todas estas ferramentas, você aprendeu por conta própria, na particular você disse que se aprendeu mais.

João - Na particular nós tivemos mais treinamento para isto, no Estado, houve orientações. Houve orientações em relação a isto, mas foi um suporte daquilo que era possível ofertar.

Andressa - O que é que você poderia dizer sobre o rendimento de seus alunos durante a pandemia? Você disse que o aluno bom rendeu o outro não e após esta pandemia como que você tem percebido e durante, se você quiser complementar alguma coisa?

João - Bom, o ano passado quando nós voltamos e aqueles algum seguinte fato voltaram. Eles tiveram muita dificuldade de se ajustar novamente ao processo do presencial. Uma pequena parte conseguiu acompanhar o processo das exigências do presencial. Poucos poucos, mesmo.

Vão dizer que o bom aluno online ele continuou sendo aluno bom depois que ele voltou para normal. Não é? Mas é mais por uma perspectiva dele, porque ele perdeu uma conexão. Eu estou sentindo este ano, por exemplo, com os terceiros anos. Não há também ali uma motivação da coletividade, mesmo que você tem de fazer isto com eles, né? Então a importância do grupo neste sentido dentro da escola ajuda a mobilizar, sobretudo daqueles mais fracos e que têm mais necessidade deles. Fico meio que sou, não é cada um no seu quadrado tentando fazer aquilo que dá com.

Andressa - E se acho que isto pode também tem relação com o currículo que acaba que agora com o novo ensino médio, o aluno tem menos contato, ainda com um professor e muito mais professor do que é que a aula um professor só?

João - mais para pessoas também concordo, agora está muito em cima para gente mediar, não é? Eu não tive contato com o novo ensino. O novo currículo não é assim, especificamente do novo ensino médio por dar aula no segundo e terceiro ano. Desconheço o ano passado com o primeiro, mas eles começam no semestre passado, onde é que o primeiro, o primeiro ano, mas a gente vai sentir isto aí, como é que vai ser nos próximos anos, né? Vamos ver como será.

Andressa – A questão do rendimento, não é? E você teve que produzir material durante as suas aulas? Eu queria que você falasse um pouco sobre o material do Estado. O que é que se acho do material do Estado que você tinha?

João - É na minha área, bom, eu posso dizer assim que a intenção de quem produziu foi maravilhosa, mas ele não tinha o pé na escola. Para ir entender que ele estava produzindo, não era alcançado pelo aluno que estava lento, ou seja, o meu aluno que estava lendo não conseguiu entender, não conseguiu aprofundar-se no material que foi produzido. O material que foi produzido por produzido com um nível Aqui há um material. Ele estava primeiro, muito fragmentado, com muitos conteúdos, muitos conteúdos e depois apresentava de modo sucinto as ideias básicas, mas que boa parte destas teorias, eu não sei se conseguia absorver lendo que estava lá. Ou seja, boa parte do meu aluno lia, mas não entendia.

Andressa - É e aí, dando continuidade, o que é que mais se sentiu falta durante este período?

João - Bom, a gente sente a falta do aluno eram poucos alunos que respondia de modo adequado o projeto e muitos que deixaram de responder aos pés, não é? Então, aluno sumiu, literalmente. É então foi o que eu senti mais falta desta presença do aluno e boa parte dos alunos. Não conseguia responder semanalmente de modo ordenado, então respondi a um, eu ficava 22 pets em responder um respondia um de vez em quando bom aluno conseguir responder, mas eram poucos, não em comparação a todos aqui. Se por outro lado ainda bem que nem todos conseguiram responder que não conseguia ter lido tudo idade evolutiva para ele, que também teria sido Loucura, né? E já fui ter sido muito difícil, então é por um lado e percebi que.

Andressa - E eu os seus horários de trabalho e reuniões em geral era um respeitado pelos gestores.

João - Bom há, Eu não posso reclamar. Eu acho que dentro daquilo que era possível fazer. Num primeiro momento, os seis meses foi mais caótico, mas depois normalizou. E aí havia ali certa normalidade naquilo que era possível. Não tenho muito a acrescentar em. Acho que foi feito que era possível.

Andressa - Em relação aos horários? De atendimento às famílias usa alunos e usá-los em geral respeitavam porque você teve que usar seu número de celular.

João - então assim teve alguns alunos que não souberam respeitar isto, é alguns que mandavam mensagem fora do horário. Alguns que me procuravam para resolver questões até em cima da hora ou em dias que não eram dia de trabalho, bem no início, tive que pontuando com eles para eles irem respeitando isto. Mas depois mais no final, eles estavam mais ou menos organizados.

Andressa - Foi regularizando, tinha alguma forma de ser comprovado seu trabalho?

João - Olha. Foram criadas ferramentas para acompanhar aquilo que era produzido pelo aluno, né? Então nossos tínhamos e algumas ferramentas para isto. Gráficos e planilhas que nós tínhamos que preencher para contar lá o que tinha sido produzido, qual é volume devolvido. Então, ouve-se uma forma de controle do meu trabalho, daquilo que o aluno produzia o material enviado. Era correspondente aquilo que a escola oferecia, né? Então havia sim, uma forma de controle do meu trabalho de horários, talvez não, mas de trabalho sim.

Andressa – Usava o conexão escola e o google sala de aula?

João - Também eu também forma que é uma forma de controle.

Andressa - E qual a forma que tinha para registrar seu trabalho? Era ponto, você falava hora que você trabalhou.

João - Anexo.

João - É tinha um documento que nós é que produzimos, que era um documento que a gente se preenchia e enviava para escola, contando ali é que dia que horário que eu realizei, aquela atividade.

Andressa - Durante este período, viu como que você se sente em relação a sua autonomia, desenvolvimento do seu trabalho neste período?

João - Quase zero. Eu tinha maior autonomia só no projeto do EJA. Onde nós podíamos ali elaborar um material de modo mais livre. Fora isto, ficamos muito limitados. Aquilo que era ofertado muito das vezes, uma linguagem como eu disse muito acima do meu material, daquilo que o aluno consegue ler. Não é? Então, infelizmente, foi uma realidade.

Andressa - Como que você sentiu em relação à sua saúde mental e física?

João - Olha eu já comecei dizendo que eu quase saí do emprego, mas eu fui testado no limites. Eu sinto que o nível de stress, foi extremamente alto de exigências. E até mesmo de não compreensão do que era o processo. E pelos meus familiares, até pela minha esposa, alguns meus filhos, alguns amigos, que não entendiam que se trabalha tanto. Mas você está online, você está em casa de boa. Eles não eram capazes de entender como era operacionalização do processo. Então eu entrei assim num processo bem complicado. Não vou te negar.

Andressa – Chegou ao limite de stress?

João – no ano passado eu larguei duas escolas no ano passado, exatamente por causa deste stress que eu não aguentava mais, cheguei no limite, custei finalizar o ano de 2021.

Andressa - Causou algum tipo de sentimento de ter acabado este ensino emergencial remoto?

João – Alívio.

Andressa - É e você atualmente como se sente em relação ao seu trabalho? Hoje em dia?

João - Em relação ao que foi feito, o que eu estou fazendo agora?

Andressa - Agora, agora, como você está?

João - Ai, eu sei que eu estou muito melhor, eu estou muito melhor. Eu estou com a sensação que aquele período mais tenso passou, a gente, está voltando aos poucos certa normalização, mas bebendo das consequências, porque o nosso aluno viveu tudo aquilo. Agora está trazendo boa parte daquilo que foi reflexo. Então, por exemplo, a dificuldade agora de adaptar-se ao processo presencial. Eu estou tendo muita dificuldade de tirar o celular da mão do aluno. Por quê? Ele acostumou a um ritmo de todos em que ele tinha acesso a tudo.

Andressa - Contraindo o COVID-19, foi durante o isolamento ou não retorne ao trabalho?

João - Foi durante o isolamento, infelizmente.

João – Minha esposa foi obrigada a voltar ao trabalho presencial com 2 semanas uma colega contraiu e ela também contraiu e todo mundo aqui em casa.

Andressa - O que você sabe? Você aprendeu sozinho ou você efetuou alguma formação que foi incentivada e pelo Público, pelo Estado, pela prefeitura, não é?

João - Eu fiz um curso pelo Estado, no ano passado no passado. No contexto, ele veio um pouco tarde para mim que eu já tinha passado pela tempestade, mas que agregou, ajudou, né? E eu também busquei outros cursos fora para dar suporte quando surgiu a pandemia, muitas coisas eu não sabia, não tinha onde buscar, eu fui buscando e amigos em pessoas que tinham este conhecimento.

Andressa - Então, na verdade a formação veio tardiamente, mas você considera que se sabe manusear os aplicativos e mandar e-mail? Você consegue organizar seu material de trabalho no computador?

João - Consigo.

Andressa - O que é que você consegue realizar e o que é que você sabe que consegue realizar? Você aprendeu aí? Na verdade, em outro momento não é. Você falou aqui que você foi busca por conta própria... E todas as formações são gratuitas?

João - Algumas foram gratuitas, né? Como este do estado, por exemplo, não é e outros foram, né? Eu acabei fazendo em investimento não é para que eu pudesse ter retorno. Algumas, eu utilizei de outras oportunidades que eu estava trabalhando em outras escolas que me agregou, então eu fui utilizando daquilo que era possível, né?

Andressa - As ofertas e formação você acha que elas atendem. Elas são sempre a distância.

João - Pois é o Estado tem melhorado muito neste aspecto. Sobre a oferta de cursos, né? Sobretudo do ano passado para cá, houve uma melhora significativa neste sentido, porque eu pessoalmente não percebia do Estado uma mobilização para a formação do docente de uma formação continuada que fosse é ofertada de modo tão satisfatório. Então assim eu fiquei feliz de modo depois. E com este aumento da demanda agora por ser online e por algum motivo, né? Eu entendo que é uma questão logística, não é dá acesso a todos, mas eu acho que ele possibilita de modo mais democrático o acesso a toda a rede. Todo o Estado é um tecnicamente quem faz parte da rede tiver condições deste site participar. Eu acho que é extremamente significativo que eu considero como bom. Bom sinal de melhoria no processo de formação do professor, já que eles não dão a remuneração que a gente tem direito.

Andressa - Você fala de remuneração no seu caso, você já é efetivo do Estado e você tem mestrado, você ainda não ganha pelo seu mestrado? Então, se não tem reconhecimento, diferentemente da prefeitura e sabe e não tem nem perspectiva ainda de quando isto irá.

João - Não, não, não tem. Então aí tem, tem todo um projeto aí, não é no Estado, há uma para te dar o calote e feliz, Né?

Andressa – Qual a identidade do grupo de professores que você observa

João - 43 como um profissional, Luta de modo incesante e por um projeto que ele traz. Consigo é um projeto que envolve a transformação social. Eu não sei se é porque eu estou envolvido nela diretamente, mas eu vejo os meus colegas, todos imbuídos desta questão. Sensibilizar-se para mudança da transformação. Mesmo diante de todo o processo de perto, mesmo diante de toda a não mobilização do Estado para a valorização do profissional. Mas eu vejo por parte do professor até estes que estão chegando agora, esta vontade de agregar, de mudar, de transformar um olhar muito esperançoso, então. Eu, em especial, da tem esta visão de que o professor é um sonho, a dor com pé no chão.

APÊNDICE L – ENTREVISTA COM A PROFESSORA DANIELA

Entrevistada: Daniela

Data: 24/10/2022

Local: Escola

Andressa

Qual é a sua idade?

Daniela

43 anos.

Andressa

Qual o seu sexo?

Daniela

Feminino.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo que você atingiu até o momento?

Daniela

Eu sou bacharel em história e ciência e formação em pedagogia.

Andressa

E você tem especialização?

Daniela

Estou fazendo, mas não está concluída.

Andressa

Qual o seu tempo de atuação na docência?

Daniela

18 anos.

Andressa

Na rede pública?

Daniela

Não. Estou na rede pública efetivamente desde o ano de 2016.

Andressa

Em quantas escolas você está atualmente?

Daniela

Apenas em uma escola.

Andressa

Qual a sua situação funcional neste emprego?

Daniela

Sou concursada.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Daniela

De um a três salários mínimos.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Daniela

Estou em processo de divórcio.

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Daniela

Sempre quis ser professora. Desde criança eu já sabia que eu seria professora.

Andressa

Você já ouviu falar em indústria 4.0?

Daniela

Não.

Andressa

E no termo quarta revolução industrial tecnológica?

Daniela

Sim. É a revolução que nós estamos vivenciando, o desenvolvimento da tecnologia dia após dia, como o chip e a conexão em tempo real com qualquer lugar do planeta.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre internet das coisas?

Daniela

Não.

Andressa

Já ouviu falar em Inteligência artificial?

Daniela

Alguma coisa bem rasa.

Andressa

E em robotização ou automação?

Daniela

Acredito ser como víamos em alguns filmes de ficção científica na década de 90, onde portas se abriam com o reconhecimento facial e era uma coisa totalmente distante do que a gente estava vivendo. E hoje a gente vivencia isto, pois existem casas onde se controla tudo por um controle remoto, você controla a luz, o que você vai ligar, o que você vai desligar, a porta que vai abrir e a porta que vai fechar. Eu me lembro de pensar nisto como se fosse algo de um futuro muito distante e hoje eu vejo que tudo está acontecendo.

Andressa

E você conhece o termo Educação 4.0?

Daniela

Não.

Andressa

Qual é a sua jornada de trabalho semanal?

Daniela

Mais 40 horas semanais, incluindo planejamento.

Andressa

Como você avalia sua remuneração diante desta carga horária?

Daniela

Insuficiente.

Andressa

Você acha que em algum momento você trabalha além da sua jornada de trabalho?

Daniela

Sim. Eu percebo isto por causa do cansaço do meu corpo.

Andressa

O que você acha deste movimento da terceirização nas escolas?

Daniela

Eu acho uma perda muito grande, porque pode levar que a educação no Brasil volte a ser uma educação paga. E a gente já viveu esta realidade no Brasil, onde quem não tinha dinheiro, não podia estudar e, ainda hoje existem pessoas fora da escola. Mas eu acho que tanto o SUS quanto a educação pública são um avanço social, e eu acho que a terceirização vai comprometer este avanço.

Andressa

Você já tirou alguma licença para tratar saúde enquanto docente?

Daniela

Não tirei.

Andressa

Você já trabalhou em situação de informalidade na educação?

Daniela

Sim, por sete anos.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Daniela

Sim. Um professor precisa ter autoridade, que é diferente de autoritarismo e precisa saber lidar com seu público, que não é lidar com alguém de igual para igual. Então, por exemplo, você não pode bater boca com aluno, porque você tem que estar num patamar diferenciado. Eu acho que o professor precisa ser amante do conhecimento, ter interesse no estudo e na formação continuada.

Andressa

Quais são os maiores desafios que você encontra em seu trabalho atualmente?

Daniela

O maior desafio na minha profissão atualmente, é a questão da jornada que eu não posso diminuir, porque eu preciso do dinheiro. Mas a redução da minha jornada de trabalho seria muito boa para mim, porque eu iria melhorar fisicamente e mentalmente e, principalmente, melhoraria o meu próprio trabalho, pois eu teria mais tempo para estudar para dar minhas aulas. Eu não gosto de levar só o que está no livro, eu gosto de levar uma aula interativa para os meus alunos.

Andressa

O que você espera dos seus alunos no final do ano letivo?

Daniela

Eu espero que eles consigam sobreviver neste mundo da melhor maneira possível. Quando eu olho para eles, eu vejo uma possibilidade infinita de coisas. Eu acredito que eu posso estar dando aula para o futuro presidente do Brasil. Eu posso estar dando aula para um vereador, para uma faxineira, para um trabalhador da fábrica, eu acredito em qualquer possibilidade, porque todo trabalho é digno para mim. Então eu não me preocupo muito com a questão da profissão que eles vão seguir, o que eu desejo mesmo é que eles cresçam longe do mundo do crime e das drogas.

Andressa

E o que você pode nos dizer sobre o ensino remoto emergencial?

Daniela

Foi interessante e proveitoso, pois eu criei um grupo de estudos no WhatsApp com as crianças do nono ano e fizemos uma dinâmica onde cada um explicava a matéria. Posteriormente comecei a usar o Google Meet e colocava as atividades no Google Sala de Aula, que é um aplicativo que eu gostaria de continuar usando com os meus alunos e eu acho que futuramente isto vai acontecer, gerando uma redução de papel e de impressão.

Andressa

E como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho? O estado subsidiou ou emprestou algo para o seu trabalho em casa?

Daniela

Não, eu não recebi nenhum instrumento de trabalho do estado. Eu tive que comprar um computador novo com meu próprio recurso.

Andressa

E como foi sua adaptação para trabalhar em casa? Você já tinha um espaço?

Daniela

Eu comprei um computador novo e coloquei em uma mesa no meu quarto, ganhei uma cadeira que não era adequada para ser usada por um período longo, pois prejudicava a minha coluna, mas foi o que foi possível fazer. Acho que por isto eu estava com uma dor terrível na coluna.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho neste período foi igual ao tempo dedicado na escola?

Daniela

Não. O tempo dedicado ao trabalho neste período remoto foi bem maior.

Andressa

Como era o controle da sua jornada?

Daniela

Através do preenchimento de anexos e envio de links no Classroom, onde a gente tinha que acestar nos horários determinados.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Daniela

Sim.

Andressa

E as famílias e os alunos respeitavam o seu horário de trabalho?

Daniela

Não.

Andressa

O que você considerou mais desgastante neste período?

Daniela

A burocracia.

Andressa

E tem algo que você considerou positivo durante este período?

Daniela

Eu considerei positivo a gente usar as tecnologias na sala de aula, porque a gente não pode mais fugir deste uso. A gente tem que colocar isto em prática, até pela questão ambiental, por exemplo, eu acesso um site, leio um texto e o texto permanece no meu drive e eu posso ler a hora que eu quiser, sem precisar imprimir, posso fazer uma prova, um simulado online, reduzindo o impacto no meio ambiente.

Andressa

E o que você pode nos dizer sobre o rendimento de seus alunos durante e pós pandemia?

Daniela

Aquele estudante que já era bom presencialmente, manteve o nível dele, porque era um estudante que já tinha se despertado para a busca do conhecimento, então caminhou sem muita dificuldade. Aquele estudante que não tinha o hábito de estudar e que não era um estudante assíduo, não conseguiu avançar. No período pós pandemia, aconteceu uma defasagem grande e um declínio na leitura, escrita e interpretação, tudo isto devido à pandemia, mas em parte, isto é uma questão social, uma questão que foge das paredes da escola.

Andressa

Quais as plataformas e aplicativos que você utilizou durante a pandemia?

Daniela

Eu utilizei o WhatsApp, conexão escola, Google Meet, o drive, o YouTube e o Classroom.

Andressa

Você ainda utiliza alguma destas ferramentas?

Daniela

Sim, quase todas.

Andressa

E o que você acha da qualidade dos materiais produzidos para os alunos do estado?

Daniela

Não gostei. O material tinha alguns erros superficiais. Na disciplina de história tinha algumas coisas boas, mas em geral o material era meio superficial e trazia os conteúdos misturados.

Andressa

De que você sentiu mais falta em relação a este período do seu trabalho docente?

Daniela

Do convívio com os estudantes e com os colegas de trabalho.

Andressa

E como você se sentiu em relação à autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho neste período?

Daniela

No período da pandemia eu não tinha autonomia. Eu tinha que seguir as instruções.

Andressa

E pós pandemia?

Daniela

Atualmente, como professora eu tenho autonomia de escolher os conteúdos, a maneira como eu trabalho, a maneira como eu faço as avaliações e atividades. Eu não preciso seguir um padrão de comportamento.

Andressa

E você acredita que seria possível um preparo dos docentes para uma situação como a pandemia?

Daniela

Prevenir sempre é melhor que remediar. Há muitos anos atrás, na escola Navegantes, eu tinha uma aluna que veio da Coreia e sempre usava máscara. Todos a olhavam com estranheza e, tempos depois, fomos obrigados a usar a máscara. Se a nossa escola já tivesse convivendo com isto e com as ferramentas tecnológicas antes da pandemia, nós, professores e os estudantes não teríamos sofrido tanto.

Andressa

E como que você sentiu em relação a sua saúde mental e física?

Daniela

Eu não estou bem até hoje, eu quero reduzir cada vez mais o uso do computador. Eu acho que fomos submetidos a muita pressão e isto prejudicou a minha saúde física e mental.

Andressa

E te causou algum tipo de sentimento ter acabado este ensino remoto emergencial?

Daniela

Decepção por não podermos mais usar o Google Sala de Aula, onde eu poderia postar meus trabalhos sem a necessidade de imprimir. O aluno poderia acessar o celular dele dentro da sala de aula e fazer minha atividade na hora da aula, o que eu acho que seria super bacana. Mas eu penso que o governo trabalha contra a educação pública, para que a mesma não tivesse que ser uma boa escola, fornecer uma educação de qualidade. Parece que trabalha para cumprir uma função de empresa, mas não função de escola, que é formar um cidadão e desenvolver o seu conhecimento.

Andressa

Como você se sente em relação ao seu trabalho docente atualmente?

Daniela

Eu sinto satisfação com o meu trabalho, embora eu ache que eu deveria ser mais bem remunerada.

Andressa

Você contraiu a COVID-19?

Daniela

Sim, durante o retorno ao trabalho presencial.

Andressa

Como você considera seu domínio sobre tecnologias computacionais?

Daniela

Eu considero razoável.

Andressa

Você aprendeu sozinha ou com algum tipo de formação ofertada pelo estado?

Daniela

Aprendi sozinha.

Andressa

Você participou das formações da rede estadual?

Daniela

Sim.

Andressa

Você acha que elas são boas?

Daniela

São razoáveis.

Andressa

Qual o perfil da classe docente que você observa?

Daniela

Todos os profissionais da escola que eu convivo são excelentes. Eles estão comprometidos com os estudantes, têm ética ao falar do estudante e dos assuntos da escola. A escola ///// é uma escola que deveria ser referência no sentido do convívio e do profissionalismo. Os professores se preocupam com a escola em geral, com o lanche e com a limpeza da escola. O corpo docente da escola é de excelência para mim. O comprometimento faz a diferença.

APÊNDICE M – ENTREVISTA COM O PROFESSOR EDUARDO

Entrevista: Eduardo

Data: 31/10/2022

Local: Escola

Andressa

Qual a sua idade?

Eduardo

47 anos.

Andressa

Sexo?

Eduardo

Masculino.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo que você atingiu até o momento?

Eduardo

Mestrado em história.

Andressa

Qual o seu tempo de atuação na docência?

Eduardo

Dezoito anos, sendo seis anos na iniciativa privada.

Andressa

Atualmente você atua em quantas escolas?

Eduardo

Duas escolas, uma do estado e uma do município.

Andressa

Qual a sua situação funcional nestes empregos?

Eduardo

Sou concursado.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Eduardo

3 a 5 salários mínimos.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Eduardo

Casado.

Andressa

Por qual motivo você escolheu a sua profissão?

Eduardo

No início da minha graduação, eu não tinha o objetivo de ser professor. Eu trabalhava na empresa de cartão de crédito American Express, na área de cobrança e cogitava conseguir uma promoção dentro daquela empresa. No período da graduação, eu fiz um estágio e gostei da dinâmica de trabalhar em sala de aula, quando me formei, eu fui trabalhar como professor contratado para ver se realmente eu iria ficar na American Express ou atuar dentro de sala de aula e acabei me tornando professor durante este processo.

Andressa

Você já ouviu falar em “Indústria 4.0”?

Eduardo

Não.

Andressa

E no termo “Quarta revolução industrial tecnológica”?

Eduardo

Sim. Esta quarta revolução tecnológica é uma forma de aplicar as tecnologias no contexto da educação à distância. Eu penso que seja a tecnologia sendo utilizada dentro da educação.

Andressa

E você tem algum conhecimento sobre “Internet das coisas”?

Eduardo

Não.

Andressa

Já ouviu falar sobre Inteligência artificial, robotização e automação?

Eduardo

A inteligência artificial hoje, na medicina, melhora os processos cirúrgicos, dando a possibilidade de o médico fazer uma cirurgia sem tocar no paciente. A robotização vemos pela tecnologia 5G e já existem robôs trabalhando dentro das fábricas.

Andressa

E o termo “Educação 4.0”, você conhece?

Eduardo

Não.

Andressa

Qual a sua jornada de trabalho semanal?

Eduardo

33 aulas semanais.

Andressa

Você acha que seu horário de planejamento é suficiente?

Eduardo

Eu acho que a carga horária é muito extensa. E, conseqüentemente, ela impacta na questão do planejamento, porque quando você tem várias turmas diferentes, você perde. Eu acho que o período de planejamento não é suficiente, porque eu não consigo realizar tudo dentro da semana. Então, todas as vezes eu me pego no final de semana, fazendo planejamento de aulas e atividades para a próxima semana.

Andressa

Você percebe que você trabalha para além da sua jornada de trabalho?

Eduardo

Sim, muito além da jornada de trabalho.

Andressa

O que você acha deste movimento da terceirização em alguns setores da educação?

Eduardo

Com a terceirização do serviço da limpeza, a gente percebe que a escola está mais limpa, os banheiros são limpos de forma mais eficaz, tanto dos alunos quanto dos professores. Em contrapartida, vemos que o salário é inferior e a carga horária estendida, daí você percebe a precariedade da terceirização.

Andressa

Você já retirou licença para tratar a saúde enquanto docente?

Eduardo

Sim. Por problemas no nervo ciático, no primeiro semestre de 2022, eu peguei 3, 4 dias de licença. No segundo semestre, em consulta com o psiquiatra, peguei mais 60 dias de licença. Licença psiquiatra foi necessária porque eu não estava conseguindo conciliar a carga horária de trabalho e o mestrado. Eu vejo que foi necessário para eu conseguindo. Quando eu fui e expliquei ao psiquiatra o que estava acontecendo ele falou, vai ficar afastado.

Andressa

E o processo para entrega deste documento foi burocrático?

Eduardo

Foi mais tranquilo no estado, pois marquei a perícia e o doutor só fez algumas perguntas de como eu estava me sentindo e, no final da tarde, minha licença foi deferida. Na prefeitura foi complicado eu fui no setor do médico a primeira pergunta foi? Porque que eu não queria trabalhar e olhei para ele, eu respondi não é que eu não quero trabalhar eu tenho três dias de afastamento desde 2013 na prefeitura

se muito, eu falei se ele estava tomando remédio e pedi para tomar o comprimido inteiro, foi mal educado, ai chegou um email falando A minha licença na prefeitura foi um pouco mais complicada, eu passei pela consulta médica e, no final da tarde, recebi um e-mail falando que eu teria que passar por uma junta médica e somente depois de uma semana passar por esta perícia. Na junta médica eu me senti até importante porque tinham cinco médicos, e uma médica com uma pranchetinha e fez algumas perguntas sobre o cotidiano. Totalmente intimidador é como se a gente tivesse fazendo algo errado, e falei que me sentia muito constrangido e depois passei na perícia chegou o email falando. Isto é feito de proposito para as pessoas não pegar atestado, acho que só foi deferido porque eu não tinha histórico de afastamento. Se não tivesse dado certo eu ia faltar direto e vou até onde que dar, eu não sabia o que fazer.

Andressa

Você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação?

Eduardo

Sim, durante a minha graduação.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Eduardo

É essencial você ter a formação básica da graduação, gostar de crianças e adolescentes que é o público que você vai trabalhar. Se você for olhar só pelo lado financeiro, você não consegue ficar, então você tem que gostar daquilo que você está fazendo, porque a remuneração não é boa. Um professor tem que ser profissional para ser respeitado por seus alunos e pelos pais dos alunos. Sobretudo, você precisa ser humano, pensar no outro, se colocar na situação do outro. Estar dentro de sala de aula é lidar com pessoas de realidades diferentes, pensamentos diferentes e você tem que deixar de fazer pré julgamentos, tentar compreender o que está acontecendo e ter empatia.

Andressa

Quais são os maiores desafios que você encontra em seu trabalho?

Eduardo

Eu trabalho em duas escolas localizadas em bairros bem próximos, e percebo que na escola do estado, o nível socioeconômico é um pouquinho maior, onde a escola dispõe de data show com som em sala de aula e tem uma boa estrutura. Na escola do município, eu preciso marcar um horário no laboratório de informática, e nem sempre está disponível. Muitas vezes falta nas escolas uma estrutura melhor para acompanhar determinado aluno como uma assistente social ou um psicólogo, pois a gente não consegue ajudar.

Andressa

O que você espera de seus alunos no término do ano letivo?

Eduardo

Eu espero que eles consigam fazer a vida deles com trabalho e que sejam bons seres humanos. Este é um pré-requisito básico para todo mundo. Mas é claro que a gente espera que eles consigam atingir os objetivos que são traçados por eles. Eu fico feliz de saber que eles aprenderam algo com a gente e espero que eles consigam entrar no mercado de trabalho, que tenham decência em tomar as decisões na sua vida com moral e com ética e trabalhar dentro da honestidade.

Andressa

O que você pode dizer sobre o período do ensino remoto emergencial?

Eduardo

Foi caótico. A gente não sabia lidar com a tecnologia de forma adequada. Eu nem sabia que existia esta tecnologia tão fácil como o Google Meet para a gente utilizar e, acredito que a maioria das pessoas não sabia usar estas ferramentas, e nem todas as pessoas tinham um computador e uma estrutura dentro de casa, nem todos os alunos tinham um smartphone para utilizar de forma adequada.

Andressa

Como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho? Teve algum benefício por parte do estado ou município?

Eduardo

Eu já tinha um notebook para dar aula, porém não recebemos nenhum tipo de ajuda do estado nem da prefeitura.

Andressa

Como foi a sua adaptação para poder trabalhar em casa? Você já tinha este espaço?

Eduardo

Eu tive que melhorar este espaço que eu tenho agora, tive que comprar uma mesinha, aumentar o sinal da internet e melhorar um pouco a nossa estrutura para ter um pouquinho de conforto para trabalhar.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho em casa foi o mesmo tempo dedicado ao trabalho na escola?

Eduardo

Na prefeitura, a carga horária foi menor, pois os alunos entregavam as atividades na escola e nós professores, íamos até a escola quinzenalmente e recolhíamos as atividades e depois levávamos de volta para a escola. No estado, a nossa carga horária foi bem maior, pois ministrávamos aulas online.

Andressa

Como você registrava o seu trabalho?

Eduardo

Na prefeitura, a comprovação do nosso trabalho era fazer as atividades semanais para deixar na escola para os alunos buscarem, também preenchíamos relatórios que eram enviados para a supervisão. No estado, preenchíamos o relatório mensal.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Eduardo

Não. Havia reuniões fora do meu horário de expediente, os gestores tentavam fazer no horário que podia abarcar o maior número de professores. Supervisores nos mandavam mensagens de WhatsApp fora do nosso turno de trabalho nos solicitando alguma coisa.

Andressa

O que você considerou mais desgastante neste período?

Eduardo

Dar aula através do Google Meet, pois acho que o professor tem que estar na frente de seus alunos. Quando você está dentro da sala de aula, você atrai as atenções daqueles alunos, e cria um ambiente propício, ou seja, você usa as mãos, você gesticula e no Google Meet a gente se viu refém, totalmente preso.

Andressa

E tem algo que você considera positivo durante este período?

Eduardo

Acho que muitos professores desenvolveram habilidades tecnológicas, como enviar um e-mail, trabalhar com WhatsApp, transformar arquivo em PDF, preparar uma apresentação de PowerPoint para dar uma aula, então estes foram os pontos positivos.

Andressa

O que você poderia nos dizer sobre o rendimento dos seus alunos durante e pós pandemia?

Eduardo

Durante a pandemia quem estava no município sofreu mais porque no ano de 2020 não tiveram aula e só na metade do segundo semestre de 2021, retornaram as aulas presenciais, ainda com poucos alunos. No estado tivemos aulas pelo Google Meet a partir de junho de 2020. O que eu posso falar é que poucos alunos conseguiram participar. Hoje vejo alunos do terceiro ano do ensino médio com dificuldade de interpretação de texto e leituras, quando eu coloco algo um pouco mais complexo em alguma questão, você percebe uma extrema dificuldade. Isto também acontece com os alunos do nono ano.

Andressa

No município foram os professores que produziram o material?

Eduardo

Sim.

Andressa

Na sua disciplina, você acha que o material do PET era satisfatório?

Eduardo

Havia coisas interessantes, mas como todo material didático, ele também tinha oportunidade de

melhoria. Existiam bons textos que a gente trabalhou em sala de aula, mas também tinham textos que não atendia as expectativas. Existiam questões que não estavam de acordo, então o professor precisou selecionar algo positivo e passar por cima daquilo que achava que não tinha sentido.

Andressa

De que você sentiu mais falta em relação a este período do seu trabalho docente?

Eduardo

Eu senti falta da escola, dos alunos e de estar rodeado de gente.

Andressa

Como você sentiu em relação à autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho neste período?

Eduardo

Eu não tive autonomia, eu tinha que seguir o roteiro que nos foi entregue, que era o PET. Então não teve como sair disto.

Andressa

Você acredita em algo que pudeste ter auxiliado os docentes a lidar com a situação que ocorreu durante a pandemia?

Eduardo

Acredito que não. Mas pode acontecer novamente e agora acho que a gente tem que estar mais preparado, termos uma proximidade maior com capacitação de professores para lidar com a tecnologia.

Andressa

Como você se sentiu em relação à sua saúde mental e física?

Eduardo

Acredito que eu já respondi anteriormente.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter terminado o ensino remoto emergencial?

Eduardo

Alívio.

Andressa

Como você está se sentindo em relação ao seu trabalho docente depois deste período de pandemia?

Eduardo

Estou sentindo dificuldades em relação ao nível de ensino, tenho que trabalhar o conteúdo de uma forma um pouco mais lenta para que eles consigam assimilar e eu possa obter resultados.

Andressa

Você contra o COVID?

Eduardo

Não.

Andressa

Você ainda usa as ferramentas que aprendeu durante o período remoto emergencial?

Eduardo

Somente o Whatsapp.

Andressa

Você tem o domínio das tecnologias computacionais?

Eduardo

Sim.

Andressa

Todos estes domínios tecnológicos que você aprendeu, foram financiados por conta própria ou foram gratuitos?

Eduardo

Aprendi com a minha esposa e também através de tutoriais no YouTube. Não tive nenhuma formação específica do estado e nem da prefeitura.

Andressa

Você consegue participar das formações continuadas que a rede municipal e estadual oferece?

Eduardo

Por causa da minha carga horária, não consigo.

Andressa

Qual é a identidade do grupo de professores que você convive?

Eduardo

Em sua maioria, um grupo de professores que gostam do que fazem. A maioria tem uma carga horária extensa. Um grupo inteiro é difícil de rotular, mas observo que estão todos abertos a receberem novas informações e a trocarem experiências. A maioria dos professores se importa com o outro e se preocupam com seus alunos, mesmo com toda a carga de trabalho e má remuneração.

APÊNDICE N – ENTREVISTA COM A PROFESSORA CAROLINA

Entrevistada: Carolina

Data: 07/11/2022

Local: Escola

Andressa

Olá, qual a sua idade, Carolina?

Carolina

Eu tenho 51 anos.

Andressa

Sexo feminino?

Carolina

Sim.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo de ensino?

Carolina

Sou formada em Letras: português, inglês e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Uberlândia, e, também, especialização em inovação tecnológica e educação.

Andressa

Então é em nível de especialização?

Carolina

Sim.

Andressa

Qual o seu tempo de atuação na docência na rede pública?

Carolina

32 anos. Atuo desde 1990. Concluí o magistério e já saí empregada, então eu trabalhei dando aulas para a educação infantil por muitos anos, totalizando quase 10 anos da minha vida. Do primeiro ao quinto ano, já passei por todos estes níveis. Eu era apaixonada pelo meu trabalho e pelas crianças, foi uma época muito linda. Me ajudou muito a ter a paciência que hoje dizem que eu tenho. Eu acho que isto foi uma grande escola para mim.

Andressa

Ótimo! Em quantas escolas você trabalha atualmente?

Carolina

Só no ////////////////, já faz 20 anos. Eu tinha outro cargo na rede municipal, mas o deixei quando engravidei da minha segunda filha.

Andressa

Qual a sua situação funcional neste emprego?

Carolina

Sou efetiva desde o ano de 2002.

Andressa

Considerando a questão de renda de um posicionamento, de um salário mínimo, que hoje é R\$ 1212, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou de mais de 10 salários mínimos?

Carolina

De 1 a 3 salários.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Carolina

Eu sou casada.

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Carolina

A minha história de vida é interessante, pois me espelhei em minha mãe que foi professora e diretora na escola /////////// que, na época, se chamava ///////////. Em alguns dos livros das atas da escola, tem assinaturas da minha mãe. Eu a acompanhava no trabalho e ficava apaixonada em ver a forma como ela lidava com as crianças em geral, e ela era bem exigente. Alguns tinham medo dela e eu achava interessante. Principalmente na hora do lanche, me chamava muita atenção, a preocupação que ela tinha com a alimentação das crianças. A observando nesta missão fui me espelhando e gostando. Eu brincava de dar aula para as minhas bonecas. Eu chamava os vizinhos e assim foi. Ainda hoje, depois de 32 anos, sempre fui uma professora que gosta de inovar. Não gosto de ficar na mesmice, sempre trabalho textos que tenham a ver com a realidade do meu aluno. Além da língua inglesa, trabalhar com eles este lado humano é de suma importância para mim.

Andressa

Carolina, você já ouviu falar em indústria 4.0?

Carolina

Não,tenho muita leitura sobre o assunto.

Andressa

E no termo “Quarta Revolução Industrial Tecnológica”?

Carolina

Também não tenho muito conhecimento sobre o assunto.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre Internet das coisas?

Carolina

Sim.

Andressa

O que você pode me dizer sobre isto? Não precisa ser um conceito, pode ser o que você entende sobre isto.

Carolina

No último curso que fiz, o professor estava falando sobre isto, em uma visita que a gente fez ao IFTM, tem esta disciplina para os alunos. Então ele estava explicando a respeito desta Internet das coisas. Até

o curso mudou de nome devido a esta necessidade que surgiu neste período de pandemia. Mas eu não sei falar em detalhes com você sobre o assunto.

Mas é que não tem como a gente fugir de tudo, né? Tudo hoje depende disto. E se a gente não tiver este conhecimento, corre-se o risco de, além de nós, não sabemos lidar com as coisas do dia a dia. A gente também vai perdendo esta noção de humano.

Andressa

Você está falando do curso de redes?

Carolina

Sim. Achei muito interessante. Fomos lá neste ano com três turmas de nono ano, da escola //////////, e eu sempre gosto de acompanhar os meninos quando tem este tipo de evento. O professor estava explicando apaixonadamente sobre esta disciplina. Foi muito legal a experiência.

Andressa

Já ouviu falar sobre inteligência artificial, robotização ou automação?

Carolina

Sim, também já ouvi. Mas não sei discutir sobre o tema.

Andressa

Você conhece o termo educação 4.0?

Carolina

Sim, eu já vi que algumas escolas estão funcionando nesta parte, os cursos que temos também estão relacionados a isto. E é o que a gente tem para o momento. Temos que ir nos adequando a esta nova realidade, as habilidades, as competências necessárias. Tudo isto que a gente precisa ir trabalhando no dia a dia.

Andressa

Qual é a sua jornada de trabalho semanal?

Carolina

Na escola em si, são 24 horas de aula semanal. E em casa, uma rotina bastante extensa, porque eu tenho dez turmas. Então se a gente fizer as contas aí dá mais de 300 alunos. Todo bimestre tem um trabalho individual, eu recolho para ser corrigido por mim. Depois eu faço esta lista de trabalho com os alunos, então me exige e requer muito tempo. Eu gosto sempre de organizar as folhas para os alunos com relação aos conteúdos, isto também requer muita pesquisa. Escolho textos para não usar somente livros didáticos, entendeu? Porque no ensino fundamental, os alunos não têm livros suficientes para levarem para casa, fazerem suas pesquisas e atividades e trazerem de volta.

Andressa

Com alunos, atualmente você tem 16 horas, correto? Ou tem mais turnos?

Carolina

Eu tenho 16 horas do cargo e 4 de extensão. Então são 20 horas aulas com alunos. Depois tem o módulo que eu fico na escola até mais tarde também.

Andressa

Carolina, como você avalia, diante de tudo isto que você faz, a sua remuneração?

Carolina

Com relação a minha remuneração, quando eu estou na escola, quando eu estou preparando as minhas coisas, em momento algum eu penso nisto, porque eu amo que eu faço. Então, ali eu começo um texto,

eu passo para outro material, e sinto muita alegria quando um aluno meu pega o material e diz que conseguiu aprender alguma coisa com o que eu lhe transmiti. Ou então quando o aluno fala que não gostava de inglês, e não entendia nada, e a partir das minhas aulas está conseguindo aprender alguma coisa. Então eu fico feliz por isto. Nesta hora eu não percebo isto, eu não foco nisto.

É suficiente? Não. A gente sabe que não. Mas eu não consigo fazer diferente. Eu até falo muito isto com a minha filha. Eu queria conseguir fazer um pouco menos, mas isto não faz parte da minha pessoa, pois se eu “desci pro play”, eu quero brincar e fazer bem feito. Eu entrego meu melhor, pode ser até que não seja o melhor trabalho, mas o meu melhor para mim, na minha concepção, é o que deixa a minha consciência em paz, independente de salário.

Andressa

Você percebe algum momento que você trabalha além da sua jornada de trabalho para o trabalho?

Carolina

Sim, porque o trabalho do professor não para nunca. Levamos o trabalho para casa. Hoje, quando eu fiz a devolutiva dos trabalhos do bimestre, os alunos perguntaram como eu consigo avaliar cada trabalho. Eu respondi que a gente trabalha no final de semana, porque eu tenho que ler. É um trabalho que eles vão produzir, elaborar frases em inglês com a respectiva tradução, e se eu não ler aquilo, eu não consigo. Então é complexo, requer da minha pessoa, mas creio eu que se eu dobrasse turno, eu teria que me adequar à realidade. Como isto ainda é possível? Porque eu trabalho só um turno, eu só sei fazer assim.

Andressa

E então, na verdade, a gente sabe que seu trabalho vai muito além da sua jornada de trabalho, a sua jornada de planejamento.

Carolina

Sim, com certeza.

Andressa

E você acha que seu horário de planejamento para execução das atividades é suficiente?

Carolina

Não é suficiente. Temos que planejar, seguir o que nos é passado, pelo currículo, referência às exigências da supervisão, da gestão da Secretaria Estadual de Educação. E aí é um mix completo. E, se possível, eu gostaria que fosse oficiado isto aí. Mas não somente no caso da sala de aula em si, é no sentido do tempo para o planejamento mesmo.

Andressa

O que você acha sobre uma possível terceirização na educação?

Carolina

Eu acho que é uma perda muito grande, porque tem algumas coisas que os valores estão ficando invertidos. Acho que as pessoas que ficam laborando aí tudo isto, estas mudanças, nunca tiveram lá no chão na sala de aula como nós. Então vai ter uma perda muito grande. Cadê a valorização do magistério e do nosso trabalho que construímos até aqui? Eu estava lendo outro dia que uma pessoa, às vezes com formação do ensino médio, pode trabalhar com um salário de pouco mais de mil reais para ajudar alguns alunos que têm as suas dificuldades.

Que formação esta pessoa vai ter, como que vai ficar isto? E esta terceirização vem nos tirar alguns dos direitos. Tudo vai afunilando para o professor, quem perde mais no final são os professores e os alunos por consequência. No futuro, quem vai querer ser professor?

Se o professor é o pai de todas as profissões, vamos colocar assim. Que médicos são estes que serão formados?

Andressa

Carolina, você já tirou licença para tratar de saúde enquanto docente?

Carolina

Tirei quando eu fiz uma cirurgia para retirada das amígdalas, tanto é que eu nem tenho faltas. Estão fazendo levantamento da minha pasta para afastamento da aposentadoria. Agora, com relação às férias prêmio, aí eu tirei várias das quais eu tinha direito. E eu tirei três anos consecutivos devido à perda do meu filho em 2017. Então 2017, 2018 e 2019, eu tirei as férias prêmio consecutivas e isto agora está impactando com relação ao meu afastamento preliminar para aposentadoria. Quando você afasta, tem um número “x” de anos que você tem que ter estas aulas de extensão para que elas possam ser contabilizadas e você tem o direito a elas quando se afastar para aposentadoria, porque eu já tenho tempo e idade. Só que se eu me afastasse agora, um pouco antes do término do ano letivo, eu perderia o número de aulas para contar para minha aposentadoria.

Com relação à pandemia nos anos de 2020 e 2021, as sequelas são grandes, mas a gente tem outros subterfúgios para a gente se cuidar para não ficar doente e conseguir continuar na sala de aula, porque aquele período foi muito difícil para nós. Tinha dias que eu chorava porque eu não sabia abrir o aplicativo Google Meet, mas tive a sorte de contar com a minha filha que é muito esperta. Me deu um show naquela época, me ensinou tudo, até mesmo fazer as postagens no Classroom. Aquele período foi uma escola que nos deixou marcas de guerra. São traumas que ficam. E eu fui marcada por isto. Fiz parte da história, me tornei uma pessoa melhor, mais resiliente, aprendi muito. Nada vem fácil na vida da gente.

Então as únicas licenças mesmo foi o período em que eu fiz a cirurgia da garganta e o período em que eu tive a ///////////////.

Andressa

Carolina, você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação?

Carolina

Não.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessárias algumas competências e requisitos?

Carolina

Com certeza. Em primeiro lugar, devemos gostar do que fazemos. Mas quando se fala da terceirização na educação, será que isto vai ser colocado em xeque? Será que as pessoas estão preocupadas com isto? Se quem gosta muito e é apaixonado, já está ficando doente na sala de aula, imagine quem vai lá para apenas fazer. Tem que ter o seu preparo, a sua formação, tem que ser uma pessoa consciente, crítica e também formadora de opinião, pois aquilo que a gente fala é muito importante para os alunos.

Andressa

E quais os maiores desafios que você encontra em seu trabalho hoje em dia?

Carolina

Hoje em dia, motivar os alunos, mantê-los motivados. Levar tecnologia para sala de aula. Quando são realizadas avaliações externas, fazer a prova no papel é complicado, seria melhor fazer pelo computador. A gente tem que transcrever muito. Então, para mim, este é um dos maiores entraves. E trabalhar no caso da habilidade do inglês, a gente trabalhar mais a conversação.

Andressa

O que você espera dos seus alunos quando você termina um ano letivo?

Carolina

No primeiro momento, eu espero que a gente possa ter construído um relacionamento legal, uma relação de interação e respeito.

Hoje quando eu os encontro por aí, vejo que já estou dando aula para os filhos dos meus ex-alunos. Então eu brinco com eles dizendo que na hora que forem os netos, eu não posso estar aqui mais não. Então eu espero que eles tenham aprendido a gostar da língua estrangeira. O mais importante para mim é isto. É eu ter deixado alguma coisa de legal para eles em relação à minha disciplina e ao ser humano que eu sou, pois querendo ou não, ninguém vai embora sem deixar alguma coisa com alguém. E eu acho muito importante a gente ter este aprendizado mútuo, porque quando eles me trazem algum questionamento e eu não tenho a resposta, a gente aprende junto. Eu acho que isto que é o legal da vida. A cada ano eu vou construindo esta parceria e com eles e eu fico muito satisfeita. No final do ano, graças a Deus e acho que os resultados são mais positivos do que negativos.

Andressa

Agora daremos início a um bloco chamado Período de ensino remoto emergencial e trabalho virtual. O que você pode dizer sobre o período de ensino remoto emergencial?

Carolina

Para mim foi traumático, até hoje quando eu vou ligar o computador, quando participo de algumas reuniões pelo Google Meet com os meninos do grupo de oração, ainda vem aquele trauma na minha cabeça, por isto digo a você que são marcas de guerra, foi um dos períodos mais difíceis na minha vida. Fora outras coisas de questão pessoal que eu já passei, várias perdas. Não é porque eu já comecei perdendo muito jovem. Eu perdi minha mãe aos oito anos e fui perdendo várias pessoas muito importantes na minha vida. Então, naquele período eu me senti perdida, perdendo mais alguma coisa em algum momento. Por que eu não sabia de nada. Como que eu ia fazer acontecer? E eu sempre fui uma pessoa muito controladora.

E aí eu tive que entender que a verdade é que a gente não tem controle de nada. Foi um dos períodos que mais me ensinou. Era muito difícil, pois eu ficava trabalhando o tempo inteiro e eu falava muito nas reuniões com a direção, eu fiquei extremamente ansiosa. Aquilo tudo piorou porque sempre tive algumas dificuldades emocionais em relação à minha história de vida, que é bem traumática, neste sentido, das várias perdas que eu já tive, e aí este período ainda ficou pior. Depois de buscar tratamento, eu vejo o quanto eu estava desorientada naquela época. Mas fiz o que precisava fazer naquele momento.

Andressa

Como que você se sentiu em relação aos instrumentos de trabalho? O estado subsidiou ou emprestou algo para você fazer um Home Office, como um celular ou um tablet?

Carolina

Não. Eu tive que “me virar”. Eu tive que comprar este notebook. Tive que comprá-lo porque só tinha um notebook na minha casa e a minha filha estava fazendo a faculdade, precisava do computador e eu tinha que dar aula no limite, aí eu tive que “me virar”, comprei o computador, celular, criei os grupos de WhatsApp da escola daquele ano. Peguei os telefones dos meninos, e fui criando os grupos. Eu fiquei o ano todo naquela pandemia tomando conta dos dez grupos da escola e através dos meus grupos de WhatsApp é que eram passadas as informações.

Aí depois foram criados os grupos de todos os professores para estarem trabalhando juntos.

Foi bem tranquilo neste sentido, e a parceria com a escola muito grande, ele sempre do meu lado dos colegas também. Então assim, todos respeitaram este lance que a gente estava fazendo e deu certo. Porque se não, qual que era o contato que nós teríamos com os meninos?

E eu dava aula para quase todo mundo, então facilitou bastante.

Andressa

Como foi a sua adaptação para trabalhar em casa? Você já tinha este espaço?

Carolina

Não. A minha mesa de jantar virou o meu local de trabalho. E aqui acontecia tudo. E eu sempre sendo supervisionada pela minha filha. Não que a escola não nos dispusesse de ajuda, pois nos ajudavam bastante, mas muita coisa o professor tem que fazer. Então eu tinha que “me virar” com os colegas. A nossa equipe sempre foi muito parceira. Cada um segurou a mão do outro, se a gente cair, a gente cai junto. Tenho gratidão a Deus pelas pessoas excelentes que me ajudaram a ser a profissional que eu sou hoje.

Andressa

Atualmente, este local que você usa, continua sendo seu local de trabalho?

Carolina

Sim.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho em casa foi igual ao tempo dedicado na escola?

Carolina

Não. Jamais.

A gente vem sendo muito exigidos. Cada hora é uma coisa diferente, é uma questão diferente. E a gente vai abraçando, porque a gente tem que conseguir fazer, tem que cumprir. Não tem outra pessoa para fazer por nós. O trabalho era árduo. Chegavam os e-mails e a gente tinha que ficar disponível o tempo todo para atender aos alunos e, também, os pais. Então é difícil! Fazemos tanto e ainda somos desvalorizados.

Andressa

Carolina, como era o controle da sua jornada? Qual o método utilizado para comprovar de fato que você trabalhou?

Carolina

Para comprovar de que a gente realmente estava trabalhando, nós tínhamos os e-mails que eram respondidos e encaminhados, nós tínhamos as planilhas, e uma série de instrumentos que foram criados para que ficassem estes indícios do nosso trabalho. Os grupos de WhatsApp também. Ficava tudo registrado.

Em 2020, aqui em casa, acho que o povo esqueceu que eu existia, porque eu ficava o tempo inteiro respondendo aluno e esclarecendo todas as dúvidas. Foi uma dedicação exclusiva.

Andressa

Você usou o aplicativo “Conexão Escola”?

Carolina

Sim.

Andressa

Qual tipo de documento você utilizava para poder registrar sua jornada?

Carolina

Mensalmente, eu preenchia um anexo que era entregue ao supervisor, relatando tudo mesmo, e era muita coisa. Muitas páginas de anexos relatando todo o trabalho que eu fazia.

Andressa

Você enxerga o Conexão Escola como um meio de controle de jornada?

Carolina

Com certeza. O aplicativo registrava o nosso nome todas as vezes em que nós o acessávamos. A gente teve invasão de privacidade. A gente perdeu a nossa privacidade, perdeu o nosso lado pessoal. Nosso lado emocional ficou destruído.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Carolina

Sim, as vezes eles nos aconselhavam a dar uma pausa, mas eu não conseguia deixar meu aluno.

Andressa

E as famílias e os alunos respeitavam o seu horário de trabalho?

Carolina

Não. Tinha dia que eram 23h00min e eu estava recebendo mensagens e, até mesmo, de madrugada. Eu recebia mensagens 24 horas.

Andressa

E teve alguma coisa que você considerou mais desgastante neste período?

Carolina

Preparar as aulas no Google Meet e todo o material do PET. Eu fazia tradução de texto para eles, elaborava todas as respostas para fazer a correção e explicar. Eu fazia tudo com tanto carinho, e às vezes não aparecia nenhum aluno.

Andressa

E teve algo positivo neste período para você?

Carolina

A empatia. Ajudar uns aos outros. É um grande aprendizado, tudo isto.

Andressa

Quais ferramentas de ensino você utilizou durante a pandemia?

Carolina

Eu usava muito o WhatsApp e o YouTube para passar bastante vídeos para os meninos e deixava sempre indicação de vídeo e música. Indicava alguns sites com relação ao resumo dos conteúdos a serem trabalhados.

Andressa

O que você poderia nos dizer sobre o rendimento de seus alunos durante e pós-pandemia?

Carolina

Durante a pandemia, a gente tinha, infelizmente, a cópia das respostas, porque já saía tudo no YouTube, os professores dando as aulas. Então a gente recebia cópias dos alunos e isto para mim era muito frustrante. Hoje, pós-pandemia que nem é pós, pois cada hora aparece uma coisa diferente, eu consigo perceber neste trabalho individualizado que eu faço se o aluno realmente está conseguindo assimilar o que está sendo passado.

Andressa

Você utilizou outro suporte além do Google Meet?

Carolina

Google Meet, WhatsApp e vídeos do YouTube.

Andressa

E o que você acha da qualidade dos materiais produzidos para os alunos no Estado? Na sua análise, eles eram satisfatórios?

Carolina

Deixou muito a desejar. A disciplina de inglês, pra mim tudo bem, pois tinha a contextualização. Os meninos não tinham repertório e embasamento para fazer leituras de textos profundos daquele jeito. Isto me assustou muito nesta época.

Andressa

O que mais você sentiu falta durante este período em relação ao seu trabalho docente?

Carolina

Hoje não é a mesma coisa.

Andressa

Como você se sente em relação à autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho durante este período de pandemia?

Carolina

Péssimo. Tudo bem que eu criava atividade complementar, mas nem passa perto do hoje. O que eu poderia fazer?

Digamos assim, hoje eu sou dona da minha aula, daquilo que eu faço, da minha metodologia, as atividades, os textos que eu quero trabalhar ali. Na época, eu ficava engastada, eu tinha que seguir o que estava lá, material pronto, entendeu?

E aí, como que fica isto? Cadê a autonomia do professor? Viramos simples recebedores de e-mails. Foi um período muito difícil para mim.

Mas não quero sair sendo ruim, eu quero ser profissional desde o dia do início e eu luto todos os dias para isto.

Andressa

Você acredita que seria possível um preparo dos docentes para uma situação igual esta ou algo poderia auxiliar naquele período?

Carolina

Eu acho que poderia ter ocorrido. Que tiveste um terapeuta, um psicólogo, para conversar comigo. Isto aconteceu em algum momento, mas demorou bastante.

Então eu acho que tem que ter este maior investimento no professor, por isto que eu falo que tem que ser quase que uma dedicação exclusiva, porque a gente tem que ter tempo para se preparar para estas novas demandas atuais, porque não é só o fazer pedagógico que está exigindo da gente, está além. Aí vêm as novas tecnologias, as novas formas de avaliação. O fazer cotidiano da escola, os novos projetos aos quais temos que estar engajados e o tempo de leitura para tudo isto. O tempo de questionamento com os pares.

Então, assim, no coletivo, é que a gente faz a diferença.

Andressa

Como você se sentiu em relação à sua saúde neste período?

Carolina

Eu treinava na minha casa e treino até hoje. Só que ultimamente eu tenho deixado a desejar. E é muita loucura isto porque têm momentos que eu preciso, eu sei que eu preciso levantar daqui, ir lá, fazer

minha atividade física, porque a academia está ali. Eu tenho várias coisas que eu posso treinar, mas eu não consigo. Eu quero terminar o trabalho e este “terminar” nunca termina.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter acabado o trabalho remoto emergência e ter ido para o presencial?

Carolina

Um Alívio.

Andressa

E como você se sente em relação ao seu trabalho docente atualmente?

Carolina

Eu sigo o currículo direitinho. Eu pesquiso todas as minhas aulas, todas as minhas ações, e faço o meu melhor todos os dias. Quero sair tentando entregar o meu melhor até o último dia, honrando sempre o profissional que eu fui. Eu comecei lá atrás. São muitos anos que se passaram.

Andressa

Carolina, você contraiu o COVID?

Carolina

Não.

Andressa

E daquelas ferramentas que você utilizou na época do trabalho remoto, você ainda usa alguma nos dias de hoje?

Carolina

Vídeos no YouTube, mas ultimamente, eu não tenho passado, passei mais no primeiro semestre, não agora.

Andressa

E como você percebe a burocracia no seu trabalho?

Carolina

Eu tive que mudar todo o meu gabarito que já estava pronto, aí eu vou ter que refazer e não esquecer que as respostas têm uma ordem que vão ser sugeridas agora.

Andressa

Terminamos este bloco, agora vamos para as quatro perguntas finais que são gerais. A primeira pergunta é sobre como você considera seus domínios com tecnologias computacionais?

Carolina

Eu fiz um curso quando a gente começou a utilizar o computador lá atrás. Tudo aquilo que eu não sei, eu peço para minha filha me auxiliar, a única coisa que eu vou te contar é a minha baguncinha aqui com relação ao drive, o resto eu consigo “me virar” bem.

Andressa

O que você acha das formações na rede estadual?

Carolina

Último que eu fiz foi com relação à língua inglesa e eu até gostei do curso. A gente vê bastante os envolvimento das quatro habilidades. Muito interessante, aprendi, tive que fazer alguns relatos meus

de sala de aula. Eu achei importante. Só que falta um feedback mais individualizado. Aí eu fiz os meus relatos de experiência lá.

Andressa

Você sente falta desta formação presencial na sua área?

Carolina

Sim, muito. Antigamente, quando eu assumi o meu cargo efetivo de inglês, havia muito estes encontros para a gente fazer troca de ideias, a gente fazia os relatos de experiências, tinham as vivências, vinham professores, mesmo pra dar aula pra gente. Agora cadê isto? Acabou tudo. Nem as editoras estão promovendo estes encontros. E isto ajuda muito o professor, porque ali você faz um relato, você troca ideia com outro. Eu gosto de falar.

Andressa

Qual o perfil do grupo de professores que você observa?

Carolina

Eu posso colocar aqui que a grande maioria está ali para fazer o seu papel da melhor forma.

Andressa

Você sente isto?

Carolina

E eu sinto pertencimento da escola, na escola e pela escola. E tem um respeito de um para com outro e o auxílio mútuo que eu acho que faz a diferença na nossa escola e muitos alunos já relataram isto.

Andressa

Obrigada, Carolina!

APÊNDICE O – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROBERTA

Entrevistada: Roberta

Data: 10/11/2022

Local: Uberlândia

Andressa

Qual a sua idade?

Roberta

Eu tenho 32 anos.

Andressa

Sexo?

Roberta

Feminino.

Andressa

Qual a sua formação?

Roberta

Eu sou formada em ciências sociais, bacharel e licenciada em pedagogia.

Andressa

Possui especialização?

Roberta

Sim. Na área de educação e tecnologias, linguagens e mídias.

Andressa

Qual o seu tempo de atuação na rede pública?

Roberta

Dez anos no estado e quatro anos no município.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Roberta

De 3 a 5 salários mínimos.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Roberta

Solteira.

Andressa

Qual a sua situação funcional nestes empregos?

Roberta

Eu sou servidora efetiva nas duas esferas.

Andressa

Você já ouviu falar em “Indústria 4.0”?

Roberta

Sim, já ouvi falar. É um tema que faz parte da atuação sociológica. Então, para mim, é comum, pois eu já trabalhei em sala de aula a indústria 4.0, faz parte dos meus interesses.

Andressa

E no termo “Quarta revolução industrial tecnológica”?

Roberta

Sim, a quarta revolução tecnológica diz respeito aos processos de inserção e aprimoramento das tecnologias nos processos de trabalho.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre temas como: Internet das coisas, inteligência artificial, robotização ou automação?

Roberta

Sim, eu sei que são elementos que caracterizam esta quarta revolução tecnológica.

Andressa

Você já ouviu falar no termo “Educação 4.0”?

Roberta

Sim. A educação 4.0 é um conceito da indústria 4.0 inserido no campo educacional e a robotização é a introdução destas temáticas no campo educacional, ou seja, uma educação mais tecnológica.

Andressa

Em quantas escolas você atua?

Roberta

Em duas escolas.

Andressa

O que você estabelece como prioridade no momento de planejar a sua aula?

Roberta

Planejar um conteúdo de forma compreensível. A disciplina de sociologia é muito teórica e, por vezes, ela fica distante da realidade dos alunos. Então eu acredito que é importante tornar estes assuntos compreensíveis, adequá-los na medida do possível. Então a minha prioridade é que minhas aulas sejam compreensivas para os meus alunos.

Andressa

Qual a sua jornada de trabalho semanal?

Roberta

A minha jornada total é de 48 horas semanais.

Andressa

Como você avalia sua remuneração diante desta jornada?

Roberta

A minha remuneração é insuficiente para a quantidade de horas trabalhadas.

Andressa

Você percebe em algum momento que você trabalha para além da sua jornada de trabalho?

Roberta

Sim.

Andressa

O que você acha sobre uma possível terceirização na educação?

Roberta

Eu acho que é ruim para o processo educacional, porque junto com a terceirização vem a precarização das formas de trabalhos, a carga horária de trabalho e a sobrecarga de trabalho sobre estes profissionais. Então, eu não acho que seja bom em nenhuma esfera.

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Roberta

Não sei se eu escolhi ou se a profissão me escolheu. Eu escolhi inicialmente fazer um curso de licenciatura. E no decorrer do curso de graduação, os caminhos foram me levando a exercer a docência. E estando neste campo, conhecendo a docência e a escola por outro ângulo, foi algo que me despertou muito interesse e por isto continuei. E depois destes dez anos, não me vejo fazendo outra coisa, não tenho vontade de mudar. Eu estou bem onde eu estou.

Andressa

Você já retirou licença para tratar a saúde enquanto docente?

Roberta

Sim.

Andressa

Teve relação com o desempenho do seu trabalho?

Roberta

Não.

Andressa

Você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação?

Roberta

Não.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Roberta

Sim. Eu acho que você precisa estar disposto a encarar aquela ambiente, ficar em pé durante um período relevante, falar de forma articulada. Você tem que estar disposto a continuar estudando e continuar aprendendo porque as coisas vão mudando.

Andressa

E quais são os maiores desafios que você encontra no seu trabalho?

Roberta

Os maiores desafios estão na falta de valorização da educação básica pública e do docente. Uma má remuneração e condições ruins de trabalho. Também tem o desafio de lidar com múltiplas origens de alunos que vêm de diferentes famílias e, por vezes, até em situação de vulnerabilidade.

Andressa

O que você pode dizer sobre o período de ensino remoto emergencial?

Roberta

Foi muito difícil para professores e alunos, nós não estávamos preparados.

Andressa

E como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho? Você ganhou algum subsídio para o trabalho em casa?

Roberta

Não ganhei nenhum material, tão pouco a escola tinha estes materiais, então eu fui adquirindo aos poucos para trabalhar em casa, quando o ensino remoto emergencial foi implementado, ficamos um tempo com as aulas suspensas, depois vieram as orientações para que o trabalho fosse desenvolvido remotamente, então era necessário um espaço adequado para isto e recursos como mesa, cadeira, computador, velocidade de internet, tive que adquirir por conta própria.

Andressa

Então não teve nenhum benefício adicional por estar atuando na sua residência?

Roberta

Não, nenhum.

Andressa

E o tempo dedicado ao trabalho em casa foi o mesmo que o dedicado na escola?

Roberta

Não, ele foi além.

Andressa

O que você considerou mais desgastante neste período?

Roberta

O mais desgastante, em minha opinião, foi o preenchimento de vários documentos, a necessidade de materializar todo o trabalho, através de relatórios, anexos e as cobranças feitas da escola para nós, professores.

Andressa

Você viu algo de positivo neste período?

Roberta

Não vi nada de positivo.

Andressa

A maioria destas ferramentas que você utilizou durante a pandemia, você já tinha conhecimento sobre elas ou teve que aprender de imediato?

Roberta

Não, eu nunca tinha usado antes, foi tudo em virtude do ensino remoto.

Andressa

Após este período, você sente segura para continuar sua prática docente com estas ferramentas?

Roberta

Sim, mas elas não são funcionais, porque se não são todos os alunos que têm a possibilidade de acesso, você acaba excluindo eles.

Andressa

O que você poderia dizer sobre o rendimento dos alunos durante e após a pandemia?

Roberta

Eles retornaram com muitas deficiências, dificuldade de aprendizado e de socialização, dificuldade de entender a organização de uma instituição e de seguir regras e normas do regimento da escola, e a defasagem de aprendizagem também aumentou.

Andressa

Do que você sentiu mais falta durante o período de ensino remoto emergencial?

Roberta

Eu senti falta do meu trabalho de verdade, porque aquele que a gente estava fazendo não era bem o nosso trabalho. Passamos dois anos tampando buracos e tentando juntar uma ponta na outra para chegarmos ao final do ano, cumprindo estas burocracias de preenchimento de relatórios e anexos, sem lidar com pessoas, o que acabou fragmentando o ambiente educacional.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Roberta

Pelos meus gestores sim, porém as famílias não respeitavam o nosso horário de trabalho.

Andressa

Você teve autonomia para desenvolver o seu trabalho durante este período?

Roberta

Não. Naquele período a gente não tinha autonomia, porque o material vinha pronto nas apostilas fornecidas pelo governo do estado, e os professores atuavam como tutores e mediadores do acesso deste aluno àquela apostila.

Andressa

O que você achou da qualidade dos materiais produzidos para os alunos do município e do estado?

Roberta

Foi um material raso e ruim.

Andressa

Como você se sentiu em relação à sua saúde mental e física neste período?

Roberta

Com sensação de exaustão e incerteza em relação à minha saúde física e mental por conta do excesso de trabalho, muitas mudanças e informações. A saúde mental ficou prejudicada e acabou refletindo na saúde física.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter acabado o trabalho remoto emergencial e ter ido para o presencial?

Roberta

Apesar do receio por conta da pandemia, senti um alívio, pois o ensino remoto não estava funcionando em sua totalidade, não se via resultados positivos.

Andressa

Como você considera o seu domínio com as tecnologias computacionais? Você aprendeu por conta própria ou teve uma formação?

Roberta

Eu aprendi em parte, sozinha, em parte, na especialização em tecnologias, mídias e linguagens, que me auxiliou a lidar com alguns recursos.

Andressa

Qual a identidade da classe docente que você observa?

Roberta

Geralmente, os professores têm duas jornadas de trabalho para conseguirem suprir financeiramente as suas necessidades. São pessoas, muitas vezes, oriundas de famílias trabalhadoras, de escola pública,

que voltam para atuar na escola pública em busca de estabilidade financeira por meio do serviço público em questão de estabilidade.

APÊNDICE P – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LAURA

Entrevistada: Laura

Data: 14/11/2022

Local: Escola

Andressa

Qual a sua idade?

Laura

31 anos.

Andressa

Sexo?

Laura

Feminino.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo que você atingiu até o momento?

Laura

Sou graduada em ciências sociais e tenho pós-graduação em ciência da religião.

Andressa

Em quantas escolas você está atuando?

Laura

Em três escolas.

Andressa

Qual a sua situação funcional nestes empregos?

Laura

No estado é contrato e no município estou efetiva.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Laura

Três a cinco salários mínimos.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Laura

Solteira.

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Laura

Eu cursei ciências sociais porque eu gostava de sociologia e de política, mas não pensava em ser docente. No período da graduação eu comecei a militar no movimento estudantil e fui me envolvendo com questões sobre educação, e aí nunca mais parei.

Andressa

Você já ouviu falar em indústria 4.0?

Laura

Sim, é sobre o uso de tecnologia no trabalho e na educação.

Andressa

E no termo “Quarta revolução industrial tecnológica”?

Laura

Sim. Em 2019, assisti a uma palestra falando sobre o uso das tecnologias, como a aquisição de um tablet para cada aluno e como isto aceleraria o processo de aprendizagem e facilitaria o processo de ensino.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre temas como: Internet das coisas, inteligência artificial, robotização ou automação?

Laura

Sim. Acredito ser programas como a Siri ou através do “Ok Google” que consegue captar sua voz e já pesquisar o que você está pedindo.

Andressa

Você conhece o termo “Educação 4.0”?

Laura

Sim. Novas metodologias de ensino via tecnologias.

Andressa

Qual a sua jornada de trabalho semanal?

Laura

são 32 aulas e 40 horas semanais.

Andressa

Como você avalia sua remuneração?

Laura

Se eu observar a realidade das pessoas e amigos que têm graduação, eu vejo que ganho bem mais que eles para ter um trabalho um pouco mais flexível, mas se eu for pensar do ponto de vista da valorização do meu trabalho, do meu estudo e da minha formação, acho que eu ganho muito menos do que eu deveria.

Andressa

Você acha que seu horário de planejamento de atividades é suficiente?

Laura

Não.

Andressa

O que você acha sobre uma possível terceirização na educação?

Laura

O servidor perde a garantia de emprego, trabalha um ano e no outro não sabe se vai continuar trabalhando. A empresa não garante o trabalho até ao final do ano para esta pessoa, dentro dos critérios do serviço público.

Andressa

Você já retirou licença para tratar a saúde enquanto docente?

Laura

Sim. Eu tive uma distensão do diafragma porque eu estava num nível de estresse absoluto e, segundo o médico, a gente para de fazer o curso da respiração normal e por conta disto, precisei retirar licença. Pelo município foi super simples, já pelo estado, foi bastante burocrático.

Andressa

Você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação?

Laura

Não.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Laura

Eu acho que é preciso ter domínio e o mínimo de empatia, porque você lida com o ser humano

Andressa

O que você espera dos alunos no final do ano letivo?

Laura

Que eles saiam da escola tendo capacidade de dialogar com qualquer pessoa, não espero uma nota alta, mas que eles saiam preparados para a vida.

Andressa

O que você pode dizer sobre o período de ensino remoto emergencial?

Laura

Caótico. As famílias não respeitavam o nosso horário de trabalho, enviavam tarefas de seus filhos após

as 22h00min, e aquilo foi me consumindo. Na internet as pessoas se sentem muito à vontade para falar o que elas quiserem, da maneira que elas quiserem. Para mim, a pandemia foi um caos. A gente desaprendeu como ser professor, porque colocaram na nossa frente coisas novas e nos obrigaram a fazer.

Andressa

Como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho? O estado ou o município subsidiaram algum tipo de ferramenta para o trabalho em casa?

Laura

Não. Meu celular quebrou a tela num dia de aula e eu peguei um computador emprestado, mas ele era tão velho que nem câmera tinha e eu não conseguia espelhar e nem compartilhar tela para colocar vídeos para os alunos verem, então tive que ir para a escola.

Andressa

Como foi a sua adaptação para poder trabalhar em casa? Você já tinha um espaço adequado?

Laura

Eu nunca tive um escritório, nunca tive um espaço, e não tinha nenhum computador que prestasse.

Andressa

Você ganhou algum benefício adicional por ter trabalhado em sua residência em algum destes cargos?

Laura

Não.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho em casa foi o mesmo tempo dedicado ao trabalho na escola?

Laura

Sim.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Laura

No geral, sim.

Andressa

O que você considerou mais desgastante neste período?

Laura

O mais desgastante foram as famílias.

Andressa

E tem algo que você considera como positivo neste período?

Laura

Eu acho que a única coisa positiva foi as reuniões online, onde as pessoas participavam de onde estavam e seguiam sua vida.

Andressa

O que você poderia dizer sobre o rendimento dos alunos durante a pandemia?

Laura

Péssimo. E na educação básica foi mais devastador ainda, não sabiam escrever bem, colocar vírgula e isto me deixou preocupada porque isto, para mim, representa uma visão do processo educacional.

Andressa

Quais ferramentas de ensino você utilizou durante a pandemia?

Laura

Eu utilizei muito o Google Forms e o Conexão Escola.

Andressa

O que você acha da qualidade dos materiais produzidos para os alunos do município? Você acha que foi satisfatória?

Laura

Para o momento, não tinha como esperar grandes coisas, mas não foi ruim.

Andressa

Do que você mais sentiu falta durante este período em relação ao seu trabalho docente?

Laura

Do contato com os alunos.

Andressa

E como você se sentiu em relação a sua autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho neste período?

Laura

Eu fui respeitada neste sentido.

Andressa

Você acredita em algo que pudeste ter auxiliado os docentes a lidar com a situação que ocorreu durante a pandemia?

Laura

Sim. Eu não tenho nenhum problema com a ideia de usar a tecnologia e, muito antes da pandemia eu já usava o Google sala de aula. Então eu acho que a tecnologia é algo que a gente já deveria ter aprendido a usar, pois é genial.

Andressa

Você continua usando alguma destas ferramentas?

Laura

Não.

Andressa

Como você se sentiu em relação à sua saúde mental e física?

Laura

Eu desenvolvi uma hérnia de disco em outubro do primeiro ano da pandemia, porque eu não tinha uma cadeira apropriada. Minha saúde física e mental foram afetadas.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter acabado este ensino remoto emergencial?

Laura

Alívio.

Andressa

Como você se sente em relação ao seu trabalho docente atualmente?

Laura

Um pouco frustrada, parece que as coisas não voltaram para o normal e, para mim, é muito triste.

Andressa

Você contraiu o COVID-19 durante o isolamento?

Laura

Sim.

Andressa

E depois, quando retornou ao trabalho?

Laura

Quinze dias após retornar ao trabalho presencial eu contraí novamente.

Andressa

Como você se sente em relação ao seu domínio com tecnologias computacionais?

Laura

Não sei fazer nada muito profundo, mas o necessário para desenvolver as minhas atividades.

Andressa

Todos estes domínios tecnológicos que você aprendeu, foram financiados por conta própria ou foram gratuitos?

Laura

Por conta própria.

Andressa

O que você acha da formação que a rede municipal e estadual oferece?

Laura

Estou gostando da formação da rede municipal, acho que está trazendo debates muito interessantes que não fica só naquilo do cotidiano, que está dentro do conteúdo. A formação do estado, eu acho muito ruim, muito desinteressante.

Andressa

Qual é a identidade do grupo de professores que você observa?

Laura

Eu observo que têm poucos professores jovens e que, em sua maioria, estão sobrecarregados

APÊNDICE Q – ENTREVISTA COM A PROFESSORA TERESA

Entrevistada: Teresa

Data: 21/11/2022

Local: Escola

Andressa

Qual a sua idade?

Teresa

54 anos.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo que você atingiu até o momento?

Teresa

Pedagogia e o doutorado em educação.

Andressa

Quanto tempo você tem de atuação na docência?

Teresa

35 anos.

Andressa

Tudo em rede pública?

Teresa

Na rede pública. Mas também já atuei na rede particular.

Andressa

Atualmente você atua em quantas escolas?

Teresa

Somente na escola municipal ///////////////.

Andressa

Qual a sua situação funcional nestes empregos?

Teresa

Concursada.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Teresa

5 a 7 salários mínimos.

Andressa

Qual o seu estado civil?

Teresa

Casada.

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Teresa

Como eu já tinha o curso de magistério, resolvi seguir a carreira do magistério que seria o curso de pedagogia. E também, pelo fato de ser muito jovem e gostar de criança. Mas hoje eu vejo que não é só isto que leva a gente a buscar um curso de pedagogia, não é simplesmente por gostar de criança.

Andressa

Você já ouviu falar sobre indústria 4.0?

Teresa

Não tenho conhecimento.

Andressa

E no termo “Quarta revolução industrial tecnológica”?

Teresa

A quarta revolução industrial eu penso ser algo voltado para esta área que está em grande crescimento hoje que é a tecnologia. Acredito que a pandemia causou esta revolução, pois passamos a usar muito o celular e estas plataformas da educação que ainda estão no nosso meio e eram desconhecidas, como o Google Forms, por exemplo. Então, com a pandemia, a gente teve que se formar rapidamente e aprender a fazer o uso destas plataformas para trabalhar com as crianças e isto, de certa forma, eu acho que foi muito invasivo, ela entrou na nossa casa e tivemos que nos organizar. Ninguém perguntou se estávamos preparados, foi uma revolução muito grande. Os profissionais e os pais não estavam preparados. E de repente, da noite para o dia, você precisa ter conhecimento desta área da tecnologia e começar a trabalhar com ela. Quase que uma mistura de robótica com a tecnologia.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre temas como: Internet das coisas, inteligência artificial, robotização ou automação?

Teresa

Sim.

Andressa

Você já ouviu falar no termo educação 4.0?

Teresa

Dentro da escola não. E também não li nada a respeito.

Andressa

Qual a sua jornada de trabalho semanal?

Teresa

40 horas.

Andressa

Como você avalia sua remuneração diante destas 40 horas de trabalho?

Teresa

Péssima e vergonhosa porque eu cheguei ao topo em relação ao nível de formação em uma carreira do magistério e estou encerrando carreira com 35 anos de atuação, com um doutorado e uma remuneração de salário base de 5.800 reais. O salário da educação é muito baixo.

Andressa

Você percebe em algum momento que você trabalha para além da sua jornada de trabalho?

Teresa

Sim, se você for fazer um planejamento para todo o conteúdo que você ministra que é português, matemática, literatura, ciências, em 4 horas e 25 minutos você não consegue planejar todo o conteúdo semanal, haja vista que você tem que entregar o seu planejamento na escola de 24 a 48 horas antes, caso você precise de Xerox, ou seja, você tem que ter dias de planejamento adiantado para você conseguir ter o seu material em mãos. Então você tem que planejar no seu sábado e domingo, porque só em 4 horas e 25 minutos, você não faz um planejamento.

Andressa

Então você considera que seu horário para execução de atividades não é suficiente?

Teresa

Não.

Andressa

O que você acha sobre uma possível terceirização na educação?

Teresa

Eu penso que a gente vai ter muita perda. Principalmente porque hoje temos um estatuto próprio. Nossa classe lutou bastante para sair do regime celetista e passar para o regime estatutário e conseguirmos estes poucos direitos que a gente tem hoje. Se a educação passar a ser terceirizada, nós vamos perder muitos direitos.

Andressa

Você já retirou licença para tratar a saúde enquanto docente?

Teresa

Sim.

Andressa

Você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação?

Teresa

Sim.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Teresa

Você tem que ter certa afinidade. Eu acredito que a pessoa tem que ter conhecimento da área. Então, se você é uma alfabetizadora, você tem que conhecer os métodos de alfabetização. Mas acredito que com o tempo você vai adquirindo esta experiência, porque quando a gente inicia, não temos determinadas competências, somente o desejo. E este desejo faz com que a gente, ao longo do tempo, perceba se é naquele lugar que realmente queremos estar.

Andressa

Quais são os maiores desafios que você encontra no seu trabalho?

Teresa

Hoje, eu acho que eu tenho enfrentado uma coisa que não existia antes, que é a falta de autonomia até mesmo dentro da minha própria sala de aula. Você não tem autonomia para escolher como quer trabalhar e não trabalha da maneira que você acredita. Às vezes eu fico me questionando se vale à pena adquirir tanto conhecimento, sendo que o conhecimento que tem que ser utilizado é aquele que nos é imposto.

Andressa

O que você espera dos alunos no final do ano letivo?

Teresa

Eu espero que eles consigam sair preparados para o próximo ano letivo.

Andressa

O que você pode dizer sobre o período de ensino remoto emergencial?

Teresa

Quando a gente estava no período remoto, eu não estava na regência, eu estava de R2 de literatura, então eu fui uma professora que me recusei a dar aula no Meet, porque eu falei que eu não ia ficar com a minha imagem exposta. Eu assistia às aulas que tinham gravadas na plataforma da prefeitura e elaborava várias aulas. À medida que saía o conteúdo, eu já fazia as aulas daquele conteúdo para poder adiantar, até mesmo porque é um período que eu também estava em escrita de tese e tudo, então eu tive esta facilidade por não estar na regência.

Andressa

Como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho?

Teresa

Na época do ensino remoto, quem não tinha internet, podia agendar um horário para ir à escola, para poder dar sua aula por lá. Então eu, particularmente, tinha recursos porque em minha casa todo mundo está estudando, mas várias colegas minhas de trabalho não tinham recurso e tiveram que se endividar para comprar um celular melhor, modificar a dinâmica da casa para ter um espaço, para poder preparar para dar aula. Mas a prefeitura em momento algum, se preocupou com a gente.

Andressa

Como foi a sua adaptação para poder trabalhar em casa? Você já tinha este espaço?

Teresa

Eu já tinha um espaço para estudos do doutorado, só precisei dar uma reorganizada.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho em casa foi o mesmo tempo dedicado ao trabalho na escola?

Teresa

Foi maior, porque você não consegue computar as horas. O Google sala de aula toda hora apitava avisando sobre atividades e dúvidas de alunos. Embora muita gente dizia que estávamos trabalhando menos, na verdade trabalhamos bem mais.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Teresa

Sim, a escola foi bem respeitosa nesta questão do horário de trabalho

Andressa

E as famílias e os alunos respeitavam o seu horário de trabalho?

Teresa

No grupo de WhatsApp eu coloquei o meu horário e não respondia fora dele, embora os pais não respeitassem, mas eu não respondia. Eu só respondia no meu horário de trabalho que era no turno da manhã.

Andressa

O que você considerou mais desgastante neste período?

Teresa

Preparar as aulas. Como eu ministrava aulas de literatura, eu tinha que esperar o conteúdo das outras professoras para poder, inserir o meu. Não tinha uma conexão, porque muitas das vezes elas não tinham me entregado a aula delas, e eu precisava fazer a minha. Aí eu fazia a minha de acordo com a aula motivadora que estava na plataforma.

Andressa

E tem algo que você considera como positivo neste período?

Teresa

Sim, eu acho que as reuniões fluíam melhores.

Andressa

Quais ferramentas de ensino você utilizou durante a pandemia?

Teresa

Google Sala de Aula e WhatsApp.

Andressa

O que você poderia dizer sobre o rendimento dos alunos durante a pandemia?

Teresa

Durante a pandemia eu achei que as crianças ficaram muito desniveladas. Alguns pais deram uma acelerada nos filhos. Mas tiveram outras famílias que fizeram os PETs para os filhos, e você via que não tinha nada da criança naquela atividade.

Andressa

O que você acha da qualidade dos materiais produzidos para os alunos do município? Você acha que foi satisfatória?

Teresa

Sim. Eu assistia a uma aula motivadora e tentava ver o que a professora regente tinha feito daquela aula e tentava casar o meu texto da disciplina de literatura com aquele material que ela estava fazendo. E aí eu construí um estilo de aula que a professora de literatura do turno da tarde achou legal e seguiu o mesmo padrão de aula.

Andressa

De que você sentiu mais falta em relação a este período do seu trabalho docente?

Teresa

Da sala de aula.

Andressa

Você acredita em algo que pudeste ter auxiliado os docentes a lidar com a situação que ocorreu durante a pandemia?

Teresa

Sim. Pensando nesta vivência, e que possíveis situações como esta podem vir a acontecer futuramente, eu acho que deveria pensar mais nesta questão do uso da tecnologia no cotidiano de uma forma mais produtiva.

Andressa

E como você se sentiu em relação à sua saúde mental e física neste período?

Teresa

Muita cobrança. Tínhamos que assistir as aulas da plataforma e elaborar conteúdo de acordo com a aula. E além da cobrança da própria escola, também teve a cobrança da comunidade, dizendo que o professor estava de folga em casa e trabalhava somente a hora que queria, fomos muito desrespeitados neste sentido. A Secretaria de Educação também nos cobrava muito. Então eu acho que isto mexeu muito com emocional.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter acabado o trabalho remoto emergencial e ter ido para o presencial?

Teresa

Achei muito bom. Parece que quando você vê o desenvolvimento da criança, principalmente dos meninos menores, do primeiro ao quinto ano e da educação infantil, é mais gratificante e eles precisam muito deste contato. Mas acredito que este sistema de ensino deveria ter continuado para as crianças a partir do quinto ano para eles continuarem tendo acesso a esta modalidade de ensino que, pelo que parece, irá permear por um bom tempo ou definitivamente.

Andressa

Você contraiu o COVID-19 durante o isolamento?

Teresa

Não. Contraí quando voltei ao trabalho presencial.

Andressa

Das ferramentas que você citou anteriormente, você ainda utiliza alguma?

Teresa

Não com a mesma frequência que eu utilizava no período remoto.

Andressa

Todos estes domínios tecnológicos que você aprendeu, foram financiados por conta própria ou foram gratuitos?

Teresa

Uma vez por mês eu participava de formações, e foi um período muito rico. Mas, por exemplo, o PowerPoint e aqueles movimentos de slides, eu aprendi por conta própria mesmo. Eu fiz alguns cursos de tutoria. Então eu fiz o curso tanto para ser tutora, como formadora de conteúdo. Então eu aprendi a produzir o conteúdo, inserir na plataforma. Eu sempre tive certa facilidade com esta área da tecnologia. Todas as minhas formações foram gratuitas.

Andressa

O que você acha da formação da rede municipal?

Teresa

Eu não participo de nenhuma formação que é oferecida pelo CEMEPE há muito tempo, pois acredito que a prefeitura perdeu muito a qualidade na formação do professor.

Andressa

Qual a identidade da classe docente que você observa?

Teresa

Eu acho que existe uma quantidade muito grande de professores que estão ali por estar, não têm prazer e nem responsabilidade em estar no lugar em que estão. Mas, ao mesmo tempo, ainda temos aqueles professores que são muito comprometidos com aquilo que fazem com o desenvolvimento da criança. Acho que este segundo grupo é ainda maior.

APÊNDICE R – ENTREVISTA COM A PROFESSORA JANE

Entrevistada: Jane

Data: 23/11/2022

Local: Escola

Andressa

Qual é sua idade?

Jane

42 anos.

Andressa

Qual a sua formação e o nível máximo que você atingiu até o momento?

Jane

Especialização em matemática. Graduei-me pela UFU.

Andressa

Qual o seu tempo de atuação na docência?

Jane

19 anos.

Andressa

E na rede pública?

Jane

Todo este tempo é na rede pública.

Andressa

Em quantas escolas está atuando atualmente?

Jane

Uma escola.

Andressa

Qual a sua situação funcional neste emprego? É contrato ou concursada?

Jane

Concursada.

Andressa

Considerando uma renda variável em que o salário hoje em dia é R\$1212,00, quantos salários compreendem a sua renda? De 1 a 3, de 3 a 5, de 5 a 7, de 7 a 10 ou mais de 10?

Jane

É a segunda opção aí.

Jane

De 3 a 5.

Andressa

Qual seu estado civil?

Jane

Casada

Andressa

Por qual motivo você escolheu esta profissão?

Jane

Quando eu estava no ensino fundamental, tive muita dificuldade com a matemática. E aí chegou um momento em que a minha dificuldade era tremenda, de suar frio, de não saber nem onde colocar o meu nome na prova, de não conseguir nem ler a questão e dar um branco total.

Eu estudava bastante e, antes da prova, eu sabia muito, mas quando era a hora da prova, o nervosismo era grande. Acho que já estava em minha cabeça que eu não conseguiria fazer e a professora me assustava um pouco. No ano seguinte, eu tive um professor que me encantou, tudo que ele falava eu entendia e eu conseguia fazer as coisas e conseguia tirar nota em prova e tudo. Eu ouvi que eu sabia matemática e aquele bloqueio que eu tinha até o ano anterior passou e eu consegui estudar com as minhas amigas e explicar este conteúdo para elas. Então, quando chegou o meu momento de decisão, eu estava na área dos números e então este bloqueio com a matemática, com os números, já tinha passado. Quando cheguei ao ensino médio, fiquei em dúvida sobre cursar administração, contabilidade ou a matemática. Então eu pensei: se eu tinha tanto bloqueio e trauma com a matemática, e eu consegui aprender graças ao referido professor, então eu acho que eu consigo fazer isto com outras pessoas também. Eu consigo ensinar porque eu consegui vencer um bloqueio. Então eu fiz um teste vocacional que me falou que eu teria que trabalhar com a área da educação. Eu tinha que lidar com pessoas e com números. E se fosse direcionada? Educação era a direção que este teste me indicou. Então foi aí que eu fechei tudo, a minha vontade de ensinar por um trauma que eu tive e superei e a ajuda deste teste que me direcionou para a faculdade de matemática.

Andressa

Você já ouviu falar em indústria 4.0?

Jane

Não.

Andressa

E no termo Quarta Revolução Industrial Tecnológica?

Jane

Também não.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre internet das coisas?

Jane

Já ouvi falar, mas não me recordo do que se trata.

Andressa

Você tem algum conhecimento sobre temas como: Internet das coisas, inteligência artificial, robotização ou automação?

Jane

Já ouvi falar em inteligência artificial, mas não tenho conhecimento sobre o assunto.

Andressa

Você conhece o termo educação 4.0?

Jane

Não, não conheço.

Andressa

Qual a sua jornada de trabalho semanal?

Jane

40 horas semanais

Andressa

Como você avalia sua remuneração diante destas 40 horas de trabalho?

Jane

Não tem como falar que é satisfatória. É uma briga constante esta questão do salário. Eu não gosto de fazer um comparativo com outra profissão, porque acredito que toda profissão tem que ser bem remunerada. Mas de acordo com o grau de instrução do trabalho que é entregue aos alunos, eu acho que é baixo. Deveria ter mais incentivo ao estudo, mesmo que às vezes a gente se sente desmotivado porque não tem um reconhecimento financeiro e o reconhecimento profissional de quando a gente estuda um pouco mais para se qualificar, mas não temos esta valorização no lado profissional e financeiro.

Andressa

Você percebe que dentro desta jornada, você trabalha muito além do seu horário de trabalho?

Jane

Trabalho. Por mais que a gente tem este tempo para planejamento em casa ou tempo na escola, considerado para corrigir uma atividade, fazer um diário, não é suficiente, pois o tempo de pesquisa é muito grande, principalmente na minha área que é a matemática. Eu não encontro as coisas fáceis. Às vezes eu pego uma ideia e, em cima desta ideia, eu tenho que construir atividade. Eu tenho que estar em constante contato com a realidade do meu aluno para tornar matemática atrativa para ele também, porque ela é uma das vilãs. Então é uma dedicação para além do tempo desta carga horária de trabalho. Então, falando da minha disciplina em especial, a exigência acaba se tornando maior.

Andressa

Você já tirou licença para tratar de saúde enquanto docente? Se sim, teve relação com o desenvolvimento do seu trabalho?

Jane

Tirei uma vez por causa de uma conjuntivite, pois não tinha como eu trabalhar porque era contagiosa.

Andressa

O que você achou do processo de protocolação deste atestado?

Jane

Foi bem tranquilo. A escola também sempre informou direitinho como proceder. Na época destas licenças era tudo manual, eu preenchi. O documento deixava na escola e aí, já marcava perícia. Eu ligava, informava do período do afastamento e a perícia era marcada. Agora, como está informatizado, ouvi dizer que está bem difícil protocolar o atestado.

Andressa

Você já trabalhou em alguma situação de informalidade na educação?

Jane

Na rede particular, eu substituí um amigo que estava em lua de mel. A escola me pagou este período, mas sem contrato. Foi uma situação de informalidade.

Andressa

Para ser professor, você acha que são necessários algumas competências e requisitos?

Jane

Eu acho que toda profissão que você vai lidar com outro ser humano, você tem que saber explicar, acho que é a base de tudo, saber colocar, argumentar e explicar para o aluno aquele conteúdo que você quer passar, ter a mente um pouquinho aberta para conseguir chegar até o aluno também. Então a minha experiência é a minha disciplina, que não é fácil você conseguir chegar até o aluno, porque às vezes ele já te olha e pensa que você é a representação da matemática ali para ele. E se ele tem aquele trauma, ele não quer te ver de forma alguma. Então você tem que conseguir quebrar esta primeira barreira. Então eu acho que tem que estar disposto a enxergar o outro como um ser humano.

Andressa

Quais os maiores desafios que você encontra em seu trabalho?

Jane

Eu acho que a questão da indisciplina. É pesado ter que lidar com isto, não é todo dia que a gente está com aquela paciência para lidar com a indisciplina, com descaso, a dificuldade deles também. Esta é a dificuldade. Quando o aluno diz não saber a matemática e fica naquela zona de conforto dizendo não conseguir, que sabia fazer até o nono ano e agora já não consegue e não faz nada para tentar mudar esta situação. Então eu acho que esta é a minha maior dificuldade mesmo, é o tentar chegar num aluno que não quer aprender.

Andressa

O que você espera dos seus alunos no final do ano letivo?

Jane

Espero que eles consigam ingressar no ensino superior. Ao longo dos anos eu fui percebendo que para realidade deles, o ter um emprego é questão de sobrevivência. Então a gente vê que muitos já estão estudando e já estão trabalhando, também mudam de turno porque precisou trabalhar, então você enxerga potencial, um grande potencial naquele aluno, mas a vida o leva para outros caminhos. Espero que ele tenha aquela esperança de que ele pode ser algo a mais. Ele pode fazer algo a mais e que ele tem todo o direito de sonhar e ir em busca deste sonho, e que não é simplesmente esperar que este

sonho se realize sem ele ter feito nada. Mas que ele tenha a capacidade e força de vontade para poder ir atrás daquilo que ele quer e que ele possa acreditar que ele pode.

Andressa

O que você pode dizer sobre o período do ensino remoto emergencial?

Jane

Foi um susto, mas ao mesmo tempo, foi um momento de muitas descobertas, porque a gente teve que aprender a lidar com várias ferramentas que até então eu nem sabia que existiam. E aquela curiosidade de querer fazer, me fez estudar muito. Eu voltei a estudar depois de um longo período e a gente foi descobrindo coisas com este tempo. Ensinar por uma tela foi uma novidade, por mais que eu tivesse feito cursos online. Agora eu tomar a frente de uma tela e chegar até um aluno que está lá na casa dele passando por várias situações, foi tudo muito novo e eu tive que aprender a fazer isto na verdade. Então primeiro, foi um grande susto, mas com o tempo vi que é possível fazer isto. Então foi uma dificuldade tremenda, mas neste quesito a gente consegue perceber que houve certa evolução na minha pessoa enquanto profissional, então eu sou uma profissional diferente depois de ter passado por este período do ensino remoto.

Andressa

Como você se sentiu em relação aos seus instrumentos de trabalho?

Jane

Tive que trocar meu celular por um melhor. A sorte que eu tinha comprado um notebook, então eu já estava com o material, porque até então eu não tinha notebook. Então, antes da pandemia, eu comprei o notebook e estava até pagando na época. Mas o estado não me ajudou com nenhum recurso a não ser pagar o meu salário enquanto eu estava trabalhando. Então foi com o dinheiro do meu salário que eu conseguia me organizar para ter uma estrutura melhor para poder oferecer um trabalho de qualidade dentro do que me era possível para chegar até o aluno. Então o meu espaço de trabalho teve que ser readequado porque eu não tinha um espaço para trabalhar para ficar horas e horas do dia trabalhando, então algumas melhorias foram feitas.

Andressa

Então você teve que criar este espaço? Ele não existia anteriormente?

Jane

Não. Existia uma mesinha com uma cadeira que eu só usava para fazer a prova ou uma simples pesquisa, então aquele espaço para mim era suficiente, onde uma pessoa da casa usava por vez, então a gente teve que criar um espaço para que duas pessoas da casa usassem ao mesmo tempo e que ficasse confortável.

Andressa

Você ganhou algum benefício adicional por estar atuando na sua residência?

Jane

Não.

Andressa

O tempo dedicado ao trabalho neste período foi igual ao tempo dedicado na escola?

Jane

Não, de forma nenhuma. Através de rede social, de e-mail, a qualquer hora do dia estava chegando e-mail de aluno com dúvida, então o horário passou a ser o horário dele. Tanto é que no início eu me achava na obrigação de responder as mensagens na mesma hora em que elas chegavam. Não era uma imposição da escola ou do estado, era o meu jeito de pensar, se ele está chegando até a mim agora, eu não posso deixar ele se perder, então eu vou responder agora. Então era meia-noite ou 1 hora da manhã e eu me via respondendo a uma mensagem até eu entender que aquilo estava me fazendo mal. Então eu comecei a me policiar e deixar claro para o aluno que teria um horário de atendimento, porque eu vi que eu estava trabalhando desde a hora que eu acordava até a hora que eu ia dormir. Eu não tinha mais o meu horário de entrada e saída da escola. Então a demanda foi muito maior, até mesmo porque que, além de ter que fazer isto, eu estava tentando, ao mesmo tempo, aprender a lidar com todas estas ferramentas.

Andressa

Como era o controle da sua jornada?

Jane

A gente tinha que preencher um anexo. Era um documento no qual a gente fazia um registro das atividades desenvolvidas durante a sua carga horária de trabalho, então registravam o atendimento que foi dado ao aluno, quando você fazia as postagens no Google sala de aula, ou se assistiu as aulas do que passavam na TV ou até mesmo as que ficavam disponíveis no Youtube. Tudo isto eu deixava registrado neste documento que era enviado mensalmente para a supervisora.

Andressa

Os horários de trabalhos e reuniões eram respeitados pelos seus gestores?

Jane

Não. Às vezes o supervisor mandava mensagem onze horas da noite pedindo algo para o outro dia de manhã. Então, é um dos meus grandes motivos de insatisfação com o trabalho deste supervisor. Eu tenho que me policiar quanto ao horário de trabalho do outro.

Andressa

O que você considerou mais desgastante neste período?

Jane

Era não ter o retorno do aluno. Quando está na sala de aula, a gente conversa, olha no olho, pergunta o que está acontecendo. No período remoto, ficávamos sem saber se o aluno entendeu, então a gente ficava meio frustrado neste ponto. Então, para mim, o ponto forte de dificuldade foi isto, o fato de não ter retorno do aluno.

Andressa

E tem algo que você considera como positivo neste período?

Jane

Saber que eu posso ainda fazer algo e sair da minha zona de conforto. Este período me possibilitou descobrir coisas diferentes e saber que ainda posso muito mais.

Andressa

O que você poderia dizer sobre o rendimento de seus alunos durante e pós pandemia?

Jane

O rendimento, em questão de nota, a gente percebe que eles entregavam fora do prazo estipulado, mas eles entregavam. E a forma de avaliação era simplesmente se o aluno entregou ou não. Então, em questão de nota, nunca foi tão satisfatório, mas, em questão de aprendizado, nunca foi tão ruim assim. No período do ensino remoto houve este buraco, porque alunos que eram presentes e participativos na época do presencial, passaram a simplesmente copiar e enviar, porque isto virava nota. Nos primeiros momentos deste ensino remoto eles participavam da aula online, mesmo não sendo obrigatória, a gente via que eles se esforçavam para participar, mas no final a gente viu que não tinham mais motivação.

Andressa

O que você achou da qualidade dos materiais produzidos para os alunos do estado? Você acha que foi satisfatória?

Jane

Em questão de exposição do conteúdo, organização do conteúdo, exemplos e o quantitativo de exercícios, eu não gostei. Demorou bastante para chegar um PET que eu achei estar de acordo. Este material foi criado em cima da hora para disponibilizar para o aluno, então a gente fica tentando entender a situação, mas como profissional, analisando o material, eu não gostei. Achei muito puxado e o conteúdo muito fora do que eu estava trabalhando inicialmente, da forma como eu tinha começado a trabalhar.

Andressa

De que você sentiu mais falta em relação a este período do seu trabalho docente?

Jane

Do contato e da resposta direta, isto aí foi algo que eu mais senti falta.

Andressa

Como você se sentiu em relação à autonomia para o desenvolvimento do seu trabalho neste período?

Jane

Não tive muita autonomia. A gente tinha que seguir esta parte do PET, então, autonomia foi no momento em que a gente tinha que elaborar o PET complementar, então eu consegui colocar em prática algo que eu fui aprendendo durante este processo que foi criar algo novo, pegar algo do momento e colocar para o aluno e tentar casar a matemática com algo do momento, algo que é da do período dele, do que ele está vivendo naquela hora. Então, ali eu tive autonomia para fazer isto. Foi um momento de elaborar meu material, o que foi o chamado PET complementar.

Andressa

Você acredita em algo que pudeste ter auxiliado os docentes a lidar com a situação que ocorreu?

Jane

Sim. Eu não sabia que existia tantas ferramentas disponíveis e claro, não tem como a gente adivinhar que vem uma pandemia ou pode ser que venha uma guerra ou algo muito trágico e a gente tenha que voltar para esta situação. Mas eu acho que a partir do momento que tem tantas pessoas que estudam a tecnologia, poderiam pensar em como tornar a educação mais atrativa. Ensinar ao menos o básico ao professor.

Andressa

Como você se sentiu em relação a sua saúde mental e física?

Jane

Ela foi prejudicada. Eu tive que me adequar a uma nova vida, um novo formato, em ficar longe de tudo, de todos, pois o contato era mínimo. Eu fiquei com muito medo de sair de casa e voltar espirrando e tossindo, tive a sensação que eu estava com febre, então eu tinha medo de ver minha mãe e de que algo acontecesse com ela. Foi um medo constante conviver com isto. Se privar de encontro com os amigos, daquela conversa, daquele momento de descontração, fugir da sua vida rotineira, tivemos que abrir mão disto tudo em prol de uma necessidade maior. Então eu tentei traçar estratégias para ficar bem do jeito que eu estava naquele momento e não pensar no que eu estava perdendo, porque se fosse para pensar no que eu poderia estar fazendo ou estar recebendo pessoas na minha casa, eu acho que o lado emocional iria estar muito mais prejudicado e a parte física também.

Andressa

Te causou algum tipo de sentimento ter acabado o trabalho remoto emergencial e ter ido para o presencial?

Jane

Inicialmente eu não queria retornar ao trabalho presencial, porque eu ainda estava com muito receio do contato. Como voltou de uma vez, então eu fiquei meio assustada, eu acreditava que poderia esperar os números de mortes e de contaminações na cidade, que ainda estavam assustadores, diminuíssem. Acho que não tinha necessidade de voltar naquela época do ano em que a gente estava. Mas depois que eu voltei, eu comecei a me habituar com aquela rotina de retorno.

Andressa

Como você se sente em relação ao seu trabalho docente atualmente?

Jane

É sufocante, porque eu quero abraçar o mundo, quero resolver todas as dificuldades dos alunos de uma vez só e cumprir um planejamento. Em relação ao meu trabalho também, o que me preocupa é esta demanda de trabalho a cumprir.

Andressa

Você contraiu o COVID-19?

Jane

Comprovadamente, não.

Andressa

Como você considera seu domínio com as tecnologias computacionais?

Jane

Consgo mandar e-mail. Eu sei onde estão as coisas que preciso. Sei usar algumas ferramentas que eu descobri sozinha mesmo. É aquela coisa da tentativa e erro. Entra muita curiosidade pelo saber fazer. Aí aprendi muita coisa assistindo vídeos e lives na internet. Não posso falar que sou experiente, mas hoje em dia eu consigo me virar muito bem.

Andressa

Todos estes domínios tecnológicos que você aprendeu, foram financiados por conta própria ou foram gratuitos?

Jane

Foram por conta própria. Agora, neste pós ensino remoto, as formações que eu tenho feito, são as disponíveis pela Secretaria, na escola de formação. Então estou sempre de olho.

Andressa

O que você acha sobre as formações que são oferecidas pela rede estadual?

Jane

Acho que tem melhorado, e o formato é interessante porque a gente consegue se adequar. Quando é ofertada ao vivo, fica todo o material na plataforma e você só tem que organizar o seu tempo para poder tirar o proveito necessário, assistir aos vídeos, aos podcasts que são sugeridos.

Andressa

Qual o perfil da classe docente que você observa?

Jane

Na maioria, eu vejo que são pessoas dedicadas ao trabalho, preocupadas com o aluno e que querem fazer o seu melhor. Eu as enxergo como pessoas detentoras do saber, dedicadas e que podemos contar com elas.

ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "O IMPACTO PARA O TRABALHO DOCENTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA 4.0"

Pesquisador: SERGIO PAULO MORAIS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 57735422.0.0000.5152

Instituição Proponente: Faculdade de Educação - UFU

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.678.025

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos documentos Informações Básicas da Pesquisa nº 1911186 e Projeto Detalhado (cep3.docx), postados em 14/09/2022.

INTRODUÇÃO

Esse projeto de pesquisa de Doutorado se insere na linha de pesquisa: Trabalho, Sociedade e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED-UFU). O objetivo principal da pesquisa é investigar como os processos de reestruturação produtiva do capital, aliados a uma crise estrutural do capitalismo monopolista, têm impactado o trabalho docente. Os objetivos secundários consistem em: descrever as especificidades e a natureza do trabalho docente; pesquisar os processos de trabalho e as tecnologias no contexto da Educação 4.0; caracterizar a relação entre a quarta Revolução Industrial e o trabalho docente; analisar o trabalho docente na conjuntura de celeridade da internet das coisas; trabalho remoto – aplicativos e plataformas entre outros. A base epistemológica dessa pesquisa é pautado nos pressupostos do materialismo histórico e como fonte de pesquisa utilizaremos da história oral. Para essa pesquisa, serão feitas dez entrevistas com professores da rede municipal e Estadual de ensino de Minas Gerais. As entrevistas serão agendas e coletadas em dias alternados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

Busca-se a compreensão e os significados que esses professores têm sobre a temática. Ao utilizar dessa técnica é importante destacar que nenhum participante será identificado em suas narrativas, todo conteúdo será gravado, transcrito e sistematizado em função dos estudos. Desse modo a partir do contexto social e dos relatos obtidos nas entrevistas, iremos produzir as análises e apresentar os resultados dessa pesquisa.

METODOLOGIA

(A) Pesquisa/Estudo – qualitativa.

(B) Tamanho da amostra – 10 Como técnica de entrevista a História Oral não se orienta por dados quantitativos, a escolha pelo número de pessoas entrevistadas de dez a quinze pessoas foi estipulada a partir dos encontros de pesquisa do GPEPS (Grupo de Pesquisa Experiências e Processos Sociais) em conjunto com a leitura de ALBERTI (2004); AMADO (2002); FERREIRA (2002) e ROSENTHAL (2014). Além disso, um número elevado de entrevistas acaba tornando o prazo do período de doutorado inadequado, pois as entrevistas podem ser extensas e o tratamento desses dados prolongado.

(C) Recrutamento e abordagem dos participantes – A inclusão dos professores entrevistados ocorrerá por meio do contato com as escolas investigadas. A partir do estabelecimento de relações e durante o período de investigação. Seguindo o aspecto ético da pesquisa, iremos apresentar nas unidades de ensino a pesquisa, o termo de Consentimento Livre Esclarecido ao ler e conhecer a investigação com seus objetivos e métodos, riscos e benefícios o participante decide se irá contribuir com o trabalho. Todas as entrevistas serão agendadas de acordo com a disponibilidade dos docentes.

(D) Local e instrumento de coleta de dados / Experimento – Entrevista semiestruturada presencial, que ocorrerá na UFU, na sala da linha Trabalho, Sociedade e Educação do Pós Graduação do Programa.

(E) Metodologia de análise dos dados – “ Pretendemos efetuar uma investigação nos pressupostos da pesquisa qualitativa. Dessa forma, adotamos uma investigação baseada nos princípios do

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

materialismo histórico dialético, pois “[...] foi a primeira corrente a colocar o problema do condicionamento histórico e social do pensamento e a “desmascarar” as ideologias de classe por detrás do discurso pretensamente neutro e objetivo dos economistas e outros cientistas sociais” (LÖWY, 2010, p.99). Os dados serão tratados qualitativamente.”

(F) Desfecho Primário e Secundário – A presente pesquisa de Doutorado tem o propósito de ampliar o debate sobre o trabalho Docente no contexto da Indústria 4.0. O uso de história oral como instrumento de pesquisa é um mecanismo de organização e mobilização social e agente de construção de identidades. Ademais auxilia no processo de constituição da memória dos fatos ocorridos nesse período.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO – “A inclusão dos professores entrevistados ocorrerá por meio do contato com as escolas investigadas. A partir do estabelecimento de relações e durante o período de investigação. Um dos critérios elencados é a atuação como profissional da educação de preferência docente que tenham atuado durante a pandemia em suas redes de ensino. As idades dos entrevistados poderão variar, mas não é motivo de exclusão. Isso ocorre porque os servidores apesar de idades contemporânea poderão trazer experiências diversas e isso pode ser enriquecedor para o nosso objeto de pesquisa. A Livre adesão e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido é outro aspecto inclusivo na investigação.”

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO – “O participante será excluído se não seguir nenhum dos critérios já elencados nos critérios de inclusão. E baseado em Alberti (2004), o investigador ao fazer uso da História Oral privilegia pessoas que estejam disponíveis e em condições que a memória dos entrevistados atingir.”

CRONOGRAMA – Coleta de dados de 01/07/2022 a 29/07/2022

ORÇAMENTO – Financiamento próprio R\$ 9.700,00, incluindo lanche aos participantes (entrevistados).

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO – “Analisar qual(is) são o(s) impactos(s) para os processos de trabalho docente da rede pública de Uberlândia no contexto da Indústria 4.0.”

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

OBJETIVO SECUNDÁRIO – “Descrever as especificidades e a natureza do Trabalho Docente; pesquisar os processos de trabalho e as tecnologias no contexto da Educação 4.0; caracterizar a relação entre a quarta Revolução Industrial e o Trabalho Docente; analisar o trabalho docente na conjuntura de celeridade da internet das coisas; trabalho digital - do analógico ao digital covid 19; ensino híbrido e personalização do aprendizado as metodologias de ensino; trabalho remoto – aplicativos e plataformas.”

HIPÓTESE – “A hipótese é que os professores não se sentem preparados para tais desafios.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS – “Ao efetuar a pesquisa com seres humanos poderá ter algum risco em relação a identificação dos participantes. Para isso, a pesquisadora irá utilizar nomes fictícios dos participantes para evitar esse problema. Os nomes verdadeiros serão preservados, o termo de Livre consentimento também irá garantir e resguardar a privacidade dos entrevistados e das unidades escolares envolvidas. Inicialmente, a escolha será entrevistar de dez pessoas, isso ocorrerá de acordo com a adesão e o andamento da pesquisa.

Durante as entrevistas vamos utilizar um gravador. Isso ocorrerá desde que autorizado pelo entrevistado. Esse instrumento será utilizado porque depois iremos efetuar a transcrição do material. Durante a pesquisa serão organizados os áudios das entrevistas em arquivos na extensão mp3, de modo a possibilitar análise do pesquisador. Durante e após a realização das análises do material, vamos guardar o conteúdo em um drive com acesso, exclusivo do pesquisador até completar cinco anos. Após esse período serão destruídos.”

BENEFÍCIOS – “A pesquisa que utiliza a história oral permite que o sujeito expresse sua vivência e isso é algo de relevância social para o coletivo. A pesquisa com o uso dessa metodologia apresenta benefícios para o avanço do conhecimento científico. De acordo com Alberti(2004) tais como: o entendimento dos fatos históricos por meio do indivíduo que vivenciou a situação; comparar os dados reais com as narrativas diferentes; como os grupos interpretam o passado; resgatar o que não pode ser encontrado em documentos ou afins; apresentar versões e experiências diferentes; recuperar dados ainda não apresentados entre outros. Não existe nenhum benefício material de custo por contribuir com a pesquisa.”

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As pendências listadas no Parecer Consubstanciado nº 5593249, de 20 de agosto de 2022, seguem abaixo, bem como a resposta da equipe de pesquisa e a análise de atendimento ou não da pendência feita pelo CEP/UFU.

Pendência 1 - No Formulário Plataforma Brasil, e em geral no Projeto Detalhado:

Pendência 1.4 - No Formulário Plataforma Brasil, a metodologia proposta e a metodologia de análise de dados estão iguais. A metodologia proposta refere-se à população (amostra) a ser estudada, aos métodos a serem utilizados, aos parâmetros selecionados, aos instrumentos de coleta de dados, à frequência de intervenção, à duração prevista etc. Já a metodologia de análise de dados refere-se a como serão trabalhados estatisticamente ou qualitativamente os dados da sua pesquisa. O CEP/UFU solicita adequação.

RESPOSTA (PARECER Nº 5425238) - A metodologia proposta foi ajustada no campo do projeto detalhado e plataforma.

Na parte de metodologia de análise na página 11, foi adicionado de vermelho, acréscimo de tópico para ajuste. Ademais modifiquei no campo do projeto detalhado e plataforma.

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência PARCIALMENTE atendida.

A adequação foi feita no Projeto Detalhado, mas no Formulário Plataforma Brasil elas continuam iguais.

RESPOSTA – Modificado na plataforma o solicitado.

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência atendida.

=====

Pendência 2 - O CEP/UFU esclarece que quando qualquer parte da pesquisa é realizada em outra instituição (convites, entrevistas, etc.), esta instituição é considerada como coparticipante, portanto se o convite (e as entrevistas) for realizado nas escolas, estas são consideradas

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

coparticipantes. Nestes casos, declarações de coparticipante devem ser submetidas ao CEP/UFU (termo obrigatório). O CEP/UFU solicita adequação.

RESPOSTA (PARECER Nº 5425238) - Todas as entrevistas serão agendadas de acordo com a disponibilidade dos docentes e ocorrerem na sala da UFU, da linha de pesquisa do Programa de Pós Graduação em Educação. As entrevistas terão duração máxima de 70 minutos. Sendo realizadas em apenas uma etapa com vinte e uma pergunta já presentes na guia de Entrevista". Acrescentado no projeto.

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência PARCIALMENTE atendida.

Na resposta à pendência 1.6 afirma-se que o primeiro contato será via e-mail. Como serão obtidos os e-mails dos participantes? Ressalta-se que se o convite for feito por outra instituição, esta instituição é considerada como coparticipante. Além disso, a instituição não pode compartilhar e-mails dos seus funcionários com os pesquisadores, a não ser que estes já estejam publicamente disponíveis.

RESPOSTA – A inclusão dos professores entrevistados ocorrerá por meio do contato com a escola coparticipante. Modifiquei na plataforma e pedi autorização para instituição coparticipante do município. O termo está anexado na plataforma brasil. Devido ao tempo de ajustes da pesquisa eu resolvi realizar a pesquisa apenas com professores do município de Uberlândia. Vamos pedir autorização da SME autorização para investigar na Escola Municipal. Assim, com a autorização já realizada da SME, vamos procurar a escola e pedir a adesão voluntária dos professores. Assim quem quiser aderir a pesquisa, responde dizendo que deseja colaborar e irei efetuar o contato para começar aplicação da guia de pesquisa. A pesquisa tem como coparticipante a prefeitura municipal de Uberlândia. Da qual já pedi autorização e modifiquei na plataforma. E adicionei na plataforma e no projeto essa informação. Página 10 do projeto submetido ao CEP e mudança na plataforma.

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência atendida.

=====

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

Pendência 3.3 - Ainda no parágrafo 3, deve-se acrescentar que o participante tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa, de acordo com o parágrafo 2 do artigo 5º da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O CEP/UFU solicita adequação. Encontra-se modelo na página eletrônica do CEP (<http://www.propp.ufu.br/cep>), aba Pesquisador.

RESPOSTA (PARECER Nº 5425238) - Acrescentado nos trechos:

Nesta pesquisa pretendemos analisar como os processos de reestruturação produtiva do capital, aliados a uma crise estrutural do capitalismo monopolista, têm impactado o trabalho docente. O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pela pesquisadora Andressa Garcia Castilho, antes da realização das entrevistas, as entrevistas serão realizadas na sala da linha Trabalho, Sociedade e Educação do Pós Graduação do Programa agendada para uso do pesquisador e do entrevistado de acordo com a disponibilidade do docente. A entrevista terá duração máxima de setenta minutos, em etapa única.

Além disso, o indivíduo tem total liberdade de se recusar a participar da pesquisa ou interromper sua participação no momento que desejar, conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016). Na sua participação, você participará de uma entrevista registrada por um celular com gravador de voz. As gravações serão transcritas e, após transcrição e análise, vamos manter o sigilo e guardar o arquivo por cinco anos, após esse período será eliminado o arquivo. Mais uma vez ressaltamos que participante tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa, de acordo com o parágrafo 2 do artigo 5º da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O CEP/UFU solicita adequação. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência PARCIALMENTE atendida.

Solicita-se retirar o trecho que o CEP/UFU solicita adequação.

RESPOSTA – Retirado e submetido na plataforma com o arquivo tcl3. Cor marcada no texto diferente para identificação.

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência atendida.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

=====
 Pendência 3.4 - No parágrafo 4, inclua informações sobre onde ocorrerá a entrevista, o tempo estimado para a duração da entrevista e o número de questões. Se o tempo estimado for superior a 90 minutos, o participante deve ser informado que será oferecido gratuitamente lanche. O CEP/UFU solicita adequação no documento e inserção do gasto com lanche (se for o caso) no orçamento da pesquisa.

RESPOSTA (PARECER Nº 5425238) - Entrevistas serão realizadas na sala da linha Trabalho, Sociedade e Educação do Pós Graduação do Programa agendada para uso do pesquisador e do entrevistado de acordo com a disponibilidade do docente. A entrevista terá duração máxima de setenta minutos, em etapa única.

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência PARCIALMENTE atendida.

Como as entrevistas serão realizadas na UFU, de acordo com o item VII do Artigo 17 da Resolução CNS nº 510 de 2016 deve constar no TCLE a explicitação da garantia ao participante de ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver. Neste caso, o participante deve ser informado no TCLE que os gastos com transporte serão ressarcidos. Após acrescentar este trecho, se o TCLE ainda se mantiver em uma folha, pode-se retirar a parte de rubrica e indicação de página (1/2). Caso seja em duas páginas, então deve-se manter o espaço para rubrica e indicação de página (1/2 e 2/2).

RESPOSTA – Os gastos com transporte para deslocamento de ida e volta na UFU serão ressarcidos (adicionado no tcl de azul). Em relação a paginação foi ajustada para 1/1

ANÁLISE DO CEP/UFU – Pendência atendida.

=====
Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram devidamente apresentados.

Recomendações:

Ressalta-se que o cronograma está desatualizado com relação à coleta de dados, e que a coleta só deve se iniciar a partir da data deste parecer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas no Parecer Consubstanciado nº 5593249, de 20 de agosto de 2022, foram atendidas. Portanto, nessa versão o CEP/UFU não encontrou nenhum óbice ético.

De acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466/12, CNS nº 510/16 e suas complementares, o CEP/UFU manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Prazo para a entrega do Relatório Final ao CEP/UFU: SETEMBRO/2023*.

* Tolerância máxima de 01 mês para o atraso na entrega do relatório final.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DE PESQUISA DEVE SER INFORMADA, IMEDIATAMENTE, AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE ÉTICA.

O CEP/UFU alerta que:

- a) Segundo as Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16, o pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- b) O CEP/UFU poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto;
- c) A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento às

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16 e suas complementares, não implicando na qualidade científica da pesquisa.

ORIENTAÇÕES AO PESQUISADOR:

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e sem prejuízo (Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, na íntegra, por ele assinado.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado pelo CEP/UFU e descontinuar o estudo após a análise, pelo CEP que aprovou o protocolo (Resolução CNS nº 466/12), das razões e dos motivos para a descontinuidade, aguardando a emissão do parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Resolução CNS nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro); e enviar a notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) apresentando o seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, destacando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. No caso de projetos do Grupo I ou II, apresentados à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador também deve informá-la, enviando o parecer aprobatório do CEP, para ser anexado ao protocolo inicial (Resolução nº 251/97, item III.2.e).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica	
Bairro: Santa Mônica	CEP: 38.408-144
UF: MG	Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131	Fax: (34)3239-4131 E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1911186.pdf	14/09/2022 15:45:29		Aceito
Outros	parecer3.docx	14/09/2022 15:45:18	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Outros	coparticipante3.pdf	14/09/2022 15:44:58	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	cep3.docx	14/09/2022 15:44:23	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE3.docx	14/09/2022 15:43:57	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	cepatual.docx	23/06/2022 22:05:53	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Outros	parecerrespondido.docx	23/06/2022 22:05:04	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Outros	guiae.docx	23/06/2022 22:04:38	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NovoTCLE1.docx	23/06/2022 21:49:43	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	10/04/2022 01:32:08	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	executora.pdf	31/03/2022 16:48:48	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	CEP.docx	31/03/2022 16:43:54	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Outros	lattes.docx	16/03/2022 17:10:47	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Outros	Guia.pdf	11/03/2022 09:43:03	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito
Folha de Rosto	todos.pdf	11/03/2022 09:40:21	SERGIO PAULO MORAIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.678.025

UBERLÂNDIA, 01 de Outubro de 2022

Assinado por:
ALEANDRA DA SILVA FIGUEIRA SAMPAIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

ANEXO B – DOCUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE PMU

UBERLÂNDIA

8 **DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO Nº 5877** **Quarta-feira, 27 de maio de 2020**

II - garantia do distanciamento mínimo entre os servidores, conforme orientações pertinentes ao enfrentamento à COVID-19;

III - o uso obrigatório dos equipamentos de proteção individual, fornecidos pela unidade escolar, tais como máscara profissional ou caseira, e dos procedimentos de higienização, como lavar as mãos com água corrente e sabão, utilizar álcool 70% e não compartilhar materiais ou equipamentos utilizados para a limpeza dos espaços escolares.

Parágrafo único. Caso seja necessária a presença de outros servidores na unidade escolar, na impossibilidade do trabalho remoto, pelas razões elencadas nesta Resolução, ou por necessidade institucional, cabe ao Diretor escolar também aplicar o disposto neste artigo.

Art. 24 As condutas dos servidores em exercício durante o regime especial de trabalho remoto, devem seguir em conformidade com o estabelecido na Lei Complementar nº 40, de 05 de outubro de 1992, que “dispõe sobre o Estatuto dos Servidores Públicos do Município de Uberlândia, suas Autarquias, Fundações Públicas e Câmara Municipal”.

Capítulo VI DA AVALIAÇÃO

Art. 25 As atividades não presenciais deverão ser objeto de uma avaliação diagnóstica, em momento oportuno, com o objetivo de verificar se os estudantes conseguiram sistematizar novos conhecimentos, bem como identificar se consolidaram as aprendizagens anteriores.

Parágrafo único. A partir dos resultados das avaliações a escola definirá as ações pedagógicas para assegurar o desenvolvimento do estudante.

Capítulo VII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 26 As informações referentes a realização das atividades não presenciais, deverão ser amplamente divulgadas junto à comunidade escolar.

Art. 27 O atendimento ao público durante o período de suspensão das aulas presenciais, será realizado por meio eletrônico.

Parágrafo único. Excepcionalmente, a entrega das atividades impressas aos estudantes, e outras demandas que se fizerem necessárias, dar-se-ão de forma presencial, conforme cronograma definido pela unidade escolar.

Art. 28 A carga horária dos Analistas Pedagógicos e dos Professores referente ao período de 18/03/2020 a 17/04/2020, será utilizada para o acompanhamento, verificação, correção, registro, intervenção e devolutiva dos Planos de Estudos Tutorados já realizados e entregues durante os meses de abril e maio do corrente ano.

§ 1º A carga horária dos Analistas Pedagógicos e dos Professores referente ao período de 20/04/2020 a 15/05/2020, será tratada em momento oportuno.

§ 2º A carga horária dos demais servidores, que não tenha sido trabalhada presencialmente ou de forma remota durante o período de suspensão das aulas presenciais, será tratada em momento oportuno.

Art. 29 Os Estudos Suplementares serão oportunizados aos estudantes que devem cumpri-lo, a partir do reestabelecimento das aulas presenciais.

Art. 30 A Secretaria Municipal de Educação deverá acompanhar e orientar a execução das ações realizadas pelas escolas da rede municipal, de acordo com o previsto nesta Resolução e orientações complementares que venham a ser expedidas.

Art. 31 Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria Municipal de Educação.

ANEXO I

REGISTRO DAS ATIVIDADES DO PLANO DE ESTUDOS TUTORADO (PET) E CUMPRIMENTO DE CARGA HORÁRIA - EF 1º AO 5º ANO

Ano letivo: 2020				
Escola Municipal _____				
Diretor(a) _____				
Nome do(a) Aluno(a) _____ Matrícula: _____ Ano de Escolaridade: _____ Turma _____ Turno _____				
Registra-se, a partir das informações deste formulário, que o(a) aluno(a) da turma acima referida cumpriu, no regime especial de Atividades Não Presenciais, realizado durante o período de suspensão das atividades escolares presenciais, conforme Deliberação do Comitê extraordinário Covid-19 Nº 04 - SES - MG, de 17/03/2020, as atividades escolares programadas e a respectiva carga horária, em conformidade com o plano curricular correspondente ao seu ano de escolaridade, com apoio do PLANO DE ESTUDOS TUTORADO (PET): BNCC/DCM.				
Componente Curricular	Carga horária semanal prevista	Carga horária semanal cumprida	Período de realização da atividade escolar	OBSERVAÇÕES
Língua Portuguesa				
Arte				
Educação Física				
Matemática				
Ciências				
História				
Geografia				
Ensino Religioso				
Literatura/Linguagem				
Total				

OBS.: I - As escolas municipais devem fazer o registro, em formulário próprio, dos alunos que não realizarem as atividades do Plano de Estudos Tutorado (PET)

II - O Professor Regente II que ministrar os componentes curriculares História e Geografia fará o registro na coluna correspondente ao referido componente.

Assinatura do Professor: _____ Matrícula: _____
Assinatura do(a) Analista Pedagógico: _____ Matrícula: _____
Assinatura do(a) Diretor(a): _____ Matrícula: _____

Uberlândia, ____/____/____.

ANEXO II

REGISTRO DAS ATIVIDADES DO PLANO DE ESTUDOS TUTORADO (PET) E CUMPRIMENTO DE CARGA HORÁRIA - EF 6º AO 9º ANO

Ano letivo: 2020				
Escola Municipal _____				
Diretor(a) _____				
Nome do(a) Aluno(a) _____ Matrícula: _____ Ano de Escolaridade: _____ Turma _____ Turno _____				
Registra-se, a partir das informações deste formulário, que o(a) aluno(a) da turma acima referida cumpriu, no regime especial de Atividades Não Presenciais, realizado durante o período de suspensão das atividades escolares presenciais, conforme Deliberação do Comitê extraordinário Covid-19 Nº 04 - SES - MG, de 17/03/2020, as atividades escolares programadas e a respectiva carga horária, em conformidade com o plano curricular correspondente ao seu ano de escolaridade, com apoio do PLANO DE ESTUDOS TUTORADO (PET): BNCC/DCM.				
Componente Curricular	Carga horária semanal prevista	Carga horária semanal cumprida	Período de realização da Atividade Escolar	OBSERVAÇÕES
Língua Portuguesa				
Arte				
Língua Inglesa				
Educação Física				
Matemática				
Ciências				
História				
Geografia				
Ensino Religioso				
Literatura				
Geometria				
TOTAL				

OBS.: As escolas municipais devem fazer o registro, em formulário próprio, dos alunos que não realizarem as atividades do Plano de Estudos Tutorado (PET)

Assinatura do Professor: _____ Matrícula: _____
Assinatura do(a) Analista Pedagógico: _____ Matrícula: _____
Assinatura do(a) Diretor(a): _____ Matrícula: _____

Uberlândia, ____/____/____.

ANEXO III

REGISTRO DAS ATIVIDADES DO PLANO DE ESTUDOS TUTORADO (PET) E CUMPRIMENTO DE CARGA HORÁRIA - EJA - 6º AO 9º PERÍODO

Ano letivo: 2020 - Semestre: _____				
Escola Municipal _____				
Diretor(a) _____				
Nome do(a) Aluno(a) _____ Matrícula: _____ Período de Escolaridade: _____ Turma _____ Turno: Noturno				
Registra-se, a partir das informações deste formulário, que o(a) aluno(a) da turma acima referida cumpriu, no regime especial de Atividades Não Presenciais, realizado durante o período de suspensão das atividades escolares presenciais, conforme Deliberação do Comitê extraordinário Covid-19 Nº 04 - SES - MG, de 17/03/2020, as atividades escolares programadas e a respectiva carga horária, em conformidade com o plano curricular correspondente ao seu ano de escolaridade, com apoio do PLANO DE ESTUDOS TUTORADO (PET): BNCC/DCM.				
Componente Curricular	Carga horária semanal prevista	Carga horária semanal cumprida	Período de realização da Atividade Escolar	Observações
Língua Portuguesa				

**ANEXO C – DOCUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE
ESTADO DE MINAS GERAIS**



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Secretaria de Estado de Educação

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Secretaria de Estado de Educação

RESOLUÇÃO SEE Nº 4.310 DE 17 DE ABRIL DE 2020

**ANEXO IV – RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO SERVIDOR LOTADO E EM EXERCÍCIO NA
UNIDADE ESCOLAR**

Dados iniciais	
Mês de referência do Regime de Teletrabalho:	NOVEMBRO/2020
Data do início do Regime de Teletrabalho:	03(terça-feira)
Data do término do regime de Teletrabalho	30 (segunda-feira)

Dados da Unidade de Exercício	
IDENTIFICAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO (SRE):	S.R.E. UBERLÂNDIA
IDENTIFICAÇÃO DO MUNICÍPIO:	Uberlândia
IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA:	
CÓDIGO DA ESCOLA:	
NOME DO GESTOR (A) ESCOLAR:	
MASP DO GESTOR (A) ESCOLAR:	

Dados do servidor	
NOME	
MASP:	
CPF	
ADMISSÃO	CARGO I
SITUAÇÃO FUNCIONAL	EFETIVO

CARREIRA	PEB 3 /P
CARGO EM COMISSÃO / FUNÇÃO GRATIFICADA / SE HOVER	
CARGA HORÁRIA	30 H/SEMANAL
ENDEREÇO PRINCIPAL ONDE SERÃO REALIZADAS AS ATIVIDADES	RUA

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES EM REGIME ESPECIAL DE TELETRABALHO			
ATIVIDADES PACTUADAS	PRODUTOS A SEREM ENTREGUES	DATA DE INÍCIO (PLANEJADA)	DATA DE TÉRMINO (PLANEJADA)
Estudar Resoluções e Memorandos	Pesquisas	03/11/2020	30/11/2020
Preencher anexos da SRE	Anexos IV, V	03/11/2020	30/11/2020
Atividades da TV Minas	Assistir aulas	03/11/2020	30/11/2020
Encaminhamento de orientações aos alunos	E-mails e mensagens com orientações	03/11/2020	30/11/2020
Tirando dúvidas sobre os Pets	Pesquisas	03/11/2020	30/11/2020
Disponibilidade para falar com os gestores	Apoio na execução	03/11/2020	30/11/2020
Consultar regularmente os meios de comunicação disponíveis, conforme periodicidade pactuada com o Gestor Escolar.	Informação em tempo hábil	03/11/2020	30/11/2020
Atender, durante a jornada de trabalho e pelos meios de comunicação disponíveis, às solicitações do Gestor Escolar para prestar esclarecimentos sobre as atividades desempenhadas e o cumprimento das demandas estabelecidas.	Comunicação estabelecida frequentemente com a gestão escolar	03/11/2020	30/11/2020
Cumprir a carga horária de atividades extraclasse, de acordo com a carga horária do cargo.	Preencher o Anexo V - Plano de Trabalho Individual com o Planejamento das Atividades em Regime Especial de Teletrabalho tendo como referência a jornada mensal de trabalho.	03/11/2020	30/11/2020
Manter atualizados os registros nos documentos escolares, tais como: planejamento; atividades escolares programadas; atividades realizadas pelos estudantes, observando as orientações expedidas pela Secretaria de Estado de Educação e repassadas pela gestão escolar	Garantir registros escolares adequados, cumprindo os prazos pactuados com a gestão escolar, como também o cumprimento a jornada de trabalho mensal	03/11/2020	30/11/2020
Planejar e elaborar as atividades não presenciais a serem entregues ao Especialista em Educação Básica - EEB, para análise e Orientação quanto a eventuais ajustes necessários, em	Atividades entregues semanalmente ao EEB como: Devolutiva aos estudantes considerando seu desenvolvimento acadêmico Planejamento e execução de	03/11/2020	30/11/2020

consonância com os documentos curriculares emanados da Secretaria de Estado de Educação.	vídeo aulas comentando as questões mais relevantes em sintonia com o componente curricular desenvolvido		
Utilizar-se dos canais de comunicação disponíveis para contato com o Especialista em Educação Básica – EEB, com os estudantes ou pais/responsáveis, a fim de sanar possíveis dúvidas relacionadas às atividades não presenciais, de forma a orientar e garantir a qualidade do serviço prestado, observando as recomendações de distanciamento social.	Aulas semanais acompanhadas pelo docente, de acordo com a carga horária de cada disciplina, respeitando o Plano Curricular. Utilizar, preferencialmente as ferramentas homologadas e os diferentes recursos oferecidos pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que foram viabilizados pela SEE/MG aos professores e estudantes.	03/11/2020	30/11/2020
Realizar a correção dos Planos de Estudos Tutorado (PET) entregues pelos estudantes.	Apresentar consolidado da carreação feita dos Planos de Estudo Tutorado dos alunos, fazendo com que o mesmo tenha ciência do que ele deve revisar e estudar com mais cuidado. Nesse consolidado estará registrado as competências e habilidades vencidas ou não pelos alunos.	03/11/2020	30/11/2020

<p>Elaborar e/ou complementar e/ou adaptar o Plano de Estudos Tutorado (PET) para fins de comprovação do cumprimento do currículo e da composição da carga horária anual estabelecida, para os componentes curriculares explicitados nas orientações complementares enviadas pela Secretaria de Estado de Educação.</p>	<p>Material de estudo semanal para os estudantes, para alcançar os objetivos educacionais de ensino e aprendizagem previstas, para o nível/modalidade de ensino ofertado, no mês em estudo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aplicativo Digital • Conexão Escola • Disponibilização de Dados Móveis gratuitos • Programa Se Liga na Educação • Hotsite Estude em Casa • Cobertura e ampliação de informações atualizadas nas Redes Sociais 	<p>03/11/2020</p>	<p>30/11/2020</p>
---	--	-------------------	-------------------

ASSINATURA DO SERVIDOR RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO:

NOME: _____ MASP:

ASSINATURA DO(A) GESTOR ESCOLAR:

NOME: _____ MASP:

ANEXO V - RELATÓRIO DE ATIVIDADES

DADOS INICIAIS				
MÊS DE REFERÊNCIA DO REGIME ESPECIAL DE TELETRABALHO: NOVEMBRO				
DATA DE INÍCIO DO REGIME ESPECIAL DE TELETRABALHO: 03/11/2020				
DATA DE TÉRMINO DO REGIME ESPECIAL DE TELETRABALHO: 30/11/2020				
DADOS DA UNIDADE DE EXERCÍCIO				
IDENTIFICAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO (SRE): S.R.E. Uberlândia				
IDENTIFICAÇÃO DO MUNICÍPIO: Uberlândia				
IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA: EE Jerônimo Arantes				
CÓDIGO DA ESCOLA: 167606				
NOME DO(A) GESTOR(A) ESCOLAR: Joelma de Souza Goulart.				
MASP DO(A) GESTOR(A) ESCOLAR: 861560-1				
DADOS DO SERVIDOR				
NOME: Ana Luiza Braz de Bastos				
MASP: 935975-2				
CPF: 88888347615				
ADMISSÃO: Cargo 1				
SITUAÇÃO FUNCIONAL: Efetivo				
CARREIRA: PEB 3 / P				
CARGO EM COMISSÃO/FUNÇÃO GRATIFICADA (SE HOUVER):				
CARGA HORÁRIA: 30 h (semanal)				
ENDEREÇO PRINCIPAL ONDE SERÃO REALIZADAS AS ATIVIDADES: Rua Antônio Vicentini, 167. Bairro: Luizote III				
EXECUÇÃO DE ATIVIDADES EM REGIME ESPECIAL DE TELETRABALHO				
ATIVIDADES EXECUTADAS	PRODUTOS ENTREGUES	DATA DE INÍCIO (EXECUTADA)	DATA DE TÉRMINO (EXECUTADA)	FONTE DE COMPROVAÇÃO (SE HOUVER)
Elaboração da Correção de Atividades do PET, Volume 6.	Arquivo em PDF elaborado para a correção dos PETS com os alunos	03/11/2020	09/11/2020	Google Classroom ou Google Meet.
Preenchimento dos Anexos IV e V	Anexos preenchidos	03/11/2020	06/11/2020	Anexos preenchidos
Reunião Pedagógica Administrativa	Informes gerais	03/11/2020	03/11/2020	Ata da reunião
Plantão de dúvidas: WhatsApp, conferência dos e-mails de atividades	Informações aos alunos, envio de confirmação de	03/11/2020	30/11/2020	Os e-mails arquivados de cada turma em que

entregues pelos alunos	recebimento dos e-mails dos alunos			trabalho e as mensagens via WhatsApp
Aulas de Inglês/ ENEM-Rede Minas	Assistir aulas	03/11/2020 Terça -feira	30/11/2020 Segundas e sextas - feiras	Não há
Atividades - Classroom	Atividade virtual	03/11/2020	09/11/2020(devolução)	ClassRoom
Aula via Google Meet	Informações aos alunos e correção dos PETS-semana 2,volume V e apresentação das atividades das semanas 1 e 2 do PET,volume VI.	10/11/2020	10/11/2020	Link disponibilizado aos alunos via WhatsApp
Conferência na Execução dos PETS pelos alunos	Apoio na execução	03/11/2020	30/11/2020	Mensagens de WhatsApp e comentários no Google Classroom/ Google Meet
App Conexão Escola	Verificar vídeos e Material Complementar. Mensagens postadas aos alunos em cada turma,segundo o horário das aulas presenciais. Disponibilidade para atender aos alunos também de acordo com o horário das aulas presenciais.Acompanhar e verificar a participação dos alunos na Avaliação Diagnóstica.	03/11/2020	30/11/2020	Verificação de material durante os dias de aula de Linguagens e do ENEM. Postagens feitas no Chat em todos os dias que tenho aulas,segundo o horário das aulas presenciais.Dados gerados pelo App sobre as respostas dos alunos.
Pesquisa sobre assuntos dos PETS-Volume 6 e do PET 300.	Pesquisa	03/11/2020	30/11/2020	Grupos de professores de Inglês:Mensagens via WhatsApp
Preenchimento dos Anexos IV e V	Anexos preenchidos	09/11/2020	13/11/2020	Anexos preenchidos
Preenchimento dos Anexos IV e V	Anexos preenchidos	16/11/2020	20/11/2020	Anexos preenchidos
Aula via Google Meet	Informações aos alunos e correção dos PETS-semanas 3 e	17/11/2020	17/11/2020	Link disponibilizado aos alunos via

	4,volume V e PET 6,semanas 1 e 2.			WhatsApp
Envio de vídeo motivacional aos alunos	Tentativa de motivar os alunos a realizarem as atividades do PET,participarem do APP Conexão Escola,bem como das aulas no “Se liga na Educação”	03/11/2020	30/11/2020	Vídeo enviado aos alunos via WhatsApp
Atividades - ClassRoom	Atividade virtual	09/11/2020	16/11/2020 (devolução)	ClassRoom
Preenchimento da Planilha de Controle de recebimento dos PETS resolvidos do Volume VI pelos alunos.	Planilha disponível no Google Drive	21/11/2020	30/11/2020	Planilha disponível no Google Drive
Preenchimento dos Anexos IV e V	Anexos preenchidos	23/11/2020	27/11/2020	Anexos preenchidos
Adaptações do PET VII para alunos com necessidades especiais	Atividades adaptadas	26/11/2020	26/11/2020	Material enviado por e-mail.
Atividades - ClassRoom	Atividade virtual	16/11/2020	23/11/2020(devolução)	ClassRoom
Reunião com a professora Kelbia->Elaboração da Proposta de Trabalho-PET 300 ANOS (03/11/2020)	Postagem feita no Google Classroom em 04/11/2020	03/11/2020	11/11/2020	Cartas enviadas para o nosso e-mail
Pesquisa sobre assuntos dos PETS-Volume 7	Pesquisa	25/11/2020	30/11/2020	Grupos de professores de Inglês:Mensagens via WhatsApp
Reunião Administrativa-	Ata da reunião	26/11/2020	26/11/2020	Ata em anexo
Atividades - ClassRoom	Atividade virtual	23/11/2020	27/11/2020 (devolução)	ClassRoom
Webinar :PET COMEMORATIVO-300 ANOS MINAS GERAIS	Pesquisa/Repasse de informação aos alunos.	04/11/2020	04/11/2020	Certificado enviado para o e-mail institucional da escola.
Reunião com a professora Kelbia->Elaboração da Proposta de Trabalho-PET 300 ANOS (12/11/2020)	Postagem feita no Google Classroom em 13/11/2020	13/11/2020	20/11/2020	Atividades enviadas para o nosso e-mail
Elaboração da Postagem da Atividade do PET 300 anos,em 19/11/2020,a ser feita no Google Classroom	Postagem feita no Google Classroom em 20/11/2020	20/11/2020	30/11/2020	Atividades enviadas para o nosso e-mail
Lançamento das Avaliações Diagnósticas no SIMAVE:2º ano A.	Arquivo do SIMAVE	20/11/2020	20/11/2020	Arquivo do SIMAVE
Preenchimento dos Anexos IV e V	Anexos preenchidos	30/11/2020	30/11/2020	Anexos preenchidos
Aula via Google Meet	Informações aos alunos e Correção do PET 6,semana 3.	24/11/2020	24/11/2020	Link disponibiliza do aos alunos

				via WhatsApp.
Atividades - Classroom	Atividade virtual	30/11/2020	07/12/2020(devolução)	ClassRoom

ASSINATURA DO SERVIDOR RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO:

NOME: _____ MASP:

ASSINATURA DO(A) GESTOR ESCOLAR:

NOME: _____ MASP: